



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

***Antropônimos de origem inglesa: adaptações
ortográficas e fonético-fonológicas realizadas por
falantes do português brasileiro de São Luís-MA***

ARARAQUARA
2011

Suzana Maria Lucas Santos de Souza

***Antropônimos de origem inglesa: adaptações
ortográficas e fonético-fonológicas realizadas por
falantes do português brasileiro de São Luís-MA***

Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**ARARAQUARA
2011**

*Aos meus amados pais, Júlio e Beatriz, e
filhos, Ciro e Dante, bênçãos de Deus em
minha vida.*

O que há, pois, em um nome?

(William Shakespeare)

*Pelo que também Deus o exaltou
sobremaneira e lhe deu um **Nome** que está
acima de todo o nome, para que ao **Nome**
de Jesus se dobre todo o joelho - de seres
nos céus - de seres na terra e de seres
debaixo da terra e toda língua confesse que
Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de
Deus Pai.*

(Filipenses 2:9-11)

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de, em primeiro lugar, expressar minha eterna gratidão a Deus, Pai, Todo-Poderoso, por Seu imensurável amor e misericórdia, por Seu discernimento e grande sabedoria que poderosamente me alcançaram e me capacitaram para a realização deste trabalho.

Aos meus queridos e amados pais, Júlio e Beatriz, agradeço por seu imenso amor, carinho, compreensão, nos momentos de minha ausência, e pelo providencial apoio logístico, sem os quais não seria possível concluir este estudo.

Aos meus queridos filhos, Ciro e Dante, também agradeço pelo amor, carinho, compreensão e, especialmente, por me ajudarem a descontrair, proporcionando-me agradáveis encontros em Araraquara, Rio Claro, Santo André e São Luís. De modo especial, agradeço ao Dante pela aquisição de importante material bibliográfico nos Estados Unidos e pela realização de gravações com falantes daquele país. Também de forma muito especial agradeço ao Ciro pelo indispensável suporte técnico.

Agradeço enormemente ao meu amado irmão de sangue e na fé, Gustavo, que, sempre solícito, prestou-me inestimáveis favores ao longo desta jornada acadêmica.

Meu eterno obrigada à minha competente e estimada orientadora, Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, uma grande guerreira e, acima de tudo, grande amiga de seus orientandos, por sua valiosa orientação, por sua confiança e constante incentivo na execução do trabalho, sempre me estimulando a seguir em frente. Agradeço por sua paciência e compreensão nos momentos de dificuldades.

Meu sincero agradecimento às queridas amigas e irmãs em Cristo, Ruth e Debbie Vance, pela aquisição e envio, dos Estados Unidos, de material bibliográfico relevante para esta pesquisa.

Da mesma forma, agradeço à querida vizinha, D. Jesus, grande irmã em Cristo, e à sua abençoada família, pelo indispensável e inestimável zelo com a minha casa e com o Blue Eyes durante minhas temporadas em Araraquara.

À minha querida amiga e irmã em Cristo, D. Joana, uma mulher virtuosa, agradeço por seu constante estímulo, por seu testemunho de fé e por sempre me acolher com amor e carinho nos momentos mais difíceis da vida.

Agradeço à Marinalva, presença marcante em minha família há mais de 20 anos, por sua indispensável assistência durante minhas ausências de casa.

Ao irmão Eloy, de Assis, agradeço pelo envio de material bibliográfico da UNESP dessa cidade.

Às preciosas amigas e colegas de luta e de estudo, Luciana, Marize e Vilma, pelo carinho e pela amizade, pelas palavras de encorajamento e pelos momentos de alegria que usufruímos juntas ao longo do doutorado.

À Profa. Dra. Mônica Cruz, por sua constante boa vontade em colaborar com a pesquisa científica, por seu interesse inesgotável pelas várias áreas da linguística.

À Profa. Graça Correia, grande estudiosa da língua portuguesa, por seu competente apoio na fase inicial da pesquisa e por ser a primeira a se apaixonar pelo projeto.

Ao Pró-Reitor de Gestão e Finanças da UFMA, Prof. José Américo Barroqueiro, pelo constante apoio aos empreendimentos acadêmicos dos docentes dessa instituição.

Às amigas da FCLAR, Alessandra e Luciana, pelo importante apoio, não apenas logístico, mas também fraternal, demonstrados ao longo de nosso convívio em Araraquara.

À amiga e irmã em Cristo, Marta Sanches, por me acolher gentilmente em seu apartamento em Araraquara, onde encontrei paz de espírito para produção desta pesquisa em sua reta final. Agradeço imensamente à amada irmã Graça por ter sido a intermediadora dessa bênção.

Pela calorosa acolhida em seu aconchegante lar, agradeço imensamente às queridas amigas Vera e Vanessa Anacleto, pessoas amorosas que Deus me presenteou com o convívio.

À querida irmã em Cristo Eunice, da Primeira Igreja Batista de Araraquara, agradeço de todo coração por seu carinho e consideração desde que pisei pela primeira vez em Araraquara.

Ao querido irmão Sebastião, taxista, grande servo de Deus, agradeço por sua boa vontade em servir e por suas fervorosas orações.

Aos amados irmãos da Igreja Cristã Evangélica de Vinhais, em São Luís, agradeço pelas fervorosas orações.

Ao precioso amigo e grande profissional da informática, Hugo Diniz, por seu indispensável suporte técnico.

Meu obrigado também ao Lucas, à Carol e à Gisele, pelo importante apoio logístico.

À Patrícia e ao Emerson expresso meu carinho e gratidão pela disposição e extrema boa vontade em colaborar.

Às Profas. Dras. Renata Marchezan e Vera Pacheco, meu eterno obrigado pelas importantes contribuições por ocasião do exame de qualificação, e ao Prof. Tom, pelo incentivo. De um modo especial, agradeço à Profa. Vera Pacheco, por suas palavras de estímulo e confiança.

Aos professores da FCLAR que ministraram disciplinas em São Luís, meus sinceros agradecimentos pelos ricos ensinamentos transmitidos.

Aos alunos do curso de Letras da UFMA, Fabíola, Ariadne, Lina, Wendel, Raquel, Michelle e outros, pela importante participação na pesquisa de campo.

Expresso também minha gratidão à Ana Lourdes, aluna já graduada, mas que se interessou pelo trabalho, prestando significativa colaboração na pesquisa de campo.

Meu agradecimento especial à Supervisora Pedagógica do Centro Educacional Paulo VI, Christina Magalhães, por seu empenho na viabilização de entrevistas com alunos dessa instituição.

Enfim, minha eterna gratidão a todos aqueles que, direta ou indiretamente, foram usados por Deus como cooperadores deste trabalho acadêmico.

RESUMO

Esta tese tem como principal objetivo identificar as adaptações fonético-fonológicas realizadas por falantes brasileiros ao pronunciarem antropônimos estrangeiros, sobretudo os provenientes da língua inglesa. Argumenta-se que a temática discutida vincula-se diretamente com a definição de “identidade fonológica” do português. O estudo abrange questões de ordem linguística e extralinguística, o que permite dois olhares sobre o tema. O primeiro, de caráter sócio-histórico, retoma reflexões anteriores a respeito dos antropônimos e sua relevância para diferentes povos e culturas desde a antiguidade. Abordam-se, por este viés, aspectos de cunho discursivo que permeiam o processo de designação de pessoas. A segunda perspectiva, de caráter linguístico-estrutural, constitui o cerne desta investigação científica, que se desenvolve, essencialmente, à luz dos modelos fonológicos não-lineares. Nessa direção, por meio de análise contrastiva, destacam-se semelhanças e diferenças entre os sistemas fonológicos da língua-fonte, o inglês americano (IA), e da língua-alvo, o português do Brasil (PB). O *corpus* do trabalho é constituído por prenomes advindos do inglês, bem como por aqueles cuja grafia remete a essa língua. A seleção dos prenomes foi realizada a partir de listas de frequência de escolas públicas da cidade de São Luís-MA. Foram realizadas gravações com falantes nativos do IA e falantes nativos do PB, com o propósito de identificar os principais processos fonológicos desencadeados por esses informantes ao produzirem prenomes tipicamente derivados da língua inglesa. Por meio de entrevistas, investigam-se questões de ordem subjetiva, como fatos que motivaram a escolha do nome, satisfação do usuário com o nome e admiração pela língua inglesa. Após as transcrições dos dados, foram mapeadas as principais adaptações motivadas pelo sistema fonológico da língua materna, como: a) inserção de vogal epentética [i], acarretando em ressilabação por mudança na estrutura silábica original; b) modificação na localização da proeminência acentual; c) vocalização de /l/ em posição de coda silábica; d) fricativização de /r/ em posição de *onset* e coda silábicos; e) palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/; f) apagamento de /r/ em posição de coda final do prenome; g) nasalização de vogais seguidas de consoantes nasais; h) substituições de segmentos específicos da língua inglesa por segmentos do PB de configuração fonética próxima. Nesse sentido, a pesquisa conclui que há adaptações fonológicas motivadas pela decifração da escrita do PB, como também o processo inverso, adaptações ortográficas influenciadas por pronúncias na língua de origem. O estudo busca compreender, por meio da presença da língua inglesa na antroponímia brasileira, como os dois sistemas linguísticos se relacionam e se interinfluenciam, uma vez que um mesmo antropônimo apresenta, concomitantemente, marcas das duas línguas, quer de natureza fonético-fonológica, quer de natureza ortográfica, o que traz consequências para a definição da identidade linguística desses prenomes, sobretudo no nível fonético-fonológico.

Palavras-chave: Antropônimos; Inglês Americano; Português do Brasil; Adaptações fonético-fonológicas e ortográficas; Identidade linguística; Processos fonológicos.

ABSTRACT

The primary purpose of this thesis is to outline phonetic and phonological adaptations made by Brazilian speakers while pronouncing foreign anthroponyms, especially those derived from English. The topic discussed is straightly linked to the determination of a phonological identity of Portuguese. The study focuses on linguistic and extralinguistic aspects, which allow two different views on the subject. The first, based on social-historical grounds, retakes previous reflections on anthroponyms and their relevance to different people and cultures since ancient times. Under this perspective, the survey deals with discursive issues related to the act of naming people. The second view, based on structural linguistic grounds, is the main focus of the study, which is essentially conducted in the light of non-linear phonological models. By means of phonological contrastive analysis, similarities and differences are highlighted concerning the source language, American English (AE) and the target language, Brazilian Portuguese (BP). The *corpus* comprises anthroponyms typical of the English language as well as proper names whose spelling refer to this idiom. The names selection was based on attendance sheets from State Schools in the city of São Luís, MA. Recordings were carried out with both native English and Portuguese speakers, aiming at mapping the main phonological processes employed by these subjects when producing the foreign anthroponyms. Subjective matters were investigated through interviews that point out motivational reasons parents had for choosing foreign athroponyms; users satisfaction with their own name, as well as their appreciation for the English language. Following data transcriptions, the research presents the main observed adaptations motivated by speakers' native phonological system, such as: a) addition of the epenthetic vowel [i], resulting in resyllabification from changing original syllabic structure; b) change in word stress placement; c) vocalization of /l/ in syllable coda; d) fricativization of /r/ in syllable onset and coda positions; palatalitization of /t/ and /d/ before /i/; f) deletion of /r/ in syllable coda; g) nasalization of vowels preceding a nasal consonant; h) substitutions of English specific segments by BP segments with close phonetic feature. Conclusions drawn from the study indicate the occurrence of phonological adaptations influenced by BP writing system as well as the opposite process, orthographic adaptations guided by the source language pronunciation. Through English features found in Brazilian anthroponymys, this survey attempts to demonstrate how these two linguistic systems are related and how they influenciante each other, considering that a single anthroponym can reveal the presence of both languages on phonological and orthographic basis, what brings consequences to the definition of the linguistic identity of these names, notably on the phonetic-phonological level.

Keywords: Anthroponyms; American English; Brazilian Portuguese; Phonetic-phonological and orthographic adaptations; linguistic identity; Phonological processes.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1	Formação de prenomes por anagramas (ANDRADE, 1994, p.3).....	33
Quadro 1.2	Formação de prenomes por braquissemia (MONTEIRO, 1991, p. 199).....	35
Quadro 1.3	Formação de prenomes por acrossemia (MONTEIRO, 1991, p. 185).....	35
Quadro 3.1	Relação letra e som inglês x português (STEINBERG, 2006, p. 67).....	70
Quadro 3.2	Vogais em posição tônica (CÂMARA Jr. 2006[1970], p. 43).....	74
Quadro 3.3	Vogais tônicas do PB em contexto pré-nasal (CÂMARA JR., 2006 [1970], p.43).....	74
Quadro 3.4	Vogais orais e suas correspondentes nasalizadas (CAGLIARI, 2007, p.64)..	75
Quadro 3.5	Vogais tônicas nasais (SILVA, 2007, p.91).....	76
Quadro 3.6	Vogais pretônicas do PB (CÂMARA JR.,2006[1970], p.44).....	76
Quadro 3.7	Vogais postônicas não-finais (CÂMARA JR., 2006[1970],p.44).....	78
Quadro 3.8	Vogais postônicas finais do PB (CÂMARA JR., 2006[1970], p. 44).....	78
Quadro 3.9	Traços distintivos das vogais em PB (AZEVEDO, 1981, P. 11).....	78
Quadro 3.10	Realizações das vogais em PB (CAGLIARI, 2007, p.61).....	79
Quadro 3.11	Símbolos para Transcrição de vogais contrastivas em inglês (LADEFOGED, 2006, p.39).....	81
Quadro 3.12	Exemplos de vogais em posições tônica, átona e reduzida (LADEFOGED, 2006, p.94).....	85
Quadro 3.13	Vogais /e/, /ɛ/ do PB vs. /e/, /æ/ do IA (AZEVEDO, 1981, p.61).....	87
Quadro 3.14	Consoantes do PB com base em Câmara Jr. (2006 [1970], p.48), adaptado ao IPA.....	91
Quadro 3.15	Consoantes do inglês com base em Ladefoged (2006, versão em CD-Rom).....	91
Quadro 3.16	Contraste do som final de <s> em substantivos e verbos em inglês (GODOY, GONTOW E MARCELINO, 2006, p.123).....	100
Quadro 3.17	Possibilidades de realização de -s final em Inglês (GODOY; GONTOW; MARCELINO, 2006, p. 136).....	101
Quadro 3.18	Escala de sonoridade (HOGG; McCULLY, 1999, p. 32).....	105
Quadro 3.19	Possibilidades de travamento silábico em PB com base em Câmara Jr. (2002 [1973]).....	111
Quadro 3.20	Modelo silábico do PB (CAGLIARI, 2007, p.116).....	112

Quadro 3.21	Onsets complexos do PB com base em Silva (2007, p.156).....	114
Quadro 3.22	Padrão silábico do inglês (HOGG E McCULLY,1999, p.35).....	115
Quadro 3.23	Estrutura máxima de onset IA (FREITAS; NEIVA, 2006, p.6).....	117
Quadro 3.24	Sequências de três consoantes em onset no IA (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 6).....	117
Quadro 3.25	Possibilidades de onset silábico composto por duas consoantes em IA (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 6).....	118
Quadro 3.26	Agrupamentos de consoantes comuns ao PB e ao IA em onset silábico (adaptado de Azevedo, 1981, p.87).....	118
Quadro 3.27	Grupos consonantais do IA em onset silábico (STEINBERG, 2006, p.26).....	119
Quadro 3.28	Grupos consonantais do IA em cada sílábica em formas simples (STEINBERG, 2006, p.27).....	120
Quadro 3.29	Grupos segmentais do IA em coda sílábica em palavras com adição de sufixo derivacional (STEINGBERG, 2006, p. 29).....	121
Quadro 3.30	Ditongos em IA, adaptado de Ladefoged (2006, p. 90- 91).....	122
Quadro 3.31	Ditongos decrescentes do PB (adaptado de Câmara Jr., (2006, [1970], p.56).....	123
Quadro 3.32	Ditongos nasalizados em PB (SILVA, 2007, p. 99).....	124
Quadro 3.33	Ditongos crescentes em PB (SILVA 2007, p. 96-97).....	125
Quadro 3.34	Ditongos crescentes do PB e seus correspondentes em inglês (AZEVEDO, 1981, p.65-66).....	129
Quadro 3.35	Alternância de tonicidade de palavras em inglês (adaptado de Ladefoged, 2006, p.111).....	132
Quadro 3.36	Pés métricos limitados (HAYES, 1995, p. 71).....	143
Quadro 3.37	Oxítonas e paroxítonas terminadas em consoantes (com base em COLLISCHONN, 2005b, p.144).....	144
Quadro 3.38	Estrutura métrica da maioria das palavras do PB (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.128).....	146
Quadro 3.39	Vogais reduzidas e não reduzidas em final de vocábulos de três sílabas (LADEFOGED, 2006, p.112).....	149
Quadro 4.1	Lista das escolas que integram a pesquisa.....	152
Quadro 4.2	Antropônimos contemplados na pesquisa.....	154
Quadro 4.3	Antropônimos selecionados para gravações com brasileiros e norte-americanos.....	163

Quadro 4.4	Pronúncia, transcrição fonológica e padrão silábico do inglês: antropônimos não-adaptados graficamente ao PB.....	165
Quadro 4.5	Pronúncia dos prenomes em inglês realizada por falantes do PB.....	168
Quadro 4.6	Contraste fonológico IA x PB.....	170
Quadro 5.1	Nomes originais e suas formas ortográficas adaptadas ao PB, conforme ocorrência no <i>corpus</i>	182
Quadro 5.2	Nomes vernáculos com grafia estrangeira.....	186
Quadro 5.3	Quadro 5.3 - Nomes criados a partir de combinações sonoras e/ou grafemáticas baseadas nos sons ou na escrita do inglês.....	187
Quadro 5.4	Antropônimos constituídos por dois nomes estrangeiros.....	188
Quadro 5.5	Antropônimos constituídos de nome estrangeiro + vernáculo.....	189
Quadro 5.6	Adaptações de [dʒ] por [ʒ] e [tʃ] por [ʃ] (FREITAS; RAMILO; SOALHEIRO, 2003 p.8).....	220
Quadro 5.7	Exemplos de antropônimos que seguiram o padrão acentual do PB.....	222
Quadro 5.8	Exemplos de antropônimos que preservaram o padrão acentual da língua-fonte.....	223

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1	Localização das vogais em PB (CAGLIARI, 2007, p.61).....	79
Figura 3.2	Qualidade auditiva de algumas vogais do Standard American Newscaster English (LADEFOGED, 2006, p.40).....	82
Figura 3.3	Representação gaussiana da articulação da sílaba (adaptado de CAGLIARI, 2007,p.110).....	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 5.1	Motivação para a escolha dos nomes estrangeiros – detalhamento.....	175
Gráfico 5.2	Motivação para a escolha dos nomes estrangeiros – geral.....	175
Gráfico 5.3	Satisfação quanto ao próprio nome.....	177
Gráfico 5.4	Atração por nomes de origem inglesa.....	178
Gráfico 5.5	Auto-classificação dos nomes: Brasileiros X estrangeiros.....	179
Gráfico 5.6	Divergência de pronúncia dos nomes.....	180

LISTA DE ABREVIATURAS

E1	Escola 1
E2	Escola 2
E3	Escola 3
E4	Escola 4
E5	Escola 5
IA	Inglês Americano
PB	Português do Brasil

LISTA DE SÍMBOLOS

C, Co	Coda
C	Consoante
N	Núcleo
O, On	<i>Onset</i> , ataque silábico
R, Rh	Rima
S	Forte
V	Vogal
W	Fraco
X	batida rítmica, proeminência
< >	Representação ortográfica ou extrametricidade
/ /	Representação fonológica
[]	Representação fonética
σ	Sílaba
Σ	Pé
ˈ , ˈ	Acento primário
ˌ , ˌ	Acento secundário
ː	Vogal longa
~	Marca de nasalização
◌̃	Marca de vogal assilábica em ditongo
·	Atonicidade, no nível rítmico considerado ou separação de sílabas
◌̣	Sílaba leve
◌̤	Sílaba pesada

SUMÁRIO

Introdução.....	18
1 Antroponímia: aspectos sócio-históricos e culturais.....	26
1.1 Considerações finais.....	43
2 Identidade linguística e estrangeirismos.....	44
2.1 Língua e Identidade.....	44
2.2 Estrangeirismo: o que é e como se caracteriza.....	54
2.3 Marcas da língua inglesa em antropônimos brasileiros.....	60
2.4 Considerações finais.....	65
3 A língua de partida, o IA e a língua de chegada, o PB.....	66
3.1 Letras e sons.....	67
3.1.1 Quadro fonêmico das vogais.....	72
3.1.2 Quadro fonêmico das consoantes.....	90
3.2 Sílabas.....	101
3.2.1 Sílabas em PB e em IA.....	109
3.3 Acento.....	129
3.4 Considerações finais.....	151
4 Procedimentos metodológicos.....	152
4.1 Constituição do <i>corpus</i>	154
4.2 Entrevistas.....	161
4.3 Gravações.....	162
4.4 Transcrições dos dados.....	164
4.5 Considerações finais.....	172
5 Análise dos dados.....	173
5.1 Motivações para a escolha dos antropônimos focalizados.....	173
5.2 Questões ortográficas.....	181
5.3 Questões morfológicas.....	187
5.4 Adaptações fonético-fonológicas em prenomes de grafia idêntica em IA e em PB.....	191
5.4.1 Epêntese.....	193
5.4.2 Palatalização.....	198

5.4.3	Nasalização.....	201
5.4.4	Vocalização do // ocupando lugar de coda silábica.....	207
5.4.5	Apagamento.....	210
5.4.6	Adaptações segmentais.....	212
5.4.6.1	Substituição da aproximante retroflexa do IA por sons róticos do PB.....	212
5.4.6.2	Substituição de [ɑ] por [ɔ].....	214
5.4.6.3	Substituição de /æ/ por /a/.....	215
5.4.6.4	Substituição da vogal neutra /ə/ do IA por vogais existentes no PB.....	216
5.4.6.5	Substituição de /θ/ por [t] e /θ/ por [tʃ].....	217
5.4.6.6	Substituição de /dʒ/ por /ʒ/ e /tʃ/ por /ʃ/.....	220
5.4.6.7	Deslocamento do acento.....	221
5.5	Considerações finais.....	224
	Conclusão.....	226
	Referências.....	231
	Apêndice A – Questionário.....	243
	Apêndice B – Entrevistas com informantes do PB (CD-ROM).....	244
	Anexo - The International Phonetic Alphabet (IPA).....	245

Introdução

Inserida no campo da Onomástica, área da linguística que estuda os nomes próprios de todos os gêneros, a pesquisa antroponímica tem por escopo nomes próprios de pessoas e se configura como bastante relevante para os estudos linguísticos, uma vez que os antropônimos fazem parte da cultura de todos os povos, desde os primórdios da criação, pois o ato de nomear é inerente ao homem e se manifesta em todas as línguas. Foi por meio de apelidos ou nomes que, interagindo socialmente, os seres humanos distinguiram as pessoas da família e da comunidade com o propósito de facilitar a identificação de cada um de seus membros. “Dar nome é, assim, identificar um indivíduo biológico enquanto indivíduo para o Estado e para a sociedade, é tomá-lo como sujeito” (GUIMARÃES, 2005, p.36).

Os nomes próprios surgiram por necessidade de apelo ou de descrição. Assim é que, diante de uma nova pessoa, a imagem primeira que se delineia pode revelar-se distorcida, se o nome pelo qual ela é designada faz lembrar a sua condição de membro participante de um grupo étnico ou ideológico, fato que indica restrições preconceituosas (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 174).

Os antropônimos, portanto, não só apontam determinadas qualidades, como também revelam modismos, resultantes de contextos sócio-históricos. Fenômenos linguísticos dessa ordem estão registrados na história do povo brasileiro, cujas profundas influências culturais deixaram marcas na língua, entendida como lugar de interação, responsável pela existência da comunicação. Assim, vários povos e idiomas contribuíram para a formação dos antropônimos brasileiros.

Na atualidade, aponta-se a língua inglesa como grande fonte de empréstimos, não somente ao português, mas também às várias línguas naturais. Pode-se considerar o fato como um fenômeno decorrente do avanço da globalização enfrentada por vários países. A forte influência desse idioma extrapola os campos político-econômico e sociolinguístico, firmando-se como ideologia dominante, despertando credibilidade e fascínio.

Na sociedade brasileira, além de anglicismos utilizados nas áreas da informática, alimentação, vestuário, esporte, entretenimento, etc., os nomes de pessoas também passaram a ser objeto de desejo da população, expresso, mais notadamente, pelas camadas sociais menos privilegiadas. Desse modo, nomes de

celebridades do meio artístico, esportivo, científico, político, religioso, entre outros, tornaram-se populares no país como forma de ostentar sofisticação cultural e conferir prestígio social aos seus usuários. Assim,

O desejo de ser diferente, assim como a valorização do que é, ou parece ser de fora são apontados como características do povo brasileiro [...] representadas pelos seus tão originais nomes de pessoa. (MEXIAS-SIMON, 2003, p.04)

Segundo Cunha (2006, p. 50), o ser humano geralmente tende a se identificar com o belo, com o harmônico. Desse modo, diz o autor, a força que o nome desperta por sua sonoridade, sua singularidade, ou sua beleza, provenientes de sua origem etimológica, influencia os pais na escolha e composição do nome. No ato de nomear busca-se, algumas vezes, uma eufonia; outras, “uma homenagem que nem sempre é devida” e da qual, o próprio indivíduo que nomeia pode se arrepender posteriormente. Nesse caso, sustenta-se o nome por toda a vida, fazendo-se uso de apelidos como alternativa de atenuar um nome que em nada agrada (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p.81).

Ao tratar do assunto, Cunha (2006, p.62) faz a seguinte consideração:

A percepção da divergência de um nome daqueles geralmente atribuídos na sociedade, bem como da divergência entre conotações do nome (etimologia, interdiscursos) e a pessoa que o porta, pode expor o sujeito ao ridículo.

O autor explica que a idéia de exposição ao ridículo está associada à “falta de adequação, recorrência ou propriedade, por mais subjetiva que seja, entre nome [...] e condições físicas, psicológicas ou sociais do sujeito, de acordo com padrões de identidade recorrentes na sociedade” (CUNHA, 2006, p. 62). A questão diz respeito, por exemplo, à atribuição de nomes femininos e masculinos a indivíduos do sexo oposto.

Alguns prenomes estrangeiros, ou construídos a partir de modelos estrangeiros, podem, algumas vezes, expor os sujeitos a situações de constrangimento em função do estranhamento que podem produzir. Observa-se que tal ocorrência pode ser identificada também entre indivíduos brasileiros portadores de antropônimos típicos de países de língua inglesa, bem como antropônimos compostos com base nos padrões dessas palavras.

A criatividade na formação desses prenomes se distancia tanto dos modelos sonoro e escrito do Português Brasileiro (doravante PB), como também do sistema onomástico do país.

O campo antroponímico tem sido o foco de interesse de várias pesquisas científicas no cenário brasileiro, destacando-se, entre elas, Mercer (1990), Mexias-Simon;Oliveira (2004), Guimarães (2005), Oliver (2005), Cunha (2006), Freitas (2008), Tesch (2010). Essas obras representam importantes contribuições na área dos estudos discursivos dentro de uma perspectiva da tipologia sócio-histórica. Igualmente relevantes foram as pesquisas desenvolvidas por Campos (1986) e Brito (2003) no âmbito da semântica contemporânea de natureza linguística, lógica e filosófica. De caráter etimológico, também de grande valor para essa área do conhecimento, identificam-se as publicações de Andrade (1994), Obata (2002) e Martins (2002). Acrescentam-se a essa lista os estudos de teor jurídico elaborados por França (1975), Miranda (1983), Venosa (1993) e Pereira (1997).

Por entender que as manifestações ideológicas de ordem sócio-histórico-cultural enunciadas pela sociedade circundam o evento de designação do nome de seus componentes, este estudo preocupou-se em propiciar breves reflexões acerca do assunto, buscando vislumbrar e compreender as razões que impelem o indivíduo a optar por um prenome estrangeiro por ocasião do nascimento de seu filho.

Contudo, o cerne de investigação deste trabalho reside em aspectos linguístico-estruturais, particularmente no que tange à natureza fonético-fonológica dos prenomes advindos da língua inglesa, em sua grafia original ou adaptada.

Calcada na fonologia não-linear, a pesquisa destina-se a verificar como se dá o processo de transferência dos antropônimos importados para a língua receptora. Optou-se por analisar os anglicismos que penetraram na antroponímia brasileira, via pronúncia do inglês americano (doravante, IA), por reconhecer sua forte influência no léxico do PB, configurando-se como sua maior fonte provedora de estrangeirismos na atualidade.

As análises fonético-fonológicas pontuam semelhanças e diferenças de pronúncias, bem como os processos fonológicos utilizados pelos falantes brasileiros ao pronunciarem tais palavras e adaptá-las ao seu sistema sonoro, como forma de aproximar uma língua da outra.

Com este estudo, pretende-se demonstrar que, na escolha de antropônimos estrangeiros, os falantes do PB, em geral desconhecendo a estrutura fonológica da língua-fonte, muitas vezes desencadeiam vários processos de acomodação fonológica. Entre eles, o que se convencionou chamar de ressilabação, isto é, ajuste que reestrutura a organização das sílabas dos nomes “alienígenas”¹ de acordo com os padrões fonético-fonológico da língua-alvo. Por outro lado, com relação a alguns nomes específicos, pode haver uma tentativa de reprodução do som original do nome, trazendo para o contexto do PB pronúncias que não lhe são características, sobretudo no domínio da prosódia. Por esse motivo, também é foco deste estudo a forma gráfica escolhida como representativa do nome eleito.

Assinala-se que a temática abordada relaciona-se de forma direta com a definição de uma “identidade fonológica” do português, inserindo-se na polêmica discussão dos limites entre o que se convencionou chamar “estrangeirismo” - palavra estrangeira não-adaptada (CÂMARA Jr., 2002[1973], p. 111) - e “empréstimo” - palavra oriunda de língua estrangeira, já adaptada à língua de chegada (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 209). Ressalta-se que a discussão instaurada em torno dos dois termos não é de pertinência desta pesquisa.

Estudos comprovam (FARACO, 2001,a,b; BAGNO, 2004; ASSIS, 2007) que, após algum tempo de uso, certos anglicismos podem também sofrer um processo de adaptação morfológica, passando a fazer parte da língua portuguesa, configurando, assim, empréstimos, conforme observados nos vocábulos *clube*, *futebol*, *basquete*, *gol*, entre outros. Trata-se, dessa forma, não apenas de um processo de nativização² ortográfica, mas de uma questão de incorporação ao léxico da língua de destino. Entretanto, ainda não se pode afirmar que semelhante fenômeno também ocorra de forma idêntica com os nomes de pessoas, que podem apresentar comportamentos diferentes motivados por desejos pessoais dos sujeitos falantes, usuários dos nomes estrangeiros. Há necessidade de apuração, o que também é objeto de investigação deste estudo.

Sabe-se que uma investigação que trata do tema estrangeirismo no Brasil pode gerar controvérsias, devido a medidas que visam a proteger a língua de

¹Termo utilizado por Cagliari (2002) para designar palavras que fogem ao padrão silábico canônico do PB.

²Segundo Freitas e Neiva (2006, p. 17) o termo nativização significa “naturalização” ou simplesmente “adaptação”. Em Câmara Jr. (2002 [1973], p.57) encontramos esse processo denominado de *aportuguesamento*: “fenômeno que consiste em adaptar, fonológica e morfológicamente, os estrangeirismos lexicais ao português”.

“invasões” ou “impurezas”, como o projeto de lei 1676/1999, do ex-deputado federal Aldo Rebelo (PC do B/SP), e o projeto de lei nº 65/2000, da deputada Jussara Cony (líder do PCdoB, no Rio Grande do Sul). Este foi apresentado à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 2000, e aquele à Câmara dos Deputados, em 1999.

Parafrazeando Assis (2007, p.21), o uso de estrangeirismos sempre foi alvo de ataques nacionalistas, como os promovidos pelos políticos referenciados, e esse fenômeno linguístico sempre ocorreu na história da Língua Portuguesa, contribuindo de modo significativo para a ampliação do seu léxico, haja vista terem se firmado como rica fonte de neologismos. Nesta tese comprova-se a possibilidade de neologismos também no campo antroponímico a partir de modelos originalmente em língua inglesa.

A pergunta de pesquisa que norteia o trabalho é: os antropônimos, graficamente naturalizados ou não, mesmo que se afastem do sistema ortográfico da língua portuguesa e apresentem estranhas formas de grafia, podem ser classificados como “brasileiros” do ponto de vista fonológico, considerando que podem perder as características da língua de partida e incorporar regras fonológicas da língua de chegada? Desta forma, este estudo está amparado na hipótese de que, caso os antropônimos se sujeitem aos mesmos processos de adaptação fonológica que os nomes comuns, podem já ser considerados “naturalizados” – e, portanto, brasileiros; entretanto, caso não se submetam completamente a esses processos, ainda não estarão completamente nativizados, possuindo ainda marcas de uma identidade “estrangeira”.

A fim de se avaliarem as pronúncias dos prenomes estrangeiros realizadas por falantes do PB, efetuou-se a coleta de dados a partir de diários de classe pertencentes a escolas da rede pública, na cidade de São Luís, Maranhão. As escolas visitadas foram: Unidade Integrada Professora Maria Pinho, Unidade Integrada Padre Newton Pereira, Unidade Integrada João Paulo II, Unidade Integrada José Sarney Filho e Centro Educacional Paulo VI. Essas instituições de ensino estão localizadas em bairros da periferia da cidade e o público-alvo contemplado foram estudantes do ensino fundamental (5ª a 8ª séries).

O mapeamento abarcou prenomes pertencentes à antroponímia de países de língua inglesa, prenomes de grafia já adaptada ao PB, assim como prenomes vernáculos representados através de grafias não-usuais, que apresentam letras que

apenas há pouco passaram ao inventário “oficial” da escrita do português, como <k>, <y>, <w>, e dígrafos não-padrão na escrita desta língua (como <chr>, <th> e letras duplas, como <nn>, <ll>, <tt>, etc.), que podem ser considerados como influenciados por escritas “não-portuguesas”. Além destes, a pesquisa levou em consideração os antropônimos de criação recente que, apesar de não serem exatamente de origem estrangeira, revelam, em sua forma, terem sido criados a partir de um modelo estrangeiro ou que tenta imitar (mesmo sem sucesso) padrões estrangeiros de som ou de grafia.

Depois de constituído o *corpus* foram realizadas gravações nas próprias escolas, para fins de comparações da pronúncia de um nome próprio específico, na língua de chegada e na língua de partida. Para que se tivesse uma referência da pronúncia dos nomes próprios, aqui focalizados em inglês, o mesmo procedimento metodológico foi adotado com um grupo de alunos em uma escola dos Estados Unidos da América, *Christian School*, em *West Salem, Wisconsin*. As produções dos alunos tiveram como propósito esclarecer a realização fonética de seus nomes próprios por meio da utilização de frases-suporte do tipo: “meu nome é ____” / “*my name is ____*”.

Na tentativa de investigar qual a motivação para a escolha de um nome que escapa, de muitos modos, aos padrões da língua de entorno, foram realizadas entrevistas com alguns dos portadores dos nomes levantados, com o intuito de averiguar se a intenção de adoção de um padrão estrangeiro foi consciente e se as razões da escolha interferem, de alguma maneira, na forma do nome adotado.

A partir dessas avaliações, os pressupostos teóricos da pesquisa foram articulados em dois eixos. O primeiro tem caráter sócio-histórico e centra-se em discussões acerca da história dos nomes próprios de pessoa em distintas culturas e épocas. Associadas a esse enfoque também são desenvolvidas reflexões de cunho discursivo inerentes ao processo de desingação de pessoas. O segundo eixo, voltado ao aspecto estrutural da língua, representa o âmago desta investigação científica e tem como sustentação o instrumental fornecido pelas teorias fonológicas não-lineares.

Estruturada em cinco seções, a pesquisa inicialmente apresenta um breve histórico sobre a antroponímia, retomando estudos anteriores (VASCONCELOS, 1928; MONTEIRO, 1991; ANDRADE, 1994; OBATA, 2002; MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004; CUNHA, 2006; TESCH, 2010). Nesse contexto,

apresentam-se questões sócio-ideológicas inerentes ao evento de designação de pessoas. Sob a ótica discursiva, reflete-se sobre a concepção dos antropônimos como signo, uma vez que agregam em si valores, cultura e princípios da sociedade que os adotam. Argumenta-se que os nomes de pessoas, do ponto de vista enunciativo, são concebidos como enunciados (BAKHTIN, 2006 [1929]).

Na segunda seção, discute-se sobre identidade linguística e o uso de estrangeirismos no PB, enfatizando-se que o fenômeno, decorrente principalmente do processo de globalização, está associado não apenas a questões de cunho linguístico mas também histórico-social. Destaca-se que a irreversível interação entre as culturas no mundo contemporâneo resulta em mudanças no cotidiano de um povo e traz implicações para sua identidade linguística. À luz de pesquisas desenvolvidas sobre a temática (CÂMARA Jr, 1983; FARACO, 2001a; GARCEZ; ZILLES, 2001; POSSENTI, 2001; RAJAGOPALAN, 2003; BAGNO, 2004; MASSINI-CAGLIARI, 2004), defende-se que a presença de palavras estrangeiras no léxico de uma língua contribui para o seu enriquecimento. Pela polêmica que envolve o assunto, comenta-se ainda, sobre as reações negativas expressas pelos puristas “defensores” da língua portuguesa, que condenam os estrangeirismos, sobretudo os anglicismos, por seu caráter “contaminador”.

O enfoque da terceira seção recai nos dois sistemas fonológicos das línguas em estudo, o PB e o IA. Por meio de análise contrastiva, descrevem-se os quadros das vogais, das consoantes e dos ditongos em ambas as línguas. No nível supra-segmental, discorre-se sobre as possibilidades que as duas línguas apresentam para a estruturação das sílabas, bem como para o posicionamento do acento. O estudo comparativo tem como propósito principal elencar os pontos convergentes e divergentes entre as duas línguas, visando compreender as motivações das adaptações realizadas na língua de chegada.

Ainda nessa seção, discute-se sobre as relações entre letras e sons nas duas línguas, isto é, sobre a categorização funcional das letras, pautadas em estudos de Cagliari (1999c, 2004) e Massini-Cagliari e Cagliari (2005).

Os procedimentos metodológicos são contemplados na quarta seção desta tese, oportunidade em que se descreve o universo da pesquisa bem como as etapas realizadas para a coleta dos dados. Apresentam-se a lista dos prenomes que constituem o *corpus*, assim como os instrumentos investigativos utilizados na pesquisa.

A última seção é dedicada à análise dos dados, momento em que se demonstram, primeiramente, os resultados obtidos por meio de entrevistas com informantes do PB, abrangendo, entre outras questões, fatores motivacionais relacionados aos usuários e os seus nomes. Em seguida, a discussão centraliza-se nas adaptações linguísticas, tanto no nível ortográfico, como também, e principalmente, no nível fonético-fonológico. Apresenta-se um levantamento dos principais processos fonológicos identificados.

Finalmente, por estabelecer interfaces entre diferentes subáreas da Linguística, é possível supor que este trabalho possa fomentar novas pesquisas vinculadas ao tema, sobretudo aquelas inseridas nas áreas da Fonética e da Fonologia.

1 Antroponímia: aspectos sócio-históricos e culturais

O antropônimo é [...] considerado mais que um signo de identificação, uma dimensão do indivíduo, pois se acredita no poder criador e coercitivo do nome. O nome seria, portanto, uma coisa viva, por estar simbolicamente carregado de significação. (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 52)

Nesta seção, discorre-se sobre aspectos históricos da antroponímia e ressaltam-se as relações culturais que se inscrevem no ato de nomear.

Um dos ramos da linguística, a onomástica³ inclui o estudo sobre antroponímia, cujo objeto de investigação é o nome próprio de pessoa. Descrita por ocasião da sistematização da primeira gramática do mundo ocidental, no século II, a palavra *onoma* compreendia definições relacionadas com nomes próprios e comuns, já que naquela época não havia oposição entre as duas categorias de nomes. Segundo Dick (1998), o conceito de nome próprio não tinha o significado que tem atualmente e envolvia questões de relação semântica entre nome e objeto. Uma reflexão sobre o *onoma* necessariamente remete à maneira como se pensava essa relação em seus primórdios. Sobre o assunto, Lyons (1979, p.429) traz a seguinte contribuição:

Os filósofos gregos do tempo de Sócrates, e, em seguida, Platão, propuseram a questão nos termos em que ela geralmente se propõe até hoje. Para eles, a relação semântica que liga as palavras às coisas é a de "denominar"; e a questão que daí decorre é a de saber se os "nomes" dados às "coisas" eram de origem "natural" ou "convencional" [...]. No curso do desenvolvimento da gramática tradicional, tornou-se hábito distinguir entre o significado da palavra e a "coisa" ou as "coisas" por ela "denominadas". Retomando a distinção formulada pelos gramáticos medievais: a forma de uma palavra (*vox* — parte duma *dictio*) significava "coisas" em virtude do conceito associado a essa forma no espírito dos falantes; o "conceito", olhado desse ponto de vista, era o significado da palavra (a sua *significatio*). Consideremos essa a visão tradicional da relação entre palavras e "coisas".

³ Segundo Houaiss (2005, CD-ROM), o termo diz respeito “a estudo linguístico dos nomes próprios; [...] Compreende várias subdivisões, como a antroponímia, a astronímia, a mitonímia, a toponímia etc”. Segundo Monteiro (1991, p.184), os nomes próprios são “individualizantes e particularizantes” e estão divididos em dois grande grupos: os personativos (antropônimos) e os locativos (topônimos). Lembra ainda o autor da importância de outros grupos como os zoônimos (nomes de animais), os astrônimos (nomes dos astros), os teônimos (nomes de seres sobrenaturais), os oniônimos (nomes de marcas ou produtos industrializados), bem como os nomes de firmas comerciais, os nomes de instituições etc.

Para este estudo, interessa investigar a área da antroponímia, cuja terminologia foi originalmente cunhada pelo filólogo português Leite de Vasconcelos, em 1887. Para o autor, a palavra foi simples e claramente definida como “[...] estudo dos nomes individuais, como os dos sobrenomes e apelidos” (VASCONCELOS, 1928, p.03).

Câmara Jr. (2002 [1973], p.53) define os antropônimos como

substantivos próprios que numa dada sociedade se aplicam aos indivíduos componentes, para distingui-los uns dos outros. Geralmente o indivíduo se identifica por dois ou mais vocábulos antroponímicos que formam uma locução. Aí se destaca o prenome, que é o nome próprio individual

Vasconcelos (1928) assinala que o nome de cada indivíduo em uma sociedade é composto pelos seguintes constituintes: a) nome próprio (nome particular, específico da pessoa); b) sobrenome (nem sempre presente); e c) apelido, um ou mais (igualmente, pode não existir).

A esse respeito, convém lembrar que os conceitos de “sobrenome” e “apelido” em Portugal diferem dos adotados no Brasil. No contexto antroponímico português, Vasconcelos (1928, p. 11) define sobrenome como patronímico, nome de pessoa, expressão religiosa ou outra, que se junta imediatamente ao nome individual, com o qual forma um conjunto. Por exemplo, em São Francisco Xavier, Xavier é sobrenome.

Em Portugal, apelido é, na visão desse autor, uma denominação de família perpetuada de geração a geração. Por exemplo: Antônio Augusto de *Aguilar*, Maria da Conceição *Rosado*. Vasconcelos (1928) prossegue esclarecendo que o sobrenome é individual ou comum a vários irmãos; já o apelido é genealógico, isto é, estende-se à toda família. O sobrenome pode derivar de um nome próprio, que pode ser, às vezes, o nome próprio ou o sobrenome do pai, do padrinho, de um parente, de um protetor, ou mesmo o nome do santo do dia do nascimento, mas pode ser, também, resultado de uma escolha arbitrária ou de outras regras.

Acontece, ainda, e com frequência, de o sobrenome se tornar tradicional na família, correspondendo a um apelido e, com o decorrer do tempo, por meio de várias gerações, pode se deslocar para o meio ou para o fim do nome, a exemplo de Antônio Pedro, José Paulo, Fausto Tomás, etc. Assim, o filho de um João Batista de

Morais pode ser chamado Antônio Batista de Moraes, silenciando-se a homenagem a São João Batista.

Enfatiza-se que a liberdade de composição do nome próprio de pessoa é um direito concedido ao povo brasileiro, o que nem sempre acontece em outros países, a exemplo de Portugal, conforme Massini-Cagliari (2009 a,b). Segundo a autora, como a onomástica portuguesa não permite criatividade em seu léxico antroponímico, os sujeitos acabam operando inovações na sintaxe.

Por conseguinte, é comum encontrar, naquele país, combinações inusitadas (como, por exemplo, entre nomes masculinos e femininos), *Antônio Maria, Maria José, Maria João, José Maria*, entre outros, que igualmente fazem parte da antroponímia brasileira por influência cultural portuguesa, sobretudo no período colonial.

Refletindo sobre a restrição antroponímica portuguesa em seu artigo *o linguista e a fixação da norma*, Castro (2002, p. 4) faz o seguinte registro:

No caso da atribuição do nome próprio, pelo contrário, o peso da norma faz-se sentir gravemente. Para que qualquer indivíduo adquira e usufrua do seu próprio nome é necessário que o Estado explicita, por meio de um processo de registro civil, a sua anuência não só com o nome escolhido, mas também com a forma como esse nome é grafado e pronunciado.

Em seus estudos sobre criação de nomes próprios, Tesch (2010, p.29) revela que em Portugal e na Argentina “há listas para escolha do nome, e não são aceitos estrangeirismos”. De acordo com a autora, países como a Itália não impõem qualquer impedimento aos pais para registrarem seus filhos da forma que desejarem, porém haverá sempre um aconselhamento, por parte do juiz, em casos de estrangeirismo, “haja vista possíveis dificuldades de pronúncia”.

No Brasil, o significado que se dá a apelido é diferente do que se conhece em Portugal. Apelido, para todos, ou quase todos, é sinônimo de hipocorístico (designação científica), isto é, expressão familiar, de carinho ou intimidade, geralmente não depreciativa, a exemplo de Zé, Zeca, Juca, Maricota, Cota, etc. (REIS, 1938).

Segundo Ferreira (2004), o apelido corresponde à designação especial de alguém ou algo; por alcunha entende-se um nome, bom ou não, dado a alguém, em virtude de uma qualidade física ou moral, ou de certa particularidade da sua vida

(como profissão, religião, etc. – por exemplo: Manuel o Venturoso, Isabel a Redentora, Ivã o Terrível). Virtuoso era inicialmente alcunha; hoje, sobrenome.

Atualmente essa dimensão do apelido e da alcunha se perdeu e passou-se a entender por sobrenome tudo o que se aglutina ao nome, seja sobrenome propriamente dito, apelido, ou um e outro, enfatiza Vasconcelos (1928). Para esse pesquisador, a antroponímia procura conhecer, entre outros fatos, a proveniência, alterações temporais e extinção dos nomes.

Os nomes dos seres humanos são normalmente adquiridos por ocasião do nascimento e se extinguem somente com a morte. A designação funciona como marca identificadora da pessoa dentro da sociedade, pois é impossível conceber um ser social sem um nome que o identifique. Como menciona Christin (2001, p. 13):

El nombre, ya se lo reciba del padre, de la madre, del esposo o de la comunidad – o uno mismo haya tomado la iniciativa de atribuírselo – se mantiene como una fórmula por medio de la cual un grupo se apropia de la identidad de los individuos que la encarnan, al mismo tiempo que se les reconoce su derecho a la autonomía.

Em relação ao direito e à autonomia, quando se pronuncia ou se pensa em um nome, geralmente se faz uma associação ou relação a um referente, com suas características, qualidades, falhas e sentimentos que representa.

Segundo Abreu (2003), ao contrário dos substantivos comuns, que têm sempre um significado convencionalmente estabelecido antes de entrarem em um texto, os substantivos próprios, de modo geral, têm significado unicamente contextual. Uma palavra como “lápiz”, por exemplo, sempre remeterá a um referente, compartilhado por todos os falantes da língua portuguesa. Mas, se, em dado contexto, diz-se que *Pedro telefonou*, a informação ficará comprometida se não é conhecida a pessoa sobre a qual se está falando.

Conforme Andrade (1994), os antropônimos surgiram em forma de apelidos, com o propósito de identificar cada membro de um grupo social. Observa a autora que, em uma espécie de metonímia, todas as coisas serviam de motivação para formar um nome de um indivíduo, como montanhas, rios, plantas, animais, pedras, cidades ou outras localidades, cores, etc.

A respeito da motivação dos nomes próprios, o prefácio da obra de Machado (2003, p.12) reporta à designação social do nome motivado por questões culturais. Na visão da autora, os homens estão enlevados e submersos em uma cultura na

qual o nome, de tão presente no cotidiano da vida, não desperta tantos questionamentos. Quem geralmente pensa sobre o próprio nome? Se convidadas a refletir sobre o assunto, as pessoas inicialmente indagariam: que utilidade tem o nome? Para que de fato ele serve? Observando o mundo ao redor, a pergunta poderia se estender para as coisas e os lugares: por que tudo tem nome? Essas são questões que remetem à reflexão sobre vários aspectos da linguagem e remontam à Antiguidade.

É difícil precisar exatamente o momento em que o ser humano começou a atribuir nomes às coisas e aos seus semelhantes. Sabe-se apenas que, com o passar do tempo, o aumento das comunidades exigiu que se adotasse mais de um nome, logo a duplicação dos nomes foi inevitável; foi assim que surgiram os nomes de família.

A história e a índole de um povo espelham, de certa forma, os nomes que criaram. Dessa forma, os nomes constituem-se registros de posturas nas quais a ocorrência de grandes eventos, como guerras e invasões, deixam suas marcas impressas.

O jurista Miranda (1983, p. 237-238) destaca que, desde os tempos remotos,

os nomes foram criações da vida, *nomina significandorum hominum gratia reperta sunt*. [...] São elementos fáticos de grande importância nas relações inter-humanas, ainda quando o direito os ignore, e.g. antes do registro do nascimento da criança, o nome que se lhe dá e ainda é imutável, a designa e distingue das outras crianças, tal como a designa e distingue seu número na casa da maternidade.

Os povos da antiguidade remota, lembra Pereira (1997), adotavam um nome simples, como era costume entre os gregos e romanos na designação das pessoas. A identificação era exclusiva e não transmissível às outras gerações.

Sobre esse costume, Saad (1986, p. 55) registra:

A imprescindibilidade do nome foi reconhecida desde os mais remotos tempos. Entre os gregos, era único e individual (Sócrates, Platão, Aristóteles). Cada pessoa tinha o próprio nome e não o transmitia ao descendente.

Estudos de Venosa (1993) relatam que tempos depois, com a expansão da sociedade, os gregos passaram a possuir três nomes, desde que fossem membros da família antiga e regularmente organizada. Um era o nome individual, o outro o

nome paterno e o último correspondia ao nome de toda *gens*.⁴ Em outras palavras, o autor explica que o primeiro nome dizia respeito ao atual prenome, o segundo, ao nome da família e o terceiro, que não mais se possui nos dias de hoje, era o gentílico nos moldes de Roma. Sabe-se que tanto a *gens* romana como a grega eram instituições bem semelhantes e apresentavam um modelo idealizado de unidade social.

Em tal sistema, segundo Fiorin (2007a, p. 36-37), em artigo sobre a dinâmica dos sobrenomes, o prenome era o nome propriamente dito e “não possuía relevância numa organização social fundada no prestígio das gentes”. Havia poucas opções para os prenomes, que, por serem escolhidos de um pequeno estoque, estavam sempre se repetindo. Muitas vezes se elegiam numerais ordinais como prenomes, para servir apenas como índice da ordem do nascimento.

Ainda segundo o autor, o nome - ou gentílico -, que determinava a *gens* a que o indivíduo pertencia, era o mais importante, porque determinava a ascendência do indivíduo e indicava também a sua posição social. O cognome determinava a família, que se distinguia da *gens* e se assemelhava ao que hoje se entende por família nuclear: o pai, a mãe e o filho.

Miranda (1983, p. 239) chama atenção ao contraste do nome dos romanos em diferentes épocas, destacando “o luxo de nomes” em tempos primitivos e miséria destes em séculos medievais e posteriores. Os sujeitos eram detentores de poucos nomes, geralmente um só, com cognome usualmente associado ao seu trabalho.

Na comunidade bárbara, a designação do nome não acompanhou a falta de civilidade. No ato da conquista da Gália e da Lusitânia, afirma Venosa (1993), sua população passou a seguir o modelo romano, retornando, no entanto, ao nome único, após a invasão dos Bárbaros. Com o decorrer do tempo, nomes religiosos, advindos do calendário cristão, passaram a substituir os nomes bárbaros.

Entre os germanos, a exemplo dos povos gregos e romanos, apenas um único nome era designado para a individualização das pessoas. Afirma Miranda (1983) que o nome duplo se implantou a partir do século XII, período em que foi introduzido o nome gentílico. Explica o autor que o ato de atribuição do nome,

⁴ Segundo Crouzet (1993, p. 59), *gens* (ou *ghénos*) é o nome dado a uma das mais antigas instituições dos povos gregos e romanos. Presume-se que essa forma de organização social foi adotada por um vasto número de povos na antiguidade. Os componentes de cada *gens* apresentavam nomes semelhantes. As *gens* propagavam nomes de seus antecessores para perpetuação. O nome era, assim, uma marca de identidade de nascimento, bem como de culto, empregado e reconhecido apenas entre os patrícios (classe aristocrática romana).

impositio nominis, ocorria em clima de festividade. Como no batismo, o pai, ao tomar o filho nos braços, aspergia-lhe água e conferia-lhe um nome, sempre motivado pelo desejo do que gostaria que o filho viesse a ser. Almejadas qualidades do pai e antepassados da família também exerciam influência na escolha do nome.

Os antigos povos hebreus, de maneira similar, seguiram a regra dos seus contemporâneos, adotando um único nome para referência de seus habitantes. Conforme se verifica no Livro dos Números, Capítulo 1, da Sagrada Escritura,⁵ os nomes das pessoas obedeciam a indicações de suas famílias e, com a multiplicação das tribos, todos passaram a ter o nome ligado ao do genitor. Desta sorte, nomes como Bartolomeu (filho de Tolomeu) e Barrabás (filho de Abás) faziam referência à filiação. Como recorda França (1975), já era comum nessa época acrescentar ao nome primitivo outro nome que, por sua vez, comumente fazia alusão ao local de nascimento ou profissão do indivíduo. Registra Miranda (1983) que o próprio Jesus era conhecido como Jesus de Nazaré, ou seja, Jesus Nazareno.

Nos relatos de Fiorin (2007a), verifica-se que o sistema de denominação romano se enfraqueceu com a ascensão política e social da plebe e, com o advento do cristianismo, uma nova lógica de nomeação se impôs: o nome mais importante passou a ser aquele recebido na pia batismal, o qual determinaria o pertencimento do indivíduo a uma comunidade cristã. Esse novo sistema, porém, dificultou a identificação das pessoas, pois muitos nomes se repetiam e era preciso buscar uma forma de diferenciação entre eles. Havia, a título de ilustração, muitos Josés, Antônio, Pedros etc. Por essa razão, surgiu o patronímico, que designava quem era o pai da pessoa, como Maria do João, Pedro do Antônio etc. Em alguns locais, o patronímico passou a ser identificado por sufixos. Em Portugal, adotou-se a forma -es no final da palavra; assim, tinha-se José Rodrigues - que significava José filho do Rodrigo, João Fernandes, João filho do Fernando, e assim sucessivamente. Desse modo, surgiu o que hoje se denomina sobrenome - identificador de um grupo consanguíneo.

Tempos depois, os patronímicos perderam seu significado inicial e assim passaram a denominar apenas os nomes de família, que podem ser do pai ou da mãe. Em alguns lugares, o nome da mãe vem antes do pai, como em Portugal; em

⁵ Livro dos Números 1:5-6 “Estes, pois, são os nomes dos homens que vos assistirão: de Rúben, Elizur, filho de Sedeur; de Simeão, filho de Zurisadai [...]”.

outras regiões, a exemplo da Espanha, o nome da mãe localiza-se após o nome do pai. Já na China, segundo Alleton (2001, p. 71):

El nombre oficial de um chino se compone del nombre de familia, seguido del nombre personal, ming, término que en este contexto generalmente se traduce como “nombre personal”, aunque ocupe la segunda posición. [...] Los patronímicos son poco significantes y poco maleables, al revés que los nombres personales, que están cargados de significaciones y son muy maleables.

Quanto à procedência dos nomes do povo brasileiro, Obata (2002) aponta a incidente influência de línguas como latim, grego, germânico e hebraico, resultado da confluência de culturas que concorreram para a formação do povo brasileiro, entre elas a indígena, a africana, a europeia, além de outras representadas por muitos outros imigrantes. Segundo Obata (2002), causa estranheza a carência de nomes africanos, a despeito da forte influência dessa cultura nos diversos segmentos da sociedade brasileira. Com relação à herança indígena, Obata (2002, p.07) comenta: “os nomes indígenas, principalmente de origem tupi, são os mais frequentes, a maioria deles capturados em obras da literatura, [...] inspirados nas personagens históricas”. Alguns exemplos são Iracema, Iara, Ubiratã, entre outros.

Todavia, tradicionalmente, afirma Andrade (1994, p. 03):

O Brasil tem uma antroponímia bíblica por influência da igreja católica, germânica, latina e anglo, trazidas pelos imigrantes alemães, italianos e ingleses como principais, e a isto, foram acrescentados alguns anagramas, justaposições e composições, e até a pronúncia de alguns nomes.

A autora fornece as seguintes ilustrações:

<i>Antropônimo</i>	<i>Anagrama</i>
Amarin	(masculino de) Marina
Belisa	Isabel
Iracema	América
Leonam	Manoel
Natércia	Catarina
Sued	Deus
<i>Rodasnepervil</i>	<i>livre pensador</i>

Quadro 1.1 - Formação de prenomes por anagramas (ANDRADE, 1994, p. 03)

O anagrama é o resultado da inversão das letras de um nome, de maneira que este se transforme em outro. Na visão de Monteiro (1991, p.184), “essa é uma possibilidade bem atuante de produção de antropônimos”. Os anagramas também foram objeto de estudos de Ferdinand de Saussure, que, entre 1906 e 1909, investigou o assunto em composições poéticas de clássicos literários (SALUM,1995, p. XX).

Ainda em suas contribuições antroponímicas, Monteiro pontua outras possibilidades na produção dos prenomes, tais como derivação imprópria, sufixação, composição, braquissesmia e estrangeirismos. À primeira, o pesquisador se refere como resultado da total liberdade de nomeação e considera prenomes como *Rodo Metálico*, *Náusea Pereira*, *Esparadrapo* e *Eclâmpsia* verdadeiros “atentados à dignidade humana” (MONTEIRO,1991, p. 185).

As sufixações normalmente são diminutivos de reconhecidos prenomes como *Marieta*, *Julieta*, *Faustino*, *Lucíola*, *Fidelino*, entre outros. Monteiro (1991) observa que os sufixos *-eta*, *-ino*, *-ano*, *-iço* e similares associam-se a qualquer base nominal para formar antropônimos.

Já a formação por composição é, em geral, resultante da associação de dois nomes existentes, podendo ser grafados separadamente ou não, como em *Pedro Paulo*, *Luiz Henrique*, *Rosalinda*, *Anabela*, *Lucélio*, entre outros.

Monteiro (1991, p. 199) também faz alusão à braquissesmia, que diz respeito ao processo de formação de prenomes por meio da “redução do corpo fonológico de um vocábulo”. Esse recurso é mais utilizado na construção de hipocorísticos⁶ que, com o passar do tempo, acabam se transformando oficialmente em prenomes, como nos seguintes exemplos:

⁶ Borba (1971,p. 82) explica que o processo é, em geral, utilizado no seio da família, como forma de expressar carinho.

<i>Antropônimo</i>	<i>Hipocorístico</i>
Alexandre	Alex
Elizabeth	Elis
Isabel	Isa
Maximiliano	Max
Estefânia	Fani
Janete	Jane

Quadro 1.2 - Formação de prenomes por braquissemia (MONTEIRO, 1991, p. 199)

Sobre a composição dos prenomes por acrossemia, o autor explica que esta se dá a partir da combinação de sílabas normalmente presentes nos nomes dos pais ou parentes próximos. Alguns exemplos retirados de Monteiro (1991, p. 185) são:

<i>Antropônimo</i>	<i>Acrossemia</i>
Claudionor	Cláudio e Leonor
Jomar	José e Maria
Erlice	Ernesto e Alice
Silvanir	Sílvio e Nair
Fredericindo	Frederico e Gumerindo

Quadro 1.3 - Formação de prenomes por acrossemia (MONTEIRO, 1991, p. 185)

Essas combinações também são conhecidas por cruzamentos vocabulares e são facilmente encontradas tanto em nomes próprios de pessoas, como em nomes próprios comerciais, tais como Luzilma (Luiz + Vilma), Marinice (Mário + Eunice), Hospitaú, (hospital + Itaú), Consertóculos (conserto + óculos), entre outros (SANDMANN, 1997, p. 60).

Prefaciando o livro sobre prenomes brasileiros, das linguistas Mexias-Simon e Oliveira (2004), Monteiro faz referência ao processo, tratando-o, desta vez, por amálgama.⁷ Segundo Monteiro (2004, p.11), a manifestação do gosto dos pais “pelo insólito” leva à atribuição aos filhos de nomes “cujos elementos formadores se tornam difíceis de saber ou são grafados de maneira bizarra”.

⁷ Processo morfológico que permite formar novas unidades lexicais a partir da fusão de duas ou mais unidades lexicais truncadas (CORREIA; LEMOS, 2005, p. 44).

Por último, este autor revela a presença de estrangeirismos na formação de prenomes brasileiros, ressaltando que “sempre que uma pessoa de qualquer nacionalidade se torna conhecida entre nós, de imediato o seu nome penetra na onomástica brasileira”, e complementa:

O ideal seria que, à semelhança dos nomes comuns, os prenomes de origem estrangeira tivessem uma grafia de acordo com a pronúncia portuguesa. Infelizmente, embora a escrita dos nomes próprios se submeta às mesmas regras ortográficas dos nomes comuns, o que se observa é o gosto pelo exótico. (MONTEIRO, 1991, p.187)

O autor faz crítica à preferência por letras incomuns em prenomes vernáculos como *Karla*, *Yveline*, *Ayrton*, *Marya*, etc. Para ele, a falta de disciplina nesse aspecto pode gerar diversas grafias para um mesmo nome como em *Susana*, *Susanna*, *Suzana*, ou *Suzane*, *Suzany*, *Suzani*, *Susane*. Esse fato remete a várias ocorrências do *corpus* desta pesquisa, conforme será comentado posteriormente.

Uma discussão frequentemente revisitada a respeito dos nomes próprios está associada à relação entre forma e essência. Santos (2001, p.14), na introdução da obra **Crátilo**, de Platão, faz referência à constatação de Sócrates sobre a legislação dos nomes trabalhados a partir de orientação dialética, decorrendo daí três consequências na tarefa de instituí-los: 1) os nomes pertencem por natureza às coisas; 2) não será qualquer o criador dos nomes; 3) a este cabe, visando ao “nome natural” de cada coisa, moldar-lhe a forma por meio de letras e sílabas.

O nome, desse modo, deveria fazer referência à natureza do nomeado, ou seja, à sua essência. Nessa concepção, haveria entre a palavra e a coisa uma relação direta. Mas, como se sabe, a relação do dizer com as coisas nunca é objetiva, ela se dá sempre de modo enviesado.

As palavras, portanto, não lançam as coisas, elas penetram as camadas de representações sociais que recobrem a realidade. Todas as relações do homem com suas condições de existência - e isso inclui o ambiente natural à sua volta e os contextos sociais - são semioticamente mediadas. O real nunca se mostra de forma transparente. O homem relaciona-se com um real (in)formado em significante; portanto, o mundo só adquire sentido para ele quando semiotizado. A relação do homem “com o mundo é sempre atravessada por valores” (FARACO, 2009, p.49). Segundo o autor, essa relação palavra/coisa é complexa em virtude das várias

formas de conceber a linguagem, ora percebida como representação da realidade, ora pensada como interação, como um conjunto de atitudes sócio-verbais que envolvem as coisas.

Reflexões acerca do nome também permearam a literatura inglesa e o assunto se tornou objeto de indagação de grandes autores, como William Shakespeare e Lewis Carroll.

Em seu clássico *Romeo and Juliet* (encenado em 1597), o dramaturgo – William Shakespeare (*apud* BRYANT, 1964, p. 39) - questionou sobre o valor de um nome, na voz de um de seus personagens, conforme demonstrado no excerto abaixo:

*O! be some other name:
What's in a name? That which we call a rose
By any other name would smell as sweet; [...]
And for that name, which is no part of thee
Take all myself
(Ato II, cena 2, 42, 44, 48 e 49, fala de Juliet)*

A pergunta de Julieta ao seu amado, sobre a significação de um simples nome, expressa a relevância dos sentidos vinculados a um nome, seja ele qual for.

Séculos mais tarde, Lewis Carroll (*apud* LEITE, 1980, p.192) também traz a questão à baila em sua obra-prima *Alice in Wonderland*. O excerto abaixo faz parte do diálogo travado entre a protagonista e o personagem Humpty Dumpty:

_ Meu nome é Alice, mas...
_ É um nome bastante idiota - interrompeu Humpty Dumpty com impaciência - Que significa?
_ Deve um nome significar alguma coisa? - perguntou Alice, cheia de dúvida.
_ Claro que deve - respondeu Humpty Dumpty com um risinho.

Esses exemplos ratificam questionamentos acerca da natureza da significação dos nomes personativos.

Machado (2003, p. 24) comenta que, de modo geral, as abordagens tradicionais sobre o nome próprio negam o caráter significativo ao nome. A autora destaca o filósofo grego Aristóteles como observador do aspecto convencional e arbitrário do nome, assinalando que, no caso do nome próprio, “as partes dotadas de um significado originário o perdem para constituir o nome”.

Sobre o teor significativo dos nomes próprios, Cassirer (1972, p. 36-7) assevera: “os nomes próprios são parte integrante dos sistemas tratados por nós como códigos: meios de fixar significações, transpondo-as em termos de outras significações”.

No processo de nomeação é preciso considerar aspectos que extrapolam o ser nomeado, como o gesto daquele que nomeia. Nesse tocante, observa Machado (2003, p. 27-28) que o nome não só concentra a significação, como ainda classifica, na medida em que

marca também um aspecto da subjetividade ou da posição social daquele *que nomeia*, e que é significado pelo nome que escolhe. Portanto, o nome é sempre significativo. É sempre uma forma de classificação. Além disso, não é próprio por ser uma *propriedade* de seu portador, mas porque lhe é *apropriado*. Duplamente apropriado: marca de uma apropriação pelo outro, e escolhido segundo uma certa adequação àquele que é nomeado, para exprimir aquilo que lhe é próprio enquanto indivíduo, aquilo que não é comum a toda a espécie. E com essa operação, volta-se à classificação. Significação e classificação estão sempre estreitamente ligadas ao nome próprio.

Dar nome, segundo Guimarães (2005), torna-se um meio de inscrever intrincadas relações sócio-históricas e culturais. Essa atitude concentra, portanto, uma trama social, vazada por jogos e negociações de poderes. O autor pontua algumas faces desse jogo, destacando, inicialmente, que, em nossa sociedade, dar nome a uma criança é um dever dos pais, por lei. Os pais devem requerer do cartório uma certidão, que insere o nomeado no Estado, com todos os direitos e deveres que essa inserção possa exigir.

Ao analisar o nome próprio do ponto de vista da enunciação, esse autor propõe que mãe/pai, ao nomearem seu(s) filho(s), situam-se em lugares sociais bem definidos pelo Estado. Não se trata propriamente de uma posição biológica, mas social, posto que a paternidade pode ser apenas uma posição-sujeito. Para o Estado, o indivíduo biológico só se torna sujeito por meio de um nome legitimado pelo poder. Esse ato assim dimensionado passa a ser um mecanismo de controle, criado pelo Estado, para gerir a vida dos indivíduos.

Para Guimarães (2005, p.36), a escolha de um nome não é necessariamente uma opção, mas uma imposição, pois o “locutor-pai”, geralmente, é direcionado por alternativas, tendências, características de determinada época, que recorta como

memoráveis certos nomes. Desse ponto de vista, dar nome a alguém é um processo enunciativo em que diferentes enunciações se inscrevem.

Essa prática, como se observa, é permeada por valores culturais que se modificam em diferentes épocas. Nessa dimensão, discutem-se, na esteira do Círculo *Bakhtiniano* (BAKHTIN, 2006), alguns traços de relações sociais e históricas que, do ponto de vista desta pesquisa, atravessam os antropônimos, considerando-se o conceito de signo e ideologia, inicialmente.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, pontua-se que a relação entre signo e ideologia é extremamente estreita, pois “sem signo não há ideologia” (BAKHTIN, 2006, p.31). Dessa maneira, qualquer instrumento pode ser configurado como um signo, permeado de ideologia. O signo, pois, nessa perspectiva, é um instrumento recoberto de representações simbólicas (BAKHTIN, 2006). Logo, todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma manifestação material, “seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer” (BAKHTIN, 2006, p. 33). Por esse viés, os signos não são meros decalques da realidade, eles são desdobramentos de valores do mundo.

Um antropônimo, por exemplo, pode ser pensado como um signo, porque não só tem a função de designar as pessoas, mas agrega em si representações da sociedade que o emprega, seus valores e princípios. Como todo signo, o ideológico é constitutivo do antropônimo. Por concentrar uma dimensão social e cultural, certos antropônimos podem causar estranhamento ou simpatia a uma comunidade. Isso acontece porque interpretar ou compreender um signo depende de conectar o signo apreendido a outros signos já conhecidos; “a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos” (BAKHTIN, 2006, p. 34).

Sabe-se que o termo ideologia é extremamente polêmico na atualidade, e como é recorrente na obra *bakhtiniana*, é necessário refletir sobre o sentido desse termo nesta pesquisa. O Círculo costuma designar por ideologia o “universo que engloba a arte, ciência, filosofia, direito, religião, ética, enfim, as manifestações superestruturais (para usar um termo da tradição marxista)” (FARACO, 2009, p.46-7). Segundo Faraco (2009), os termos “ideologia”, “ideologias”, “ideológico” não têm, nos textos do Círculo de Bakhtin, nenhum sentido restrito e negativo. Será, portanto, inadequado interpretá-los nestes textos como desvirtuamento, distorção *do real*, o que ocorre geralmente em algumas linhas marxistas. Na concepção do Círculo todo e qualquer enunciado é ideológico – para este grupo de estudiosos não existe

enunciado não-ideológico. Todo enunciado ocorre na esfera de uma ideologia, “no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana”, e expressa sempre uma posição avaliativa (FARACO, 2009, p.47). Todas as propriedades da palavra, sua natureza semiótica, sua função na comunicação humana ordinária, sua interiorização, e sua presença indispensável, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas as propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias (BAKHTIN, 2006).

Do ponto de vista enunciativo, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está no sentido de enunciação da fala). Para ele, “o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada” (BAKHTIN, 2006, p.96). A escolha de uma palavra (como o antropônimo), para nomear um ser está, pois, sempre atrelada a um contexto, a uma situação dada, permeada de valores, de sentidos sócio-históricos. Isso porque a “forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo variável e flexível” (BAKHTIN, 2006, p.95).

Mas o locutor também deve levar em consideração o ponto de vista do seu interlocutor, cuja tarefa é conhecer a forma utilizada num contexto concreto e preciso; sua compreensão depende do significado produzido em uma enunciação particular. O receptor vai interpretar o caráter de novidade da forma linguística e não somente sua conformidade à norma. Para o autor,

enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico. A pura “sinalidade” não existe, mesmo nas primeiras fases de aquisição da linguagem. Até ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de “sinalidade” e de identificação que lhe é correlata seja real.(BAKHTIN, 2006, p. 97)

Como todo ato enunciativo, que depende de um contexto, compreender o sentido de um nome de uma pessoa exige um exercício de interpretação que envolve muitos aspectos, como a época em que ele foi escolhido, os grupos que dele se valeram, a situação de sua escolha, etc. Essa contextualização permite que

o antropônimo se configure como um enunciado, uma palavra que é regida tanto por fatores externos quanto por fatores concernentes ao sistema linguístico, unicamente.

As diferentes sociedades têm parâmetros de escolha de nomes próprios bastante distintos. Em algumas culturas, os nomes de pessoas tornaram-se indicadores de determinadas qualidades; em outras, aderem a modismos resultantes de contextos sócio-históricos. Essa assertiva remete a Bakhtin (1992), ao postular que a linguagem é compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica e que as palavras são constituídas a partir de vários fios ideológicos, servindo de trama a todos os tipos de relações sociais, em todos os domínios. Nessa perspectiva, o processo enunciativo da nomeação envolve acontecimentos diferentes que motivaram a adoção de um certo nome.

O antropônimo, como todo enunciado, surge do diálogo com muitos outros enunciados. Trata-se de um vocativo, da ação de nomear um filho projetado no imaginário dos pais. O nome escolhido do outro para um eu-filho, acontece em lugar de relações sociais atravessadas por relações ideológicas, articuladas a partir da história de vida dos pais. O nome próprio relaciona-se, portanto, com acontecimentos registrados na história e, no caso do povo brasileiro, esse diálogo tem marcas que resultam das inúmeras influências que sofreu essa cultura. Não se pode deixar de ver esse diálogo a partir da constituição da própria identidade brasileira, formada por um *mix* de culturas, para o qual já alertava Darcy Ribeiro, em “*O povo brasileiro*”: “Quem somos nós, os brasileiros, feitos de tantos e tão variados contingentes humanos? A fusão deles todos em nós já se completou, está em curso, ou jamais se concluirá?” (RIBEIRO, 1995, p. 246).

No contexto dos antropônimos, desse modo, a seleção de nomes próprios é sempre entremeada por elementos do imaginário brasileiro, constituído de aspectos culturais, que contornam a realidade dos pais. Por exemplo, o antropônimo *Milkshakeson* (que consta do *corpus* analisado nesta tese) pode ter sido possivelmente elaborado pela eufonia atrativa de um som ecoado com determinado glamour fonético, embora os pais não soubessem que *milk* significa “leite” e *shake*, “sacudir”, “balançar”. Muito provavelmente sequer sabem que o nome remete à memória de uma iguaria. Assim, infere-se que o efeito cômico edificado nessa palavra deriva de uma escolha realizada com base em uma motivação meramente fonética e não semântica e, vindo de um lugar popularmente famoso, esse nome instaura resistências ante à cultura oficial.

O antropônimo, assim, não pode ser pensado apenas a partir de seu caráter estrutural. É necessário tomá-lo como enunciado, elemento linguístico que concentra dimensões socioculturais de uma comunidade. Dessa forma, a heterogeneidade do povo brasileiro está cristalizada de algum modo na escolha que seus falantes fazem de seus antropônimos.

A identidade brasileira pode ser vislumbrada em várias áreas de suas práticas culturais. Configura-se em seus hábitos alimentares, em sua forma de se relacionar com o outro, em sua forma de vestir e em seu próprio falar criativo, recheado de palavras oriundas de outros países, como estrangeirismos, que sempre se fizeram presentes na língua, desde os primórdios de sua formação. Vê-se, então, um processo de identidade que se elabora pelo contato com o outro, pela alteridade.

O processo de construção das identidades tem estado na ordem do dia, haja vista a intensidade e a instantaneidade com que os contatos têm se estabelecido em nossa sociedade, marcada pela globalização, fenômeno que transforma o mundo em uma grande aldeia. Bauman (2005, p. 60) trata a identidade a partir das questões ligadas à globalização (e ao surgimento da “modernidade líquida”) - fenômeno que trouxe profundas transformações, responsáveis por modificações nas estruturas estatais, nas condições de trabalho, nas relações entre os estados e nas relações entre o eu e o outro.

O sociólogo polonês ressalta, entretanto, que as transformações sociais, emergentes desde a modernidade, tornaram a identidade e o pertencimento categorias fluidas, líquidas, errantes. Pensar a identidade é pensar o “deslocamento”, a desterritorialização. Assim, diz o autor

nessa época líquido-moderna, o mundo à nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais estão fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. (BAUMAN, 2005, p. 18)

Como resultado dessa falta de estabilidade, prossegue o pesquisador,

todos pertencemos a várias comunidades e temos, por isso, várias identidades. Elas flutuam no ar: algumas, de nossas próprias escolhas, outras impostas. “Sentir-se em casa” exige um preço considerado alto a fim de constituir o “eu postulado”. (BAUMAN, 2005, p. 21)

A identidade, para o teórico, é algo a ser arquitetado, não tem uma origem. Ela é uma problemática recente, da modernidade tardia.

1.1 Considerações finais

Nesta seção inicial, a discussão centrou-se em aspectos socio-históricos que permeiam a existência dos antropônimos, considerando-os como palavras que se configuram não apenas em estrutura, em unidade do sistema linguístico, mas em um signo, por natureza cultural (BAKHTIN, 2006). Tratou-se da prática do ato de nomear, que remonta à própria história da humanidade, propiciando à língua identificar alguém como determinado ser nomeado.

Dentro dessa perspectiva, discute-se na próxima seção como língua e identidade, no contexto de falantes do PB, devem ser vistas e pensadas como efeitos produzidos em antropônimos estrangeiros, sobretudo aqueles característicos de países de língua inglesa, cujas marcas são impressas no léxico da língua acolhedora.

2 Identidade linguística e estrangeirismos

Nesta seção, reflete-se sobre a emergência do estrangeirismo dentro de dimensões sociais, políticas e históricas amplas, como globalização, identidade e modernidade. Discute-se a relação entre estrangeirismos e identidade linguística e busca-se uma caracterização do estrangeirismo à luz de alguns teóricos da Linguística.

2.1 Língua e identidade

A preocupação com a identidade somente toma lugar a partir do momento em que a presença da alteridade ameaça a regularidade, a estabilidade, a homogeneidade daquilo com o qual estamos acostumados a conviver. (CUNHA, 2006, p. 98)

O estrangeirismo é um fenômeno que não se relaciona apenas a questões linguísticas, pois é permeado por diversos aspectos sociais. Nesta pesquisa, promove-se a reflexão desse tema pelo viés social. Assim, para a compreensão do fenômeno do estrangeirismo, iniciam-se as abordagens do tema pela relação entre língua e identidade. As discussões em torno desse assunto, desde o final do século passado, adquiriram uma dimensão central nas ciências, de modo geral, e no campo da Ciência Linguística não poderia ser diferente.

Com as inúmeras mudanças sociais ocorridas ao longo do século XX, a exemplo das duas grandes guerras e a queda do muro de Berlim, o homem contemporâneo vê as relações sociais se modificarem com muita intensidade. Uma das causas dessas transformações situa-se na globalização, fenômeno que põe os diferentes povos cada vez mais interligados, num processo reconhecido por *transnacionalização*⁸, cuja interface é a *desterritorialização*⁹ das pessoas. Segundo Rajagopalan (2003), essa nova configuração de relacionamentos entre povos diferentes, diversos em suas etnias e línguas, de tradições e culturas diferentes foi

⁸ Termo cunhado por Robbins (1997) para fazer referência aos saberes e fazeres compartilhados como resultado de um mundo controlado por corporações globais.

⁹ “A palavra diz respeito a não exatidão de um ponto de referência. Empregados, empresas e produtos. Tudo como parte de um todo único e transitório. A mídia e suas imagens impactantes põem o homem em contato com lugares extremamente distantes desafiando-o à compreensão de si mesmo em relação ao presente.” (SOARES, 1997, p.19)

resultado da derrocada de barreiras até pouco tempo pensadas como intransponíveis, que representavam a impossibilidade de qualquer aproximação entre mundos tão distintos. Esses obstáculos configuravam dificuldades de cunho econômico, comercial, cultural e até o caso de limitações de circulação de informações entre países, barreiras depostas com rapidez impressionante.

Todas essas mudanças ligam-se diretamente à noção de identidade, em um período dimensionado como de plena desestabilização do sujeito. Uma época que abrange a sociedade pós-industrial, pós-fordista ou mesmo pós-capitalista e tem como uma de suas marcas o fato de os indivíduos serem identificados por meio de identidades muito peculiares. Nesse momento ocorrem mudanças significativas nos conceitos de sujeito e identidade. Na atualidade, a noção é de que o sujeito se caracteriza por uma situação de completa instabilidade. Trata-se de um momento em que antigas identidades declinam e novas identidades emergem e fragmentam o indivíduo moderno visto, até então, como sujeito unificado. Esse homem, constitutivamente incompleto, em permanente formação, busca meios de se identificar na sociedade em que vive e a identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1998, p. 12-13).

Para Rajagopalan (2003), diante de uma realidade como essa, marcada por fenômenos irreversíveis como a globalização, a interação entre culturas, que incidem diretamente sobre o cotidiano dos povos, modificando seus hábitos e costumes, inclusive linguísticos, o objeto da linguística deve ser constantemente redimensionado. Ao ser considerada objeto da linguística, a língua, por muitas vezes, é tomada como elemento fechado em si mesmo e auto-suficiente, chegando a ser compreendida por alguns autores, ainda neste século, de modo extremamente isolado, seguindo os princípios da proposta de Saussure, que a considerou capaz de explicar-se a si própria. Rajagopalan (2003) destaca que a Linguística deve ser entendida como ciência cujo objeto deve se adequar às transformações e mudanças sociais, geopolíticas e culturais em curso. Para ele, os conceitos básicos da disciplina ainda estão muito ancorados em concepções do século XIX, momento em que o lema era “uma nação, uma língua, uma cultura” (RAJAGOPALAN, 2003, p.27).

O falante multilíngue é fruto de uma situação que começa a se desenhar no século XX, assinala Rajagopalan (2003), a qual gerou um aumento considerável de

casos dessa natureza. O multilinguismo, de um lado, decorre de ondas migratórias, envolvendo grande população no cenário pós-guerra, e do outro lado, a popularização da informática e o encurtamento de distâncias entre continentes, o que resultou em um contato inevitável e crescente entre povos. Para o autor, as línguas são construtos elaborados em função de certas demandas históricas e é um risco acreditar que, uma vez consolidadas, essas línguas estão imunes a quaisquer mudanças.

Diante desse quadro, o teórico aponta que as mudanças em curso na identidade linguística de cada povo resulta da globalização. Para ele, a internet nivelou grande parte das desigualdades que há entre o centro e as margens, no que diz respeito ao acesso a informações. A radiodifusão e a TV se encarregam de levar as notícias aos lugares mais recônditos do planeta e, desse modo, passa-se a ser aquilo que se sabe. A linguagem, como se sabe, está no centro desse “abalo sísmico” – que constitui a forma de lidar com as identidades (RAJAGOPALAN, 2003, p.59). Se a identidade linguística está em crise, isso se deve, de um lado, ao excesso de informações que circulam e, por outro, às instabilidades e contradições que caracterizam tanto a linguagem na era da informação como as próprias relações entre povos e pessoas.

Nesse cenário, ainda segundo Rajagopalan (2003), globalização e regionalização se expandem. Ao mesmo tempo em que interesses globais são o centro de longas discussões, as nações procuram cada vez mais territorializar suas bases regionais em função da zona livre do comércio internacional. A globalização deixa marcas indiscutíveis, a exemplo do domínio da língua inglesa como meio preferido de comunicação internacional que afeta diretamente as outras línguas do mundo.

Da mesma forma que existem tendências antagônicas e contraditórias entre o global e o regional na esfera das relações internacionais, a identidade linguística do cidadão do mundo globalizado também se acha decomposta, cindida ao meio, frente à influência estrangeira. As mobilizações políticas contra os estrangeirismos, em vários países, entre eles o Brasil, podem ser entendidas como forma de enfrentamento.

A mestiçagem é, segundo Rajagopalan (2003), o traço mais característico da identidade linguística em tempos de pós-modernidade, e atualmente, nenhuma língua escapa dessa marca. Por muito tempo a Linguística se opôs à possibilidade

de as línguas se influenciarem mutuamente, senão mediante uma perspectiva evolutiva. Decorre disso o fato de que

a linguística moderna ainda não conseguiu se desligar da noção de que as únicas mudanças que ocorrem ao longo da trajetória das línguas particulares devam-se a causas intrassistêmicas, isto é, a mudanças motivadas por fatores internos, genéticos. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 62)

Essa concepção foi herdada da denominada linguística comparativa cujo apogeu se deu no século XIX e que tem em suas bases um olhar segregacionista, “porque é alimentada pelo mesmo desejo de pureza e pelo mesmo medo de mestiçagem que costumam dar origem a outras formas de preconceito como o racismo” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 62). E por esse viés não há lugar para um falante com um perfil linguístico mestiçado, porque as diferenças são tratadas ou como sinal de desvio, falta de competência ou marcas de estágios passageiros. É preciso entender que a identidade linguística de um povo caracteriza-se por instabilidades.

As instabilidades, de acordo com Rajagopalan (2003), podem estar naquilo que Bakhtin denominou forças centrífugas na vida da linguagem que se opõem a tendências conservadoras. Desse modo, o autor conclui que a Linguística tende a celebrar um falante ideal, não contaminado pelo contato com os outros; embora as chances de se encontrar esse falante sejam cada vez mais remotas no mundo pós-moderno globalizado. Assim, já não há quem acredite que as identidades se apresentem como finalizadas e prontas. Pelo contrário, é fato que as identidades estão, todas elas, em constante estado de ebulição; são constantemente reconstruídas. A todo momento, elas são adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que se apresentam sem cessar. As identidades se definem por oposição a outras identidades em jogo.

Muitas vezes, por falta de conhecimento de que as línguas se transformam em função das mudanças sociais, alguns sujeitos defendem a pureza da língua sem nenhuma base científica. Segundo Bagno (2004, p. 60),

a falta de informação científica é evidente em todas as afirmações do purismo linguístico que, há vários séculos, vêm jurando de pé junto que a língua portuguesa está sendo assassinada, que dentro de poucos anos ela não vai existir mais, que os estrangeirismos vão destruir a estrutura do português, que o desprezo dos falantes por sua própria língua vai condená-la ao desaparecimento.

Nesse sentido, não se poderia deixar de citar o caso do projeto de lei 1676/1999), do deputado Aldo Rebelo. Não é intuito desta pesquisa discorrer sobre as polêmicas geradas por esse texto, mas ele será mobilizado apenas por ter se tornado um clássico exemplo do que é pensar a língua fora das dimensões sociais e históricas de uma sociedade.

Na visão do deputado, o Brasil assistia a uma “descaracterização” da língua portuguesa, com uma indiscriminada invasão de palavras estrangeiras como *holding*, *recall*, *franchise*, *coffee-break*, etc., e de “aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados” – como ‘*estartar*’, ‘*printar*’, ‘*bidar*’, ‘*atachar*’, ‘*database*’ (REBELO, 2001, p.181).

Em geral, esses comentários não levam em conta que a heterogeneidade é inerente a toda língua. As variedades resultam de realidades históricas e socioculturais de cada povo, de peculiaridades de sua formação, das bases de sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, seus valores e visão de mundo.

Algumas pessoas consideram a língua um sistema imutável, homogêneo, e as mudanças que ocorrem naturalmente pelo contato linguístico são vistas por elas como ameaça a esse patrimônio. Dessa forma, as palavras tomadas de empréstimo, de modo especial quando têm origem massiva em uma língua, passam a representar perigo para os que ouvem, desde muito cedo, o discurso de que a língua “nacional” não cumpriria mais sua função de velar a nação, em caso de ser invadida por palavras e expressões estrangeiras.

Garcez e Zilles (2001) afirmam que são frequentes as manifestações de pessoas que se comportam como guardiães da língua, as quais, muitas vezes, não observam que são os próprios falantes que fazem os empréstimos e, portanto, os empréstimos são desejados por essas pessoas.

O caráter “invasor” dos estrangeirismos deve ser problematizado, pois, via de regra, esses termos são adaptados ao sistema fonológico e à estrutura morfológica

padrão da língua portuguesa. Desse modo, é preciso considerar que os estrangeirismos não entram a qualquer custo numa língua. Um bom exemplo disso são as acomodações sofridas por certas palavras, como a palavra *stress*¹⁰ (inglês), que se dicionarizou na língua portuguesa sob a forma “estresse”. Esse fenômeno acontece porque o padrão da língua portuguesa não aceita formação com o “s” inicial desacompanhado de vogal (MARCON, 2005, p. 21). Seguindo a mesma linha de pensamenato, Carvalho (2009, p. 31) comenta que

o termo *stress* (inglês), que recentemente entrou na língua, tomou a forma de *estresse* porque o padrão silábico da língua portuguesa não admite a formação com o S inicial desacompanhado de vogal. Temos do latim, *status*, dando *estado*. Isto acontece com palavras oriundas de qualquer outra língua, sejam elas de estrutura semelhante ao português ou de estrutura bem diferenciada (como no caso das línguas orientais).

Negar que palavras como *self-service*, *hot dog*, *coffee-break*, *layout* etc. são formas recorrentes em nosso cotidiano é desacreditar em alterações que já se cristalizaram por seu uso, pela aceitação, independentemente da vontade de outras interpretações sobre o que se pode ou não falar. Seria insensatez considerar o uso desses termos um erro e querer punir um fenômeno que acontece de norte a sul do nosso país. A essa postura subjaz um autoritarismo improfícuo, já que não há possibilidade de controlar o que uma pessoa pensa ou não e, conseqüentemente, sobre como vai expressar suas ideias. Para Rajagopalan (2003, p.24), “estrangeirismos não são prejudiciais; pelo contrário, eles enriquecem a língua portuguesa”. Compartilhando dessa visão, Schmitz (2001, p. 104-105) defende que a

presença de vocábulos estrangeiros contribui para enriquecer qualquer idioma. [...] Os idiomas são palco de mestiçagem e de interculturalidade e não devem ser vistos como baluartes de nacionalidade. [...] É praticamente impossível regulamentar a língua humana.

Anteriormente a esses autores, Câmara Jr. (1983 [1977], p. 125), em seus estudos sobre a oralidade e a escrita, já apontava o emprego da palavra estrangeira como algo “altamente vantajoso para o enriquecimento, precisão e

¹⁰ Entre os falantes do PB identificam-se dois tipos de pronúncia para esse vocábulo [is'trɛsɪ] e [is'trɛs], com e sem a inserção da vogal final, respectivamente. A segunda realização pode ser explicada pelo fato de a fonotática da língua permitir o travamento silábico pelo arquivonema /S/.

expressividade da nossa linguagem, falando ou escrevendo” e denominava de “atitude pouco inteligente” a rejeição de palavras ou frases estrangeiras que fazem parte do uso diário das pessoas.

Autores como Possenti (2001) creem que está subjacente a essa vontade de “defesa” da língua o mito da unidade linguística no Brasil. O mito propõe que a identidade brasileira está no fato de que o imenso território brasileiro possui uma única língua, “esta plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão, independentemente do nível de instrução e das particularidades regionais de fala e escrita” (POSSENTI, 2001, p. 169). Massini-Cagliari (2006, p.64) igualmente sustenta a teoria de que o Brasil é um país multilíngue e argumenta:

Although it is true that the vast majority of Brazilians are indeed monolingual, it is not true that Brazil as a whole is a monolingual country. Following a recent estimate, there are about 200 different languages that are spoken in Brazilian territory, of which approximately 170 are indigenous languages, while the other ones are mainly of European or Asian origin. Therefore we are a multilingual nation, like 94% of the countries in the world.

A autora advoga ainda que

any language used in any society cannot be prescribed by language guardians; instead, it will always be the result of a historical process: contacts with populations of other countries, cultural experiences, political trajectory etc. (MASSINI-CAGLIARI, 2004, p. 16)

Entretanto, os “defensores” como Aldo Rebelo acreditam que, no Brasil, todos falam e se compreendem igualmente em todos os lugares. Ignoram completamente a diversidade linguística brasileira, destacada há décadas. Enfim, dar crédito a esse princípio é desconhecer a própria língua do povo, tão diferente do português “puro” trazido de Portugal. Mas os projetos que irrompem em defesa da língua portuguesa não são típicos somente do nosso século.

Várias propostas, nesse sentido, apareceram em outros momentos da história do Brasil para propor a proteção da língua portuguesa. Uma delas foi o *Diretório dos Índios*, do Marquês de Pombal, em 1757, em que o governo da metrópole portuguesa, sentindo-se ameaçado pela forte influência que os jesuítas tinham sobre os índios, decretou esse diretório, que proibia o uso da língua tupi a partir daquela data. Tempos mais tarde os jesuítas foram expulsos das missões, por

manterem os índios e sua cultura sob proteção. Nesse caso, a língua era instrumento de intercâmbio e, como essa relação não interessava economicamente à colônia, foi preciso bani-la (MATOS E SILVA, 2004, p.20-21).

Igualmente arbitrária foi a imposição do português sobre as línguas dos escravos africanos e seus descendentes no Brasil, sem oferecer qualquer possibilidade de aprendizagem, dados os maus tratos que recebiam esses serviçais. Atitudes autoritárias dessa natureza representam os primeiros passos para o uso do português como instrumento de exclusão social, refletido no preconceito linguístico que estigmatiza o falar popular até os dias de hoje (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 68).

Esses acontecimentos demonstram o quanto a língua está inscrita em redes de poder e, nesse caso, poder de dominação. Nesse aspecto, comenta Zilles (2001, p.160), o projeto de lei de Aldo Rebelo é um pretexto para a possível preservação da língua portuguesa contra a invasão do estrangeirismo. “Parece haver uma ameaça externa, efetiva, que se concretiza sob a forma de dominação econômica, política, cultural, mas é representada, nestes projetos de lei, como linguística”. A escola, no entanto, constrói uma imagem de que a língua portuguesa se inscreveu em nossa história de maneira natural, sem imposições. Conforme já citado, essas atitudes diante da língua fazem parte da sua própria dinâmica e remetem às denominadas forças centrífugas e centrípetas *bakhtinianas*. As primeiras trabalham a favor da divisão, estratificação, variação e multiplicação da linguagem, em todas as suas esferas. As segundas, centrípetas, são forças que agem no sentido de unificar, de centralizar a linguagem (BAKHTIN, 2006, p.130). Projetos de teor semelhante ao do deputado Aldo Rebelo constituem exemplos dessas forças centralizadoras.

Na concepção de Bagno (2001, p. 53), “a língua tem essa qualidade admirável de ser ao mesmo tempo um objeto público e constitutivo da individualidade de cada cidadão e cidadã”. A punição aos que desejam se servir de expressões estrangeiras, simbolicamente, é uma violência, um autoritarismo. Para alguns autores, esse medo dos estrangeirismos não se sustenta, uma vez que eles não alterariam a gramática da língua. Acredita-se que a contribuição dos estrangeirismos se dá no nível lexical e atinge uma camada muito superficial do sistema. Bagno (2001, p.74), por exemplo, propõe para esse princípio o seguinte

enunciado: “o office-boy flertava com a baby-sitter no hall do shopping center”¹¹, ressaltando que, embora os substantivos sejam todos derivados da língua inglesa, a sintaxe e a morfologia são portuguesas, conforme aponta a desinência do verbo “flertar” (cuja raiz é de origem inglesa), as preposições e os determinantes. A ordem das palavras no enunciado é genuinamente portuguesa¹². Em se tratando da ordem sintática da língua, o autor chama atenção para o gerundismo, fenômeno que, por influência de frases em inglês como “*I will be working tomorrow morning*”, produz enunciados do tipo “amanhã eu estarei telefonando para você”, extremamente polêmicos em língua portuguesa.

Contudo, autores como Schmitz (2005, p.1), argumentam que essa crença não procede, pois

em primeiro lugar, os falantes em questão nem sempre dominam o inglês o suficiente para o idioma estrangeiro interferir no português. Em segundo lugar, o português brasileiro apresenta uma variedade de gerúndios - e o inglês não. Alguns exemplos: "Olha, está querendo chover!", "Não estou podendo tirar férias agora". [...]. É a presença no idioma de uma sentença como: "O plantonista está atendendo amanhã na parte da tarde" que serve como "ponte" para a realização de: "O plantonista vai estar atendendo amanhã na parte da tarde". Na verdade, ao lado de formações como o infinitivo conjugado ("para comprarmos"), a mesóclise ("dir-se-á") e o futuro do subjuntivo ("se ele der"), a presença de gerúndios contribui para diferenciar o português de todas as outras línguas.

Há de se observar que a pronúncia dessas palavras estrangeiras se faz segundo as características fonético-fonológicas do português brasileiro (cf. ASSIS, 2007). Foneticamente, elas recebem um tratamento de palavras que não são estrangeiras, são culturalmente inseridas no contexto brasileiro em situações de comércio, consumo, cinema, lazer, entre outras. Conforme mostra a canção abaixo,

¹¹ Em entrevista ao Almanaque Brasil de Cultura Popular, Massini-Cagliari (2001,p.1) atribui o comentário a Câmara Jr. quando afirma: “O lingüista Mattoso Câmara tomou a frase *O bói flertava com a mademoiselle no hall* e comentou: a maioria das palavras tem origem estrangeira, mas a frase é genuinamente portuguesa, porque a gramática é portuguesa (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica)”.

¹² Autores como Abreu (2003) problematizam esse ponto de vista, advertindo que a questão da não influência de palavras estrangeiras na gramática da língua de destino é um tanto controversa. Afinal, mesmo em inglês, o plural de *datum* é *data* (dado, dados), *campus*, *campi*, ambas as palavras provindas do latim. Em Português, o plural de *gol* deveria ser *gois*, mas é *gols*, como em inglês. O plural de *azul-royal* deveria ser *azul-royais*, pois *royal* é adjetivo, mas, como os adjetivos não têm plural em inglês, o plural é *azul-royal*, daí porque em português o plural da expressão se mantém, como em *blusas azul-royal*. O mesmo acontece com *lady*, que tem plural *ladies*. Em comunicação pessoal, Massini-Cagliari explica que essa é uma questão só de escrita, uma vez que o plural *ladies* é o singular *lady+S*; do ponto de vista da pronúncia, portanto, trata-se de um plural padrão, esperado.

que circula no *Youtube*, pode-se ver que o uso dos estrangeirismos está mais presente na cultura cotidiana brasileira do que se imagina:

Lá no centro da cidade quase que morri de fome tanta coisa, tanto nome sem eu saber pronunciar é: *fast food, delivery, self service, hot dog, catchup*.

Eu só queria almoçar.

Lá no centro da cidade quase que morri de fome tanta coisa, tanto nome sem eu saber pronunciar é: *fast food, delivery, self service, hot dog, catchup*.

Meu Deus, onde é que eu vim parar

Oxente brother.

(Música *Estrangeirismo*, de Carlos Silva e Sandra Regina. CopyLeft 2007 – Mato Grosso – Brasil)

O texto da canção demonstra não apenas o bombardeio desse léxico na vida da língua portuguesa, mas revela, também, o desejo de incorporar o outro na cultura - desejo que, por motivos políticos e culturais, é produzido por uma série de dispositivos do sistema capitalista em que a sociedade está inserida.

O incontestável domínio linguístico norte-americano no mundo motivou principalmente as nações economicamente dependentes a adotarem uma grande variedade de palavras originadas da língua inglesa. Assim, tomando palavras/enunciados como o *x-burguer, ex-burger*, da lanchonete da esquina, em lugar de *cheeseburger*, ou o *serve-serve/serve-se-serve-se*, substituindo o *self-service* ou o *tique alimentação/ticket alimentação*, no discurso popular do falante brasileiro, vê-se não apenas uma tentativa de aproximar a língua do outro para aquilo que o sistema da língua portuguesa permite, por uma consciência fonética-fonológica, mas, também, e ao mesmo tempo, um encontro/embate com esse *outro*, que é “estranho”, mas que é aceito pelo brasileiro.

E mais, se de um lado há resistência desse sujeito que busca no outro uma identidade a partir do que o outro lhe impõe, por outro lado, há o desejo de ter ou ser o outro, por razões que, muitas vezes, se situam acima do que o sujeito consegue de fato ter consciência, visto que o empréstimo linguístico é muitas vezes “desejado”. Lembrando Garces e Zilles (2001, p. 23), “a força desse desejo parece irrefreável”. Assim, essas palavras entram no campo lexical de certas comunidades (estudantes, trabalhadores, etc.) por motivos que são histórica e socialmente constituídos em uma sociedade, e, dessa maneira, passam a constituir o léxico de um sujeito por efeitos de sentido, politicamente engendrados.

No dizer de Coracini (2003), inscrever-se em uma língua estrangeira é ressignificar e ressignificar-se nas condições de produção de uma outra língua, o que significa, em última instância, saber essa língua, isto é, ser falado por ela. Significa sempre, e inevitavelmente, provocar confrontos portadores de conflitos, entre as visões de mundo fundamentais, próprias à primeira língua, impregnadas por maneiras próprias de compreender o mundo, e as visões de mundo da segunda língua. Falar ou escrever é sempre um processo complexo que supera o mero exercício de habilidades ou resolução de problemas; significa produzir sentido, e isso se dá a partir da história de cada um, das vozes que constituem e alteram a subjetividade.

O que dizer de palavras que são colhidas do léxico estrangeiro e aqui passam por um processo de acomodação linguístico, a exemplo de *x-burger*, *serve-serve*, *ex-burger*, *xampu* e muitas outras? Talvez haja, nesse caso, um desejo de se projetar no outro, ou projetar o outro, por meio da palavra alheia ou, quem sabe, o inverso: o desejo de ver o outro se dobrar à nossa identidade.

2.2 Estrangeirismo: o que é e como se caracteriza

Em sentido abrangente, estrangeirismos são palavras, atos, costumes, enfim, tudo aquilo inerente a um povo estrangeiro que se insere em outra comunidade. Algumas definições dicionarizadas tratam o termo¹³ como: “emprego de palavra, frase ou construção sintática estrangeira” (FERREIRA et al, 1999, p. 840); “influência geralmente forte da cultura, dos costumes etc. de determinada nação sobre outra ou sobre uma parcela significativa dos indivíduos desta” (HOUAISS, 2001, p.1261) e, ainda, no âmbito linguístico, como segunda conotação deste mesmo dicionário, “palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora”. Esta noção é compartilhada por estudiosos da língua, como Câmara Jr. (2002[1973], p. 111) que, igualmente, concebe o estrangeirismo como um empréstimo de vocábulo ainda não integrado ao léxico da língua receptora. Para esse autor, essa integração

¹³ Segundo o **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** (CUNHA, 1982. p. 333), o termo *estrangeirismo* surgiu no séc.XIX, em 1833, seguido de *estrangeirice* (1873) e *estrangeirado* (1899). Todos os vocábulos derivados de *estrangeiro* do francês antigo *estranger* (hoje *étranger*) derivado do antigo *estränge* (hoje *étrange*) e, este, do latim (*extrāneus*).

diz respeito aos processos pelos quais passa uma palavra para se adaptar aos modelos da língua de chegada.

Na esteira de Câmara Jr. (2002[1973]), Alves (2004a, p. 72) comenta sobre o estranhamento inicialmente sentido no sistema linguístico tomador:

Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma.

A autora reconhece a frequência do uso como fator determinante para a integração do estrangeirismo no sistema lexical da língua acolhedora. Todavia, não há como se precisar o momento em que um termo estrangeiro passa a fazer parte do vocabulário de uma língua.

No olhar de Barbosa (2004), o termo estrangeirismo diz respeito à transferência de vocábulos ou enunciados da língua de origem que se associam a uma definição, objeto ou técnica aludida na língua de empréstimo que não seja do conhecimento dos falantes da língua receptora. O autor aborda ainda a questão do estranhamento causado por essas palavras atípicas ao sistema ortográfico do PB, o que faz com que sejam graficamente marcadas de forma diferente, apresentando-se geralmente em itálico ou entre aspas.

Garcez e Zilles (2001) afirmam que muitos termos importados possuem vida curta, como os modismos e as gírias. Por outro lado, há expressões que se tornam tão íntimas à língua acolhedora que em pouco tempo não são mais percebidas como alienígenas, o que acontece em função dos processos naturais de mudança linguística. Por isso,

é importante notar que, embora pareça fácil apontar, hoje, *homing banking* e *coffee break* como exemplos de estrangeirismos ninguém garante que daqui a alguns anos não estarão sumidos das bocas e mentes, como o *match* do futebol e o *rouge* das moças; assim como ninguém garante que não terão sido incorporados naturalmente à língua, como o *garçom* e o *sutiã*, o *esporte* e o *clube*. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 18)

Entende-se que o processo de integração de estrangeirismos no PB ocorre de forma semelhante àquela que se dá na variedade europeia do português. Segundo os linguistas portugueses Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003), esse fenômeno se

desenvolve em três fases distintas com características linguísticas específicas. A primeira é considerada a fase das transformações imediatas; a segunda, a das transformações progressivas; e a terceira, a fase das transformações no léxico. É interessante observar que as transformações que sofrem as palavras quando passam de uma língua para outra serão mais significativas quanto maior for a diferença entre as duas línguas.

Explicam os linguistas portugueses que, na primeira fase, ocorrem adaptação fonética imediata, adaptação morfossintática imediata, monossemia (manutenção do significado com o qual a palavra é importada) e preservação da grafia de origem, bem como hesitação nos tipos gráficos. Na segunda fase, as principais propriedades sinalizadas são: adaptação fonética progressiva, adaptação morfossintática progressiva, possibilidade de formação de novas palavras (composição e prefixação), aparecimento de formas concorrentes em nível gráfico e atestação lexicográfica (normativizada ou não).

Para os autores é na terceira e última fase que os estrangeirismos se consolidam no léxico da língua importadora, apresentando as seguintes características: estabilização fonológica; fixação do acento; plena integração morfossintática; fixação do gênero e da forma de plural; integração no sistema morfológico da língua; possibilidade de derivação; polissemia; tendência para extensão, restrição ou modificação do significado original e, por fim, a atestação lexicográfica normativizada.

Sobre o assunto, Carvalho (2009, p. 56) elenca quatro fases relacionadas à introdução de um termo importado em uma língua:

- i) Palavra estrangeira (existente na língua A);
- ii) Estrangeirismo (usada na língua B);
- iii) Empréstimo (adaptação de qualquer tipo na língua B);
- iv) Xenismo¹⁴ (ausência de adaptação para a língua B).

Utilizando-se da dicotomia saussuriana *langue/parole*, Carvalho (2009) explica que o estrangeirismo faz parte da *parole*, é de uso individual, ao passo que o

¹⁴ Designam-se xenismos as palavras que permanecem na forma original, apesar da grande frequência de uso. Entre os xenismos estão nomes próprios como Marly, George, Margot e nomes de lugares, como Houston, Tel-Aviv, Berlin. (CARVALHO, 2009, p. 57)

empréstimo seria um elemento da *langue*, “já socializado”, por sua frequência de uso. Para exemplificar esses casos, a linguista menciona o que ocorreu com o jogo de futebol, introduzido no Brasil como um esporte de origem inglesa e juntamente com ele, seus termos estrangeiros. Alguns vocábulos se tornaram empréstimos “adotados e adaptados” como *futebol*, *gol*, *pênalti*; outros, porém, tiveram uso temporário, como *goal keeper* (*goleiro*), *forward* (*ponteiro*), *back* (*zagueiro*) (CARVALHO, 2009, p. 56-57). Mais recentemente, o campo da informática é o que apresenta maior número de palavras estrangeiras adaptadas para o uso comum da língua: *deletar*, *escanear*, *plotar*, *ressetar*, entre outras (CAGLIARI, 2004, p. 169).

Para Haugen (1969), que atribui ao empréstimo a noção transitória de estrangeirismo, seu emprego se resume em um esforço de reprodução das características linguísticas de uma língua em uma língua diferente.

Em seus estudos morfológicos, Rocha (2008) confere importante papel aos empréstimos como fonte de renovação lexical de uma língua e não faz distinção entre estes e os estrangeirismos, utilizando-se, alternadamente, dos dois termos.

Do mesmo modo, em suas pesquisas sobre estrangeirismos, Garcez e Zilles (2001, p. 15), *a priori*, não fazem distinção entre os dois processos. No entanto, tecem a seguinte consideração:

Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. A noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo.

Não existe um consenso sobre a definição entre “empréstimo” e “estrangeirismo”, porém a maioria dos linguistas (cf. Dubois *et al.*, 1973; Alves, 2004a; Câmara Jr., 2002 [1973]) confere ao empréstimo a ideia de termo já integrado ao léxico da língua tomadora, contrariamente ao sentido atribuído a estrangeirismo.

Na visão de Preti (2003), o uso de vocábulos emprestados para evidenciar o domínio de outras línguas, para muitos representa uma indiscutível marca de prestígio social. Os sujeitos que fazem opção pelo estrangeirismo o fazem motivados pela realidade histórica de forte influência que a língua exportadora exerce em nível mundial. Para Carvalho (2009), o empréstimo faz parte das

pressões de uma sociedade constituída por classes sociais, de um mundo composto por dominadores e dominados. Desse modo, os indivíduos fazem emprego de palavras importadas a fim de se sentirem superiores na esfera do poder político.

Rocha (2008, p. 70) ressalta a grande quantidade de anglicismos na língua portuguesa como resultado do poderio socioeconômico dos Estados Unidos, observando que “na balança comercial do léxico as nações mais fortes são, via de regra, as que exportam mais palavras”.

No entender de Alves (1984), a palavra estrangeira exerce o papel de produzir um efeito excêntrico, de colorido próprio, apresentando muitas vezes o teor metalinguístico de uma citação.

A exemplo do que ocorre na maioria das capitais brasileiras, a cidade de São Luís, no estado do Maranhão, com aproximadamente um milhão de habitantes, também sofre significativa influência da cultura norte-americana, notoriamente infiltrada nos vários segmentos da sociedade. Frequentemente são encontrados restaurantes, lanchonetes, clínicas, oficinas mecânicas, salões de beleza, lojas e outros estabelecimentos comerciais que fazem uso de anglicismos como estratégia de *marketing* para atrair a atenção dos consumidores. Tal influência linguística também penetrou na antroponímia maranhense, principalmente, entre indivíduos que pertencem à classe social de menor poder aquisitivo. Em seus estudos, Cunha (2006, p.28) aborda a questão, apontando reportagem veiculada pela revista *Época*¹⁵, que revela que, nas grandes cidades, um terço da população brasileira pertencente a famílias mais carentes possui nomes de origem estrangeira. O autor também relata que a adoção de nomes estrangeiros cresceu significativamente da década de 70 até o ano 2000.

Para Bakhtin (2006), a palavra estrangeira não se relaciona apenas à língua/palavra de outro país. O sentido é bem mais amplo: trata-se de todas as manifestações de linguagem que pertencem ao campo do desconhecido, do alheio, do *outro*. Mas, em âmbito restrito, Bakhtin (2006, p.102-103) enfatiza a importância da palavra estrangeira como difusora da civilização, da cultura, da religião, da constituição política, atribuindo ao termo importado um papel organizador, sendo associado pelos falantes, em um dado momento histórico, à concepção de *poder*, de

¹⁵ A Agonia de Zé da Silva: “os registros dos cartórios revelam que, nas grandes cidades, um terço dos brasileiros de famílias pobres tem nome estrangeiro”, de Eliane Brum. In: *Época*. Ano III, nº 117, 14/08/2000, p. 74-76.

força, de santidade, de verdade. No caso dos antropônimos derivados de paradigmas da língua inglesa, a palavra estrangeira encontra abrigo em nossa cultura por forças que se instauram além da estrutura linguística; ela se coloca por meio de um jogo ideológico, político e histórico sobre o imaginário da população que a ela adere.

Segundo Abreu (2008), a adesão à língua inglesa passa por razões de *status*. Uma pessoa que adquire um par de tênis na *World Tennis* sente-se mais poderosa do que se tivesse comprado em outra loja com o nome de *O Tênis do Mundo*, por exemplo. Nesse caso, o prestígio da nação hegemônica é transferido para a língua dessa nação, e o prestígio da língua da nação hegemônica é transferido para a loja e para os artigos que ela vende.

O estrangeirismo, portanto, está impregnado de valores simbólicos associados aos falantes da língua de procedência do empréstimo. Para Bakhtin (2006) é relevante avaliar que lugar um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social de valores. Em se tratando de antropônimos, por exemplo, é importante ressaltar que existem antropônimos que são mais escolhidos por um grupo social do que por outro, ou mais mobilizados em uma época que em outra. Essa observação relaciona-se com o que aponta o círculo acerca da incorporação dos discursos.

Cada sociedade incorpora a palavra de outrem, de modo distinto: um discurso pode ser atravessado por outros discursos por meio de um comentário, de réplicas, o que pode ocorrer de modo atenuado, dentro de um estilo “pictórico” (BAKHTIN, 2006, p. 156). Assim, um antropônimo pode então ser formulado a partir de uma adaptação e não propriamente de uma retomada integral do nome estrangeiro. Um bom exemplo desse estilo de formulação é o antropônimo que está inserido no *corpus* desta pesquisa “Jeymes Deiam”, cuja grafia já se encontra adaptada ao PB. Observa-se, com essa estratégia, uma tentativa de preservar a pronúncia original do primeiro nome do ator norte-americano. Por outro lado, existem casos em que o discurso de outrem pode ser citado integralmente, uma tendência que cria “nítidos contornos à volta do discurso citado” e, nesse caso, estamos diante do estilo linear (BAKHTIN, 2006, p.156). Um outro nome que está nesta pesquisa e que pode servir de exemplo é *James Dean*, sem qualquer adaptação ortográfica. Configura-se como uma citação (nesse nível) do nome original do ator hollywoodiano.

Na esfera linguística, as influências de uma comunidade sobre a outra não podem ser consideradas de modo parcial. É necessário levar em conta todo um

conjunto cultural relacionado à língua que, sendo assim, poderá ser pensada como veículo de propagação da cultura. Para autores como Câmara Jr. (1983[1977]), a preferência pelo emprego de uma palavra estrangeira ocorre principalmente em face da inexistência de formas vernáculas que correspondam exatamente ao sentido que se quer atribuir.

Para o autor,

o estrangeirismo se impõe espontaneamente [...] na exposição de coisas e costumes estrangeiros, onde a palavra típica nativa se apresenta a rigor, intraduzível, porque insubstituível pelo nosso termo correspondente a carga de associações de idéias e valores específicos que nela se concentra. (CÂMARA JR., 1983 [1977], p. 126)

É, por exemplo, o que explica o efeito estilístico dos anglicismos *delivery* e *delete* (apesar da existência de “entrega em domicílio” e “apagar”), específicos de contextos próprios, sem palavras equivalentes na língua portuguesa. Para se imprimir o sentido desejado, faz-se necessário o uso de várias palavras vernáculas (MASSINI-CAGLIARI, comunicação pessoal).

2.3 Marcas da língua inglesa em antropônimos brasileiros

A adoção de antropônimos estrangeiros no Brasil se fez muito notória com o advento da indústria cinematográfica e, em seguida, com a expansão dos meios de comunicação de massa.

Segundo Carvalho (2009), a apreciação pela língua inglesa, sobretudo a norte-americana, se fortalece por meio de “cinema, música, moda e TV”. Prossegue a autora,

o modo de vida brasileiro foi assimilando [...] elementos “made in USA”. O modo de vida americano (*the American way of life*) tomado como modelo pelo mundo ocidental, é imitado pelo cidadão/falante brasileiro com um mimetismo incomum. (CARVALHO, 2009, p. 69)

Segundo Thompson (1998, p. 219), nas sociedades modernas, a natureza e a abrangência da circulação de imagens, expressões linguísticas, gestos, ações, obras de arte, etc., assumiram um aspecto novo e qualitativamente diferente. Em todas as sociedades, a produção e a troca de formas simbólicas é, e tem sido

sempre, uma característica onipresente da vida social. Para esse autor, desenvolveram-se meios técnicos que, articulados a instituições orientadas para a acumulação capitalista, “possibilitaram a produção e circulação das formas simbólicas numa escala antes inimaginável”. Desse modo, imagens, discursos, verdades de uma época circulam insistentemente e constroem sentidos que são históricos. Em um processo ininterrupto e dialógico, em que textos são retomados ou projetados, a mídia tem a tarefa de por em circulação discursos, representações, imagens, formas simbólicas que vendem verdades aparentemente absolutas. Entretanto, as imagens e os discursos propostos pela mídia só podem ser interpretados se a história for levada em consideração.

Não são raras as pessoas que escolhem nomes de atores de *Hollywood*, motivados por um imaginário construído em torno da imagem do artista. A forma com que os prenomes estrangeiros são adotados por brasileiros em parte é construída por mecanismos midiáticos que projetam o desejo de o expectador ser esse *outro*, fabricado nas cenas *hollywoodianas* ou por meio de *shows* de artistas da música *pop* norte-americana. *Doris Day* e *Elvis Presley*, por exemplo, são nomes escolhidos muitas vezes em função dos atores de cinema, da década de 50/60 do século XX, e do ídolo do *rock'n'roll*, que inspiraram muitos pais a batizarem seus filhos. Mais recentemente, nos lembra Mexias-Simon e Oliveira (2004, p.57), os prenomes femininos *Pamella* (de *Dallas*)¹⁶ e *Lady Diana* (com suas diversas formas de grafia) foram atribuídos a muitas meninas brasileiras.

No *corpus* desta pesquisa vários nomes foram atribuídos às crianças em homenagem a celebridades internacionais da mídia, na época admiradas por seus genitores. Algumas ocorrências contempladas foram: *Karenn*, *Brendon Herick*, *Kéthene*, *Wingleson*, *Leidy Daiana*, *Evelyn*, *Janne Hellen*, *Dayse*, *Patrick Anderson*, *Jhennifer*, *Thifany Mary*, entre outros.

Considerando um antropônimo como um enunciado verbal, este, numa visão *bakhtiniana*, estará sempre associado a um valor. Nessa perspectiva, os nomes próprios característicos de países de língua inglesa estão carregados de valores que influenciam os brasileiros a os adotarem como forma de entrarem em conjunção com um *objeto de valor*¹⁷, de satisfazerem um desejo de sofisticação cultural. Alicerçados no imaginário, esses nomes exercem o poder de proporcionar ao

¹⁶ Seriado norte-americano de televisão, exibido entre as décadas de setenta e noventa.

¹⁷ cf. Greimas (1975).

indivíduo designado uma mudança de vida, em uma tentativa de cisão com a história de vida marcada pela pobreza, frustrações, privações, etc. A decisão pelo nome de origem inglesa vislumbra a esperança de mudança do *status quo*, considerando-se que o idioma inglês está associado a um imaginário de superioridade e poder na sociedade brasileira (CUNHA, 2006, p. 95).

Nesse sentido, para Becchetti e Bizot (2001, p. 179), o

nombre próprio reside em el hecho de que siempre es la resultante de caracteres heredados o adquiridos del individuo y del lugar donde se proyectan los sueños y los deseos de quienes lo nombran.

Com isso, os sonhos e os desejos do nomeador frente à escolha nominal, referente ao inglês, se projetam fortemente de modo a motivar e convencionar a nomeação própria desejante. Esse fato

refleja una imagen del individuo, definida em el marco y em seno de una tradición y de hábitos onomásticos, al mismo tiempo que es um fantasma proyectado sobre el por la comunidad que lo rodea. Em este sentido se “pega” a la imagen que nos permite decir que es “próprio” de quien lo posee, mucho más que porque le sea “apropiado” semánticamente. (BECCHETTI; BIZOT, 2001, p. 179-180)

Diante do fato de a escolha ser motivada por muitas razões sociais e pessoais, o nome próprio estrangeiro se torna “apropriado” semântica e pragmaticamente, isto é, pelos significados específicos incorporados na nomeação. Assim, “en una palabra, el nombre es “próprio” no por su significación, sino por la imagen que el consenso social tiende a hacer coincidir com aquella” (BECCHETTI; BIZOT, 2001, p. 180). Essa imagem, por meio do consenso social, funciona como “estratégias, fonéticas, gráficas, y más generalmente poéticas”, tendo a caracterização apropriada marcada na nomeação pessoal (BECCHETTI; BIZOT, 2001, p. 180).

A identidade de uma pessoa passa a ser construída a partir do nome que lhe dão e faz parte desse processo o fato de o sujeito dessas enunciações ser sujeito que fala de uma posição ideologicamente configurada por outros discursos, configurados como um conjunto de vozes sociais, que se inter-iluminam, contrapõem-se parcial ou totalmente, diluem-se em outras, polemizam-se, explícita

ou implicitamente (FARACO, 2009). A título de ilustração, menciona-se, novamente, o prenome *Leidy Dayana*, alusivo à *Lady Diana*, já graficamente modificado. Esse processo de transição de uma língua para outra está relacionado ao que Bakhtin (1992, p.94) comenta a respeito da assimilação de uma língua estrangeira:

No processo de assimilação de uma língua estrangeira, sente-se a “sinalidade” e o reconhecimento, que não foram ainda dominados: a língua ainda não se tornou língua. A assimilação ideal de uma língua dá-se quando o sinal é completamente absorvido pelo signo e o reconhecimento pela compreensão.

Percebe-se um diálogo interno da palavra atravessada pelo discurso alheio, discurso este de ordem sócio-linguístico-cultural. Se ao recém-nascido é atribuído certo prenome por preferência a outro é porque o designador, geralmente os pais, identificou e apreciou, no indivíduo portador desse nome, virtudes que gostaria de ver em seu filho. Assim, a criança, de certa forma, é “avivada” para tais predicados, presentes na imaginação de seus genitores.

A opção pelo nome da princesa da Inglaterra, por exemplo, suscita no sujeito enunciator vozes referentes a padrões socialmente estabelecidos de beleza, moral, ética, política, independência feminina, modelo de maternidade, etc. A essa interação discursiva, dá-se o nome de relação dialógica: “O discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1998, p.88).

O nome próprio, enquanto palavra, deixa de ser uma unidade da língua e passa a ser um enunciado formado de sentidos e sempre dirigido a alguém. Ressalta-se que o ato de nomear recorta como memoráveis os nomes disponíveis como contemporâneos, próprios de sua época, porém carregados de outras vozes, o que quer dizer que uma enunciação que nomeia pode estar citando enunciações diversas do presente ou do passado e até mesmo fazendo referência ao futuro. Bom exemplo dessa situação são os nomes inspirados em figuras memoráveis da história da humanidade: *Greicykelli*, *Johnleno*, *Kenned*, *Thomas Jefferson*, *Michael* e suas variantes: *Maycon*, *Mayquel*, *Mayki* e *Micael* – todos coletados nesta pesquisa.

Na concepção de Bakhtin (1992), é nessa grande temporalidade que se identifica o entrecruzamento de diálogos. Daí infere-se que antropônimos advindos do nome da princesa *Diana* podem também estar associados a supostos discursos de valores negativos, os quais surgiram após sua separação do príncipe *Charles*,

sugerindo leituras temáticas ligadas à desobediência (ao palácio de *Buckingham*), à infidelidade/volubilidade ou ao egoísmo. Desse modo, numa perspectiva *bakhtiana*, diz-se que é o contexto que determina totalmente o sentido da palavra, apontando uma variedade de significações possíveis relacionadas aos possíveis contextos. Portanto, essa questão mostra que as nomeações cruzam-se num interdiscurso e marcam posições de sujeitos diferentes, como no antropônimo que faz alusão à princesa de Gales, da realidade, da celebridade, ressignificando no contexto sócio-econômico-cultural da família. Assim,

neste percurso cotidiano do funcionamento dos nomes o processo de identificação estabelece uma relação muito particular entre o nome a que se chega e a pessoa. Assim o nome acaba por funcionar, a partir de uma história de enunciações... (GUIMARÃES, 2005, p. 38)

Outro exemplo que se apresenta é o antropônimo *Johnleno*¹⁸, já adaptado graficamente ao português, referindo-se ao *ex-beatle* John Lennon. Esse nome faz ecoar as vozes da influência musical herdada por ancestrais da pessoa por esse nome designada. Vê-se inscrito na palavra um diálogo com uma memória que remete ao fato de o cantor ter sido consagrado como um grande ícone semeador da paz universal, por meio de letras musicais que veicularam mensagens indeléveis, que marcaram definitivamente a história da humanidade. A voz de John Lennon continua a ecoar, fazendo-se presente na memória discursiva¹⁹ como um antropônimo carregado de discursos valiosos para a formação do sujeito. Nomear um indivíduo com seu nome é, então, expressar um desejo de imortalizar um dos maiores ídolos da música de todos os tempos.

Ao serem recriados a partir de sua origem estrangeira, os nomes próprios, já com características do português brasileiro, concomitantemente representam o mesmo e o outro, o velho e o novo.

A forma como esses nomes materializam-se em nossa cultura demarca um fato a ser pensado, pois, ao serem adotados no Brasil, não são sempre registrados conforme o sistema de escrita da língua de origem; geralmente, eles passam por um processo de acomodação morfofonológica e gráfica que obedece ao sistema da língua portuguesa.

¹⁸ Exemplo retirado do *corpus* desta pesquisa.

¹⁹ Segundo Orlandi (2006, p.21), memória discursiva é o “já dito que constitui todo dizer”.

Nesse contexto, a apropriação linguística, dimensionada sociointerativamente, é um processo de retomada da palavra alheia, que não é exclusiva e total. As palavras que se usam provêm do discurso alheio e não ocorrem de modo isolado, são peças que formam o mosaico de enunciações completas de textos. As palavras não são neutras, vazias de sentido, “mas já alheias e com certa direção ideológica, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a práxis” (PÔNZIO, 2008, p.101).

Assim, no universo pesquisado por este trabalho, foi possível encontrar uma grande quantidade de nomes estrangeiros, bem como de nomes criados a partir desses modelos alienígenas ao padrão vernáculo e nomes vernáculos com grafia inspirada na ortografia de nomes originados do inglês.

2.4 Considerações finais

Discutiu-se nesta seção o uso de estrangeirismos como resultado de demandas sócio-históricas e suas relações com a identidade linguística de um povo. Mostrou-se que em decorrência das constantes transformações por que passa uma sociedade, seria uma falácia acreditar que o léxico da língua se conserve imune a quaisquer mudanças. Verificou-se que a presença de anglismos no léxico do PB também se estende à esfera antroponímica. Refletiu-se, ainda, sobre questões discursivas inerentes à designação de pessoas, pautadas, sobretudo, em conceitos derivados dos estudos do Círculo *Bakhtiniano*. Nessa direção, noções como signo, língua e palavra foram mobilizadas para a compreensão do antropônimo como enunciado, como unidade linguística constitutivamente formada por aspectos sócio-ideológicos.

O segundo eixo desta pesquisa passa a ser contemplado a partir da próxima seção, que traz em seu bojo uma análise comparativa entre as duas línguas em foco neste estudo.

3 A língua de partida, o IA e a língua de chegada, o PB

O objetivo desta seção é fornecer o instrumental teórico que servirá de apoio para a fundamentação das análises fonológicas dos dados que constituem o *corpus* desta pesquisa.

A análise dos dados terá como base uma abordagem comparativa entre a língua-fonte e a língua importadora, no que se refere às suas semelhanças e diferenças, tanto em termos fonológicos, como em termos da representação dessa fonologia a partir da escrita (a partir dos sistemas ortográficos adotados por cada uma).

Dadas as diferenças dos sistemas fonológicos e ortográficos das línguas fonte e importadora, podem acontecer interferências de uma sobre a outra, no momento da importação de nomes próprios do inglês para o PB ou da criação de prenomes inéditos, com base nesse modelo estrangeiro (STEINBERG, 2006, p.12).

Como esta pesquisa faz uma investigação nas adaptações oriundas da interferência da língua materna revelada por falantes brasileiros diante de prenomes em língua inglesa, faz-se necessário primeiramente conhecer os principais aspectos fonológicos da língua de origem e da língua receptora.

Inicialmente serão apresentadas questões de ortografia, tendo em vista a influência que a forma gráfica da palavra estrangeira original exerce nas acomodações de pronúncia. Em seguida, serão apresentados os sistemas sonoros de ambas as línguas, com o objetivo de verificar que tipos de ajustes no nível segmental são realizados pelos informantes do PB.

Em outro momento serão discutidos aspectos fonológicos de cunho supra-segmental, como estrutura silábica e posicionamento do acento, compreendidos como importante alicerce teórico para a avaliação dos dados deste trabalho. À luz da fonotática de cada língua, discutem-se possibilidades de formações silábicas, bem como quais e quantos segmentos podem ocupar as posições internas da sílaba. Sabe-se que a quantidade de segmentos admissíveis em cada posição varia de língua para língua e mesmo que essa quantidade coincida, a sequenciação é, geralmente, distinta. Essas divergências explicam, por exemplo, a sensibilidade dos falantes do PB ao realizarem, mesmo que inconscientemente, processos de

ressilabação ao articularem palavras em inglês que terminam em sílabas travadas por consoantes oclusivas.

3.1 Letras e sons

Segundo Cagliari (1999c, p. 64), a ortografia, nos sistemas de escrita das línguas, exerce principalmente duas funções: a primeira é “permitir a leitura”, através da noção de categorização funcional das letras, ou seja, das relações que se dão entre letras e sons, “que serve[m] para decodificar o sistema de escrita e permitir a leitura” (CAGLIARI, 2004, p. 144). O autor evidencia a grande diferença que há entre o processo de escrever ortograficamente (relações entre sons e letras), comparado com o de ler algo escrito ortograficamente (relações entre letras e sons), pontuando a variação linguística e a ortografia como fatores causadores dessa diferenciação, quando se consideram os processos de leitura e de escrita. A segunda função da ortografia - e a principal delas, segundo o autor - é anular a variação linguística no nível do léxico, em termos de pronúncia. Esta característica da ortografia é evidenciada pelo fato de que a escrita de sistemas ortográficos não corresponde a uma transcrição fonética, ou seja, a uma transcrição um a um dos sons correspondentes à palavra representada, mas a uma representação, ao mesmo tempo, baseada nos sons (uma vez que a base da escrita é fonográfica, utilizando letras) e nos significados (já que existem escritas alternativas para o mesmo grupo de sons, quando estes representam diferentes significados - e, portanto, diferentes signos).²⁰ Segundo o linguista, “com o passar do tempo, a variação linguística na fala conduz a mudanças que afastam cada vez mais o sistema de escrita de seu caráter fonográfico” (CAGLIARI, 2004, p.125). De acordo com os dialetos falados em um país, as palavras são pronunciadas de maneiras diferentes e é por essa razão que existe a ortografia, para “neutralizar a variação lingüística na escrita” (CAGLIARI, 2005, p.148).

Massini-Cagliari (2005a, p. 37) afirma que a categorização funcional das letras está mais atrelada às relações entre sons e letras, que são estabelecidas pela ortografia, do que com a designação das letras no alfabeto ou seu aspecto gráfico.

²⁰ Como exemplo, podem ser citadas escritas como “xeque” e “cheque”, “conserto” e “concerto”, em que a escolha de uma ou outra não se baseia na análise dos sons, mas no sentido que essa sequência de sons assume.

Sobre a complexidade dessa relação, Lado (1971, p. 132) explica que “um símbolo pode representar vários fonemas, o mesmo fonema pode ser representado por vários símbolos; às vezes há mais símbolos que fonemas, outras vezes há mais fonemas que símbolos, etc”.

Na introdução de sua obra *English Phonetics and Phonology*, Roach (2002, p.01) destaca que os estudos fonológicos do inglês são de suma importância para a aprendizagem da pronúncia do idioma, sobretudo em razão da “confusa” natureza de sua ortografia. Sobre esta suposta “confusão” da ortografia do inglês, Lado (1971, p. 137) afirma que:

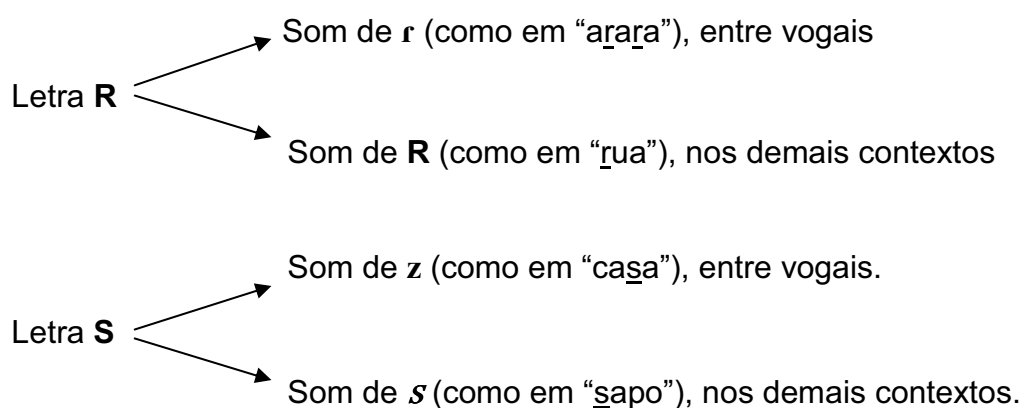
Em inglês [...] a relação entre sons e letras é muito complexa. [...] Na verdade, as incongruências da ortografia inglesa atual são tão numerosas que até mesmo os falantes nativos instruídos têm que se utilizar, com muita frequência, de um dicionário quando escrevem algo fora da prosa de rotina.

As reclamações sobre as chamadas “incongruências” do sistema ortográfico do inglês, muito embora incompreendidas, são generalizadas. Sobre o assunto, Drucker (1995, p. 11) comenta que “*the orthography of English is notoriously plagued by inconsistencies and peculiarities*”. É este mesmo tipo de percepção que expressa o texto “*Sounds and Letters disagree*”, retirado de Needleman (*apud* MASCHERPE, 1967, epígrafe):

*When the English tongue we speak,
Why is break not rhymed with freak?
Will you tell me why it's true
We say sew, but likewise few?
And the maker of the verse
Can not cap his horse with worse?
Beard sounds not the same as heard,
Cord is different from word.
Cow is cow, but low is low;
Shoe is never rhymed with foe
Think of hose and dose and lose,
And of goose and yet of choose.
Think of comb and tomb and bomb,
Doll and roll, and home and some,
And since pay is rhymed with say,
Why not paid with said, I pray?
We have blood and food and good;
Would is not pronounced like could.
Wherefore done, but gone, and lone?
Is there any reason known?
And, in short, it seems to me
Sounds and Letters disagree.*

Sabe-se que esse fenômeno abrange todas as línguas no mundo que possuem um sistema de escrita do tipo ortográfico. Os sons geralmente excedem o número de suas representações ortográficas, e no inglês essa característica se faz também presente, já que, por exemplo, uma única vogal pode apresentar várias possibilidades de pronúncia. Isto é o que acontece, nos padrões ortográficos dessa língua, com a letra “a”, por exemplo. Nos vocábulos *hate*, *father*, *have*, *any* e *saw*, <a> pode representar cinco formas distintas de realização: /eɪ/, /ɑ/, /æ/, /ɛ/ e /ɔ/, respectivamente.

Observa Cagliari (2004, p.125) que também na língua portuguesa não ocorre um relacionamento de simetria entre oralidade e escrita. A ortografia do português está muito distante de ser um “um sistema fonográfico puro”, constata o autor. À guisa de exemplificação, pode-se considerar os casos das letras “R” e “S”, que representam mais de um fonema no sistema ortográfico do PB, conforme o esquema abaixo.



(MASSINI-CAGLIARI, 2005b, p.127)

Cagliari (1999c, p. 360) explica que, “quase todas as letras têm outros sons, além do som básico, dependendo das letras que a antecedem ou a sucedem (contexto)” e menciona o caso da letra “A”, que,

em sílaba final de palavra oxitona, seguida de S ou Z (ou dos sons “s” ou “ch”, na fala, de acordo com o dialeto), tem o som de “ai” ou apenas “a”: no primeiro caso, tem-se uma fala mais “natural” e no segundo, uma fala mais “artificial” (dependendo sempre do dialeto). Exemplos: *rapaz*, *paz*, *atrás*, *Tomás*, etc.

Assim é que um falante, ao lidar com uma língua estrangeira, não sofrerá interferência de sua língua materna se a nova língua fizer uso de um sistema de escrita totalmente diferente daquele do seu, pois um novo sistema precisará ser aprendido. Este seria, por exemplo, o caso do português (cujo sistema de escrita é ortográfico, de base fonográfica) e do chinês (cuja escrita é ideográfica). Todavia, a interferência se fará presente sempre que as duas línguas comungarem do mesmo sistema alfabético, conforme revela Lado (1971, p. 133):

Indubitavelmente, se ambas as línguas usam os mesmos símbolos, como as letras do alfabeto latino, os problemas de aprender a escrever e a identificar os símbolos ficam automaticamente eliminados. Os únicos problemas que restam serão os de associar símbolos conhecidos a sons estranhos.

Desse modo, a fim de proporcionar maior clareza para o entendimento da influência da ortografia do PB na realização dos antropônimos advindos do inglês, apresenta-se abaixo um quadro contrastivo das relações entre algumas letras e sons nas duas línguas, segundo o modelo proposto por Steinberg (2006, p. 67).

Inglês			Português		
fonema	Exemplo	representação	fonema	Exemplo	representação
/p/	pan hiccough shepherd ape appear	p gh ph pe pp	/p/	pato	p
/b/	bear gibbon adobe bhang	b bb be bh	/b/	bola	b
/t/	Tip utter ate thames light doubt hoped	t tt te th ght bt ed	/t/	tela	t
/d/	Day add buddha fade robed	d dd ddh de ed	/d/	dedo	d

/k/	car back quick chorus ache occasion khaki acquire conquer spike speak	c ck q ch che cc kh cq qu ke k	/k/	casa aquarela aquele	c q qu
/s/	sun mass scene niece center goose castle psalm	s ss sc ce c se st ps	/s/	selo caça massa excelente máximo paz côncio cioso	s ç ss xc x z sc c
/ʒ/	pleasure rouge azure jacques regime	s ge z j g	/ʒ/	janela gelo	j g

<i>Inglês</i>			<i>Português</i>		
fonema	Exemplo	representação	fonema	Exemplo	Representação
/z/	zoo dessert xerox desert amaze buzz tzar czar	z ss x s ze zz tz cz	/z/	zero casa êxito	z s x
/e/	fate may fiancé fiancée raid they eight steak mae gauge	a ay é ée ai ey ei ea ae au	/e/	<u>e</u> le <u>h</u> elicóptero	e he
/ɔ/	ought floor awe	ou oo awe	/ɔ/	bola hora	o ho

	broad saw hall taught lord george maud	oa aw a au o eo au			
/ʊ/	pull book wolf would	u oo o oul			
/u/	shoe boo suit rude due do two shrewd soup	oe oo ui u ue o wo ew ou	/u/	<u>u</u> rs <u>o</u>	u

Quadro 3.1 - Relação letra e som inglês x português (STEINBERG, 2006, p. 67)

O quadro 3.1 esclarece o porquê de a ortografia exercer significativa influência na produção oral de anglicismos por parte de falantes brasileiros, na medida em que explicita as diferentes categorizações funcionais das letras na escrita do inglês e do português.

3.1.1 Quadro fonêmico das vogais

De modo geral, as vogais se diferenciam das consoantes por apresentarem qualidade acústica específica, forma de articulação própria e pelo papel que desempenham na constituição das sílabas, afirma Cagliari (2007, p. 51). O autor analisa que esses segmentos

são pronunciados com um estreitamento dos articuladores orais de tal modo abertos que a corrente de ar, passando por eles, não produz fricção local. [...] As vogais são sempre pronunciadas com a ponta da língua abaixada e com a superfície da língua em forma convexa. (CAGLIARI, 2007, p.45)

Descrição semelhante é apresentada por Pike (1976, p.13-14), em seus estudos pioneiros sobre o assunto. Definindo a vogal, o autor assinala: “*a vocoid²¹ is a sound which has air scaping from the mouth, over the center of the tongue (that is, not lateral), without friction in the month*”.

Alguns estudiosos, como Ladefoged (2006), Roach (2002), Steinberg (2006) e Câmara Jr. (2006[1970]), reconhecem uma certa imprecisão na descrição de articulação das vogais.

It is difficult to describe the tongue position of a vowel in one's own speech. In theory, [...] it is possible to make a vowel at any specified distance between any two other vowels. (LADEFOGED, 2006, p.85)

Em suas investigações sobre a língua portuguesa, Câmara Jr. (2006[1970], p.39), mostra que há, no nível fonético, muito maior complexidade, no que se refere ao sistema das vogais da língua oral, do que deixa entrever o nosso sistema de escrita, que conta apenas com poucos símbolos para a representação de vogais. O autor concebe a existência de cinco vogais no sistema de escrita do PB e sete fonemas em posição tônica.

Analogamente ao PB, as vogais do inglês são representadas exclusivamente por apenas cinco letras do alfabeto. Todavia, o número de fonemas vocálicos que elas representam é mais que o dobro de cinco, conforme será discutido mais adiante neste trabalho.

Conferindo ao acento papel determinante na classificação das vogais distintivas do PB, Câmara Jr. (2006[1970]) propõe um sistema triangular, de base para cima, apresentando a vogal /a/ no vértice mais baixo. Nesse sistema, a altura progressiva da língua, quer em posição anterior ou posterior, vai definir “a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas”. (CÂMARA Jr. 2006[1970], p. 41). A ilustração idealizada pelo autor para a posição tônica das vogais é a seguinte:

²¹ Em sua obra *Phonemics*, o autor faz distinção entre os termos vocóide e vogal, atribuindo ao primeiro uma conotação fonética e ao segundo uma conotação fonológica.

altas	/i/		/u/
médias	/e/		/o/ (2º grau)
médias	/ɛ/	/ɔ/	(1º grau)
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Quadro 3.2 - Vogais em posição tônica (CÂMARA Jr. 2006[1970], p. 43)

O diagrama acima mostra que os sete sons vocálicos do PB, quando em ambiente de tonicidade, geram oposições entre si, como por exemplo: m[a]ta, m[e]ta, m[ɛ]ta, m[i]ta, m[ɔ]ta, m[u]ta. No entanto, a presença de consoante nasal na sílaba seguinte à da vogal tônica faz desaparecer a oposição entre as vogais médias de 1º e 2º graus, permanecendo somente as médias de 2º grau. Por exemplo: v[e]nda, t[e]nda, m[o]nto, t[o]nto, ao invés de v[ɛ]nda, t[ɛ]nda, m[ɔ]nto, t[ɔ]nto. Nesse contexto, o PB apresenta um sistema de cinco vogais:

altas	/i/		/u/
médias	/e/	/o/	
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Quadro 3.3 - Vogais tônicas do PB em contexto pré-nasal (CÂMARA JR., 2006 [1970], p.43)

Sobre a nasalidade em PB, Câmara Jr. (2006[1970], p. 46) reconhece que “a língua portuguesa se caracteriza, entre as línguas românicas, por uma emissão nasal das vogais muitas vezes”. Na concepção do teórico, fonologicamente não existe vogal puramente nasal no PB, diferentemente do francês, em que se revela oposição distintiva, como em /b^õ/, *bon* (masculino), e /b^{on}/ (feminino), escrito *bonne*. O fonólogo atribui conceitos distintos para nasalidade e nasalização. O primeiro diz respeito à nasalidade fonológica, ou seja, há um valor distintivo, como nas palavras *cinto*, *junta*, *lenda*, *canto*, que se opõem a *cito*, *juta*, *leda*, *cato*. O segundo conceito

se refere a uma pronúncia levemente nasal, como em *ano, uma, tema*²², com possibilidade de emissão sem qualquer nasalização (CÂMARA JR., 2006 [1970], p.47). Desse modo, no entendimento do pesquisador, as vogais nasais do português são definidas como uma combinação tautossilábica de uma vogal oral mais um segmento nasal, não exatamente especificado, denominado pelo linguista de arqifonema nasal, cuja representação é /N/. Nesse contexto, a nasalização da vogal é obrigatória, pois resulta do travamento silábico por um segmento nasal pós-vocálico (CÂMARA JR., 2006 [1970], p. 47). Foneticamente esse elemento será o responsável pela realização nasal das vogais.

Cagliari (2007, p.64) defende que as vogais nasalizadas do PB possuem “qualidades vocálicas básicas semelhantes às das vogais orais correspondentes”, como indicado nos exemplos abaixo:

Vogais orais			Vogais nasalizadas correspondentes		
[i]	vi	[vi]	[ĩ]	vim	[vĩɲ]
[e]	vê	[ve]	[ẽ]	vem	[vẽɲ]
[u]	tatu	[tatu]	[ũ]	atum	[atũɲ]
[o]	robô	[xobo]	[õ]	bom	[bõɲ]
[a]	casa	[kaza]	[ẽ ã]	cama	[kẽmã]

Quadro 3.4 - . Vogais orais e suas correspondentes nasalizadas (CAGLIARI, 2007, p.64)

O quadro abaixo, contribuição de Silva (2007, p.91), demonstra a qualidade das vogais nasais tônicas em final e meio de vocábulos:

²² Acrescentam-se outros exemplos, como *panela, caneta, canela, pomada*, em que também se percebe a nasal sempre em posição de *onset* da sílaba seguinte. Neste caso, a nasalidade é opcional e configura-se como traço de variação dialetal (SILVA, 2007, p.93).

Vogais Tônicas Nasais				
Final de palavra			Meio de palavra	
[ĩ]	vim	['vĩ]	cinto	['sĩtu]
[ẽ]	(não há)		cento	['sêtu]
[ã]	lã	['lã]	santo	['sãtu]
[õ]	tom	['tõ]	conto	['kõtu]
[ũ]	jejum	[ʒe'ʒũ]	assunto	[a'sũtu]

Quadro 3.5 - Vogais tônicas nasais (SILVA 2007, p.91)

No que diz respeito à atonicidade das vogais do PB, de sete vogais na posição tônica o quadro se reduz a cinco, isto por causa da eliminação de algumas oposições, processo compreendido por Câmara Jr. (2006[1970], p. 43) como neutralização²³. A disposição das vogais pretônicas ocorre de forma análoga àquela das vogais tônicas seguidas de arquifonema nasal:

altas	/i/		/u/
médias		/e/	/o/
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Quadro 3.6 - Vogais pretônicas do PB (CÂMARA JR.,2006[1970], p.44)

A neutralização acontece entre as vogais médias de 1º e 2º graus, resultando na perda da distinção entre /ɛ/ e /e/ e /ɔ/ e /ɒ/, permanecendo as médias de 2º grau; em outras palavras, há fixação do [e] e do [o] no dialeto carioca investigado pelo autor, como se observa nas palavras *especial:especial*, *lavar:levar*, *arar:orar*, *pesar:pisar*, *rimar:rumar*, *moral:mural*.²⁴

²³ O termo foi originalmente utilizado pela fonologia de Praga, referindo-se à “perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica” (BATTISTI;VIEIRA, 2005, p. 172).

²⁴ Exemplos retirados de Callou e Leite (2003, p.80). Segundo as autoras, estudos linguísticos sobre a articulação das pretônicas nas diferentes regiões brasileiras apontam a predominância das pretônicas /ɛ/ e /ɔ/ entre os falantes das regiões norte e nordeste e o prevailecimento das pretônicas /e/ e /o/ nos dialetos das regiões sudeste e sul. Silva (2007, p. 82) discorre sobre o caso das palavras

As vogais médias-baixas são normalmente substituídas pelas médias-altas, cada vez que o vocábulo, originalmente composto por uma vogal média-baixa tônica, recebe sufixo que acarreta em deslocamento dessa vogal para posição pretônica. Este fato ocorre em 'b[ɛ]lo – b[e]'leza; 'f[ɔ]rma - f[o]rm'oso.²⁵

Verifica-se, ainda, um tipo de neutralização não fonológica, mas de teor variacional²⁶ entre as vogais pretônicas [e] e [i], por um lado, e [o] e [u], por outro lado, motivada pela harmonia vocálica, ou seja, por meio da assimilação²⁷ da altura da vogal presente na sílaba seguinte. É o que acontece, por exemplo, com as formas b[e]bida ~ b[i]bida, v[e]stido ~ v[i]stido, c[o]stume ~ c[u]stume, b[o]nito ~ b[u]nito, havendo predominância das altas na grande maioria dos dialetos do PB em contexto informal.

Oscilação semelhante ocorre com [e] e [o] pretônicos, em contexto de hiato com /a/ tônico, circunstância em que se realizam como vogais altas anterior e posterior, respectivamente, como se percebe nos verbos *passar* [pasiar] e *voar* [vuar]²⁸ (CÂMARA Jr. 2006[1970], p. 45).

Para a posição postônica não-final, o quadro de vogais torna-se ainda mais resumido, haja vista a neutralização que se dá entre as vogais posteriores /o/ e /u/, porém não entre as anteriores /i/ e /e/. Assim, é comum se ouvir *pér[u]la* e *íd[u]lo* para as palavras *pérola* e *ídolo* (CÂMARA Jr., 2006[1970], p.44).

derivadas pelos sufixos *-mente*, *-inh*, ou *-issim* que herdaram a pronúncia [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica sempre que o radical apresenta vogais de natureza idêntica. Estes são os casos de s[ɛ]ria e m[ɔ]le, por exemplo, que conservam pronúncia da média-baixa em seus derivados s[ɛ]ríssima e m[ɔ]linho em todas as variedades do PB.

²⁵ Exemplos retirados de Battisti e Vieira (2005, p. 173) e Câmara Jr. (2006[1970], p.43), respectivamente.

²⁶ Contemporaneamente, essas variáveis constituem-se objeto de estudos do Modelo Variacionista Laboviano. (BATTISTI;VIEIRA, 2005, p. 173)

²⁷ Segundo Cagliari (2007, p. 124) o processo de assimilação está relacionado à “redução de trabalho articulatório. [...] Tal redução significa que um segmento deixa de usar uma propriedade fonética que tinha e passa a usar uma propriedade fonética diferente, própria de seu vizinho”.

²⁸ Segundo Battisti e Vieira (2005, p. 173), nesse ambiente, “a elevação das vogais médias favorece a formação de um ditongo”.

altas	/i/		/u/
médias		/e/	/./
baixas		/a/	
	anterior	central	posterior

Quadro 3.7 - Vogais postônicas não-finais (CÂMARA JR., 2006[1970],p.44)

No que se refere à posição de maior atonicidade da sílaba, isto é, a postônica final, o triângulo das vogais fica restrito a apenas três segmentos (cf. quadro 3.8 abaixo), pois há neutralização entre as médias e as altas, com vantagem para as altas. O fenômeno se registra em *bat[i]*, *bat[u]*, *bat[a]*; *part[i]*, *part[u]*, *part[a]*, entre outros exemplos.

altas	/i/		/u/
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Quadro 3.8 - Vogais postônicas finais do PB (CÂMARA JR., 2006[1970], p. 44)

Em seus estudos sobre o sistema sonoro do PB, Azevedo (1981, p. 11) apresenta o seguinte quadro de traços distintivos para os fonemas vocálicos:

	/ i	e	ɛ	a	ɔ	ɔ	u /
[high]	+	-	-	-	-	-	+
[low]	-	-	+	+	+	-	-
[front]	+	+	+	-	-	-	-
[back]	-	-	-	-	+	+	+

Quadro 3.9 - Traços distintivos das vogais em PB (AZEVEDO, 1981, p. 11)

À guisa de exemplificação, Cagliari (2007, p.61) propõe o quadro abaixo com as realizações das vogais do PB, tendo como referencial o dialeto paulista, porém

esclarecendo que os valores são aproximadamente iguais em outras regiões do país. Em seguida, o autor apresenta um diagrama²⁹, apontando a localização dessas vogais.

Vogais	Exemplos	Transcrição
[i]	vi	[vi]
[ɪ]	chove	[ʃɔvi]
[e]	vê	[ve]
[ɛ]	pé	[pɛ]
[a]	cada	[kada]
[ɐ]	cama	[kɐma]
[ɔ]	pó	[pɔ]
[o]	robô	[xobo]
[ɔ̃] ³⁰	tudo	[tudɔ̃]
[u]	urubu	[urubu]

Quadro 3.10 - Realizações das vogais em PB (CAGLIARI, 2007, p.61)

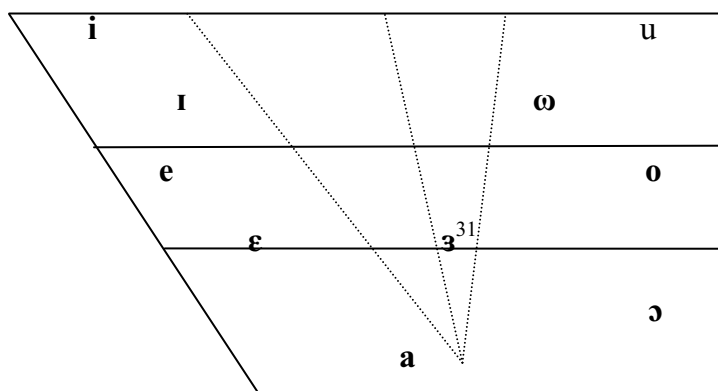


Figura 3.1 - Localização das vogais em PB (CAGLIARI, 2007, p.61)

²⁹ Segundo Steinberg (2006, p.14), esse diagrama das vogais é conhecido coloquialmente por "Oscar". Trata-se "de uma ampliação de um diagrama inserido no desenho esquemático do aparelho fonador".

³⁰ Esse símbolo correspondente ao [u] no IPA.

³¹ Este símbolo tem sido atualmente tratado no padrão IPA como ɐ.

Quando se trata das representações do quadro de vogais do inglês, a determinação do número de fonemas não é ponto pacífico entre os estudiosos do tema (JONES; LAVER, 1973, p.89). Considerando que o inglês adotado nesta pesquisa é o norte-americano, por razões previamente explicitadas, optou-se pelos pressupostos teóricos de Ladefoged (2006). De acordo com o autor, as vogais inglesas podem ser transcritas de maneiras diferentes, em parte devido aos vários dialetos que divergem entre si e em parte por não haver uma forma precisa de se descrever sequer uma única variedade do inglês.

O foneticista americano explica que é difícil descrever a posição de uma vogal na produção da fala de um indivíduo e compara o processo com a emissão de consoantes:

There are no distinct boundaries between one type of vowel and another. When talking about consonants all categories are much more distinct. [...] Vowels are different. It is perfectly possible to make a vowel that is halfway between a high vowel and a mid vowel.
(LADEFOGED, 2006, p. 85)

No que se refere ao inventário de fonemas vocálicos do inglês, o autor propõe o quadro³² (3.11) abaixo, em que indica duas colunas: a primeira com vogais presentes no inglês norte-americano e a segunda com as vogais relativas ao inglês britânico, demonstrando, com isso, a quase inexistência de diferença entre as duas variedades da língua nesse contexto:

³² O autor esclarece que o quadro proposto não é geral, mas se aplica ao inglês falado por grande parte dos americanos, bem como por um grande número de falantes britânicos. O quadro é construído a partir de pares mínimos, enfocando os sons em questão. Por este motivo, ocorrem espaços, que correspondem à inexistência do som, no contexto do par mínimo específico.

1	2					
i	i	heed	he	bead	heat	keyed
ɪ	ɪ	hid		bid	hit	kid
eɪ	eɪ	hayed	hay	bayed	hate	cade
ɛ	ɛ	head		bed		
æ	æ	had		bad	hat	cad
ɑ	ɑ	hard		bard	heart	card
ɑ	ɒ	hod		bod	hot	cod
ɔ	ɔ	hawed	haw	bawd		cawed
ʊ	ʊ	hood				could
oo	əʊ	hoed	hoe	bode		code
u	u	who'd	who	booed	hoot	cooed
ʌ	ʌ	hudd		bud	hut	cud
ɜ	ɜ	herd	her	bird	hurt	curd
aɪ	aɪ	hide	high	bide	height	
au	au		how	bowed		cowed
ɔɪ	ɔɪ		(a)hoy	boyd		
ɪr	ɪə		here	beard		
ɛr	ɛə		hair	bared		cared
aɪr	aə	hired	hire			
note also						
ju	ju	hued	hue	bude		cued

Quadro 3.11 - Símbolos para transcrição de vogais contrastivas em inglês (LADEFOGED, 2006, p.39)

A figura abaixo representa a qualidade auditiva relativa de algumas vogais do padrão adotado por jornalistas americanos, modelo conhecido como *Standard American Newscasters English*.

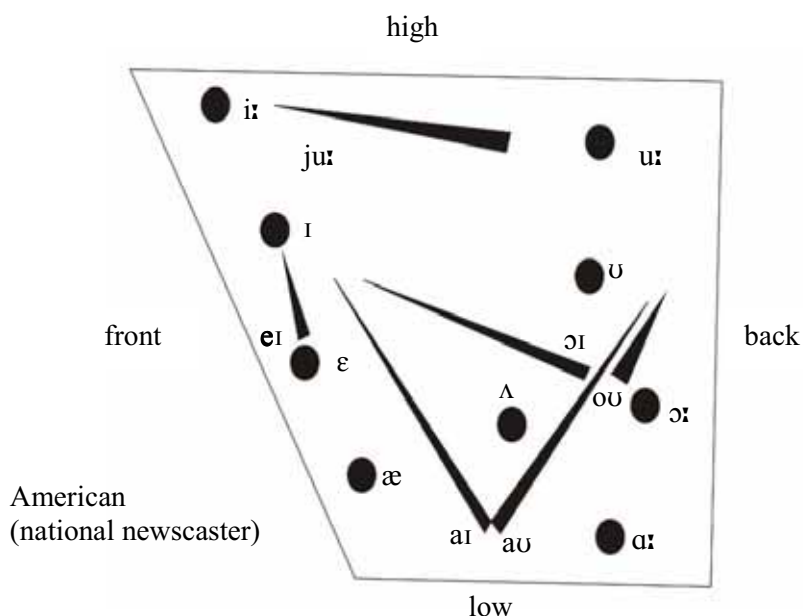


Figura 3.2 - Qualidade auditiva de algumas vogais do Standard American Newscaster English (LADEFOGED, 2006, p.88)

O linguista explica que os pontos sólidos representam as vogais tratadas como monotongos e as linhas representam movimentos envolvidos nos ditongos. Os símbolos que se referem aos ditongos estão posicionados próximos às suas origens.

A respeito do som de vogal reduzida [ə], não incluso na figura (3.2) acima, Ladefoged (2006, p. 94) explica que esse símbolo pode ser utilizado para especificar uma série de qualidades de vogais médias-centrais e relaciona a ocorrência da vogal a palavras de função gramatical, em geral, prosodicamente reduzidas, como artigos e preposições: *to*, *the*, *at* [tə, ðə, ət]. Igualmente aponta a realização do [ə] em final de palavras como *sofa* e *China* ['sɒfə, 'tʃaɪnə] e *better* e *farmer* ['betə, 'fɑmə], em contexto de falantes britânicos, os últimos pares. Já no inglês americano, palavras derivadas que carregam o sufixo “er” são representadas por som de qualidade bem próxima, porém “colorido com a adição de r”, representado por [ɚ], conforme explica o foneticista: “*in American English the vowel at the end of words with -er spelling is usually [ɚ], a very similar quality, but with added r-coloring*” .

Alguns exemplos³³ da vogal reduzida em palavras gramaticais são fornecidos por Celce-Murcia, Brinton e Goodwin (1996, p.377) em contexto de enunciados:

³³ Cf. lista extensa de exemplos em Celce-Murcia, Brinton e Goodwin (1996, p. 377-379).

(3.1)

- | | | |
|------|--|-------|
| i) | Long live rock <u>and</u> roll | [ən] |
| ii) | There are five <u>or</u> six people coming | [ər] |
| iii) | It's <u>as</u> cold as ice. | [əz] |
| iv) | Alaska is bigger <u>than</u> Texas. | [ðən] |
| v) | You're looking <u>for</u> trouble | [fɔː] |
| vi) | That's the best <u>of</u> all. | [əv] |

O pesquisador britânico Roach (2002, p.83) faz o seguinte comentário sobre a vogal reduzida do inglês:

The most frequently occurring vowel in English is /ə/, which is always associated with weak syllables. In quality it is mid (that is, half-way between close and open) and central (that is, half-way between front and back). It is generally described as lax, that is, not articulated with much energy)

Tradicionalmente conhecida por *schwa*³⁴, explicam Godoy, Gontow e Marcelino (2006, p. 161) que o termo foi originalmente cunhado pelos alemães, sempre que se referiam às sílabas fracas: *Schwaches assupruch* (*weak pronunciation*).

Os autores enfatizam que, de modo geral, as sílabas não acentuadas do inglês são articuladas como [ə]:

(3.2)

- | | |
|------|-----------------------|
| | /ə/ /ə/ |
| i) | Braz <u>í</u> lian |
| | /ə/ |
| ii) | J <u>é</u> alous |
| | /ə/ /ə/ /ə/ |
| iii) | Prop <u>ó</u> rtional |
| | /ə/ |
| iv) | m <u>í</u> nute |

³⁴ Segundo o *Novo Dicionário Aurélio* (1986, p. 1800), o termo é de etimologia hebraica - *schwa* (xué) "nada". Linguisticamente se refere a uma "vogal de timbre indistinto, produzido com uma elevação mínima da parte central da língua, e que, no vocalismo do português europeu, corresponde ao chamado e neutro".

Crystal (1997, p. 241) interpreta o *schwa* como um segmento vocálico e assim descreve os articuladores quando de sua realização: “*the centre of the tongue raised between half-closed and half-open; lips neutrally spread; no firm contact between rims and upper molars*”.

Com base em pressupostos teóricos da Geometria de Traços, Cagliari (1997, p.26) propõe a seguinte análise para o *schwa*: “a vogal /ə/ tem os seguintes traços: [-open] [+open1 -] [+open2 -] [+open3 +] [-lab] [-cor] [-dor]” ou, no caso de sub-especificação, o segmento apresenta os seguintes traços: “[+open 3+] [-cor] [-dor]”.

Em criteriosa pesquisa desenvolvida sobre o assunto, Bolela (2002, p. 87), explica que:

O *schwa*, como resultante fonética da aplicação de processos rítmicos de redução vocálica, está presente em vários aspectos do sistema fonético-fonológico do inglês, constituindo-se, dessa forma, em um aspecto fundamental para o entendimento de sua pronúncia.

A autora atribui o bom desempenho oral e auditivo do falante estrangeiro de inglês à internalização dos possíveis contextos de produção do *schwa* e à função que este exerce na organização sonora do idioma (BOLELA, 2002, p. 87).

Na língua portuguesa, essa é uma vogal que não faz parte de sua matriz fonológica, ocorrendo exclusivamente no nível fonético em ambiente de português europeu, configurando, portanto, como uma das grandes diferenças entre a variedade de Portugal e a variedade brasileira (MATEUS et al. 1990, p. 330). Assim, infere-se que a presença da vogal reduzida no português europeu venha favorecer a aquisição da língua inglesa por falantes portugueses, hipótese de pesquisa desenvolvida por Bolela (2002).

Há linguistas que defendem a ocorrência do *schwa* no PB, a exemplo de Silva (2007, p.81) e Steinberg (2006, p.24), que percebem a existência da vogal na pronúncia típica do <a> ortográfico em posição átona.³⁵ Observa-se, todavia, recordando Câmara Jr. (2010[1969], p. 27), que a redução vocálica na fonologia brasileira se processa com relação ao **e** e **o** que, de fato, são realizados como [i] e

³⁵ Esse é o caso, por exemplo, da pronúncia do **a** ortográfico pretônico no dialeto carioca em palavras como *abacaxi* [əbəkəʃi] (SILVA, 2007, p.81) e em *amigo* [əmigu] (STEINBERG, 2006, p.24).

[u] em certos ambientes de atonicidade, “embora não tenham evidentemente o mesmo timbre de /i/ e /u/ tônicos”.

Ladefoged (2006, p.94) argumenta que a atonicidade das vogais do inglês não implica necessariamente em qualidade de redução completa. O autor esclarece que todas as vogais do inglês podem ocorrer em posição átona de sílaba em forma não reduzida, sendo plenamente articuladas. Muitas podem ocorrer nas três formas, conforme disposto no quadro³⁶ a seguir:

Vogais	Sílabas tônicas	Sílabas átonas	Sílabas reduzidas
i	appreciate	creation	deprecate
ɪ	implicit	simplistic	implication
eɪ	explain	chaotic	explanation
ɛ	allege	tempestuous	allegation
æ	emphatic	fantastic	emphasis
ɑ, ɒ	demonstrable	prognosis	demonstration
ɔ	cause	causality	
oo, əʊ	invoke	vocation	invocation
ʊ	hoodwink	neighborhood	
u	acoustic	accoustician	
ʌ	confront	umbrella	confrontation
ɜ, ɝ	confirm	verbose	confirmation
aɪ	recite	citation	recitation
aʊ	devout	outsider	
ɔɪ	exploit	exploitation	
ju	compute	computation	circular

Quadro 3.12 - Exemplos de vogais em posições tônica, átona e reduzida (LADEFOGED, 2006, p.94)

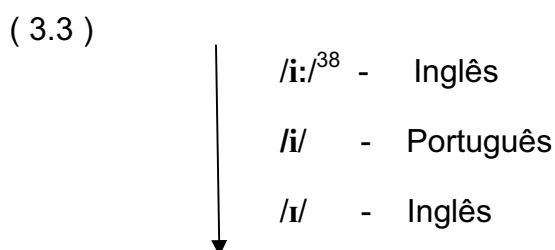
Ainda segundo Ladefoged (2006), há variação de pronúncia entre os diferentes dialetos nos Estados Unidos, pois alguns falantes nem sempre usam a forma reduzida da vogal, fazendo opção por uma pronúncia mais parecida com a aquela expressa na terceira coluna. O autor deixa clara a ocorrência de alofonia nesse sentido e confere elevado grau de complexidade à questão:

³⁶ As vogais consideradas em cada palavra estão destacadas em negrito.

The rules accounting for the allophones are very general in the sense that they account for thousands of similar alternations among English words. But they are also very complicated. They have to account for the blanks in the fourth column, which show that some vowels can be completely reduced but others cannot. (LADEFOGED, 2006, p.95)

Habitualmente propensos à emissão plena de vogais nos contextos tônico e pretônico, os falantes do PB transferem essa propriedade quando em contexto de língua inglesa, fazendo a substituição do *schwa* por vogal de sua língua materna que lhes parece ser mais próxima dentro da estrutura geral do PB. A tendência à permutação é, em grande parte, explicada pela sugestão da grafia na língua de origem. Registra-se como exemplo, a palavra inglesa *crystal* ['krɪstəl], que em PB é pronunciada [kris'taʊ].³⁷ Ajustes dessa natureza foram identificados nesta pesquisa e serão posteriormente tratados na seção de análise do *corpus*.

Na realidade, os falantes brasileiros encontram dificuldade na realização fiel do timbre original das vogais exclusivas do inglês em função da não existência de oposição desses segmentos sonoros a outros no sistema fonológico do PB. Acabam não discernindo, por exemplo, os sons de [i] e [ɪ], por entenderem que são alofones do mesmo fonema /i/. Segundo Godoy, Gontow e Marcelino (2006, p. 168), /i/ é geralmente chamado de “i” longo e /ɪ/ de “i” breve, apresentando articulações mais e menos altas, respectivamente. No olhar dos autores, a emissão da vogal /i/ do PB ocorre em ponto de altura intermediário, com relação às do inglês e sugerem a seguinte ilustração:



No esquema acima, a seta apontada para baixo está associada à altura da vogal, partindo da mais alta para a mais baixa, indicando a língua de ocorrência

³⁷ Exemplo retirado de Assis (2007, p. 76).

³⁸ O símbolo : é um diacrítico suprasegmental que indica maior duração. (cf. IPA no anexo).

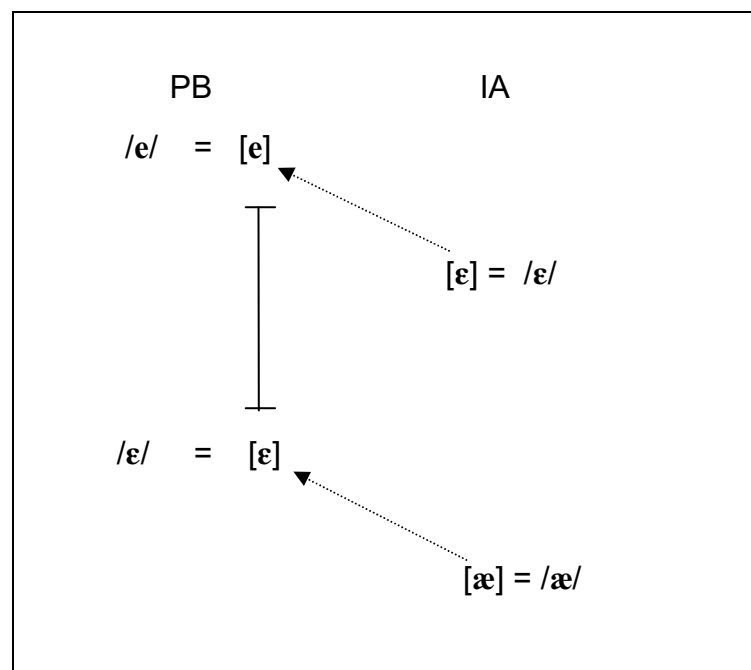
paralelamente. Em função da distinção existente somente na língua estrangeira, os brasileiros falantes de inglês, de modo geral, não estabelecem diferença, por exemplo, entre os pares mínimos *sit-seat* [sɪt-sit] e *hill-heal* [hɪl-hil], neutralizando o contraste que há em cada par.

Do mesmo modo, a vogal baixa anterior /æ/ do inglês é normalmente realizada pelo falante do PB como [ɛ], desaparecendo, portanto, oposições distintivas entre palavras como *bat* [bæt] e *bet* [bɛt]; *mat* [mæt] e *met* [mɛt].

Azevedo (1981, p.61) faz as seguintes considerações sobre os fonemas /e/ e /ɛ/ do PB vs. /e/ e /æ/ do inglês:

In the range of front mid vowels, Portuguese offers a contrasting pair, /e/ and /ɛ/, whose members are farther apart than is the case with the English vowels /e/ and /æ/. Furthermore, Ptg. /e/, /ɛ/ are respectively higher than Eng. /e/, /æ/.

Visando a ilustrar suas reflexões, o autor (AZEVEDO, 1981, p.61) apresenta o seguinte diagrama:



Quadro 3.13 - Vogais /e/, /ɛ/ do PB vs. /e/, /æ/ do IA (AZEVEDO, 1981, p.61)

Ainda no campo de produção das vogais anteriores do inglês, Mascherpe (1967, p.87), em pesquisas pioneiras no Brasil sobre o assunto, explica que tais fonemas podem ser realizados de forma breve ou longa. O que vai determinar a duração da emissão da vogal é o ambiente em que está inserida. Será breve se seguida de consoante desvozeada e longa diante de consoante sonora. Nesse sentido, o autor declara que “as variantes de uma vogal, longas ou breves, estão condicionadas à vibração, ou não, das cordas vocais, na realização da consoante que as segue”. Uma vez que tal fato não se verifica em PB, seus falantes nativos tendem a produzir com a mesma duração as vogais de palavras como *cap* e *cab*, *sat* e *sad*, *sack* e *sag*. O autor assinala que essa diferença fonética não compromete o entendimento da comunicação, apenas “denuncia sotaque estrangeiro daquele que fala”.

Sobre a duração da vogal anterior baixa do inglês, Steinberg (2006, p.24) comenta que o prolongamento desse segmento poderá ocorrer das seguintes formas: [æ], [æ.], [æ:] ou [æ::].

(3.4)

/æ/ + oclusiva surda	<i>pat</i>	→	[æ]
/æ/ + fricativa surda	<i>pass</i>	→	[æ.]
/æ/ + oclusiva sonora ou nasal	<i>pad, pan</i>	→	[æ:]
/æ/ + fricativa sonora	<i>paths</i>	→	[æ::]

No que diz respeito às vogais posteriores do inglês, Mascherpe (1967, p. 89) observa que, normalmente, não há possibilidade de ocorrência de erro fonêmico entre a posterior, superior mais alta /u/, a posterior média alta /o/, assim como a posterior média baixa /ɔ/, pelo fato de esses segmentos fazerem parte dos sistemas sonoros de ambas as línguas. Entretanto, a não existência da posterior superior mais baixa /ʊ/ como vogal distintiva no quadro fonêmico do PB leva seus falantes a incorrerem em erros fonológicos, pois os sujeitos são inclinados a substituir tal segmento por aquele que julgam mais próximo na organização sonora de sua língua

mãe. Em outras palavras, tendem a fazer a substituição da vogal posterior superior mais baixa /ʊ/ pela vogal posterior superior mais alta /u/ do PB, prevalecendo essa pronúncia em pares mínimos como *fool-full* [ful-ful], *pool-pull* [pul-pul], anulando a oposição fonêmica existente entre os pares.

Em suas investigações sobre a temática, Azevedo (1981, p.67) colabora com as seguintes diagramações:

(3.5)

PB. /u/ = [ʊ]	IA /u/ = [ʊ]
pular	pull
ocultar	bull
funil	full

(3.6)

PB /u/ = [u]	IA /u/ = [ʊ]
pus	puss
luz	look
cru	crook

Os exemplos em (3.5) e (3.6) acima revelam a não correlação fonêmica entre o inglês e o PB, demonstrando que a realização da vogal /u/ inglesa só acontece, de modo semelhante no PB, apenas foneticamente, em posição de sílaba átona.

Feito esse breve estudo sobre os segmentos vocálicos do inglês e do PB, para um melhor entendimento do assunto em foco, faz-se necessário investigar igualmente os fonemas consonantais relativos a cada língua em particular.

3.1.2 Quadro fonêmico das consoantes

Colocando de forma simples, Roach (2002, p.10) se refere às consoantes como sons emitidos com dificuldade ou com impossibilidade da passagem de ar através da boca. Segundo o autor, a principal distinção entre vogal e consoante não reside na forma como são realizadas, mas em suas diferentes distribuições. Esse argumento é compartilhado com Pike (1976, p.62), que, em suas premissas, diz: “the dichotomy between vowel and consonant is not strictly an articulatory one but is in part based on distributional characteristics”.

Massini-Cagliari (2005b, p.121-122) entende as consoantes como

sons que apresentam contatos ou constrictões no aparelho fonador facilmente analisáveis, sobretudo pela repetição da articulação em comparação com gestos semelhantes e próximos.

Ainda em seus estudos fonéticos, Cagliari (2007, p.29) explica sobre a articulação dos segmentos consonantais:

A língua pode obstruir completamente a passagem da corrente de ar ou pode formar uma passagem estreita, de tal modo que o ar, ao passar pelo estreitamento, produz uma fricção local.

Na interpretação de Câmara Jr. (2006[1970], p.48), o sistema consonântico português é constituído por 19 fonemas, enquanto que o sistema proposto para os mesmos segmentos em inglês é composto por 24 unidades (LADEFOGED, 2006; AZEVEDO, 1981; MASCHERPE, 1967). Abaixo apresentam-se os quadros daquela e desta língua, respectivamente:

/p/	roupa	/ʃ/	queixo
/b/	rouba	/ʒ/	queijo
/t /	rota	/m/	amo
/d/	roda	/n/	ano
/k/	roca	/ɲ/	anho
/g/	roga	/l/	mala
/f /	mofo	/ʎ/	malha
/v/	movo	/R/	erra
/s/	assa	/r/	era
/z/	asa		

Quadro 3.14 - Consoantes do PB com base em Câmara Jr. (2006 [1970], p.48), adaptado ao IPA.

b	buy	ŋ	rang
d	die	f	fie
g	guy	θ	thigh
p	pie	s	sigh
t	tie	ʃ	shy mission
k	kite	h	high
w	why	v	vie
j ('y')	—	ð	thy
l	lie	z	zion mizzen
r	rye	ʒ	vision
m	my ram	tʃ	chime
n	nigh ran	dʒ	jive

Quadro 3.15 - Consoantes do inglês com base em Ladefoged (2006, versão em CD-Rom)

Por meio do contraste entre os dois quadros acima é possível detectar semelhanças e diferenças entre as duas línguas. O fato de ocorrerem fonemas em inglês que são inexistentes em PB justifica as acomodações realizadas pelos falantes brasileiros em contexto de produção oral na língua estrangeira.

Nesse aspecto, Lado (1981, p.2) analisa a influência do sistema sonoro da língua materna (L-1) no processo de aquisição dos sons da língua-alvo (L-2):

The learner initially processes and interprets those sounds in terms of his own phonological system. When he attempts to speak L-2, he resorts to approximations of those sounds based on his interpretation, and consequently the phonetics of his rendering of L-2 will contain features of L-1.

Pike (1976, p.57) imagina que o ouvido do falante estrangeiro fica “surdo” com relação aos sons alienígenas da nova língua. Por esse motivo, o indivíduo é inclinado a ouvir e a produzir apenas sons que lhes são familiares. Explica o linguista norte-americano: *“Untrained foreigners do not intuitively recognize native sound units. On the contrary they are usually “deaf” to some of the native sound units and tend to “hear” only their own, even when the native is speaking.”*

Isso ocorre, conforme relatado anteriormente, em função do ponto de articulação de um fonema específico do inglês ser próximo ao ponto de realização de um segmento em PB, o que inevitavelmente acarretará em substituição do novo som por aquele de maior semelhança em sua própria língua. Esse é o caso, por exemplo, dos fonemas interdental surdo e sonoro do inglês, /θ/ e /ð/, respectivamente. Numa primeira tentativa de realização, o falante do PB pode utilizar /s/, uma vez que sua emissão se dá em ponto de articulação próximo e também por se tratar de uma consoante fricativa, sibilante, alveolar, desvozada (STEINBERG, 2006, p.12). Adaptação dessa natureza é identificada, com frequência, em palavras como *thank* [θæŋk] que, em geral, é produzida pelos falantes do PB realizando a troca do fonema /θ/ por /s/, resultando na palavra *sank* (passado do verbo *sink*). Outras vezes, os falantes fazem a permuta do som em inglês pelos fonemas do PB /f/ e /t/. Este é motivado pela ortografia da língua de origem, em que /θ/ é sempre representado por <th>, e aquele, pela proximidade *articulatória* da interdental inglesa.

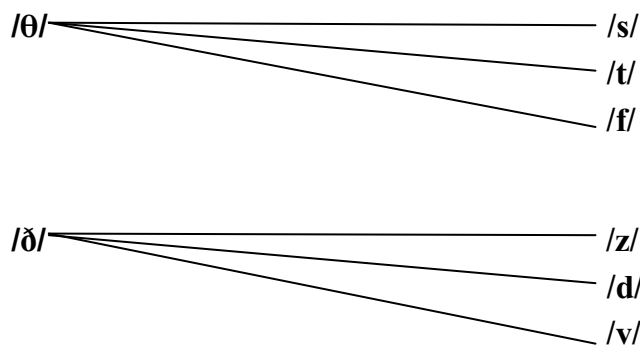
Para Câmara Jr. (2006[1970], p.35), certas adaptações podem gerar constrangimento e até mesmo provocar riso. Na crença do autor, o maior problema do falante de língua estrangeira

não é a rigor a má reprodução dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos fonemas, sem insinuar, sem sentir os traços distintivos mais ou menos semelhantes da língua materna, às vezes com confusões perturbadoras e cômicas.

Para exemplificar seu raciocínio, o fonólogo cita a palavra *thin*, que, ao ser pronunciada por um falante nativo de língua portuguesa, pode ter sua semântica modificada, como acontece em frases do tipo “*it is thin*” (é *delgado*) pode soar como “*it is tin*” (é *uma lata*), ou “*it is sin*” (é *pecado*)” (CÂMARA Jr., 2006[1970], p.35-36).

Sobre as possíveis adaptações das fricativas interdentalis surda e sonora do inglês, por nativos de PB, Steinberg (2006, p.20) apresenta a seguinte ilustração:

(3.7)



Segundo a autora, por meio de estudo da proximidade de articulação é possível prever que os fonemas do inglês, à esquerda no diagrama acima, serão substituídos pelos fonemas do PB, dispostos à direita no digrama.

No que tange à fricativa interdental sonora /ð/, é comum observar-se entre os falantes do PB pronúncia do tipo [dɛɪ] (própria da palavra *day*) referindo-se ao pronome *they* [ðɛɪ], assim como [dɔuz], (própria da palavra *doze*), para o demonstrativo *those* [ðɔuz] do inglês.

Analogamente, os fonemas /h/, /tʃ/, /dʒ/³⁹ e /ŋ/, sem ocorrência distintiva em PB, impelem seus falantes a adaptações de pronúncias.

Por se realizar de duas formas em início de palavras em IA, com aspiração e como zero fonético, o grafema <h> muitas vezes suscita dúvidas ao falante do PB,

³⁹ [tʃ, dʒ] existem em PB como realizações dos fonemas /t, d/, respectivamente. Não estabelecem oposição com estes, portanto.

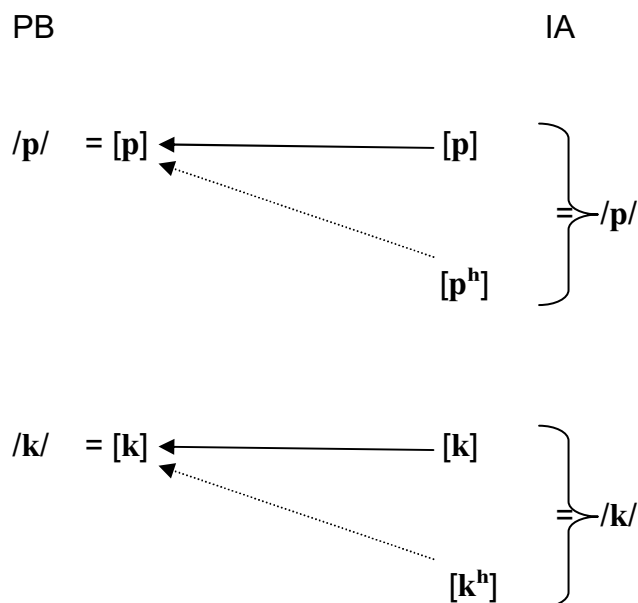
cuja pronúncia característica para essa posição é sempre zero fonético, no sistema de escrita desta língua.

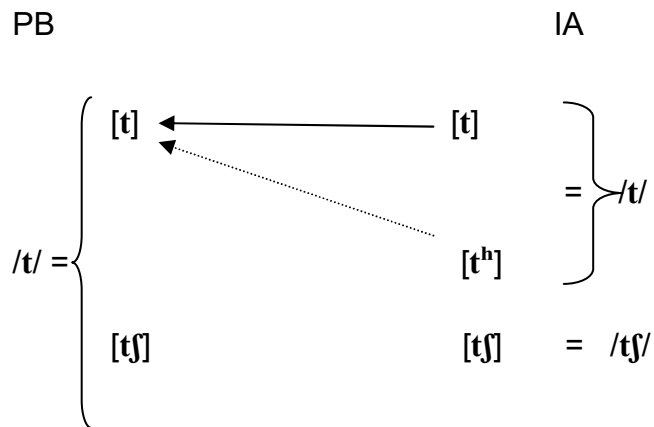
O'Connor (2006, p.37) apresenta a seguinte descrição sobre a realização do grafema <h> em língua inglesa:

*In order to make /h/-sounds, the mouth is held ready for the vowel and a short gasp of breath is pushed up by the lungs. /h/ does not make very much noise, but it must not be left out of when it should be sounded. [...] Many words are distinguished by the presence or absence of /h/, like **here** and **ear**.*

A aspiração em língua inglesa também é característica das oclusivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/ em posição inicial ou em sílaba tônica (GODOY; GONTOW; MARCELINO, 2006, p. 92). Tal propriedade, ausente no PB, leva seus falantes a emitirem pronúncia marcada por sotaque estrangeiro, porém sem danos para a comunicação. O diagrama abaixo, fundamentado em Azevedo (1981, p.76), ilustra esquematicamente a correlação que envolve as oclusivas desvozeadas em ambas as línguas:

(3.8)





Os falantes brasileiros costumam associar a produção aspirada do /h/ com a emissão da fricativa glotal [h] ou da fricativa velar [x] do PB. Nota-se, ainda, idêntico processo diante de anglicismos iniciados pelo grafema <r>, sempre produzido nessa posição como um som retroflexo na língua inglesa.⁴⁰ Em vista disso, os falantes do PB acabam não distinguindo entre os fonemas /h/ e /r/, conferindo a mesma pronúncia a pares mínimos como *hat-rat* [hæt-ɹæt], *hot-rot* [hɔt - ɹɔt] e *hide-ride* [haid-ɹaid].

A pronúncia retroflexa, semelhante à realizada em inglês, ocorre em contexto de PB em algumas regiões interioranas do país localizadas nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, principalmente (GODOY.; GONTOW; MARCELINO, 2006, p.77). Ressalta-se que em posição inicial de palavra esse som não costuma ser articulado em PB na grande maioria dos dialetos existentes.⁴¹

Na língua portuguesa, tradicionalmente, defende-se a ocorrência de dois tipos diferentes de “r” que se opõem fonologicamente somente em ambiente intervocálico (CALLOU; LEITE, 2003, p.74). Inicialmente adepto à ideia de existência da vibrante “r” como apenas um fonema, Câmara Jr. (2008[1953], p.79), revendo suas concepções em estudos posteriores, expõe seu raciocínio: “acho preferível hoje, portanto, aceitar a idiosincrasia do consonantismo português em reconhecer duas

⁴⁰ cf. Roach (2002, p.62).

⁴¹ Cagliari explica que esse som, que “não é raro no dialeto caipira”, pode aparecer em posição inicial de sílaba, como acontece, por exemplo, em *roda* [ɹɔɖa] (CAGLIARI, 2007, p.42-43).

vibrantes, que só se opõem em posição intervocálica, com neutralização em outras posições”.

Na ótica da Fonética, as denominadas *vibrantes múltiplas* (o “r” forte) apresentam variadas formas de realizações, conforme esclarece Cagliari (2007, p.44):

O que se escreve com R ou RR, seguindo o sistema ortográfico do Brasil, pode ter muitas pronúncias diferentes, dependendo do contexto lingüístico e do dialeto. Assim, o que se escreve com RR pode ter como pronúncia [r, R, x, Y, X, B, h, h̃] e o que se escreve com R pode ter como pronúncia [r, r̃, R, r, r̃, r̃̃, j̃, j̃, j̃, x, Y, X, B, h, h̃].

A vibrante simples (o “r” fraco), que é produzida com apenas uma batida da língua em direção aos alvéolos, é também conhecida por *tepe*⁴², simbolizada por [r].

Na língua inglesa americana também é possível identificar a presença da vibrante simples, conforme estudos de Ladefoged (2006, p. 63). O linguista assinala que a maioria dos falantes americanos produz como [r] as consoantes /t/ e /d/ entre vogais. Desta forma, palavras como *pity* e *ready* serão transcritas respectivamente como [pɪrɪ] e [ˌɹɛrɪ]. Cagliari (2002, p. 52) explica que essa característica, típica do falar norte-americano, é linguisticamente conhecida por *overlapping fonológico*. Segundo o autor, “trata-se de um caso de sobreposição alofônica”. Assim, os dois fonemas distintos /t/ e /d/ passam a apresentar somente o alofone [r]. O autor fornece os seguintes exemplos:

(3.9)

betting /betɪŋ/ [bɛrɪŋ]

bedding /bedɪŋ/ [bɛrɪŋ]

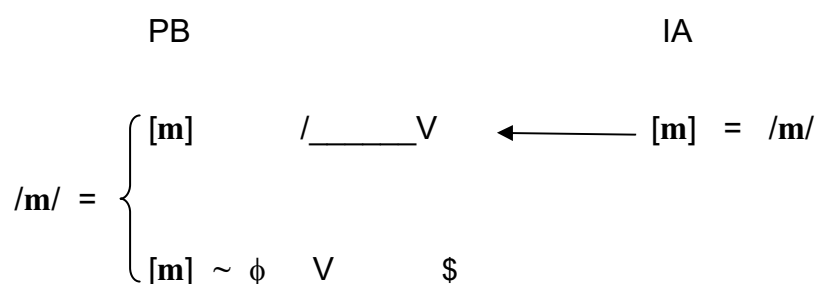
⁴² De acordo com Cagliari (2007, p.42), “alguns autores chamam o *tepe* de *flepe* ou *vibrante simples*”. No entanto, para este linguista o termo *flepe* fica reservado para “descrever um fato diferente da articulação do *tepe*”.

No âmbito das consoantes inglesas /tʃ/ e /dʒ/, sem equivalência no quadro de fonemas do PB, ocorrerá, via de regra⁴³, permuta por fricativas palatoalveolares /ʃ/ e /ʒ/, respectivamente. Isso acontece em razão de os segmentos africados do inglês só se realizarem no nível fonético em PB como alofones dos fonemas /t/ e /d/, respectivamente, diante da vogal anterior alta /i/. Segundo Cagliari (2002, p. 102) e Silva (2007, p.35), esse é um processo fonológico conhecido como *palatalização*.

Com relação aos fonemas nasais, verifica-se similaridade de realização fonética entre as duas línguas em contexto prevocálico, o que facilita a transferência de características articulatórias de uma língua para outra (AZEVEDO, 1981, p.77). Contudo, ajustes são evidenciados quando a nasal se encontra em posição pós-vocálica, de travamento silábico. Nesse contexto, os fonemas nasais /m, n, ŋ/ do inglês são plenamente articulados, diferentemente das nasais do PB, em cujo ambiente não se realizam. Na esfera fonética, a consoante nasal é excluída após espriar o traço nasal para a vogal antecedente. Sobre o assunto, Cagliari (2007, p. 97) assevera que “uma vogal será nasalizada obrigatoriamente, se for seguida de /N/, o qual, foneticamente é igual a zero, isto é, não se realiza como uma nasal”.

Azevedo (1981, p.77) apresenta o seguinte diagrama comparativo entre as nasais do inglês e do PB:

(3.10)



⁴³ Há falantes que em seu idioleto optam pela pronúncia original em inglês, como se observa nos casos de *chat* e *jingle* (Cf. FREITAS; RAMILO; SOALHEIRO, 2008). Esse fenômeno foi igualmente verificado na realização de antropônimos desta pesquisa (Cf. seção de análise dos dados).

$$\begin{array}{ccc}
 \text{PB} & & \text{IA} \\
 \\
 /n/ = \left\{ \begin{array}{l} [n] \quad / ______ V \\ [n] \sim \phi \quad V ______ \$ \end{array} \right. & \longleftarrow & [n] = /n/
 \end{array}$$

Ainda no campo das nasais, o quadro consonantal do inglês evidencia um terceiro fonema, o palatal /ŋ/, sem correlação fonêmica em PB. Nesta língua, tal segmento só se manifesta foneticamente como possibilidade de realização do arquifonema nasal /N/, como, por exemplo, em *banco* [bɛŋkɔ] (CAGLIARI, 2007, p. 39)⁴⁴.

A consoante lateral /l/, presente em inglês e em PB, também é motivo de adaptações para os falantes não nativos das duas línguas. Estudos de Azevedo (1981, p.78) revelam que tanto na posição pré-vocálica⁴⁵ quanto na pós-vocálica, as articulações ocorrem distintamente. Com relação àquela, explica o autor, a diferença é mínima e denota apenas ligeira pronúncia estrangeira. No que se refere a esta, a diferença é bastante relevante, já que no PB a lateral dental em coda silábica é normalmente produzida como glide posterior /w/, havendo também a possibilidade, em menor ocorrência, de pronúncia velarizada [ɫ].⁴⁶ Conforme Silva (2007, p. 63), essa é uma variante mais evidenciada na região sul do Brasil e em português europeu.

Ao processo de substituição segmental /l/ por /w/ dá-se o nome de vocalização⁴⁷. Sobre a ocorrência das laterais nas duas línguas em questão, Azevedo (1981, p.79) apresenta a seguinte ilustração:

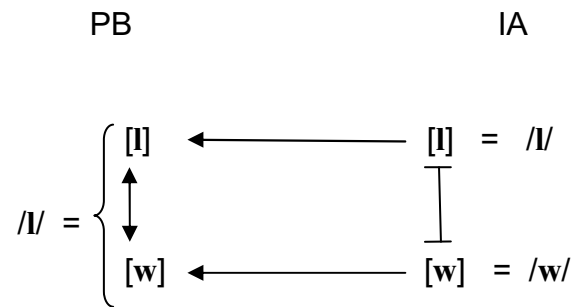
⁴⁴ Como já referido anteriormente, o símbolo [ɔ] equivale a [u] no padrão do IPA.

⁴⁵ Nesse contexto, explica Azevedo, (1981, p.78): “*Ptg. /l/ has a more anterior articulation, with the apex of the tongue touching the back of the front teeth and the blade on the alveolar ridge, while Eng. /l/ is articulated with the apex on the alveolar ridge*”.

⁴⁶ Segundo Cagliari (2007, p. 105), “a velarização consiste em um levantamento da parte traseira do dorso da língua em direção ao véu palatino, concomitantemente com uma outra articulação de menor estreitamento e que ocorre em outro lugar das cavidades supraglotais. Por isso, a velarização é sempre uma articulação secundária em relação à outra articulação”.

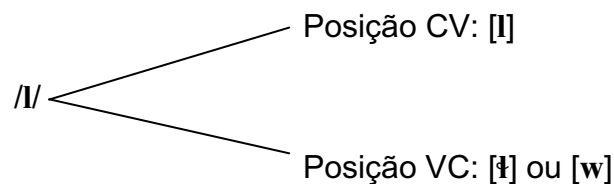
⁴⁷ cf. Câmara Jr. (2006[1970]); Cagliari (2002,2007); Silva (2007); Monareto, Quednau e Hora (2005).

(3.11)



Para a realização da lateral em PB, Monaretto, Quednau e Hora (2005, p.227) propõem o esquema abaixo:

(3.12)



Considerando-se as consoantes fricativas /s/ e /z/ do inglês, Azevedo (1981, p.77) afirma que a grande semelhança na articulação de suas correspondentes em PB⁴⁸ permite transferência direta bem sucedida de uma língua para outra. Entretanto, verificam-se diferenças significativas no que diz respeito ao condicionamento na sua distribuição, pois enquanto em PB há contexto previsível para ocorrência de /s/ ou de /z/, na língua inglesa o mesmo não acontece. Desta sorte, sob influência da língua materna, os falantes do PB incorrem em equívocos de pronúncia na língua estrangeira.

Na percepção de Mascherpe (1967, p.82), os sujeitos brasileiros são propensos a três tipos de erros principais:

- i) preferir pronúncia [s] em todos os vocábulos do inglês que terminam com o grafema <s> (não seguidos de vogal ou consoante vozeada), o que

⁴⁸ Essa correlação, segundo o autor, exclui o falar carioca e outros que igualmente palatalizam /s/ em final de sílaba.

ocorre, por exemplo, em *his, has, was, does, please, yes*, casos em que /s/ constitui parte integrante da palavra.⁴⁹

ii) realizar [z] diante de anglicismos finalizados em <s> seguido de vogal ou consoante vozeada, à semelhança do que sucede em sua língua materna.⁵⁰ Assim, tendem a pronunciar [hɪz geɪm] ao invés de [hɪs geɪm] (*his game*) e [hɪz aɪm] em lugar de [hɪs aɪm] (*his arm*).

iii) articular [z] em vocábulos ingleses que contêm <s> entre duas vogais, da maneira como se dá em ambiente de PB. O resultado são pronúncias como [mauz] e [guz], referindo-se às realizações em inglês [maʊs] e [gʊs], para *mouse* e *goose*, respectivamente.

Como mostram Godoy, Gontow e Marcelino (2006, p.123), algumas palavras em inglês modificam a pronúncia das fricativas /s/ e /z/, de acordo com a função que exercem no discurso, como pode ser constatado no quadro a seguir:

<i>noun/adjective - final /s/</i>	<i>verb-final - /z/</i>
abuse	to abuse
use	to use
excuse	to excuse
house	to house
close	to close

Quadro 3.16 - Contraste do som final de <s> em substantivos/adjetivos e verbos em inglês (GODOY, GONTOW E MARCELINO, 2006, p.123)

⁴⁹ Nesse contexto, o falante estrangeiro do inglês não terá outra saída além de se familiarizar com cada palavra individualmente. Ex: *this, thus, us, yes, goose, mouse, house, loose, hiss, lease* = [s]; *as, has, his, is, was, does, please, lose* = [z] (MASCHERPE, 1967, p. 82).

⁵⁰ Segundo Cagliari (2007, p.37), nesse ambiente em PB, há diferença dialetal no uso de [s]; [ʃ] e [z]; [ʒ] em final de sílaba. Explica o autor que “essas fricativas tornam-se sonoras ou vozeadas, em geral, quando são seguidas de consoantes sonoras ou quando envolvidas no fenômeno de juntura”. Ex: *mas* [mas]; [maʃ] e *mesmo* [mezmo]; [meʒmo]. Conforme esse autor, o fenômeno da juntura intervocabular, também conhecido por sândi, “consiste na transformação de estruturas silábicas nesse contexto, causada, em geral, pela queda de vogais ou pela Formação de ditongos ou mesmo pela ocorrência peculiar de certos sons”. Ex.: /kaza # amarela/ [ka za ma rɛ la], para o sintagma *casa amarela* (CAGLIARI, 2002, p. 105).

Os autores chamam atenção, ainda, para a ocorrência de /s/ e /z/ em inglês, sempre que /s/ for utilizado como morfema indicador de plural, possessivo, 3ª pessoa do presente simples ou de contrações das formas verbais *is* e *has*. Explicam os autores que: “*the –s ending will sound different depending on the sound that precedes it*”, isto é, a pronúncia do –s final depende da qualidade vozeada ou desvozeada do som que o precede (GODOY; GONTOW; MARCELINO, 2006, p. 136). O quadro abaixo ilustra cada caso em particular:

Words ending in:	Voiced sounds: add /z/	Voiceless sounds: add /s/	Sibilants: add /ɪz/
Plurals	<i>boys</i> [bɔɪz]	<i>cups</i> [kʌps]	<i>glasses</i> ['glæsɪz]
Verb in the 3 rd person singular	<i>lives</i> [lɪvz]	<i>takes</i> [teɪks]	<i>watches</i> [wɒtʃɪz]
Possessives	<i>girl's</i> [gɜrlz]	<i>student's</i> ['studənts]	<i>max's</i> [mæks]
Contractions	<i>she's</i> [ʃɪz]	<i>jeff's</i> [dʒɛfs]	<i>judge's</i> [dʒʌdʒɪz]

Quadro 3.17 - Possibilidades de realização de -s final em Inglês (GODOY; GONTOW; MARCELINO, 2006, p. 136).

Até aqui foram contemplados importantes aspectos no nível segmental que envolvem as duas línguas em investigação. Os tópicos que se seguem trazem considerações no âmbito suprasegmental, igualmente indispensáveis para a fundamentação desta pesquisa.

3.2 Sílabas

O papel da sílaba na visão da teoria fonológica tem se tornado cada vez mais significativo nas últimas décadas. Segundo Blevins (1995), em muitas abordagens, que remontam desde os estudos elaborados pela Escola de Praga às modernas

teorias gerativistas, a sílaba tem sido reconhecida como importante unidade de análise fonológica. No entanto, somente com a mudança de foco teórico apresentada nos modelos pós-chomskianos, sobretudo a partir dos postulados da fonologia não-linear, é que a sílaba passa a ser investigada de forma adequada aos novos princípios, passando a exercer um papel determinante nas pesquisas dessa área de conhecimento.

Blevins (1995, p.209) assevera que os falantes nativos de uma língua são conscientes da organização silábica de sua língua materna e, portanto, fazem inferências sobre o número de sílabas das palavras com base em suas próprias intuições:

In a number of languages, native speakers have clear intuitions regarding the number of syllables in a word or utterance, and in some of these, generally clear intuitions as to where syllable breaks occur. Many descriptive grammars contain references to native speakers' awareness of syllable breaks.

Com a mesma visão, Cagliari (2007, p. 109) revela que um falante conhece intuitivamente o funcionamento do sistema silábico de sua língua e que “as pessoas comentam a respeito da sílaba dizendo que sentem que é de um jeito e não de outro, embora não saibam dar explicações”. Falantes de diversas línguas no mundo intuitivamente sentem a real existência das sílabas e esse sentimento é fortemente evidenciado em casos de *lapsi linguae*⁵¹ (MATEUS; D'ANDRADE, 2000, p.38).

Roach (2002, p.70-71) ressalta que a sílaba pode ser tratada sob dois olhares distintos: o fonético e o fonológico. O primeiro diz respeito à forma como é produzida e percebida e o outro envolve as possíveis combinações de fonemas, ou seja, à fonotática da língua.

Em estudos pioneiros sobre o assunto, Pike (1976, p.60) traz as seguintes conceituações de sílaba, tanto em nível fonético quanto em nível fonêmico, enfatizando a importância desse constituinte linguístico para a definição dos segmentos vocálicos e consonantais:

⁵¹ Segundo os autores, trata-se de erro involuntário e inconsciente que o falante comete, como por exemplo, a metátese em *zagolina*, ao invés de *gasolina*, ou *aminal*, no lugar de *animal* (MATEUS; D'ANDRADE, 2000, p. 38).

All languages contain phonetic syllables which are units of one or more segments during which there is a single chest pulse and a single peak of sonority or prominence. [...] All languages contain phonemic syllables which are units of one or more segments in length such that one phonemic syllable constitutes for that language a unit of actual or potential stress placement, or tone placement, or intonation placement, or rhythmic grouping, or of morpheme.

O linguista explica que, em geral, há uma tendência no sentido de a sílaba fonêmica ser constituída por uma única sílaba fonética e ratifica que as sílabas fonéticas são determinadas por critérios físicos e/ou acústicos, enquanto que as fonêmicas são, em parte, determinadas por critérios distribucionais (PIKE, 1976, p.60).

Para Câmara Jr.(2006 [1970], p.53), a sílaba pode ser descrita como

um movimento de ascensão, ou crescente, culminando num ápice (o centro silábico) e seguido de um movimento decrescente, quer se trate do efeito auditivo, da força expiratória ou da tensão muscular.

Cagliari (2007, p.109-110) entende que a sílaba constitui o parâmetro articulatório inicial a ser ativado na produção de qualquer enunciado. No âmbito fonético, essa unidade linguística é o resultado dos movimentos musculares que se manifestam no momento em que os músculos da respiração alteram o processo respiratório, ajustando-o ao curso da fala. Como resultado, a sílaba apresenta a “formação de um processo aerodinâmico de corrente de ar que sai dos pulmões e que será responsável pela modulação acústica dos sons da fala”. Consubstanciando o pensamento de Câmara Jr., o foneticista esclarece que a sílaba é produzida pelo esforço muscular de força ascendente e de força descendente, isto é, “força que se intensifica e se reduz”. Desse modo, pode-se compreender a sílaba formada de três partes: duas marginais e uma central, que representa o ápice, conforme proposição demonstrada na figura abaixo:

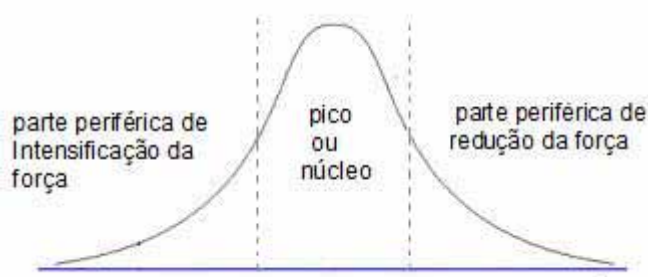


Figura 3.3 - Representação gaussiana da articulação da sílaba (adaptada de CAGLIARI, 2007, p.110)

Jakobson (1967, p. 116), em estudos precursores, elege como descrição mais apropriada de sílaba fonêmica o modelo desenvolvido por Stetson, em início dos anos cinquenta:

De acordo com essa descrição, a sílaba consta invariavelmente de três fatores sucessivos: descarga, culminação e detenção do impulso. Dessas fases é a do meio que vem a ser o fator nuclear da sílaba, ao passo que as outras duas são marginais. [...] A parte nuclear da sílaba forma contraste com as partes marginais à maneira de um ápice em relação a encostas.

Assim, há um maior vigor de voz na produção dos fonemas que constituem o núcleo da sílaba do que na produção daqueles que se encontram nas partes periféricas da mesma sílaba (JAKOBON, 1967, p. 116).

Segundo Câmara Jr. (2006[1970], p.53), nas línguas em geral, a posição central da sílaba é normalmente ocupada por uma vogal, pois este é um “segmento mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular”. Afirma o autor que a sílaba se estrutura a partir desse centro, ou núcleo, numa relação de dependência.

Ao chamar convencionalmente V o núcleo da sílaba e C um constituinte periférico, Câmara Jr. (2006[1970], p. 54) apresenta as possibilidades silábicas do PB, quais sejam: V, representando uma sílaba simples, CV, referindo-se a uma sílaba complexa crescente e VC simbolizando uma sílaba complexa crescente-decrescente. A ausência ou a presença de um ou outro segmento nas laterais silábicas irá determinar se a sílaba é do tipo aberta (livre) ou fechada (travada).

Hogg e McCully (1999, p. 32) atribuem ao grau de sonoridade da sílaba o principal critério na definição de sua proeminência:

A sonority scale in the definition of a syllable lies in the fact that where sonority is greatest we have the centre of a syllable, whereas where sonority is lowest we are near the edge of a syllable. [...] vowels are to be closely associated with syllable centres, voiceless stops are never so associated.

A escala de sonoridade idealizada pelos autores é a seguinte:

Sound	Sonority values	Examples
low vowels	10	/a,ɑ/
mid vowels	9	/e,o/
high vowels	8	/i,u/
Flaps	7	/r/
Laterals	6	/l/
Nasals	5	/m,n,ŋ/
voiced fricative	4	/v,ð,z/
voiceless fricatives	3	/f,θ,s/
voiced stops	2	/b,d,g/
voiceless stops	1	/p,t,k/

Quadro 3.18 - Escala de sonoridade (HOGG; McCULLY, 1999, p. 32)

De forma análoga, Collischonn (2005a, p.111) apresenta um modelo simplificado da escala de sonoridade dos segmentos, dispostos em ordem decrescente, da seguinte forma:

(3.13)

Vogal	>	líquida	>	Nasal	>	Obstruinte
3		2		1		0

Sobre o assunto, Ladefoged (2006, p.239) assevera que “*the sonority of a sound is its loudness relative to that of other sounds with the same length, stress, and pitch*”. Para este autor, há duas espécies de correntes teóricas que tentam conceituar sílabas: aquelas cujas definições estão relacionadas às propriedades do som, como sonoridade ou proeminência (combinação de sonoridade, duração, acento e altura) e as que compreendem a sílaba como uma unidade dentro de uma organização de sons em um dado enunciado (LADEFOGED, 2006, p. 242).

Tomando como exemplo a primeira sílaba da palavra *claustro*, Freitas e Santos (2001, p. 52) demonstram o grau de sonoridade dos segmentos por meio dos diferentes tamanhos das letras:

(3.14)

[k l **a** w_ɹ. tru]

A vogal /a/ é o elemento que ocupa o núcleo silábico, com grau máximo de sonoridade. “A partir da vogal, e em direção às margens esquerda e direita da sílaba, os segmentos sucedem-se em sonoridade decrescente” (FREITAS; SANTOS, 2001, p. 52). Este é um fenômeno que se manifesta em todas as línguas do mundo: os fonemas que se acham no lugar frontal de ataque (*onset*) crescem em sonoridade até o centro silábico, enquanto que os segmentos que ocupam a posição de coda, ou seja, após o núcleo da sílaba, enfraquecem em sonoridade.

Retomando o pensamento de Jakobson, as autoras fazem referência à relação de contraste máximo dentro da sílaba nas línguas naturais. Uma sílaba composta por uma consoante oclusiva (sonoridade mínima) seguida de uma vogal (sonoridade máxima) equivale ao padrão preferencial das línguas em geral. Observam as pesquisadoras que uma sílaba será “tanto mais natural quanto maior for a distância de sonoridade entre os segmentos que a constituem” (FREITAS; SANTOS, 2001, p.53-54).

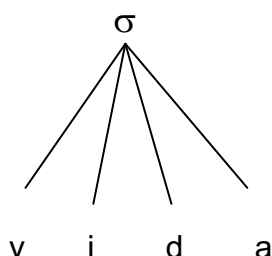
Nessa perspectiva, Collishchonn (2005a, p.111) afirma, por exemplo, que a sequência “nt” sempre se manifestará como coda silábica por apresentar sonoridade decrescente, sem jamais poder se realizar na posição de ataque. Exemplifica, ainda, que o *cluster* “pr” só poderá constituir ataque e nunca coda silábica, pelo processo inverso de grau de sonoridade.

Blevins (1995, p.207) registra que a sílaba possui uma organização melódica que decorre grandemente da sonoridade dos segmentos fonológicos. Os segmentos são organizados em sequências de sonoridade crescente ou decrescente, onde cada núcleo de sonoridade determina uma única sílaba.

Com relação à estrutura interna da sílaba, Collischonn (2005a, p.101) apresenta duas linhas teóricas principais: teoria auto-segmental e a teoria métrica. A primeira, formalizada por Kahn (1976), é estruturada segundo modelo auto-segmental que presume camadas independentes, sendo a sílaba representada por uma delas.

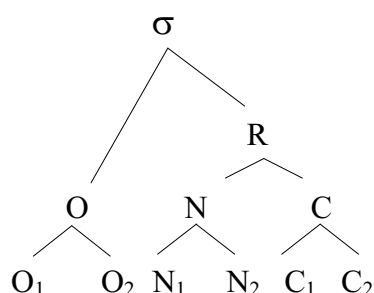
Segundo Silva (2007, p.202), em tal modelo “o nó que representa a sílaba domina imediatamente seus constituintes, que são segmentos”. Assim, nessa teoria os segmentos estão ligados diretamente à sílaba, que é representada pela letra grega σ , conforme ilustração da autora para a palavra *vida*:

(3.15)



A outra teoria, aponta Collischonn (2005a), advoga que a sílaba está organizada nos moldes da seguinte estrutura, proposta por Selkirk (1982):

(3.16)



Neste modelo, a relação entre os constituintes não ocorre de forma igual, como acontecia no modelo anterior, pois a sílaba apresenta sub-constituintes que estabelecem uma estrutura hierárquica entre si. No diagrama acima, a letra grega σ representa o constituinte sílaba enquanto unidade; **O** significa “onset”, ou “ataque”

(**A**), que é o início da sílaba; **R** simboliza “rima”, a parte da sílaba que constitui as vogais da sílaba e todas as consoantes que a(s) segue(m); **N** ou **Nuc** é o “núcleo”, ou seja, a parte que compreende o ápice da sílaba, o ponto mais forte e *proeminente*, ou seja, a vogal, ou as vogais, no caso de ditongos; **C** ou **Co** significa “coda”, constituída pelas consoantes que seguem a vogal ou vogais do núcleo, isto é, aquelas consoantes que não pertencem ao “*onset*” da sílaba. Diferentemente da teoria anterior, em que a relação entre os três constituintes é igual, nesse modelo, o relacionamento entre a vogal do núcleo e a consoante da coda se dá de forma mais direta do que entre a referida vogal e a consoante do *onset* (COLLISCHONN, 2005a, p. 102).

Interpretando a sílaba como uma unidade supra-segmental, Selkirk (1986, p. 22) afirma:

The syllable is the paradigm case of a unit of prosodic constituent structure, and so will provide a point of reference in discussing the status of other such hierarchical units in the theory. [...] The syllable has an internal constituent structure, the segments being the structure's terminal string.

Na esteira de Selkirk, Mori (2003) afirma que a relação entre os componentes da sílaba não se dá de forma linear, mas obedece a uma estrutura hierárquica.

De modo geral, os pesquisadores defendem a ideia de que a sílaba possui um papel central na hierarquia fonológica, porém não há consenso quanto à sua estrutura interna. Neste trabalho faz-se opção pela teoria que argumenta a favor da existência de subconstituintes na organização interna da sílaba, uma vez que as análises a serem desenvolvidas na seção 5.3 demonstram a necessidade de consideração de uma estruturação interna mínima dos constituintes silábicos, para dar conta de explicar as motivações que levam a adaptações em termos de silabação.

Com o propósito de fundamentar as análises que serão apresentadas em seção posterior, torna-se obrigatoriamente necessário conhecer os padrões silábicos das duas línguas em estudo.

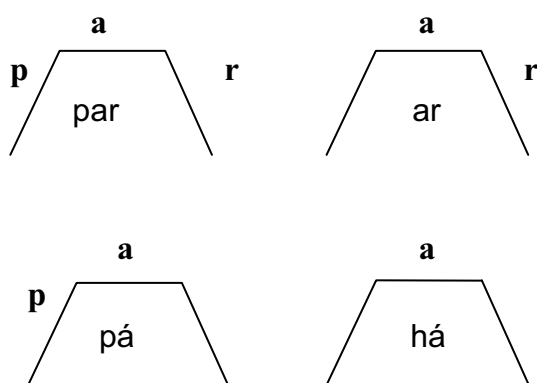
3.2.1 Sílabas em PB e em IA

O interesse pelos estudos sobre a sílaba na língua portuguesa remonta a um período anterior às primeiras gramáticas elaboradas no séc. XVI, cujas raízes são de natureza gramatical greco-latina, como demonstram os registros de Fernão d'Oliveira na Gramática da Linguagem Portuguesa. Nessa obra já se encontram estudos referentes à estrutura da sílaba do português, evidenciando a importância do núcleo vocálico na sua formação (FREITAS; SANTOS, 2001, p.20). Esse dado é confirmado por Câmara Jr. (1969), ao anunciar que, em contexto de PB, o ápice silábico deve ser obrigatoriamente preenchido por uma vogal à semelhança do que ocorre na maioria das línguas naturais. Às consoantes ficam reservadas as posições ascendentes e descendentes, configurando-se como elementos assilábicos:

O ápice pode ser precedido [...] de um ou mais fonemas em que a expiração, a força acentual e a perceptibilidade, sensivelmente menores, tendem a aumentar; e [...] seguido de um ou mais fonemas, em que vai diminuindo a perceptibilidade, a força acentual e a expiração. (CÂMARA Jr., 1969, p. 77)

Frisando que as encostas da sílaba (active e declive) não são necessariamente preenchidas, o autor ilustra sua teoria, em gráfico convencional, da seguinte forma:

(3.17)



As gravuras acima ratificam a concepção do linguista sobre a realização mais completa da sílaba: “uma ascensão até um ápice, acompanhada de um declínio, quer se caracterizem uma e outro em termos de impulso de ar, de energia de emissão ou de sonoridade” (CÂMARA Jr., 1969, p.71).

Silva (2007, p.154) apresenta a seguinte descrição para a estrutura da sílaba do PB:

(3.18)

$$C_1 C_2 V V' C_3 C_4 \quad \text{ou} \quad C_1 C_2 V 'V C_3 C_4$$

Em sua interpretação, a autora argumenta:

Os segmentos consonantais – que são opcionais – são representados por C. O núcleo da sílaba é um constituinte obrigatório que é representado por V. O glide – que é opcional – é representado por V. Na primeira representação, a estrutura silábica [...] apresenta uma sequência de *vogal-glide* (ou ditongo decrescente) e as consoantes são opcionais. Na segunda representação, a estrutura silábica [...] apresenta uma sequência *glide-vogal* (ou ditongo crescente) e as consoantes são opcionais.

Segundo Freitas e Neiva (2006), definir a quantidade de sílabas das palavras em uma dada língua não se revela tarefa difícil, uma vez que cada vogal está vinculada a uma sílaba. A complexidade reside em determinar os segmentos que ocupam as fronteiras silábicas, pois as línguas variam entre si quanto à quantidade e ao agrupamento de elementos permitidos para as posições marginais, ou seja, *onset* e *coda*.

Câmara Jr. (2002 [1973], p.218) afirma que o *onset* (active) admite no máximo duas consoantes e a *coda* silábica (declive) restringe-se à ocorrência dos segmentos /S/, /R/, /l/ ou, ainda, das semivogais /j, w/ e do arquifonema nasal /N/. O autor postula que a vogal nasalizada é fonologicamente concebida como vogal travada por consoante nasal /N/. O quadro abaixo ilustra tal reflexão:

<i>Travamento silábico</i>	<i>Meio de palavra</i>		<i>Final de palavra</i>	
/l/	selva	/ˈsɛlva/	sal	/ˈsal/
/N/	manta	/ˈmanta/	anã	/anˈan/
/R/	sorvete	/sorˈvete/	mar	/ˈmar/
/S/	misto	/ˈmisto/	vez	/ˈves/

Quadro 3.19 - Possibilidades de travamento silábico em PB com base em Câmara Jr. (2002 [1973], p. 218)

Verifica-se, também em contexto pós-nuclear, a vocalização de /l/ para [u] na maioria dos dialetos brasileiros, a exemplo do investigado nesta pesquisa.

Cagliari (2007, p.114) observa que, quando o núcleo silábico não é ocupado por uma vogal, o que não se dá em PB, este inevitavelmente será preenchido por uma consoante contínua, visando à possível articulação da sílaba. Por essa razão, a consoante contínua é chamada de silábica.⁵² Enfatiza o linguista que, normalmente, trata-se de segmentos não-oclusivos que “se realizam foneticamente como constrictivas, como nasais, laterais e vibrantes”.

Em oposição ao PB, esse é um fenômeno que se verifica em contexto de língua inglesa, conforme observação de Roach (2002, p. 86):

We must also consider syllables in which no vowel is found. In this case, a consonant, either l, r, or nasal stands as the peak of the syllable instead of the vowel, and we count these as weak syllables.

Na visão de Ladefoged (2006, p. 238), também as consoantes fricativas e oclusivas poderão tornar-se silábicas em posição de atonicidade, como em *suppose* e *today* [ʃˈpouz] e [tˈdeɪ], “in a narrow transcription”. No entanto, o autor julga a questão polêmica, pois, para ele, os falantes variam em suas pronúncias para mesmas palavras e frases. No entender desse autor, essas consoantes são silábicas, porém, na interpretação de outros, esses segmentos estão associados à

⁵² Para o autor, esse termo não é apropriado, pois “deixa a entender a possibilidade de sons assilábicos, o que, no sentido estrito da palavra, não faz sentido foneticamente. Na verdade, o uso de silábico passa frequentemente a ser sinônimo de pico silábico, elemento que traz consigo a maior saliência fonética na sílaba” (CAGLIARI, 2007, p.114). Segundo Roach (2002, p.86), a consoante nuclear é normalmente identificada pelo diacrítico (,).

vogal reduzida [ə]. A falta de consenso nesse sentido gera discordância quanto ao número de sílabas presentes em determinadas palavras, conforme observa o autor:

I would say that the word predatory has three syllables because I say [ˈpredətɹi]. Other people who pronounce it as [ˈpredətɹɪ] say that it has four syllables. Similarly, there are many words, such as bottling and brightening, that some people pronounce with syllabic consonants in the middle so that they have three syllables, whereas others do not. (LADEFOGED, 2006, p.238)

Sem tantas questões controversas dessa natureza, o PB apresenta um molde silábico menos complexo, com predominância de sílabas livres (ou abertas), ou seja, do tipo CV (CÂMARA Jr., 1969, p 61).

Em consonância com Câmara Jr., Cagliari (2007, p.116) apresenta as seguintes possibilidades de combinações de vogais e consoantes na formação de sílaba em PB:

Padrão silábico	Exemplo	Forma ortográfica	⁵³
V	[ɛ] [eɔ]	é eu	(M) (D)
CV CV	[pɛ] [teɔ] [kɔɑɔ]	pé teu qual	(M) (D) (T)
CCV	[kru] [kreɔ]	cru creu	(M) (D)
VC	[ɛs] [eis]	és eis	(M) (D)
VCC	[xuʔɲs] [leõɲs]	ruins leões	(M) (D)
CVC	[pes] [teɔs] [kɔais]	pés teus quais	(M) (D) (T)
CVCC	[perspektɪva] [mẽɲs] [sa'gɔõɲs]	perspectiva mães saguões	(M) (D) (T)
CCVC	[ˈplastɪkɔ]	plástico	(M)

⁵³ Nessa coluna o autor identifica a ocorrência da vogal como monotongo (M), ditongo (D) e tritongo (T).

	[ũm'brais]	<i>umbrais</i>	(D)
CCVCC	[trẽps] [kɔ'brõĩps]	<i>trens</i> <i>coabrões</i>	(M) (D)

Quadro 3.20 - Modelo silábico do PB (CAGLIARI, 2007, p.116)

Conforme disposto no quadro acima, observa-se que o modelo de sílaba em PB permite no máximo dois segmentos nas encostas. Para essas posições, a fonotática da língua impõe menor ou maior restrição de preenchimento por sequências consonantais (FREITAS; NEIVA, 2006; CAGLIARI, 2007; SILVA, 2007).

Cagliari (2007, p. 116), explica que qualquer consoante poderá constituir a sílaba de estrutura CV no PB, com ressalva ao tepe /r/ em início de vocábulos e raras ocorrências da lateral /ʎ/ e da nasal /ɲ/ no mesmo ambiente. No que se refere às sílabas com estrutura CCV, as restrições aumentam. O linguista descreve que na posição de segunda consoante (C₂) ocorrerá sempre um tepe ou uma lateral alveolodental /l/.

Nesse sentido, tomando por base a matriz de traços consonantais elaborada por Callou e Leite (2003, p.74), C₁ deverá ser uma obstruinte e, se for [+ contínua], deverá, conseqüentemente, ser [+ anterior] e [- coronal]; C₂ por sua vez, deverá possuir os seguintes traços: [+soante], [+contínua] e [+coronal].

Cagliari (2007. p.117) propõe o seguinte esquema:

(3.19)

C ₁	C ₂	V
p, b, t, d, k, g, f, v	r	V
p, b, t, k, g, f	l	V

Para o molde VC, explica o foneticista, a consoante poderá ser representada por um segmento fricativo alveodental ou palatoalveolar (conforme a variedade adotada); qualquer segmento nasal [m,n,ɲ,ŋ] ou um dos sons dos róticos, como [r,r̄,ʎ,ʎ̄,x,h...].

A respeito das combinações de *onset* complexo, Silva (2007, p. 157) elenca os seguintes fatos:

- i) Na ocorrência de C_1 e C_2 a consoante inicial será uma obstruinte e a segunda uma líquida.
- ii) A sequência /**dl**/ configura uma lacuna no sistema.
- iii) O grupo /**vl**/ ocorre restritamente em seletos grupos de prenomes de origem estrangeira, tais como *Wlamir*, *Wladimir*, etc.
- iv) As formações /**vr**/ e /**tl**/ não se realizam nesse contexto e apresentam limitada distribuição em outros ambientes.

Inspirado em Silva (2007, p.156), o quadro abaixo apresenta as possibilidades fonotáticas de agrupamentos pré-vocálicos em PB:

Consoantes	Posição inicial	Posição medial
/pr/	/pr/eta	a/pr/ecia
/pl/	/pl/anta	em/pl/aca
/br/	/br/anca	a/br/anda
/bl/	//bl/usa	su/bl/ime
/tr/	/tri/go	en/tr/ada
/tl/	—	at/tl/eta
/dr/	/dr/ama	qua/dr/ado
/dl/ ⁵⁴	—	—
/kr/	/kr/ente	a/kr/edita
/kl/	/kl/aro	es/kl/arece
/gr/	/gr/aça	a/gr/ado
/gl/	/gl/icose	a/gl/utina
/fr/	/fr/io	en/fr/enta
/fl/	/fl/auta	in/fl/uência
/vr/	—	li/vr/aria
/vl/	/vl/adimir	—

Quadro 3.21 - Onsets complexos do PB com base em Silva (2007, p.156)

⁵⁴ Segundo Azevedo (1981, p. 86), essa combinação só se realiza em nomes de origem estrangeira como *Adler* e *Adleriano*.

Na concepção de Câmara Jr. (2006[1970], p.56), há que se considerar, ainda, na língua portuguesa, estruturas silábicas herdadas como empréstimos do latim clássico, como, por exemplo, os vocábulos *compacto*, *apto*, *ritmo*, *afta*, entre outros. Em virtude do não licenciamento de oclusivas e de fricativas não sibilantes em travamento silábico, o sujeito falante do PB adiciona, automaticamente, uma vogal para gerar sílaba característica do sistema sonoro de sua língua. O autor explica que

na realidade, a primeira consoante constitui em português uma sílaba distinta. O ápice silábico é um /i/ (em Portugal é o chamado *e neutro*, de articulação diferente), que na pronúncia culta se procura reduzir o mais possível em sua emissão, mas existe apesar de tudo. (CÂMARA Jr. 2010[1969], p. 34).

O processo de inserção vocálica para resolver o problema da sílaba mal formada em PB é conhecido linguisticamente como epêntese (CAGLIARI, 2002; FREITAS; NEIVA, 2006; COLLISCHONN, 2005a) e será posteriormente abordado como um dos fenômenos identificados nos dados desta pesquisa.

Similarmente ao que ocorre em PB, a estrutura silábica do inglês caracteriza-se por apresentar um segmento vocálico como núcleo, limitando o número de sílabas à quantidade de núcleos silábicos.

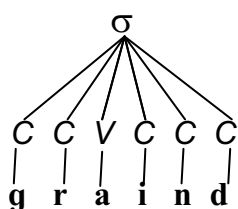
Segundo Hogg e McCully (1999, p.35), as sequências de segmentos na constituição de sílabas em inglês ocorrem da seguinte forma:

<i>Padrão silábico</i>	<i>Exemplo</i>
vc	id
cvc	bad
ccvc	bread
cvcc	band
ccvcc	brand
vv	l
vvc	isle
cvv	bye
cvvc	bide
cvvcc	bind
ccvvc	bride
ccvcc	grind

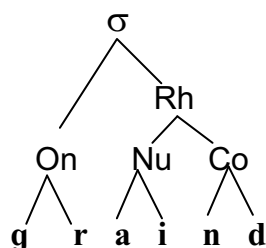
Quadro 3.22 - Padrão silábico do inglês (HOGG E McCULLY,1999, p.35)

O quadro acima propõe que a menor estrutura para monossílabos tônicos em inglês é VC ou VV, indicando que a vogal é o elemento obrigatório. Desse modo, a estrutura regular é (C)V(C), podendo ocorrer um número máximo de duas consoantes nas margens pré e pós-vocálicas, conforme disposto abaixo.⁵⁵

(3.20.)

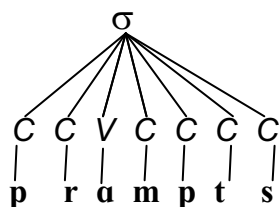


(3.21)

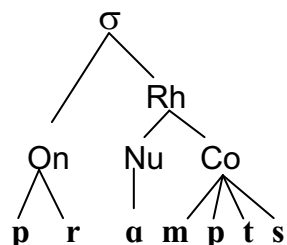


Entretanto, estudiosos como Mascherpe (1967), Prator Jr. e Robinett (1985) e Roach⁵⁶ (2002) defendem que há palavras que apresentam no IA até quatro segmentos em coda silábica como, por exemplo, em *prompts* e *twelfths*:⁵⁷

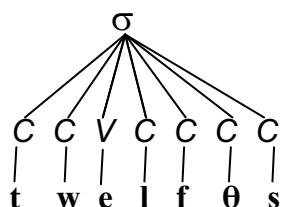
(3.22)



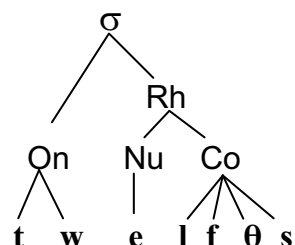
(3.23)



(3.24)



(3.25)



⁵⁵ Exemplos retirados de Hogg e McCully (1999, p.35 e 37).

⁵⁶ O autor utiliza o padrão britânico conhecido como *Received Pronunciation (RP)* ou *BBC pronunciation*. Entretanto, apesar de se tratar de dialetos diferentes, os autores citados comungam da mesma teoria quanto à quantidade máxima de segmentos em posição final de palavra em língua inglesa.

⁵⁷ Exemplos retirados de Roach (2002); árvores elaboradas segundo os padrões de Hogg e McCully (1999).

No que diz respeito à ocorrência máxima de segmentos em *onset* para esta língua, Freitas e Neiva (2006, p. 6) revelam que há regras restritas de distribuição dos fonemas consonantais. No caso de preenchimento por três elementos, C1 terá que ser necessariamente a fricativa alveolar surda [s]. A posição de segunda consoante é destinada apenas às oclusivas desvozeadas [p,t,k] e o lugar da última consoante fica reservado para líquidas ou glides [l,r,j,w].

A representação proposta é:

# C ₁	C ₂	C ₃
[s]	[p] ou [t] ou [k]	[l] ou [r] ou [j] ou [w]

Quadro 3.23 - Estrutura máxima de onset em IA (FREITAS; NEIVA, 2006, p.6)

Referindo-se ao limite das possíveis combinações dos três segmentos licenciados, as autoras afirmam que o fonema mais próximo ao núcleo, a terceira consoante, deve ser uma soante contínua, que pode ter como precedente uma obstruinte não sonora. O lugar da primeira consoante neste contexto só poderá ser preenchido por “um segmento totalmente especificado em termos de traços: uma obstruinte, contínua, anterior, coronal e não sonora, ou seja [s]” (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 6):

#C ₁ + C ₂	C ₃	Exemplos	Ortografia
[sk]	[l] [r] [j] [w]	[skl'rɔʊsɪs] [skræp] [skju:] [skwɛltʃ]	<i>sclerosis</i> <i>scrap</i> <i>skew</i> <i>squelch</i>
[sp]	[l] [r] [j]	[splæʃ] [sprɪŋ] [spju:]	<i>splash</i> <i>spring</i> <i>spew</i>
[st]	[r] ([j])*	[straɪv] [stju:]	<i>strive</i> (<i>stew</i>)

Quadro 3.24 - Sequências de três consoantes em onset no IA (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 6)

Ao considerar as realizações de duas consoantes para essa mesma posição, as possibilidades de agrupamento aumentam consideravelmente, conforme se verifica no quadro abaixo:

C ₁	C ₂
[s]	[t]; [p]; [k]; [f]; [l]; [m]; [n]; [w]
[k]; [g]	[l]; [r]; [w]; [j]
[p]; [b]; [f]	[l]; [r]; [j]
[t]; [d]	[r]; [w]; ([j]) ⁵⁸
[θ]	[r]; [w]
[h]	[w]; [φ]
[ʃ]	[r]
[m]; [v]	[j]
[n]	([j]) ⁵⁹

Quadro 3.25 - Possibilidades de onset silábico composto por duas consoantes em IA (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 6)

Utilizando-se de quadro comparativo entre as duas línguas, Azevedo (1981, p.87) apresenta agrupamentos segmentais (C₁ + C₂) pré-nucleares em início e meio de palavras:

	<i>Inicial</i>		<i>Medial</i>	
	PB	IA	PB	IA
pl	planeta	planet	réplica	reply
pr	prazo	prize	compra	repress
bl	bloco	block	rublo	ruble
br	brico	brink	abraço	abroad
tl	tlintar ⁶⁰	tlingit	atlas	---
tr	trama	tram	atrás	extract
dl	----	-----	-----	-----

⁵⁸ Segundo as autoras, essa sequência só se realiza em algumas variedades do inglês americano. Na maioria dos casos, este segmento é eliminado.

⁵⁹ Idem à nota anterior

⁶⁰ Apesar de o termo “tlintar” citado pelo autor não ser de uso comum, está registrado nos dicionários Houaiss (2001, p. 2727) e Novo Aurélio do Sec. XXI (1999, p. 1967) como variação de *tilintar*. Outros autores, como Collischonn (2005a) e Silva (2007), consideram que essa sequência consonantal /tl/ só ocorre em posição medial, na palavra *atlas* e derivadas (como *atlântico*, *atleta*, *atletico*, etc.).

dr	dragão	dragon	adro	adrenal
kl	clarim	clariom	eclético	excluíde
kr	crime	crime	recreio	excrete
gl	glosa	gloss	sigla	ogle
gr	grossa	grow	regra	aggressive
fl	flauta	flute	rifle	reflect
fr	francês	frank	africano	afraid
vl	Vladimir	Vladimir
vr

Quadro 3.26 - Agrupamentos de consoantes comuns ao PB e ao IA em onset silábico (adaptado de Azevedo, 1981, p.87)

À guisa de exemplificação, Steinberg (2006, p.26) apresenta o seguinte quadro, com sequências consonantais que ocorrem em *onset* em inglês, mas que são estranhas ao PB:

Fonemas	Exemplo	Fonemas	Exemplo
/θr/	<i>through</i>	/θw/	<i>thwart</i>
/sr/	<i>shrew</i>	/fy/	<i>feud</i>
/st/	<i>stay</i>	/ky/	<i>cute</i>
/sp/	<i>spy</i>	/my/	<i>mute</i>
/sm/	<i>smile</i>	/by/	<i>beauty</i>
/sk/	<i>sky</i>	/py/	<i>pure</i>
/sn/	<i>snail</i>	/vy/	<i>view</i>
/sf/	<i>sphere</i>	/hy/	<i>human</i>
/sl/	<i>slim</i>	/str/	<i>strike</i>
/dw/	<i>dwel</i>	/skr/	<i>scream</i>
/kw/	<i>quick</i>	/spr/	<i>spray</i>
/tw/	<i>twine</i>	/spl/	<i>splash</i>
/sw/	<i>swine</i>	/skw/	<i>squat</i>
/hw/	<i>when</i>		

Quadro 3.27 - Grupos consonantais do IA em onset silábico (STEINBERG, 2006, p.26)

As sequências consonânticas de *onsets* complexos dessa natureza configuram-se em dificuldades de pronúncia para os falantes brasileiros, principalmente pela ausência de correspondência no quadro fonêmico da língua nativa. A problemática que envolve a questão pode ser comprovada em diversos

estudos realizados por pesquisadores como Mascherpe (1967), Azevedo (1981), Bolela (2002), Silva (2007), Freitas e Neiva (2006), Steingberg (2006), Assis (2007), Massini-Cagliari (2009a,b). As estratégias de adaptação mais utilizadas por falantes do PB serão também analisadas neste trabalho.

Com relação à posição pós-vocálica, ou seja, à coda silábica, a distinção entre o inglês e o PB aumenta significativamente, pois se ampliam as possibilidades de grupos consonânticos nesse ambiente.

A esse respeito, Steinberg (2006, p. 27) indica dois tipos de sequências distintas: aquelas que ocorrem nas palavras em sua forma simples e aquelas que resultam do acréscimo de morfema derivacional ou flexional.

Os quadros abaixo apresentam os grupos relativos a cada ocorrência:

Fonemas	Exemplo	Fonemas	Exemplo
/nd/	<i>mend</i>	/lp/	<i>help</i>
/nt/	<i>ant</i>	/ls/	<i>false</i>
/st/	<i>mist</i>	/lk/	<i>milk</i>
/ns/ ou /nts/	<i>fence</i>	/lθ/ ou /ltθ/	<i>health</i>
/ld/	<i>bold</i>	/mp/	<i>shrimp</i>
/ks/	<i>ox</i>	/ntʃ/	<i>trench</i>
/lf/	<i>self</i>	/ft/	<i>soft</i>
/ŋk/	<i>pink</i>	/sp/	<i>grasp</i>
/kt/	<i>act</i>	/lm/	<i>film</i>
/ndʒ/	<i>change</i>	/dʒ/	<i>indulge</i>
/lv/	<i>solve</i>	/lb/	<i>bulb</i>
/lt/	<i>melt</i>	/lʃ/	<i>welch</i>
/sk/	<i>desk</i>	/dz/	<i>adze</i>
/ln/	<i>kiln</i>	/rʃ/	<i>marsh</i>
/rb/	<i>verb</i>	/rθ/	<i>worth</i>
/rd/	<i>bird</i>	/rps/	<i>corpse</i>
/rf/	<i>surf</i>	/rst/	<i>thirst</i>
/rg/	<i>iceberg</i>	/rtz/	<i>quartz</i>
/rdʒ/	<i>large</i>	/mpt/	<i>prompt</i>
/rtʃ/	<i>search</i>	/mps/	<i>glimpse</i>
/rk/	<i>mark</i>	/ltʃ/	<i>belch</i>
/rl/	<i>earl</i>	/mf/ ou /mpf/	<i>triumph</i>
/rm/	<i>storm</i>	/ps/	<i>copse</i>
/rn/	<i>turn</i>	/rs/	<i>purse</i>
/pt/	<i>script</i>	/ns/	<i>lens</i>

/rt/	<i>heart</i>	/rv/	<i>serve</i>
/kst/	<i>text</i>	/rz/	<i>furze</i>
/ŋks/	<i>sphinx</i>	/rp/	<i>burp</i>

Quadro 3.28 - Quadros 3.28 Grupos consonantais do IA em coda silábica em formas simples (STEINBERG, 2006, p.27)

No que concerne aos grupos consonantais decorrentes da adição de sufixo derivacional, as combinações são as seguintes:

Fonemas	Exemplo	
/θ/	heal	health
/dθ/	wide	width
/nθ/	ten	tenth
/fθ/	five	fifth
/tθ/	eight	eighth
/rθ/	four	fourth
/ksθ/	six	sixth
/ndθ/	thousand	thousandth
/lfθ/	twelve	twelfth
/ŋkθ/	long	length
/rmθ/ ou /rmpθ/	warm	warmth

Quadro 3.29 - Grupos segmentais do IA em coda silábica em palavras com adição de sufixo derivacional (STEINBERG, 2006, p. 29)

Em suas análises, Steinberg (2006, p.31-32) inclui, ainda, as possibilidades em codas silábicas resultantes de sufixo flexional (3ª pessoa do singular), de morfema de plural e de morfema de passado e particípio passado, o que aumenta sobremaneira as divergências entre as duas línguas em foco.

Ainda no âmbito da estruturação silábica, deve-se considerar a presença de ditongos que ocorrem em ambas as línguas.

Segundo Cagliari (2007, p. 69), o ditongo é realizado por

um movimento contínuo da língua indo de uma posição articulatória própria de uma vogal à posição articulatória própria de uma outra vogal, produzindo auditivamente um som vocálico de qualidade em constante mudança.

O autor revela que a duração de um ditongo em PB ocorre de forma muito rápida e “representa a metade da duração de duas vogais que não formam um ditongo”. Segundo Silva (2007, p. 73), na combinação de dois segmentos, um é compreendido como vogal “e o outro interpretado como “semivocóide, semivogal, vogal assilábica, ou *glide*”.

Ladefoged (2006, p.90), apresenta a seguinte descrição para os sons que constituem os ditongos em IA:

Each of these sounds involves a change in quality within the one vowel. As a matter of convenience, they can be described as movements from one vowel to another. The first part is usually more prominent than the last. In fact, the last part is often so brief and transitory that it is difficult to determine its exact quality.

No entendimento do autor os ditongos que ocorrem em IA são:⁶¹

Ditongo	Exemplo
[aɪ]	<i>buy</i>
[aʊ]	<i>how</i>
[eɪ]	<i>hay</i>
[ɔɪ]	<i>boy</i>
[jʊ] ⁶²	<i>cue</i>

Quadro 3.30 - Ditongos em IA, adaptado de Ladefoged (2006, p. 90- 91)

Com base na proposta do autor, percebe-se que, de modo geral, os ditongos em IA são de natureza decrescente, isto é, apresenta a parte inicial como a mais proeminente.

⁶¹ Há autores como Mascherpe (1967, p. 64) e Chomsky e Halle (1991[1968], pg. 191) que concebem a existência de apenas três verdadeiros ditongos em inglês: /aɪ/, /ɔɪ/ e /aʊ/.

⁶² Segundo o autor, esse ditongo difere dos demais, já que a proeminência ocorre no final da sequência. O autor observa que, por se tratar da única vogal dessa espécie, muitos trabalhos sobre o assunto não consideram esse som como ditongo: “they treat it as a sequence of consonant followed by a vowel. I have considered it be a diphthong because of the way it patterns in English. Historically, it is a vowel, just like the other vowels we have been considering. Furthermore, if it is not a vowel, then we have to say there is a whole series of consonant clusters in English that can occur before only one vowel. [...] In stating the distributional properties of English sounds, it seems much simpler to recognize /jʊ/ as a diphthong and thus reduce the complexity of the statements one has to make about the English consonant clusters” (LADEFOGED, 2006, p.91).

Analogamente, os ditongos decrescentes em PB são interpretados como os únicos que verdadeiramente se realizam na língua, conforme análise de Bisol (1989) e Câmara Jr. (2006 [1970]). Na opinião deste autor, a aceitação da emissão de ditongo em PB se justifica apenas “quando um dos elementos vocálicos é tônico (dois elementos átonos criam variação livre)” (CÂMARA Jr., 2006[1970], p. 56). O linguista propõe a ocorrência de 11 ditongos decrescentes e apenas um, “muito restrito, crescente”, conforme dispostos no quadro a seguir:

Ditongo	Exemplo
/a ₁ i/	vai
/a ₁ u/	nau
/ɛ ₁ i/	anéis
/ɛ ₁ u/	rei
/iu/	viu
/ɔ ₁ i/	rói
/o ₁ i/	foi
/o ₁ u/	dou
/ui/	fui

Quadro 3.31 - Ditongos decrescentes do PB
(adaptado de Câmara Jr., (2006, [1970], p.56)

Sobre o quadro acima, o autor (p. 56) tece as seguintes considerações:

- i) o ditongo /ɛ₁i/ só se realiza diante de /S/;
- ii) o ditongo /o₁u/ é monotongado em /o/ em fala coloquial;
- iii) o ditongo /ɔ₁u/ representa pronúncia vocalizada do < l > em final de sílaba.

Para o fonólogo, os segmentos assilábicos, ou seja, os *glides*, funcionam como consoantes e ocupam posições na sílaba a eles destinados, mas apresentam natureza vocálica e como tal são articulados e percebidos. O questionamento que surge em torno do assunto é a respeito da representação para as realizações ditongadas em sílabas: CVC ou CVV?

Admite-se que o assunto requer uma discussão mais aprofundada, envolvendo o levantamento dos padrões silábicos da língua e questões relacionadas

à definição do peso e da estrutura da sílaba, conforme alega Assis (2007, p.94). Adota-se, particularmente neste trabalho, os pressupostos de Câmara Jr. (2006[1970])⁶³, entendendo que o *glide* ocupa posição no núcleo silábico, haja vista que a alteração de posicionamento do segmento na sílaba (núcleo ou coda) não interfere nas análises desenvolvidas nesta pesquisa. Isto posto, assume-se que a estrutura máxima do molde silábico do PB é CCVVCC, considerando a localização do *glide* no núcleo, como acontece, por exemplo, no vocábulo *ladrões*.

Ainda na categoria de ditongos decrescentes, há os que se denominam de ditongos nasais, conforme abaixo discriminados:

Ditongo	Exemplos
[ã̃]	mãe, câimbra
[õ̃]	põe, lições
[ũ̃]	muito, ruim
[ẽ̃]	bem, item
[ã̃ʊ]	pão, órfão

Quadro 3.32 - Ditongos nasalizados em PB (SILVA, 2007, p. 99)

A ocorrência de ditongo crescente, segundo Câmara Jr. (2006[1970], p. 56), se dá apenas quando a vogal assilábica /u/ é precedida de “plosiva labial diante de vogal silábica”, ou seja, /k,g/, seguida de /a,o,ɔ,e,ɛ,i/. No olhar do autor, o que acontece nesse contexto é a presença de um ditongo crescente e um decrescente que são produzidos com uma única vogal silábica, resultando no que convencionalmente se conhece por tritongo em PB.

Collischonn (2005a, p.121) exemplifica do seguinte modo:

⁶³ Para o autor, essa é uma questão que vai além da alternativa de mera representação. Trata-se de análises diferenciadas, pois CVV propõe uma sílaba aberta, ao passo que VC indica travamento silábico. A opção por VV é entendida como a melhor, sendo atribuída aos seguintes fatos: i) a realização do “r” brando precedido de ditongos (*europe*, *aurora*); ii) a facilidade com que se passa de um ditongo a um monotongo (/oʊ/ articulado como [o]), assim como “a variação livre da divisão silábica na seqüência átona de qualquer vogal e vogal alta (*vai-da-de* ou *va-i-a-de*)” ou mesmo a fácil transição de /i/ assilábico para [e], observada na fala infantil, em papa[e], revelando que os dois segmentos estão vinculados ao núcleo, portanto, com representação VV (CÂMARA JR. 2006 [1970], p. 54).

(3.26)

qual [ˈkwaw]
quando [ˈkwãˈdu]
quociente [kwosiˈeˈtʃi]

Segundo a autora, nos casos acima, o ditongo não está em variação livre com a vogal alta correspondente, a exemplo do que se verifica em:

(3.27)

quiabo [kiˈabu ~ ˈkjabu]
 iate [iˈatʃi ~ ˈjatʃi]
 suar [suˈar ~ ˈswar]

Silva (2007, p.95) julga os ditongos crescentes como uma sequência de *glide* + vogal, podendo se manifestar foneticamente da seguinte forma:

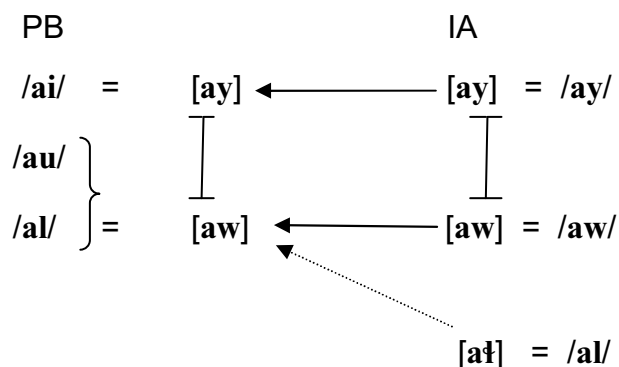
Ditongo	Exemplos
[ɪə] ~ [ɪa]	séria, área
[ɪi] ~ [ɪe] ~ [ɪ]	série, cárie
[ɪʊ] ~ [ɪo]	sério, aéreo
[ɪo]	estacionamento
[ʊə] ~ [ʊa]	árdua, mágoa
[ʊɪ] ~ [ʊe]	tênue, cônica
[ʊo] ~ [ʊu] ~ [ʊ]	árido, vácuo

Quadro 3.33 - Ditongos crescentes em PB (SILVA 2007, p. 96-97)

Em sua comparação entre os sistemas fonológicos do PB e do IA, Azevedo (1981, p.63) apresenta as seguintes análises contrastivas na realização de alguns ditongos.⁶⁴

⁶⁴ Os ditongos [ay] e [aw] correspondem, respectivamente, a [aɪ] e [aʊ] no padrão IPA.

(3.28)



PB /ai/ = [ay]	IA /ay/ = [ay]
vai	buy
sai	sigh
pai	pie

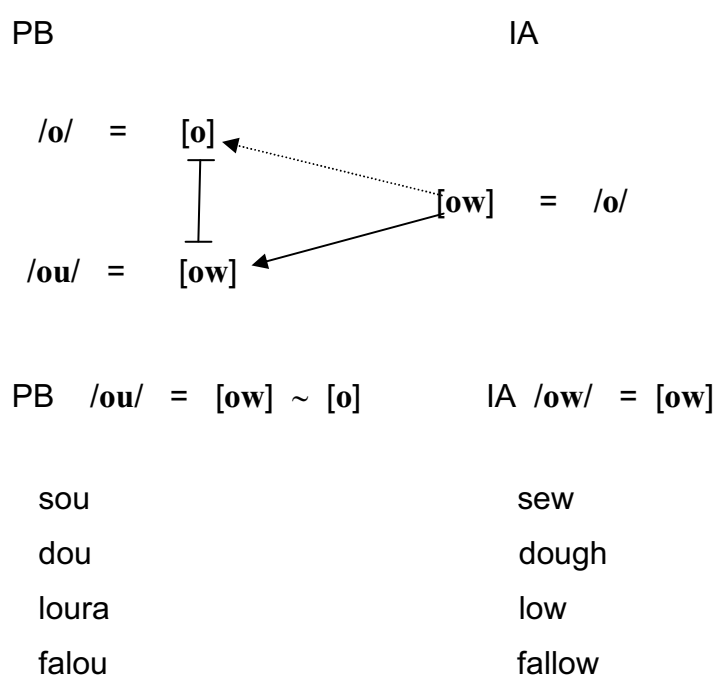
PB /au/ = [aw]	IA /aw/ = [aw]
pau	powder
grau	grouch
cacau	bough

O linguista afirma que, do ponto de vista fonético, há uma estreita correlação entre [aɪ] e [aʊ] do PB e seus correspondentes em inglês. O autor explica que a vogal fonética do PB é articulada em posição mais frontal do que a do inglês e que a semivogal do ditongo tem duração mais curta do que a sua equivalente na língua estrangeira. Conforme comentado anteriormente, o diagrama demonstra a ditongação que ocorre como resultado da vocalização do <ɪ> em posição pós-vocálica, processo que se percebe entre a maior parte dos falantes do PB, sendo igualmente identificado entre os informantes desta pesquisa.

Azevedo (1981, p.64 e 65) indica que os contrastes presentes entre /o/ e /ou/ do PB e /o/ do inglês são semelhantes aos existentes entre /e/ e /ei/ na primeira língua e /e/ na segunda. Segundo o autor, a emissão natural de /o/ no inglês, o ditongo fonético [oʊ], pode ser facilmente substituída por [oɪ] do PB,

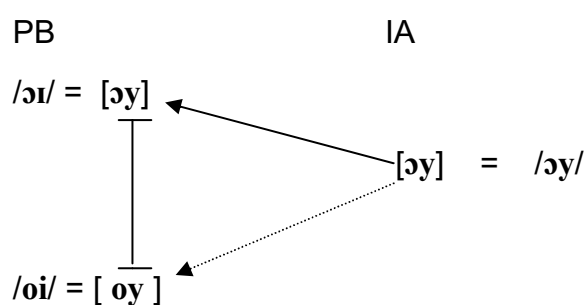
fonologicamente uma sequência de duas vogais em um mesmo núcleo silábico, /ou/, com rápida duração de pronúncia para a semivogal. Como já mencionado, a distinção /o/ e /ou/ em PB tende a desaparecer em discurso informal com o apagamento do segmento átono /u/. Isso resulta em pronúncia do tipo [is'to] ao invés de [is'tou] para a palavra *estou*. O diagrama abaixo ilustra essa correlação:

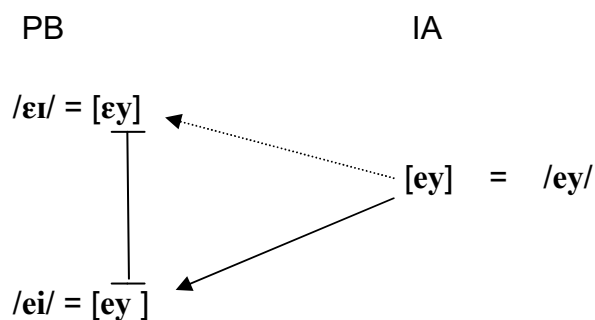
(3.29)



No que se refere aos ditongos /ɔɪ/, /oɪ/ do PB e /ɔy/ do inglês, assim como /ey/ desta língua e /ɛɪ/, /eɪ/ daquela, Azevedo (1981, p.65) propõe as seguintes representações:

(3.30)





Para o linguista, o problema em ambos os casos reside na diferenciação que há entre cada vogal média mais alta e sua correspondente média baixa. Nesse caso, a dificuldade maior envolve o falante do inglês, cuja tendência é substituir os dois elementos de cada par dos ditongos do PB pelo ditongo equivalente do inglês. Assim, erros de pronúncia do tipo *[fɔy] e *[də'pɔys] para as palavras *foi* e *depois*, assim como [pa'peys], para a palavra *papéis*, são recorrentes entre os falantes nativos de inglês quando aprendem português como segunda língua (AZEVEDO, 1981, p.65-66).

(3.31)

PB /oi/ = [oy]	IA /ɔy/ = [ɔy]
boi goiano pois	boy goiter poise

(3.32)

PB /ɛi/ = [ɛy]	IA /ey/ = [ey]
réis méis fiéis	rays maize fays

Por fim, o autor apresenta um quadro comparativo do que se convencionou chamar ditongos crescentes do PB e seus equivalentes em inglês:

<i>Português</i>			<i>Inglês</i>		
/ui/	[wi]	<i>ajuizado</i>	/wi/	[wiy]	<i>we</i>
/ue/	[we]	<i>duetista</i>	/we/	[wey]	<i>weigh</i>
/uɛ/	[wɛ]	<i>cueca</i>	/wɛ/	[wɛ]	<i>well</i>
/ua/	[wa]	<i>suavidade</i>	/wa/	[wa]	<i>wad</i>
/uɔ/	[wɔ]	<i>quota</i>	/wɔ/	[wɔ]	<i>water</i>
/uo/	[wo]	<i>duodeno</i>	/wo/	[wow]	<i>woe</i>
/iu/	[yu]	<i>miudeza</i>	/yu/	[yuw]	<i>ewe</i>
/ie/	[ye]	<i> piedade</i>	/ye/	[yey]	<i>yale</i>
/iɛ/	[yɛ]	<i>biela</i>	/yɛ/	[yɛ]	<i>yellow</i>
/ia/	[ya]	<i>piabada</i>	/ya/	[ya]	<i>yah</i>
/iɔ/	[yɔ]	<i>idiota</i>	/yɔ/	[yɔ]	<i>yaw</i>
/io/	[yo]	<i>idiotice</i>	/yo/	[yow]	<i>yeoman</i>

Quadro 3.34 - Ditongos crescentes do PB e seus correspondentes em inglês adaptado de Azevedo (1981, p. 68-69).

Embora em ambas as línguas haja ditongos crescentes fonéticos, Azevedo não considera que, no PB, essas sequências vocálicas sejam ditongos na forma de base fonológica, mas hiatos (cf. a representação que propõe para essas sequências, entre barras, com duas vogais plenas). Em inglês, essas composições constituem ditongos crescentes já na forma de base (fonológica) (cf. a representação que propõe para essas sequências apresenta os símbolos /y/ e /w/, semivogais, na primeira posição). Nessa mesma linha, como já visto anteriormente, trabalhos como os de Bisol (1989) propõem que não há ditongos crescentes no PB na forma de base; esses ditongos seriam sempre derivados de hiatos ou formados pela combinação de consoantes labializadas /k^w, g^w/ no *onset* e vogais no núcleo.

Apresentam-se a seguir algumas considerações relativas aos padrões acentuais de ambas as línguas em estudo.

3.3 Acento

Com papel de destaque na área de prosódia, o estudo do acento é considerado de grande relevância para o aprendizado da pronúncia de palavras e enunciados de uma língua natural.

Levando-se em consideração que o falante nativo do PB está habituado ao padrão acentual reduzido da língua, bem como ao emprego de sinalização ortográfica indicativa, lidar com proeminência acentual em língua inglesa pode representar um grande desafio, principalmente devido a três fatores principais associados ao idioma estrangeiro: 1) maior número de possibilidades de realização; 2) inexistência de um modelo de acentuação tônica predominante; 3) ausência de marcação diacrítica, ou seja, de sinalização ortográfica (SCHÜTZ, 2005).

Linguistas como Roach (2002, p.97) julgam o assunto de difícil abordagem:

English word stress is so difficult to predict that it is best to treat stress placement as a property of the individual word, to be learned when the word itself is learned. Certainly anyone who tries to analyse English stress placement has to recognize that it is a highly complex matter.

Ladefoged (2006, p.110) atribui complexidade à determinação de regras sobre o acento em inglês: *“it is difficult to define stress from a listener’s point of view. A stressed syllable is often, but not always, louder than an unstressed syllable. It is usually, but not always, on a higher pitch”*.

Para esse foneticista, a melhor forma de se descrever diferenças acentuais entre as línguas está em dividi-las entre aquelas que apresentam variação de acento na palavra (como o inglês e o alemão), aquelas que possuem acento fixo (como o tcheco, o polonês e o swahili) e aquelas que apresentam acento frasal fixo, como o francês, por exemplo (LADEFOGED, 2006, p.243). Desse ponto de vista, o PB e o IA estão no mesmo grupo, mas, apesar disso, não apresentam um comportamento em tudo semelhante quanto ao acento.

Cabe ressaltar que a presente pesquisa restringe-se tão-somente à discussão do posicionamento do acento em PB e em IA, com vistas à identificação de semelhanças e diferenças existentes entre as duas línguas.

Tradicionalmente, o acento na língua portuguesa tem sido abordado nos estudos gramaticais normativos como sinônimo de sinal gráfico, isto é, associado à forma ortográfica da palavra, “aos diacríticos⁶⁵ que marcam a escrita” (CAGLIARI, 1999b, p.26).

⁶⁵ Acentos agudo, grave ou circunflexo (cf. CAGLIARI, 2000, p. 113).

Massini-Cagliari (1992, p. 9) esclarece que a concepção linguística para o termo está mais relacionada à noção de “tonicidade” utilizada na gramática tradicional, quando se refere à classificação das palavras baseando-se na posição de suas sílabas tônicas e átonas, do que com o acento como marcador ortográfico. Dessa forma, o acento gráfico se distingue do acento de intensidade, pois a presença daquele não configura uma obrigatoriedade nas palavras, enquanto que a ocorrência deste constitui-se uma característica inerente aos vocábulos de uma maneira geral, pois estes apresentam variações em suas sílabas quanto à intensidade com que são produzidas.

Com base em Cagliari (1999b, p.12), na história dos estudos linguísticos o acento tem sido interpretado basicamente sob três enfoques distintos: o fonêmico, idealizado por Pike em meados do século passado, que compreende o acento como um fonema de caráter supra-segmental, “uma unidade abstrata como qualquer fonema”, servindo para fazer distinção de significados lexicais; o gerativista, elaborado por Chomsky e Halle nos anos sessenta, que admite ser o acento um dos possíveis elementos que podem constituir uma vogal, como um traço distintivo; e, finalmente, o adotado pela fonologia métrica de Liberman e Prince (1977), que interpreta o acento como um fenômeno relacionado à sílaba e ao ritmo, sendo essa a concepção adotada nesta pesquisa e contemplada mais adiante nesta seção.

Vinculado à perspectiva dos últimos autores, Crystal (1988, p.15) refere-se ao acento como “forte proeminência de uma sílaba particular”. De semelhante modo, Trask (2004, p. 19) trata foneticamente do termo, “para referir-se ao grau de força ou intensidade ao se produzir uma sílaba”.

Na concepção do *Dicionário de Linguística* de Jean Dubois et al. (1973, p. 14), o acento é “um processo que permite valorizar uma unidade linguística superior ao fonema (sílabas, morfemas, palavras, sintagma, frase) para distingui-la de outras unidades linguísticas do mesmo nível”. Isso significa que o acento determina uma relação de proeminência dentro de um mesmo nível (sílabas, pé, palavra fonológica, etc.) que se dá acima do nível do segmento. Infere-se que, por essa razão, o acento é considerado um fenômeno de caráter supra-segmental.

Em suas pesquisas fonológicas sobre a língua portuguesa, Câmara Jr. (2002[1973], p.63) assume o acento como “uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. Desse modo, cria-se uma oposição na articulação das sílabas,

favorecendo a sua classificação em tônicas e átonas, para assinalar presença ou ausência de força, respectivamente. Segundo Câmara Jr. (1968, p. 39), tal designação tem origem em estudos do grego, uma língua tonal. Essa mesma origem, conforme o autor, justificaria a classificação das palavras do português, com base na posição do acento, em oxítonas (“tom agudo”), como na palavra *sofá*, paroxítonas (“para” = “ao lado de”), como no vocábulo *gato*, e proparoxítonas (“pro” = “antes”), como ocorre na palavra *pêssego*.

À luz de Trubetzkoy, o autor atribui funções distintiva e demarcativa ao acento em PB, salientando que a marca de tonicidade distingue palavras em função da posição em que ocorre. O fato se observa, por exemplo, nos pares das paroxítonas e oxítonas *jaca-jacá*, *cáqui-caqui*.⁶⁶

Câmara Jr. menciona ainda o papel do acento na distinção de padrões morfológicos como verbos, de padrão paroxítono, e substantivos, de modelo proparoxítono, como evidenciados em *rótulo-rotulo*, *fábrica-fabrico*, *intérprete-interprete* (CÂMARA JR. 2006[1970], p. 64-65).

A manifestação de fenômeno semelhante também é observada na língua inglesa, que, similarmente ao PB, apresenta contraste acentual distintivo entre substantivos e verbos⁶⁷, como nos seguintes registros, fornecidos por Ladefoged (2006, p. 111): *an 'insult, to in'sult; an 'overflow, to over'flow; an 'increase, to in'crease, etc.*

Segundo este linguista, muitas outras variações acentuais em inglês podem estar associadas com a função gramatical das palavras. No quadro abaixo, o autor exemplifica os tipos de alternâncias que podem ocorrer:

<i>Fisrt syllable stress</i>	<i>Second syllable stress</i>	<i>Third syllable stress</i>
'diplomat	di'plomacy	diplo'matic
'photograph	pho'tography	photo'graphic
'monotone	mo'notony	mono'tonic

Quadro 3.35 - Alternância de tonicidade de palavras em inglês (adaptado de Ladefoged, 2006, p.111)

⁶⁶ Outros exemplos são: *bambo-bambu*, *cara-cará*, *contem-contém*, *fugiram-fugirão* (cf. COLLISCHONN, 2005b, p. 142).

⁶⁷ No entanto, o autor explica que há raros casos de diferença no padrão acentual entre dois verbos, como *'differ* ; *de'fer*. O foneticista explica, ainda, que a diferença no padrão acentual pode contemplar funções sintáticas diferentes (não apenas verbo-substantivo). É o que se verifica em *'billow* ; *be'llow*, substantivo/verbo e preposição, respectivamente (LADEFOGED, 2006, p.111).

Na coluna inicial, todas as palavras apresentam proeminência na antepenúltima sílaba. Contudo, quando o substantivo é formado pelo sufixo “-y”, com se vê na segunda coluna, o acento se desloca para a sílaba seguinte (que continua a ocupar a penúltima posição na palavra). A tonicidade se manifesta na penúltima sílaba sempre que o sufixo adjetival “-ic” é utilizado, conforme se comprova na última coluna (LADEFOGED, 2006, p.111). Na visão do autor, desde que se elabore um conjunto de regras suficientemente complexas, é possível se prever a localização do acento em palavras na língua inglesa.

Em PB, conforme mencionado previamente, além da função distintiva, o acento também apresenta função demarcativa, que, segundo Câmara Jr. (2006[1970], p. 63), ocorre em uma sequência de palavras sem pausa, em que “as sílabas tônicas que precedem o último vocábulo baixam a uma intensidade 2”⁶⁸. Com relação à manifestação do acento de valor 2 dentro de um grupo força, Silva (2007, p.184) observa que

quando temos dois vocábulos juntos constituímos um grupo de força e a vogal tônica do primeiro vocábulo terá o valor de sua proeminência acentual reduzida a 2. Podemos dizer que duas palavras “a” e “b” têm valor 3 assinalado para sua vogal tônica quando estas palavras são consideradas isoladamente. Se consideradas em sequências – ou seja “a + b” – o valor 3 assinalado para a vogal tônica da primeira palavra é então reduzido a 2.

Câmara Jr. (1979[1975], p. 37) exemplifica o processo por meio da palavra *celebridade* e do sintagma *célebre idade*. A representação abaixo está baseada em modelo elaborado por Silva (2007, p.184), visando proporcionar maior clareza à descrição:

⁶⁸ O autor atribui 3 à tonicidade do vocábulo e propõe o seguinte esquema acentual:

“...(1) +3 +(0) +(0) +(0), indicando os parênteses a possibilidade de ausência de sílaba átona (nos monossílabos tônicos) e as reticências um número indefinido de sílabas pretônicas”. O linguista ressalta que as sílabas que antecedem o acento são menos débeis do que aquelas que o sucedem. (CÂMARA Jr. 2006, [1970], p.63). Veja-se o exemplo abaixo, retirado de Silva (2007, p. 184), para o vocábulo “parabólico”:

/p a r a b ó l i k o/ .
1 1 3 0 0

Câmara Jr. atribui o valor 2 quando ocorre uma sequência de vocábulos. “Numa emissão de fala contínua, sem pausa intercorrente (grupo de força), há tantos vocábulos fonológicos quantos são os acentos”.

Ex. *três grandes livros* (CÂMARA Jr., 1979 [1975], p.36).

2 2 3

(3.33)

a. *celebridade*

/s	e	l	e	b	r	i	d	a	d	i/
	1		1			1		3		0

b. *célebre* *idade*

/s	e	l	e	b	r	i	+	i	d	a	d	i/		c	o	m	o	p	a	l	a	v	r	a	s	i	n	d	i	v	a	i	s			
	3		0			0			1		3		0																							

/s	e	l	e	b	r	i	d	a	d	i/		c	o	m	o	g	r	u	p	o	d	e	f	o	r	ç	a		
	2		0			0		3		0																			

No âmbito da língua inglesa, Ladefoged (2006, p.110) revela que o acento tem diferentes funções e que, além do caráter distintivo, é também utilizado para dar ênfase especial a qualquer elemento da frase, até mesmo a conjunções como *and*, por exemplo.⁶⁹ De maneira análoga ao inglês, esse fato é revelado em várias línguas do mundo, e também no PB.

Estudos de Cagliari (1999b) sinalizam que fatores prosódicos associados à estrutura do discurso, especialmente aqueles relacionados com argumentação e destaques, assim como fatores pragmáticos, tais como atitudes do falante, definem como variações acentuais ocorrerão para se obter o resultado almejado. Cagliari (1999b, p. 37) apresenta os seguintes exemplos:

(3.34)

- a) Pédro fói ao cinéma
- b) Pédro foi ao cinéma
- c) Pédro foi áo cinéma

O linguista observa que semanticamente o acento tem a função de marcar o foco do enunciado: em a) poderá ser uma resposta para a pergunta do tipo “quem foi ao cinema?” O exemplo apresentado em b) pode ser uma resposta para a

⁶⁹ “*John or Mary should go? I think John **and** Mary should go.*” (LADEFOGED 2006, p.110)

pergunta “Pedro fez o quê?”. Já em c), o enunciado dá ênfase ao fato de Pedro ter ido “ao cinema”, não a outro local.

Verifica-se, dessa forma, a realização do acento no domínio pós-lexical associada a outros fatores prosódicos como ritmo, entoação, velocidade de fala, pausas, etc.⁷⁰ Na visão do foneticista esse fenômeno configura-se como uma das grandes distinções entre o olhar fonético e o olhar fonológico sobre o acento. A diferença “reside no fato de a fonologia prever algumas sílabas tônicas, por exemplo, marcadas no léxico, as quais entretanto, podem ou não se realizar foneticamente como tônicas” (CAGLIARI, 1999b, p.34).

O pesquisador assinala que, foneticamente, uma sílaba tônica de um vocábulo pode ocorrer com atonicidade em determinadas circunstâncias, principalmente em se tratando de frases longas:

(3.35)

a) a casa caiu.

b) A tua casa azul caiu como todas as casas velhas.

O autor faz a seguinte análise: em a), a primeira sílaba de casa e a última de caiu recebem tanto o acento fonético como o fonológico. Contudo, em b), essas mesmas sílabas se manifestam foneticamente como átonas em decorrência da realização da fala e do ritmo. Conforme discussão anterior, na esfera fonética a tonicidade pode ser atribuída a palavras “átonas”, principalmente quando lidando com o acento frasal, o que se observa no exemplo abaixo, em que “o artigo o tirou o acento de *foi* que o precede e ficou com acento frasal” (CAGLIARI, 1999b, p. 35):

(3.36)

Não foi a casa, foi o barracão que caiu.

Desse modo, chega-se à conclusão de que em algumas situações a proeminência fonética pode não coincidir com “o padrão de tonicidade atribuído às sílabas na forma básica lexical” (CAGLIARI, 1999b, p. 35).

⁷⁰ Fatores dessa natureza não serão contemplados nesta pesquisa, cujo enfoque fonológico é de teor lexical.

A respeito da caracterização do acento lexical e do acento frasal, o autor descreve que:

este último é o que aparece com a noção de sílaba tônica saliente e é realizado pela variação melódica da fala. O acento de sílabas costuma ter como correlato físico a duração, na grande maioria das línguas. Mais raramente seu correlato físico típico é o volume ou altura melódica. Muito frequentemente, variações de volume e de altura melódica co-ocorrem com a variação da duração. (CAGLIARI, 1999b, p.12)

Por tudo isso, julga-se de extrema importância o entrosamento que deve existir entre as áreas da Fonética e da Fonologia no que se refere aos estudos sobre o acento:

Certamente, não será a Fonética que irá descobrir uma regra de atribuição do acento, que o falante já não tenha descoberto a partir de sua intuição como sujeito falante e como fonólogo. Por outro lado, corre-se o risco de se encontrar na pesquisa fonética, desligada de preocupação fonológica, evidências estatísticas que não têm nada a ver com a interpretação do sistema da língua, apresentando apenas fatos físicos irrelevantes. (CAGLIARI 1999b, p.52-53)

Assumindo a atribuição do acento como uma questão de caráter estrutural fonológico, Cagliari (1999b, p.53) explica que o fenômeno “pode estar apenas na forma como o sistema da língua se estabelece, sem precisar ter sempre um correlato físico específico”. Os exemplos abaixo denotam a reflexão do autor:

(3.37)

- a) /[^] João/ Alves/ mora numa /casa velha/
- b) /[^] João/ Alves/ mora numa casa/velha

Os enunciados apresentados acima revelam estruturas rítmicas distintas, assim como significados diferentes, dependendo do fato de os vocábulos *casa* ou *velha* receberem acento rítmico. Para Cagliari, essas são questões de abrangência da Fonética, enquanto que à Fonologia cabe explicar o fato de as duas palavras, indiscutivelmente, conterem acento, pois nesse domínio o acento “não é o resultado de uma pronúncia, mas uma regra estrutural” (CAGLIARI, 1999b, p.53).

Por essa razão, Cagliari argumenta que o estudo do acento por meio de pronúncias de vocábulos isolados não é uma estratégia fonética recomendável. Com idêntica percepção, Roach (2002, p.95) julga a estratégia inadequada e artificial, pois “*we do not often say words in isolation, except for a few such as ‘yes’, ‘no’, ‘possibly’, ‘please’ and interrogative words such as ‘what’, ‘who’, etc.*” O autor pontua dois aspectos principais, intimamente relacionados, e que devem ser investigados em uma abordagem sobre o acento: produção e percepção. Aquele refere-se à maneira como o falante produz sílabas fortes e este vincula-se às características do som que fazem com que uma sílaba pareça mais proeminente ao ouvinte (ROACH, 2002, p. 93).

Massini-Cagliari (1992, p. 119) igualmente realça a importância dos correlatos físicos para os estudos fonológicos, pois estes podem “indicar pistas a respeito dos próprios processos fonológicos relacionados à acentuação [...], como, por exemplo, mudanças na qualidade vocálica”. A autora compreende o acento em PB como “uma proeminência atualizada foneticamente” pela combinação de vários fatores prosódicos, mensurando-os por grau de importância em ordem decrescente da seguinte forma: duração, intensidade e qualidade vocálica (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 121).

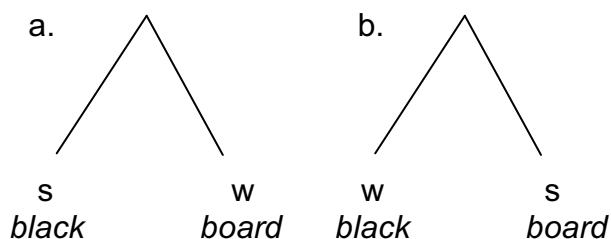
A fonóloga lembra que os estudos descritivos da acentuação do PB vêm acompanhando a trajetória da fonologia dentro da Linguística enquanto ciência, com sua gênese no estruturalismo clássico mattosiano até o advento das denominadas fonologias não-lineares.

Em comunhão com autores seguidores da fonologia não-linear (BISOL, 1992; WETZELS, 1992; LEE, 1993; COLLISCHONN, 2005b), Massini-Cagliari (1992; 1999) faz uma análise sobre o assunto calcada em pressupostos teóricos da fonologia métrica, a qual propõe descrições e formalizações dos padrões do acento e do ritmo da fala. Para Cagliari (1999b, p.28), esse modelo, mais do que qualquer outro na esfera não-linear, surgiu com a intenção de dar conta do acento. Foi a partir da teoria métrica que a sílaba passou a ser reconhecida com uma unidade fonológica, recebendo a classificação de forte (s) e fraca (w).

Hogg e McCully (1999, p. 62) postulam que, em tal modelo, originado dos estudos clássicos de Liberman e Prince (1977), o acento é concebido como uma estrutura rítmica hierarquicamente organizada. O modelo inicialmente sugere a construção de árvores métricas que possam refletir a estrutura sintática. As

representações envolvem ramificações conectadas aos nós, considerados como “nós irmãos”, com rótulos *s* e *w* para sinalizar as sílabas de maior e menor proeminência, respectivamente. Os autores apresentam os seguintes exemplos:

(3.38)



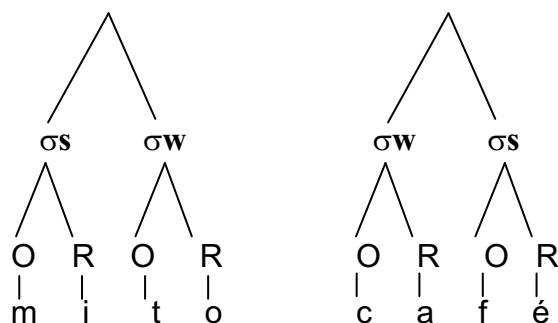
A primeira figura refere-se à palavra *blackboard* (“quadro-negro”, “lousa”), com proeminência silábica inicial, ao passo que a segunda representa a sequência de palavras *black board* (“quadro preto”), com tonicidade na última sílaba (HOGG; McCULLY, 1999, p.65).

Massini-Cagliari (1992, p. 81) explica que, na concepção da fonologia métrica, não só o acento, mas os demais fenômenos supra-segmentais localizam-se em um nível superior ao dos segmentos. Por essa razão

o acento não pode ser localizado apenas no núcleo ou na rima (os estruturalistas e gerativistas localizavam-no só na vogal), tendo que ser atribuído, no nível da palavra, na sílaba (σ), através da distribuição dos rótulos “*s*” (forte) e “*w*” (fraco).

A autora fornece os seguintes exemplos em contexto de PB:

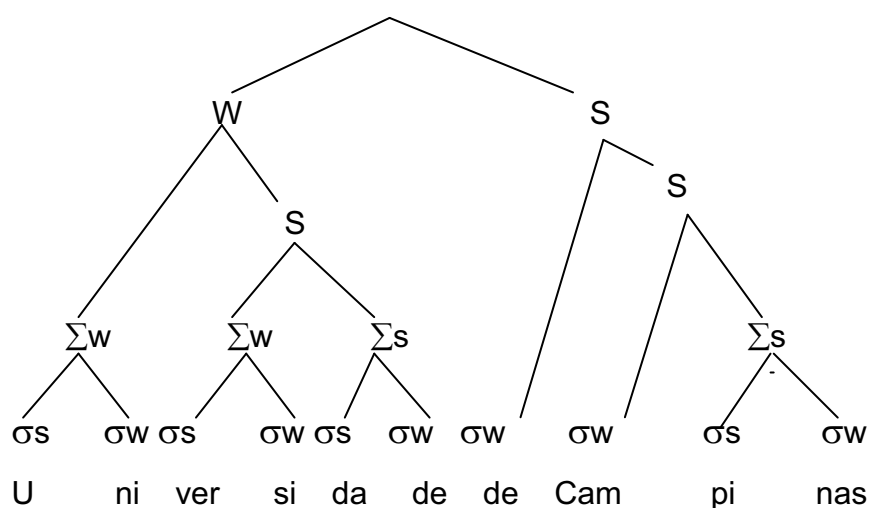
(3.39)



Examinando a relação que a teoria estabelece entre sílaba e acento, a pesquisadora enfatiza que o modelo veio preencher uma lacuna deixada pelas propostas anteriores, ao demonstrar uma relação mais estreita no que diz respeito “à acentuação em nível fonético, no qual ela está intimamente ligada a padrões rítmicos” (MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 81).

À guisa de exemplificação do modelo para uma sequência de palavras, Massini-Cagliari (1999, p. 78) propõe a seguinte árvore métrica para o sintagma “universidade de Campinas”:

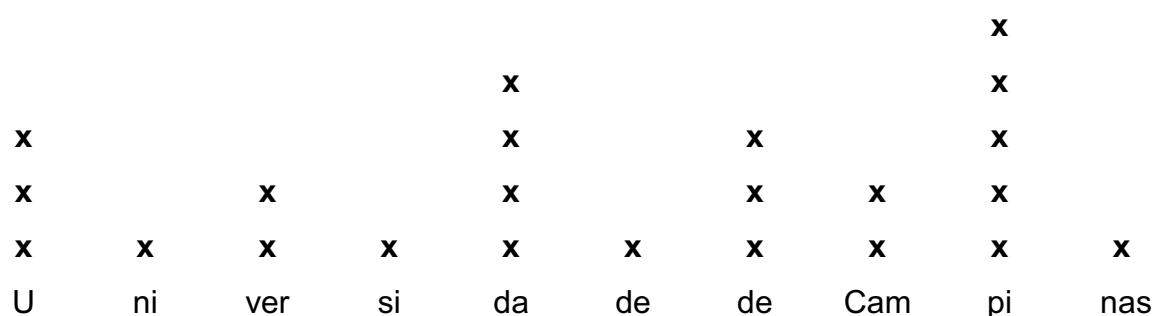
(3.40)



Um pouco mais adiante na história da Fonologia, Prince (1983) sugere representação em grade métrica, eliminando assim as ramificações e enfatizando as proeminências, marcando-as com “x” para indicar cada sílaba. O modelo

exprime que a primeira relação de tonicidade se dá no nível logo acima da sílaba, em um contínuo de maior e menor proeminência (*s* ou *w*), em intervalos mais ou menos equivalentes entre si. Antes de o grau mais elevado do acento ser alcançado, que é o acento principal, outros níveis são estabelecidos. Com base nesse molde, a proposição de Massini-Cagliari (1999, p. 78) para o mesmo sintagma, *Universidade de Campinas*, é a seguinte:

(3.41)



Análises teóricas subsequentes logo questionaram sobre a melhor maneira de representar o acento, o que gerou polêmica em torno do assunto. Por um lado a defesa das grades por Prince (1983), uma vez que melhor retratam fenômenos rítmicos, e por outro lado, com o surgimento da Fonologia Prosódica, representada por estudiosos como Nespor e Vogel (1986) e Selkirk (1980), as representações arbóreas foram eleitas como as melhores para representar, não apenas o acento, mas também outras ocorrências prosódicas, como por exemplo, a entoação (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.79).

Em momento posterior, os dois modelos foram julgados como vantajosos, conforme estudos desenvolvidos por Halle e Vergnaud (1987), Kager (1989), Goldsmith (1990) e Hayes (1995). Na ocasião, surgiram as grades parentetizadas, que além de preservarem as ramificações representantes dos constituintes, promoviam maior clareza de expressão na hierarquia de batidas rítmicas. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 79). Verifica-se abaixo a representação do mesmo sintagma à luz do novo modelo:

acento. Assim, infere-se que o acento seja sensível ao peso silábico (BISOL,1992; MASSINI-CAGLIARI, 1999; WETZELS, 1992; CAGLIARI, 1999b; COLLISCHONN, 2005b).

No tocante à ocorrência do acento em língua inglesa, Cagliari (2002b, p.121) afirma que “a regra de atribuição do acento diz que a última consoante da última sílaba é extramétrica. A última sílaba será acentuada se for pesada, caso contrário, o acento cairá na sílaba anterior”. Para ilustrar o fenômeno, o autor cita as palavras *attén(d)* e *astóni(sh)*, indicando que as sílabas pesadas recebem o acento nos dois casos e que <d> e <sh> são considerados extramétricos, analisando-se o primeiro e o segundo exemplo, respectivamente.

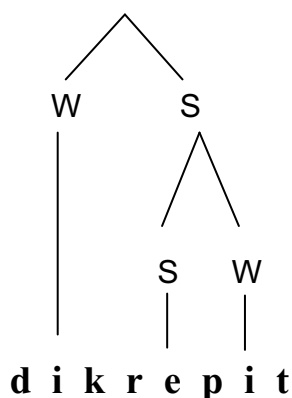
Hogg e McCully (1999, p. 113) resumem, em uma versão final, a regra de atribuição do acento em inglês, fundamentada em pés, devendo ser utilizada após aplicação do princípio de extrametricidade:

Proceeding from right to left from the edge of the domain and on the rhyme projection only:

- i) Assign the rightmost syllable foot status if it branches.*
- ii) Assign every second syllable (counting from the rightmost foot or the edge of the domain if there is no rightmost foot) foot status.*
- iii) Assign the leftmost syllable foot status.*

Os autores registram a seguinte representação arbórea para a palavra *decrepit*:

(3.44)



Na visão de Hayes (1995), a determinação do acento lexical nas línguas naturais é estabelecida pelo ritmo, a partir da constituição dos pés.

Cada língua, de forma particular, conduz o direcionamento para a composição desses pés, (da esquerda para a direita ou da direita para esquerda). O quadro abaixo apresenta os tipos de pés silábicos propostos pelo autor:

<i>Pé</i>	<i>Característica</i>	<i>Estrutura</i>
troqueu silábico	proeminência à esquerda; insensível ao peso silábico	(x .) σ σ
troqueu moraico	proeminência à esquerda; sensível ao peso silábico	(x .) ou (x) ∪ ∪ —
lambo	proeminência à direita; sensível ao peso silábico da sílaba inicial do pé	(. x) ou (x) ∪ σ —

Quadro 3.36 - Pés métricos limitados (HAYES, 1995, p. 71)

Bisol (1992), Wetzels (1992), Massini-Cagliari (1999), Cagliari (1999b), entre outros, advogam que o acento em PB é sensível ao peso silábico, constituindo-se do final para o início do vocábulo um pé do tipo troqueu moraico. Do ponto de vista dos autores, o padrão justificaria palavras paroxítonas terminadas em sílabas leves, considerado o padrão mais geral no PB, assim como vocábulos oxítonos terminados em sílabas travadas, conforme abaixo exemplificado:

(3.45)

(x .)	(x)
∪ ∪	—
fa vo	fa vor

Constituindo-se como o segundo maior grupo de palavras no léxico do PB, as oxítonas podem ser divididas em dois grupos: o dos vocábulos finalizados em

consoante⁷³ e o dos vocábulos terminados em vogal (COLLISCHONN, 2005b, p.144). Desse modo, conclui a autora, sempre que a palavra terminar em sílaba travada, “o acento marcado, especial, é o paroxítono e o menos marcado é o oxítono”, conforme apresentado abaixo:

<i>Oxítonas</i>	<i>Paroxítonas</i>
<i>sugar</i>	<i>açúcar</i>
<i>colher</i>	<i>cadáver</i>
<i>vigor</i>	<i>vitor</i>
<i>cordel</i>	<i>móvel</i>
<i>civil</i>	<i>fácil</i>

Quadro 3.37 - Oxítonas e paroxítonas terminadas em consoantes (com base em COLLISCHONN, 2005b, p.144)

O grupo de oxítonas com terminação em sílabas leves é composto por um número bem reduzido de palavras e por uma grande quantidade de empréstimos oriundos, sobretudo, do francês, de línguas indígenas e de línguas africanas, tais como *avó*, *café*, *araçá* e *banzé*, respectivamente (COLLISCHONN, 2005b, p. 144).

Para o tratamento das esdrúxulas e das paroxítonas finalizadas em sílabas pesadas, Massini-Cagliari (1999) atribui regras alternativas, em níveis lexicais mais profundos.

Em suas pesquisas prosódicas, Cagliari (1999b) destaca a importância de se levar em consideração as tendências que abordam a acentuação em PB, pois elas situam a formação da língua no passado e direcionam o futuro. A tendência histórica da língua aponta para dois aspectos principais:

a formação de troqueus como padrão ideal e a possibilidade de localização do acento primário em uma das três últimas sílabas – o que permite gerar palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. O peso silábico e o ritmo nunca foram fatores importantes nessa história. (CAGLIARI, 1999b, p.57).

⁷³ Segundo a autora, quando a palavra é finalizada por consoante, o acento preferencialmente recai na última sílaba. Dados estatísticos de Bisol (1992) revelam que 78% das palavras terminadas em consoantes são oxítonas, enquanto que somente 22% são do grupo das paroxítonas.

Nesse sentido, o pensamento do autor vem consolidar o de Massini-Cagliari (1999), ao revelar que a tendência para localização do acento em PB acena para duas afirmações tradicionais: a predominância de palavras paroxítonas⁷⁴, com proeminência à esquerda, ou seja, do tipo troqueu, e a ocorrência do acento em uma das três últimas sílabas das palavras (CAGLIARI, 1999b, p.57). O mesmo argumento já tinha sido exposto anteriormente por Bisol (1992), ao se referir à restrição de uma janela de três sílabas para o padrão acentual do PB. Collischonn (2005b, p.143) afirma que esse fenômeno constitui-se em “um indicativo da regularidade subjacente à distribuição do acento”.

De acordo com a linguista, o grupo das palavras proparoxítonas é o mais reduzido em PB e sua presença no léxico atual é justificada por empréstimos, principalmente advindos do latim e do grego. O caráter não-nativo desses vocábulos favorece a propensão de regularizar a posição do acento com base no molde dominante, qual seja o paroxítono. O fato se resolve com o apagamento da penúltima sílaba, conforme se observa nas seguintes palavras (COLLISCHONN, 2005b, p.143):

(3.46)

<i>abóbora</i>	>	<i>abobra</i>	<i>xícara</i>	>	<i>xicra</i>
<i>árvore</i>	>	<i>avri</i>	<i>cócega</i>	>	<i>cosca</i>
<i>fósforo</i>	>	<i>fosfru</i>			

Cagliari (1999b, p 57) observa que, de forma semelhante, o fenômeno se realiza em anglicismos,⁷⁵ mais recentemente incorporados ao léxico do PB via empréstimo. Nesses casos, os ajustes também levam em conta o padrão oxítono, igualmente produtivo em PB:⁷⁶

⁷⁴ O modelo é válido para várias classes de palavras, tais como adjetivos, verbos, advérbios e preposições (COLLISCHONN, 2005b, p.143).

⁷⁵ O que abrange os antropônimos advindos de países de língua inglesa. Adaptações dessa natureza foram identificadas no *corpus* desta pesquisa e serão tratadas na seção de análise, mais adiante.

⁷⁶ Outros exemplos são: *xerox* > *xerox*; *e-mail* > *e-mail*; *internet* > *internet*; *check-in* > *check-in*; entre outros (cf. ASSIS, 2007).

(3.47)

basket > basquetefootball > futebolju.ni.or > jú.nior

O autor aponta a problemática de reconhecer a sílaba e o acento na oralidade, a despeito da compreensão da natureza fonética de ambos. A dificuldade torna-se maior quando em contexto de uma língua estrangeira: “uma tarefa que apresenta dificuldades apreciáveis é o reconhecimento pelo ouvinte de sílabas em línguas estrangeiras e, sobretudo em línguas que o ouvinte escuta pela primeira vez” (CAGLIARI, 1999b, p 19).

Massini-Cagliari (1999, p.128) propõe o seguinte resumo esquemático para a estrutura métrica da grande maioria das palavras do PB:

<i>Padrão acentual</i>	<i>Estrutura métrica</i>
paroxítonas terminadas em sílabas leves	(x .) ba ta ta ∪ ∪ ∪
oxítonas terminadas em sílaba pesada	(x) jor nal — —
monossílabos pesados	(x) sol —

Quadro 3.38 - Estrutura métrica da maioria das palavras do PB (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.128)

Em estudos prosódicos comparativos entre o inglês e o PB, Azevedo (1981, p.93) observa que tanto uma língua quanto a outra gozam de certa liberdade na atribuição do acento em suas palavras, sendo que, em PB, como visto anteriormente, há uma limitação de três sílabas, ao passo que, em inglês, as possibilidades são maiores. Entretanto, o autor explica que o acento é fixo para a maioria das palavras em um determinado dialeto do inglês, como acontece em

'cigarette vs. ciga'rette, 'contractor vs con'tractor, 'converse vs. con'verse, 'contrite vs. con'trite e nos numerais terminados em *teen* ('thirteen vs. thir'teen).

O linguista informa que, no caso dos numerais, diferentemente do PB, o inglês permite flutuação na posição do acento, em qualquer variedade. Geralmente os números compostos pelo sufixo *teen* recebem acento na sílaba inicial quando usados para contagem. Entretanto, o acento cairá sempre na segunda sílaba quando em contexto de enunciados, como “*I brought ten and she brought fif'teen*” (AZEVEDO, 1981, p.94).

No campo dos vocábulos compostos em inglês, Roach (2002, p. 108) declara que, de modo geral, o acento tônico da palavra sempre recai no primeiro elemento⁷⁷, conforme se constata em 'typewriter, 'suitcase, 'sunrise, 'tea-cup, 'fruit-cake, 'desk lamp, 'battery charge, etc.

Roach (2002) chama a atenção para as diferentes possibilidades de formação dessas palavras (uma só palavra, hífen entre as palavras, ou separadas por espaço) o que torna difícil ao falante estrangeiro identificá-las como compostos da língua unicamente pela escrita.

Palavras compostas em PB sempre recebem acento no segundo elemento (CÂMARA Jr. 2006[1970]; MASSINI-CAGLIARI,1999), como se verifica em *beija-flor*, *guarda-roupa*, *quadro- negro*, etc.

Cagliari (1999b, p.58) apresenta exemplos de palavras compostas através de prefixos tônicos, argumentando que “eventualmente, a sílaba tônica do prefixo pode se transformar em uma sílaba com acento secundário ou até ficar uma sílaba átona”, como se vê nos exemplos abaixo:

(3.48)

pós + graduação ➡ pós-graduação

pós + tônica ➡ pós-tônica postônica

⁷⁷ Todavia, os compostos recebem maior tonicidade no segundo elemento quando: o primeiro elemento for um adjetivo e o segundo terminar em sufixo *-ed*; o primeiro elemento for um numeral; o composto tiver a função de advérbio; e quando o composto funcionar como verbo e apresentar um elemento adverbial no início. Ex: *bad-tempered*, *second-class*, *down'stream*, *ill-treat*.

O linguista aborda os compostos em PB sob dois ângulos: de forma isolada e dentro de um enunciado, apresentando a seguinte descrição:

Quando uma palavra composta é pronunciada isoladamente, comporta-se como uma sequência comum de duas palavras. [...] Quando as palavras compostas ocorrem no meio de um enunciado, comportam-se como qualquer sequência de palavras não compostas. (CAGLIARI, 1999b, p. 40)

Ao tratar do acento secundário, Massini-Cagliari e Cagliari (2003, p. 114) revelam que sua ocorrência pode ser interpretada como um resultado de regras de euritmia da língua, pois em PB não se admite uma sequência muito longa de sílabas átonas, o que faz com que muitas dessas sílabas passem “a ter um reforço extra, formando uma onda rítmica mais regular”.

Segundo os autores, fatores lexicais também concorrem para a definição do acento secundário, como se identifica nos derivados em *-(z)inho*, *-í(ssi)mo* e *-mente*. Alguns exemplos são:

(3.49)

- a) bèlíssima
- b) hotèlzinho

Como se observa em a) e b) acima, o acento secundário⁷⁸ recai no radical.

Outras regras de euritmia propostas pelos autores são:

- i) Há tendência de ocorrência do acento secundário em posição inicial da palavra quando o acento principal está longe desse contexto. Ex.: *ànticonstitùcìonal*; *intolerável*.
- ii) A propensão da língua é de evitar que dois acentos aconteçam em sequência, fazendo com que o da esquerda se desloque. Ex.: *càfezinho*; *fèlizmente*

⁷⁸ Os autores optaram por marcar o acento secundário com o acento grave nesses exemplos.

Em contexto de língua inglesa, Ladefoged (2006, p.112) acredita que não se trata exatamente de um acento secundário nas palavras, mas uma variação no padrão entoacional:

In longer words containing two stresses, the apparent difference in the levels of the first and the second stress is really due to the superimposition of an intonation pattern. When these words occur within a sentence in a position where there are no intonation effects, then there are no differences in the stress levels.

O autor admite que um acento menos intenso parece se manifestar em determinadas palavras em inglês, fornecendo os seguintes dados:

<i>Vogais não-reduzidas em sílaba final</i>	<i>Vogais reduzidas em sílaba final</i>
'multiply	'multiple
'regulate	'regular
'copulate	'copula
'circulate	'circular
'criticize	'critical
'minimize	'minimal

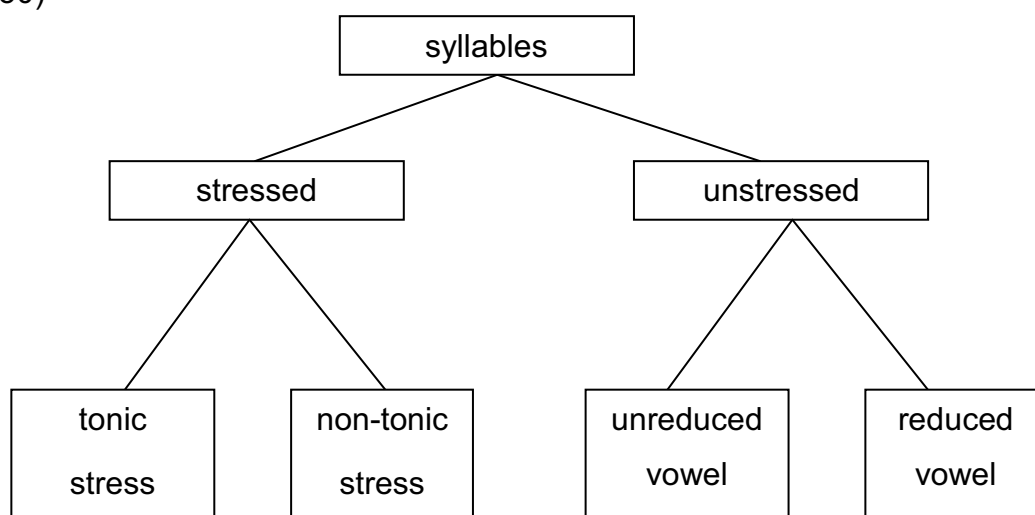
Quadro 3.39 - Vogais reduzidas e não reduzidas em final de vocábulos de três sílabas (LADEFOGED, 2006, p.112).

Observa-se que as palavras em ambas as colunas apresentam proeminência na primeira sílaba. Os exemplos da primeira coluna parecem receber um acento mais leve na última sílaba, mas isso não é o que, de fato, ocorre. Na realidade, a questão está relacionada à qualidade das vogais presentes nos dois conjuntos de palavras. As apresentadas na primeira coluna diferem daquelas da segunda por exibirem uma vogal plenamente articulada na sílaba final. Essa vogal é sempre mais longa do que as vogais reduzidas (geralmente [ə]) presentes na última sílaba dos vocábulos da segunda coluna. O resultado é a diferença no ritmo dos dois grupos de palavras, fenômeno que decorre da distinção existente na qualidade das vogais e não de diferenças no acento: *“there is not a strong increase in respiratory activity on the last syllable of the words in the first column. Both sets of words have*

increases in respiratory activity only on the first syllable” (LADEFOGED, 2006, p. 112).

Em síntese, o linguista revela que as sílabas variam quanto ao grau de proeminência em uma frase, mas que essa variação não está associada com o que se costuma chamar de acento. O foneticista compreende que a acentuação está associada a um pico na entoação e propõe, portanto, o seguinte diagrama para representar os graus de proeminência de diferentes sílabas em uma frase:

(3.50)



(LADEFOGED, 2006, p.113)

Lado (1971, p.49) corrobora com a teoria de Ladefoged ao afirmar que

o acento secundário é relativamente infreqüente em inglês em comparação com os acentos primário e fraco. É também importante observar que muitos falantes parecem não usar jamais o acento secundário, possuindo, em vez desse sistema, um constituído de acento fraco, primário e frasal.

Por outro lado, há autores como Azevedo (1981) e Roach (2002), que reconhecem a ocorrência do acento secundário em inglês, como se vê nos vocábulos⁷⁹ *photographic* [ˌfəʊtəˈgræfɪk]⁸⁰; *anthropology* [ˌænrəpˈɒlədʒi] (ROACH, 2002, p. 96).

⁷⁹Azevedo (1981, p. 94) expõe os seguintes exemplos: ,consub,stanti'ation e ,consti tutional,ism

Admite-se que esse campo de estudo pode ser ainda bastante explorado, entretanto, o espaço desta pesquisa não permitiria uma investigação mais aprofundada, pois o trabalho atém-se apenas a análises de posições acentuais concernentes às duas línguas em evidência.

3.4 Considerações finais

Por meio de um sucinto estudo comparativo, discutiu-se nesta seção aspectos relevantes dos sistemas fonológicos do PB e do IA, destacando-se pontos semelhantes e divergentes entre as duas línguas. Acredita-se que o distanciamento entre as duas línguas configura-se como principal motivação de adaptações fonético-fonológicas realizadas por falantes brasileiros diante de pronúncia em língua inglesa. As questões de acomodação linguística serão tratadas na seção 5 deste trabalho.

⁸⁰ O diacrítico (,) é utilizado para marcar o acento secundário (ROACH, 2002, p. 96).

4 Procedimentos metodológicos

Descrevem-se a seguir as etapas realizadas para a elaboração deste estudo, abrangendo a constituição do *corpus*, a descrição e a quantificação dos dados, as gravações e as entrevistas com informantes.

De teor fonético-fonológico, principalmente, este estudo buscou investigar antropônimos que fogem aos padrões do sistema fonológico e ortográfico brasileiro, não só aqueles que entraram no léxico do PB via pronúncia em língua inglesa,⁸¹ mas também nomes vernáculos que apresentam ortografia inspirada em padrões estrangeiros.

Para a realização dessa meta, efetuou-se uma pesquisa de campo⁸² para identificação dos dados disponíveis na comunidade ludovicense. O universo da pesquisa centrou-se em cinco escolas da rede pública localizadas em bairros da periferia de São Luís. A amostra constituiu-se das seguintes escolas:

ESCOLA	BAIRRO	CÓDIGO ⁸³
Unidade Integrada Pe. Newton Pereira	Cohatrac	E1
Unidade Integrada Profa. Maria Pinho	Cohatrac	E2
Unidade Integrada João Paulo II	Habitacional Turu	E3
Unidade Integrada José Sarney Filho	Raposa ⁸⁴	E4
Centro Educacional Paulo VI	Cidade Operária	E5

Quadro 4.1 - Lista das escolas que integram a pesquisa.

O contingente de alunos, na sua grande maioria, é oriundo de famílias de baixa renda. No entanto, parecem integrados e satisfeitos com as escolas, cujo corpo docente é formado por profissionais concursados de nível superior.

⁸¹Esse foi o caso da palavra *strogonoff*, que, apesar de sua origem etimológica russa, entrou no léxico do PB via língua inglesa, por ter se tornado um prato popularmente famoso da culinária norte-americana. Em Houaiss (2001, p. 1266), após descrição do prato, há o seguinte registro: “Etm. Ing. *Strogonoff* (1932) do antrop. *Paulo Strogonov* (S XIX), conde e diplomata [...] (Rússia)”.

⁸²A tarefa contou com a participação de alguns alunos do curso de Letras da UFMA.

⁸³Os códigos foram criados para facilitar a referência do *corpus* (E1 = Escola 1).

⁸⁴Município situado na microrregião da Aglomeración Urbana de São Luís.

As turmas contempladas abrangem da 5^a a 8^a séries do ensino fundamental, com média de 50 alunos cada, sendo compostas de meninos e meninas com idade entre 11 e 15 anos.

A coleta dos dados realizou-se no decorrer de algumas visitas às escolas; na oportunidade os contatos foram mantidos com as supervisoras pedagógicas que, receptivamente, disponibilizaram diários de classe, a fim de que se pudesse buscar os prenomes pertinentes ao estudo. Ressalta-se que a escolha das escolas públicas foi direcionada pelos seguintes motivos: a experiência desta pesquisadora como professora de um programa de extensão da Universidade Federal do Maranhão (ocasião em que foram observados muitos prenomes de grafia estrangeira nas listas de frequência); leituras de pesquisas anteriores (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004; CUNHA, 2006; FREITAS, 2008) que evidenciam a incidência desses prenomes em segmentos da sociedade de menor prestígio econômico e, além disso, por compreender as escolas como instituições que retratam a realidade viva e atuante da sociedade.

Durante a manipulação dos diários, observou-se a presença de nomes estrangeiros em todas as salas examinadas. Constatou-se que, além de anglicismos, há nomes característicos de diferentes países, como *Toyoko*, (Japão), *Giovanni* (Itália), *Yang* (China), *Yuri* (russo), *Pierre*, *Michelle* (França), entre outros, o que reflete a riqueza de empréstimo de outras línguas ao PB.

Ao todo, foram selecionados 323 prenomes, obedecendo-se os seguintes critérios:

- i) Nomes de grafia idêntica no IA e no PB;
- ii) Nomes característicos da língua inglesa adaptados graficamente ao PB;
- iii) Nomes de escrita diferente da usual em nomes vernáculos: uso das letras k, y, w, grafemas duplicados, agrupamentos de p, t, d + h;
- iv) Nomes criados a partir de combinações sonoras e/ou grafemáticas baseadas nos sons ou na escrita do inglês.

Os critérios acima foram adotados a fim de que se pudesse investigar o grau de nativização linguística, diferenciando os casos em que os nomes próprios adotados apresentam, ainda, a grafia original, dos casos em que os nomes já estão com grafia adaptada aos padrões do PB, situação em que há maiores chances de

ter ocorrido o processo de “nativização”. A par desses casos, serão também analisados nomes não originariamente estrangeiros, porém criados a partir de modelos estrangeiros existentes, em uma flagrante “imitação” a eles, além de nomes vernáculos, grafados com letras características do padrão ortográfico do inglês.

A quantificação dos dados relativos a estas categorias será apresentada no quadro 4.2 a seguir.

4.1 Constituição do *corpus*

Os nomes coletados, bem como a quantidade de ocorrências no *corpus*, encontram-se representadas no quadro 4.2 abaixo:⁸⁵

Após a coleta dos dados, procedeu-se ao agrupamento dos nomes de acordo com suas características, conforme demonstrado na seção 5.2 desta tese.

	Antropônimo	Ocorrência no <i>corpus</i>
1	<i>Agatha</i>	1
2	<i>Akinayara</i> ⁸⁶	1
3	<i>Alan ~ Allan</i> ⁸⁷	4
4	<i>Alayne</i>	1
5	<i>Albert Yarley</i>	1
6	<i>Alex Richard</i>	1
7	<i>Alderthy</i>	1
8	<i>Allan Richard</i>	1
9	<i>Alison/Allison</i> ⁸⁸	4
10	<i>Alliny Stephanny</i>	1
11	<i>Anderson</i>	3
12	<i>Anderson David</i>	1
13	<i>Andrew</i>	2
14	<i>Andrew Douglas</i>	1
15	<i>Andrew Lucas</i>	1
16	<i>Andrey Gustavo</i>	1
17	<i>Angelo Felype</i>	1
18	<i>Andreya</i>	1
19	<i>Anne Karolinne</i>	1

⁸⁵ Optou-se por agrupar em um mesmo campo as grafias variadas para um mesmo prenome. Para os casos de prenomes idênticos ocorridos de forma simples e formando compostos com outros nomes, optou-se por registrá-los separadamente.

⁸⁶ Nome selecionado a partir da grafia, que contém as letras <k> e <y>, apesar de haver dúvidas quanto à sua origem anglófona.

⁸⁷ Uma ocorrência como Alan e três como Allan.

⁸⁸ Três ocorrências com a grafia *Allison* e uma como *Alison*.

20	<i>Anny Hellen</i>	1
21	<i>Anthonio</i>	1
22	<i>Antônio Walet</i>	1
23	<i>Arthur</i>	3
24	<i>Aryellson Patrick</i>	1
25	<i>Auderson</i>	1
26	<i>Bill Kendel</i>	1
27	<i>Bradison André</i>	1
28	<i>Brandon Lee</i>	1
29	<i>Brayan</i>	1
30	<i>Brayan Kley</i>	1
31	<i>Brenda</i>	1
32	<i>Brendon Herick</i>	1
33	<i>Brian ~ Bryan</i>	2
34	<i>Bryan Robson</i>	1
35	<i>Bryan Venceslau</i>	1
36	<i>Carolayne ~ Karolayny ~ Karolayne ~ Karolaini</i>	4
37	<i>Karolayni Luana</i>	1
38	<i>Carynne Nazareth</i>	1
39	<i>Cássio Jhones</i>	1
40	<i>Catherine ~ Katerine</i>	2
41	<i>Cellya</i>	1
42	<i>Charles</i>	2
43	<i>Christhian</i>	1
44	<i>Christian Samuel</i>	1
45	<i>Christyelen</i>	1
46	<i>Christyna</i>	1
47	<i>Chrystian Luiz</i>	1
48	<i>Clayton Roberth</i>	1
49	<i>Cleberon</i>	1
50	<i>Clery Stefanne</i>	1
51	<i>Chryssy</i>	1
52	<i>Daiana ~ Dayana ~ Dayanna⁸⁹</i>	5
53	<i>Dayana Elisa</i>	1
54	<i>Dayane ~ Daiane</i>	1
55	<i>Daianny Cristina</i>	1
56	<i>Diana Linda⁹⁰</i>	1
57	<i>David</i>	2
58	<i>Davyson</i>	1
59	<i>Daisy ~ Dayse</i>	2
60	<i>Dayvisson Ruan</i>	1
61	<i>Deborah Hannah</i>	1
62	<i>Deivid ~ Devid</i>	2
63	<i>Deise Danielle</i>	1
64	<i>Denny Willisu</i>	1

⁸⁹ Duas ocorrências como *Dayana*, duas como *Daiana* e uma como *Dayanna*.

⁹⁰ A informante optou por grafia e pronúncia idênticas ao nome original em inglês. (cf. Apêndice B, entrevistas).

65	<i>Deyna Kelle</i>	1
66	<i>Dharah</i>	1
67	<i>Dhenny Esli</i>	1
68	<i>Dherique</i>	1
69	<i>Diully</i>	1
70	<i>Diully Anne</i>	1
71	<i>Djerson</i>	1
72	<i>Djerson Clay</i>	1
73	<i>Eksâmya</i>	1
74	<i>Edgar</i>	2
75	<i>Edson</i>	4
76	<i>Edwardo</i>	1
77	<i>Elisabeth ~ Elizabet</i>	2
78	<i>Elvys Victor</i>	1
79	<i>Emerson Kevin</i>	1
80	<i>Emilly</i>	1
81	<i>Émily Rose</i>	1
82	<i>Emmilly Kellen</i>	1
83	<i>Hemilly Ingrid</i>	1
84	<i>Erick ~ Eric</i>	2
85	<i>Estanley ~ Stanley</i>	2
86	<i>Evelyn</i>	1
87	<i>Filippe ~ Fellype ~ Phelipe ~ Philipp ~ Philippe</i>	5
88	<i>Francinerinthon</i>	1
89	<i>Franklin</i>	2
90	<i>Franklinn Brunno</i>	1
91	<i>Freddy Thyago</i>	1
92	<i>Gerald André</i>	1
93	<i>Ghárdney César</i>	1
94	<i>Giannifer Stella</i>	1
95	<i>Glaydson ~ Glaydison ~ Gleydson</i>	3
96	<i>Gleicielly</i>	1
97	<i>Gleyson</i>	1
98	<i>Grace ~ Greicy</i>	2
99	<i>Greicykelli</i>	1
100	<i>Greicylene</i>	1
101	<i>Helen ~ Hellen</i>	2
102	<i>Helenna</i>	1
103	<i>Henriky Otavio</i>	1
105	<i>Herberth ~ Herbert</i>	2
106	<i>Hiago Edwin</i>	1
107	<i>Hingrid Cristina</i>	1
108	<i>Hingryd Lorena</i>	1
109	<i>Ingrid</i>	1
110	<i>Hyan Victor</i>	1
111	<i>Isabelly Crysthyny</i>	1
112	<i>Ivan Bryan</i>	1
113	<i>Jackson</i>	3

114	<i>Jaclenilson</i>	1
115	<i>Jadson</i>	1
116	<i>Jaffe</i>	1
117	<i>Jafferson</i>	1
118	<i>James Dean ~ Jeymes Deiam</i>	2
119	<i>Jefferson ~ Jeffersson</i>	2
120	<i>Jennifer ~ Jenyffer ~ Jhennifer ~ Dheniffer</i>	4
121	<i>Jeniffer Vitória</i>	1
122	<i>Jhennifer de Lurdes</i>	1
123	<i>Jessica ~ Jéssica ~ Jessika ~ Jessyca ~ Dhésyca</i>	5
124	<i>Dhéssica Beatriz</i>	1
125	<i>Jessyca Fernanda</i>	1
126	<i>Jesus Wellington</i>	1
127	<i>Jeyelli</i>	1
128	<i>Jheilly Michaelly</i>	1
129	<i>Jhemilly</i>	1
130	<i>Jhudson</i>	1
131	<i>Jhullio César</i>	1
132	<i>Joanlyson</i>	1
133	<i>Jobson ~ Jóbson</i>	2
134	<i>John Albert</i>	1
135	<i>John Alexandre</i>	1
136	<i>John Allis</i>	1
137	<i>Jonata</i>	1
138	<i>Johnathan Erik</i>	1
139	<i>Johnathan Kleyson</i>	1
140	<i>Johnnatan Lucas</i>	1
141	<i>Johnathans</i>	1
142	<i>Jônathas Kalleby</i>	1
143	<i>Johnleno</i>	1
144	<i>Jhonnyeneh</i>	1
145	<i>Jonas ~ Diônas</i>	2
146	<i>Jordan Augusto</i>	1
147	<i>Jordan Werberth</i>	1
148	<i>Joyce ~ Joice</i>	2
149	<i>Johyce Kellen</i>	1
150	<i>Kalleo Victor</i>	1
151	<i>Kaleo Leandry</i>	1
152	<i>Kamylla</i>	1
153	<i>Karen ~ Karenn</i>	2
154	<i>Karinne ~ Kariny</i>	2
155	<i>Karl Malone</i>	1
156	<i>Karlla</i>	1
157	<i>Karillos Rodrigo</i>	1
158	<i>Karolainna</i>	1
159	<i>Karolyna</i>	1
160	<i>Kathlen Kelcyara</i>	1

161	<i>Kayla</i>	1
162	<i>Keith</i>	1
163	<i>Kayty Fernanda</i>	1
164	<i>Keity Anne</i>	1
165	<i>Keitty Nathyani</i>	1
166	<i>Kelli Daiane</i>	1
167	<i>Kelly Christine</i>	1
168	<i>Kelvini Klismann</i>	1
169	<i>Kenned</i>	1
170	<i>Kessler</i>	1
171	<i>Kethellen Lourrany</i>	1
172	<i>Kethllen</i>	1
173	<i>Kéthne</i>	1
174	<i>Kevin</i>	2
175	<i>Kevin Andreu</i>	1
176	<i>Klinger</i>	1
177	<i>Kyvia</i>	1
178	<i>Layanna</i>	1
179	<i>Leidedaina</i>	1
180	<i>Leidy Dayana</i>	2
181	<i>Limberg</i>	1
182	<i>Lindaiana</i>	1
183	<i>Lionel Hudson</i>	1
184	<i>Luanderson Brandon</i>	1
185	<i>Lucas Lincoln</i>	1
186	<i>Maicon ~ Maycon ~ Maykon ~ Mayquel ~ Mayki</i>	5
187	<i>Maycon Luiz</i>	1
188	<i>Mayken Douglas</i>	1
189	<i>Michael Jackson</i>	1
190	<i>Michael William</i>	1
191	<i>Manuelyson</i>	1
192	<i>Marcello</i>	1
193	<i>Margaret ~ Margarete</i>	2
194	<i>Mariah</i>	1
195	<i>Markus</i>	1
196	<i>Markus Vinycius</i>	1
197	<i>Marllos Willys</i>	1
198	<i>Mary Kathillen</i>	1
199	<i>Maryana</i>	1
200	<i>Maryjoice</i>	1
201	<i>Maryo</i>	1
202	<i>Maurycio</i>	1
203	<i>Max Romeo</i>	1
204	<i>Max Wylliam</i>	1
205	<i>Maxuel</i>	2
206	<i>Max Well</i>	1
207	<i>Mery Anny</i>	1
208	<i>Micael</i>	1

209	<i>Milkshakeson</i>	1
210	<i>Nelberth</i>	1
211	<i>Orlean</i>	1
212	<i>Patrick</i>	1
213	<i>Patrick Anderson</i>	1
214	<i>Quennety Ravery</i>	1
215	<i>Radson Patrick</i>	1
216	<i>Raiand Patrick</i>	1
217	<i>Railand</i>	1
218	<i>Ranna Karolayne</i>	1
219	<i>Raissa Robert</i>	1
220	<i>Rarysson</i>	1
221	<i>Ray Pettersson</i>	1
222	<i>Rayana ~ Rahyana</i>	2
223	<i>Rayanne Hissmay</i>	1
224	<i>Regyna Helenna</i>	1
225	<i>Renan David</i>	1
226	<i>Rhaydan Cláudio</i>	1
227	<i>Richard</i>	2
228	<i>Richardson</i>	2
229	<i>Richelly</i>	1
230	<i>Rickardo André</i>	1
231	<i>Rillary</i>	1
232	<i>Robert ~ Roberth</i>	2
233	<i>Robert Flávio</i>	1
234	<i>Robinson ~ Robison ~ Robson</i>	3
235	<i>Rock⁹¹</i>	1
236	<i>Rodysson</i>	1
237	<i>Rogeryo</i>	1
238	<i>Ronald</i>	1
239	<i>Ronald Antônio</i>	1
240	<i>Ronaldy</i>	1
241	<i>Rudson</i>	1
242	<i>Ruth Lúcia</i>	1
243	<i>Ryan Cláudio</i>	1
244	<i>Sandy Ellen</i>	1
245	<i>Sandy Isabella</i>	1
246	<i>Saphyra</i>	1
247	<i>Sarah Lorryne</i>	1
248	<i>Sarah Ketly</i>	1
249	<i>Scarllat</i>	1
250	<i>Schayane Beatriz</i>	1
251	<i>Shirley</i>	1
252	<i>Shirley Cristinne</i>	1
253	<i>Smaylla</i>	1
254	<i>Smith</i>	1

⁹¹ A despeito da grafia original em língua inglesa, o prenome utilizado em PB não consta da lista de antropônimos comuns em países de língua inglesa, com base nos dicionários de apoio consultados.

255	<i>Sonnya</i>	1
256	<i>Stella Christine</i>	1
257	<i>Stephanie ~ Stefany ~ Estephanie ~ Estéfany</i>	4
258	<i>Stephany Clara</i>	1
259	<i>Stev Henderson ~ Esteve Henderson</i>	2
260	<i>Stevão</i>	1
261	<i>Steve</i>	1
262	<i>Suzy Dayane</i>	1
263	<i>Talyssa Hewellin</i>	1
264	<i>Tayane Phissele</i>	1
265	<i>Tayler ~ Teyler</i>	2
266	<i>Taylor</i>	1
267	<i>Thalisson ~ Thalison ~ Talysson</i>	3
268	<i>Thalyelson Thalys</i>	1
269	<i>Thamylla de Cássia</i>	1
270	<i>Thayane Brenda</i>	1
271	<i>Thaylon</i>	1
272	<i>Thayson</i>	1
273	<i>Thereza Rachell</i>	1
274	<i>Tifany</i>	1
275	<i>Thiffany Mary</i>	1
276	<i>Thomas David</i>	1
277	<i>Thomas Jefferson</i>	1
278	<i>Ueberson</i>	1
279	<i>Uelliton</i>	1
280	<i>Uésley</i>	1
281	<i>Valterlyson</i>	1
282	<i>Walbert</i>	1
283	<i>Wallace</i>	2
284	<i>Wallery</i>	1
285	<i>Wallison ~ Walyson ~ Wallyson</i>	3
286	<i>Walter</i>	3
287	<i>Wandersson</i>	1
288	<i>Warysson Rennan</i>	1
289	<i>Washington ~ Uóshiton</i>	2
290	<i>Wasterson</i>	1
291	<i>Waterloo Andrey</i>	1
292	<i>Weidson Lucas</i>	1
293	<i>Welberth Christian</i>	1
294	<i>Wellington ~ Uelliton</i>	2
295	<i>Wellison</i>	1
296	<i>Wélyssu Rudson</i>	1
297	<i>Welyton</i>	1
298	<i>Wembley Christian</i>	1
299	<i>Wendel ~ Wendell⁹²</i>	4
300	<i>Werberth ~ Werbert</i>	2

⁹² Três ocorrências como *Wendell* e uma como *Wendel*.

301	<i>Werick Kemuel</i>	1
302	<i>Wesley Jordan</i>	3
303	<i>Wesley Roberto</i>	1
304	<i>Wesley Wallace</i>	1
305	<i>Wesliany</i>	1
306	<i>Wesly</i>	1
307	<i>Wilder Cleberson</i>	1
308	<i>Wilkenedy</i>	1
309	<i>William ~ Wilyam ~ Wiliann</i>	3
310	<i>Willame</i>	1
311	<i>Williane</i>	1
312	<i>Willyanwack</i>	1
313	<i>Wilyar</i>	1
314	<i>Windston Christian</i>	1
315	<i>Wingleson</i>	1
316	<i>Wirley Fernando</i>	1
317	<i>Wiryston</i>	1
318	<i>Wisly Billy</i>	1
319	<i>Wiviany Mathilde</i>	1
320	<i>Wygna</i>	1
321	<i>Yrlla Rafaelle</i>	1
322	<i>Ytalo Jhonnyeneh</i>	1
323	<i>Yuska Kattrinny</i>	1

Quadro 4.2 - Antropônimos contemplados na pesquisa

4.2 Entrevistas

A partir da coleta dos dados, elaborou-se, inicialmente, um pequeno questionário⁹³ piloto com a maioria das questões do tipo aberta para ser aplicado com os alunos, pensando-se em investigar a motivação da nomeação, a satisfação do usuário com seu próprio nome, bem como problemas de pronúncia encontrados pelas pessoas diante tais nomes. Apesar de aplicada, a metodologia não obteve resultado satisfatório, uma vez que muitos alunos não devolveram os questionários respondidos ou o fizeram de forma lacônica, não atendendo aos objetivos desejados.

Diante disso, partiu-se para a realização de entrevistas, utilizando-se o questionário como guia direcionador. Para tanto, o procedimento contou com a participação de alguns alunos de graduação do Curso de Letras da UFMA, sob a orientação desta pesquisadora. As entrevistas foram conduzidas com os alunos na

⁹³ O questionário-base encontra-se apresentado no apêndice A.

presença de seus familiares, haja vista a natureza de algumas perguntas. Algumas entrevistas foram realizadas nas residências dos estudantes, enquanto que outras aconteceram nas próprias escolas.⁹⁴ Conforme relato dos orientandos, muitos alunos não se dispuseram a participar do procedimento. Desta forma, acabaram por ser entrevistados 75 alunos, o que para este estudo considera-se um número significativo.

Com o propósito de preservar a privacidade dos informantes, optou-se por suprimir seus sobrenomes, centrando a análise exclusivamente no(s) prenome(s).

4.3 Gravações

Considera-se importante para este estudo a relação entre fala e escrita, pois se busca identificar aspectos fonético-fonológicos do português presentes na pronúncia de palavras de grafia alienígena a essa língua. Segundo Massini-Cagliari (1992), se um processo fonológico é verificado mesmo em um contexto de leitura, há muito mais chance de ele ocorrer em um excerto de fala espontânea, em que o grau de monitoramento da linguagem é menor. Assim, a partir do *corpus* escrito, entendeu-se que havia necessidade de se investigar a fala dos sujeitos designados por nomes importados, especificamente aqueles característicos da língua inglesa. Com esse propósito, deu-se início à realização de gravações com os sujeitos-alvo.

A categoria dos prenomes contemplados para as gravações foi aquela dos antropônimos não adaptados morfológica e ortograficamente, tendo em vista o interesse da pesquisa em mapear os processos fonológicos de acomodação realizados por falantes nativo do PB. Foram selecionados aleatoriamente 30 nomes, dentre os inseridos na categoria privilegiada para gravação, apenas com o intuito de constituir uma amostra que pudesse operar como base de pronúncia para a análise.

No sentido de tecer comparações de pronúncias entre a língua-fonte e a língua-meta, procedimento semelhante foi adotado com falantes nativos do inglês. A lista de prenomes utilizada foi a mesma e o local das gravações foi a escola religiosa *Coulee Christian School*⁹⁵, situada em *West Salem*, um povoado próximo à cidade de *La Crosse*, sudoeste de *Wisconsin*, EUA. Os sujeitos informantes que

⁹⁴ Os orientandos fizeram com parentes dos estudantes.

⁹⁵ Esta escola foi escolhida pelo fato de a pesquisadora ter contato com um familiar na localidade, que efetuou as gravações.

constituíram a amostra para análise foram os alunos do nível High School, com idade variando entre 14-17 anos. Procurou-se identificar usuários portadores dos nomes selecionados, o que se deu entre 17 informantes. A metodologia adotada para a gravação dos outros nomes constitui-se em leitura oral mediante listagem apresentada aos estudantes. A relação dos antropônimos comuns às gravações dos dois grupos de informantes foi a seguinte:

Allison	Elizabeth	Michael	Wellington
Andrew	Erick	Richard	Wendell
Arthur	Jefferson	Robert	William
Bill	Jennifer	Robinson	
Bryan	Jessica	Ronald	
Charles	John	Ruth	
Christian	Johnathan	Sarah	
David	Jonas	Victor	
Diana	Joyce	Washington	

Quadro 4.3 - Antropônimos selecionados para gravações com brasileiros e norte-americanos.

Em ambos os grupos a metodologia utilizada foi bastante semelhante, divergindo apenas com relação aos informantes do PB, que pronunciaram seu próprio nome, não havendo, portanto, necessidade de leitura em lista.

As gravações aconteceram nas próprias salas de aula, sem a presença do professor, em horário de intervalo. Apesar das condições acústicas pouco apropriadas, os resultados obtidos foram satisfatórios para as investigações fonético-fonológicas concernentes a este estudo.

Para as gravações utilizou-se equipamento de alta resolução *Olympus digital voice recorder WS-321m*, visando à otimização da qualidade sonora para as análises em nível auditivo. Pediu-se aos informantes que, de maneira clara e precisa, pronunciassem o seu próprio nome, em contexto de PB, com base em modelo de frase apresentado: “*Meu nome é _____*”. Conforme anteriormente mencionado, alguns informantes estrangeiros pronunciaram seu próprio nome, já outros produziram os nomes por meio de leitura oral. Em ambas as situações, adotou-se o modelo de frase: “*My name is _____*”.

4.4 Transcrições dos dados

Como forma de alicerce para as análises dos dados que serão discutidas na próxima seção, os quadros abaixo apresentam as transcrições fonéticas e fonológicas dos prenomes do *corpus* que mantiveram a grafia da língua estrangeira em contexto de português, bem como os padrões silábicos desses nomes em ambas as línguas. Observa-se que as transcrições forneceram pistas indicativas dos processos de adaptação que se manifestaram na pronúncia dos falantes do PB na transição de uma língua para outra, dadas as distinções existentes entre os dois sistemas sonoros.

As transcrições se baseiam em representações da pronúncia desses nomes específicos em dicionários de referência da língua inglesa, Bollard (1993) e Webster's (MERRIAM-WEBSTER, 2001)⁹⁶, bem como na análise de oitiva obtida com as gravações dos 30 nomes realizadas com informantes norte-americanos. Como os dicionários consultados para a verificação da pronúncia dos prenomes em inglês não utilizam fielmente o padrão de transcrição do IPA, optou-se, nos quadros abaixo, por substituir os símbolos fora do padrão internacional pelos símbolos do IPA.

Ratifica-se que a opção pelo inglês americano, como parâmetro de referência deste estudo, se deve ao fato de o grande número de anglicismos atualmente presentes no PB advirem, em sua maioria, dos Estados Unidos.

⁹⁶ *Pronouncing Dictionary of Proper Names* (BOLLARD, 1993) e seção *Common English Given Names*, do *Webster's New Dictionary of the English Language* (MERRIAM-WEBSTER, 2001).

Antropônimo selecionado do <i>corpus</i>	Pronúncia padrão do inglês com base em produção de falantes norte-americanos e dicionários especializados	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA
<i>Agatha</i>	[ˈæɡəθə]	/ˈæɡ.ə.θə/	VC.V.CV
<i>Albert</i>	[ˈælbəɹt] ⁹⁷	/ˈæɫ.bəɹt/	VC.CVCC
<i>Alan</i>	[ˈælən]	/ˈæɫ.ən/	VC.VC
<i>Alex</i>	[ˈæləks]	/ˈæɫ.əks/	VC.VCC
<i>Allison</i>	[ˈæləsən]	/ˈæɫ.ə.sən/	VC.V.CVC
<i>Anderson</i>	[ˈændəɹsən]	/ˈæn.dəɹ.sən/	VC.CVC.CVC
<i>Andrew</i>	j [ˈændɹuː]	/ˈæn.dɹu/	VC.CCV
<i>Andrey</i>	[ˈændɹi]	/ˈæn.dɹi/	VC.CCV
<i>Anne</i>	[ˈæɪn]	/ˈæɪn/	VC
<i>Arthur</i>	[ˈɑɹθəɹ]	/ˈɑɹ.θəɹ/	VC..CVC
<i>Bill</i>	[ˈbɪɫ]	/ˈbɪɫ/	CVC
<i>Brandon</i>	[ˈbrændən]	/ˈbrændən/	CCVC.CVC
<i>Brenda</i>	[ˈbrændə]	/ˈbrændə/	CCVC.CV
<i>Bryan</i>	[ˈbrɑɪən]	/ˈbrɑɪ.ən/	CCVV.VC ⁹⁸
<i>Catherine</i>	[ˈkæθ(ə)ɹən]	/ˈkæθ.ə.ɹən/	CVC.V.CVC
<i>Charles</i>	[ˈtʃɑɹlz]	/tʃɑɹlɪz/	CVCCC
<i>Christian</i>	[ˈkrɪstʃən]	/krɪs.tʃən/ /ˈkrɪs.tʃɪən/	CCVC.CVC CCVC.CVVC
<i>David</i>	[ˈdeɪvəd]	/ˈdeɪ.vəd/	CVV.CVC
<i>Daisy</i>	[ˈdeɪzi]	/ˈdeɪ.zi/	CVV.CV
<i>Diana</i>	[daɪˈæɪnə]	/daɪ.ˈæɪn.ə/	CVV.VC.V
<i>Edson</i>	[ˈɛdsən] ⁹⁹	/ˈɛd.sən/	VC.CVC
<i>Edgar</i>	[ˈɛdgəɹ]	/ˈɛd.gəɹ/	VC.CVC

⁹⁷ Ladefoged (2006, p.37) afirma que “in earlier editions of this book, the sound at the beginning of the word ‘rye’ was symbolized by [ɹ], an upside letter ɹ. As the two major dictionaries of American and British English pronunciation use a regular [r] for this sound, I have done so here”. No entanto, a fim de melhor ilustrar o contraste entre as pronúncias das duas línguas, para o som em questão, de natureza retroflexa, no modo de articulação, e palatoalveolar, no ponto de articulação, optou-se por representar este fone com o símbolo [ɹ] (cf. Cagliari, 2007, p. 42).

⁹⁸ Optou-se por representar as semivogais dos ditongos decrescentes como v, ou seja, como parte do núcleo silábico (cf. Hogg e McCully, 1999, p.41).

⁹⁹ Embora a maioria dos dicionários de referência para a pronúncia do inglês opte por representar a vogal média-baixa por /e/, nos quadros 4.4 e 4.6, optou-se por utilizar o símbolo /ɛ/, seguindo o padrão de Ladefoged (2006).

<i>Elizabeth</i>	[ˈlɪzəbəθ]	/lɪ.zə.bəθ/	V.CVC.V.CVC
<i>Emily</i>	[ˈeməli]	/ˈem.ə.li/	VC.V.CV
<i>Erick</i>	[ˈɛ.ɪk]	/ˈɛ.ɪk/	VC.VC
<i>Evelyn</i>	[ˈɛv(ə)lən]	/ˈɛv.ə.lən/	VC.V.CVC
<i>Franklin</i>	[ˈfɹæŋklən]	/ˈfɹæŋ.klən/	CCVC.CCVC
<i>Freddy</i>	[ˈfɹɛdi]	/ˈfɹɛd.i/	CCVC.V
<i>Gerald</i>	[ˈdʒɛɹəld]	/ˈdʒɛɹ.əld/	CVC.VCC
<i>Grace</i>	[ˈgɹeɪs]	/ˈgɹeɪs/	CCVVC
<i>Ingrid</i>	[ˈɪŋɡɹəd]	/ˈɪŋɡ.gɹəd/ ¹⁰⁰	VCC.CVC
<i>Hellen</i>	[ˈhelən]	/ˈhe.lən/	CV.CVC
<i>Herbert</i>	[ˈhɛɹbɛɹt]	/ˈhɛɹ.bɛɹt/	CVC.CVCC
<i>Jackson</i>	[ˈdʒæksən]	/ˈdʒæk.sən/	CVC.CVC
<i>James</i>	[ˈdʒeɪmz]	/ˈdʒeɪm(ə)z/	CVVCC ~ CVV.CVC
<i>Jefferson</i>	[ˈdʒɛfəɹsən]	/ˈdʒɛf.əɹ.sən/	CVC.VC.CVC
<i>Jennifer</i>	[ˈdʒɛnəfɛɹ]	/ˈdʒɛn.ə.fɛɹ/	CVC.V.CVC
<i>Jessica</i>	[ˈdʒɛsɪkə]	/ˈdʒɛs.ɪ.kə/	CVC.V.CV
<i>John</i>	[ˈdʒɑn]	/dʒɑn/	CVC
<i>Johnathan</i>	[ˈdʒɑnəθən]	/ˈdʒɑn.ə.θən/	CVC.V.CVC
<i>Jonas</i>	[ˈdʒoʊnəs]	/ˈdʒoʊ.nəs/	CVV.CVC
<i>Jordan</i>	[ˈdʒɔɹdn]	/ˈdʒɔɹd(ə)n/	CVCCC ~ CVC.CVC
<i>Joyce</i>	[ˈdʒɔɪs]	/ˈdʒɔɪs/	CVVC
<i>Karen</i>	[ˈkæɹən]	/ˈkæɹ.ən/	CVC.VC
<i>Karl</i>	[ˈkɑɹl]	/ˈkɑɹl/	CVCC
<i>Keith</i>	[ˈkiθ]	/ˈkiθ/	CVC
<i>Kevin</i>	[ˈkeɪvən]	/ˈkev.ən/	CVC.VC
<i>Lionel</i>	[laɪənəl]	/ləɹə.nəl/	CVVV.CVC
<i>Margaret</i>	[ˈmɑɹɡ(ə)ɹɛt]	/ˈmɑɹ.g(ə).ɹɛt/	CVC.CCVC ~ CVC.CV.CVC
<i>Mary</i>	[ˈmæɹɪ] ~ [mɛɹɪ]	/ˈmæɹ.i/ ~ /mɛɹ.i/	CVC.V
<i>Maxwell</i>	[ˈmækswəl]	/ˈmæk.swəl/	CVC.CCVC ¹⁰¹

¹⁰⁰ No padrão dos dicionários consultados, a ambissilabidade (cf. Seção 5 nesta tese) é representada pela duplicação da consoante, nas posições de travamento da primeira sílaba e início da segunda.

¹⁰¹ Ao contrário do que ocorre aos ditongos decrescentes, nos ditongos crescentes, as semivogais funcionam como consoantes no sistema fonológico do inglês: “the first element of the rising diphthong became treated as a consonant” (HOGG; McCULLY, 1999, p.43). Apesar dessa diferença de função, seguindo a tradição da maior parte dos dicionários de língua inglesa, optou-se por representar os glides como /j , w/ em ambos os casos.

<i>Michael</i>	[ˈmaɪkəl]	/ˈmaj.kəl/	CVV.CVC
<i>Patrick</i>	[ˈpæt.ɪk]	/ˈpæ.tɪk/	CV.CCVC
<i>Phillip</i>	[ˈfɪləp]	/ˈfɪl.əp/	CVC.VC
<i>Ray</i>	[ˈreɪ]	/ˈreɪ/	CVV
<i>Richard</i>	[ˈɹɪtʃ.əd]	/ˈɹɪtʃ.əd/	CVC.VCC
<i>Robert</i>	[ˈɹɒb.ət]	/ˈɹɒb.ət/	CVC.VCC
<i>Robinson</i>	[ˈɹɒb.ənsən]	/ˈɹɒb.ən.sən/	CVC.VC.CVC
<i>Ronald</i>	[ˈɹɒnld]	/ˈɹɒn.əld/	CVC.VCC
<i>Ruth</i>	[ɹuθ]	/ɹuθ/	CVC
<i>Ryan</i>	[ˈɹaɪən]	/ˈɹaj.ən/	CVV.VC
<i>Sandy</i>	[ˈsændi]	/ˈsæn.di/	CVC.CV
<i>Sarah</i>	[ˈsæ.ɹə] / [ˈsɛ.ɹə]	/ˈsæ.ɹə/ - /ˈsɛ.ɹə/	CV.CV
<i>Shirley</i>	[ˈʃɹ.ɪli]	/ˈʃɹ.li/	CVC.CV
<i>Stanley</i>	[ˈstænli]	/ˈstæn.li/	CCVC.CV
<i>Stephanie</i>	[ˈstefəni]	/ˈstef.ə.ni/	CCVC.V.CV
<i>Steve</i>	[ˈstɪv]	/ˈstɪv/	CCVC
<i>Taylor</i>	[ˈteɪlə]	/ˈtaj.lə/	CVV.CVC
<i>Tiffany</i>	[ˈtɪfəni]	/ˈtɪf.ə.ni/	CVC.V.CV
<i>Victor</i>	[ˈvɪktə]	/ˈvɪk.tə/	CVC.CVC
<i>Wallace</i>	[ˈwɒləs]	/ˈwɒl.əs/	CVC.VC
<i>Walter</i>	[ˈwɒltə]	/ˈwɒl.tə/	CVC.CVC
<i>Washington</i>	[ˈwɒʃɪŋtən]	/ˈwɒʃ.ɪŋ.tən/	CVC.VC.CVC
<i>Wellington</i>	[ˈwelɪŋtən]	/wel.ɪŋ.tən/	CVC.VC.CVC
<i>Wendel</i>	[ˈwɛndəl]	/ˈwɛn.dəl/	CVC.CVC
<i>Wesley</i>	[ˈwɛsli] / [ˈwɛzli]	/ˈwɛs.li/	CVC.CV
<i>William</i>	[ˈwɪljəm]	/ˈwɪl.jəm/	CVC.CVC

Quadro 4.4 - Pronúncia, transcrição fonológica e padrão silábico do inglês: antropônimos não-adaptados graficamente ao PB

O quadro 4.5, abaixo, apresenta as transcrições fonéticas e fonológicas dos antropônimos em foco, tomando por referência a escuta das gravações, as entrevistas realizadas, bem como a pronúncia mais corrente em São Luís do Maranhão.

Antropônimo selecionado do corpus	Realização do informante do PB	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>Agatha</i>	[¹ agata]	/ ¹ a.ga.ta/	V.CV.CV
<i>Albert</i>	[¹ aʊbɛhtʃɪ]	/ ¹ aw.bɛR.ti/	VV.CVC.CV ¹⁰²
<i>Alan</i>	[a ¹ lɛ]	/a. ¹ laN/	V.CVC
<i>Alex</i>	[a ¹ lɛks]	/a. ¹ lɛkiS/	V.CV.CVC
<i>Allison</i>	[¹ alisô]	/ ¹ a.li.soN/	V.CV.CVC
<i>Anderson</i>	[ɛ̃dɛhsô]	/ ¹ aN.dɛR.soN/	VC.CVC.CVC
<i>Andrew</i>	[¹ ɛ̃dru]	/ ¹ aN.drew/	VC.CCVV
<i>Andrey</i>	[ɛ̃ ¹ drej]	/aN. ¹ drej/	VC.CCVV
<i>Anne</i>	[¹ ɛ̃ni]	/ ¹ a.ni/	V.CV
<i>Arthur</i>	[ah ¹ tu]	/aR. ¹ tuR/	VC.CVC
<i>Bill</i>	[¹ biʊ]	/biw/	CVV
<i>Brandon</i>	[¹ brɛdô]	/ ¹ braN.doN/	CCVC.CVC
<i>Brenda</i>	[¹ brɛda]	/ ¹ breN.da/	CCVC.CV
<i>Bryan</i>	[¹ brajɛ]	/ ¹ braj.aN/	CCVV.VC
<i>Catherine</i>	[katɛ ¹ riɪ]	/ka.tɛ. ¹ ri.ni/	CV.CV.CV.CV
<i>Charles</i>	[¹ ʃahlis]	/ ¹ ʃaR.liS/	CVC.CVC
<i>Christian</i>	[¹ kristʃiɛ]	/ ¹ kriS.ti.aN/	CCVC.CV.VC ¹⁰³
<i>Daisy</i>	[¹ dɛjzi]	/ ¹ dɛj.zi/	CVV.CV
<i>David</i>	[¹ dɛjvidʒɪ]	/ ¹ dɛj.vi.di/	CVV.CV.CV
<i>Diana</i>	[daɪ ¹ ɛna]	/daj ¹ .a.na/	CVV.V.CV
<i>Edgar</i>	[ɛdʒi ¹ ga]	/e.di. ¹ gaR/	V.CV.CV
<i>Edson</i>	[ɛdʒisô]	/e.di.soN/	V.CV.CVC
<i>Elizabeth</i>	[ɛliza ¹ bɛtʃɪ]	/e.li.za. ¹ bɛ.ti/	V.CV.CV.CV.CV
<i>Emily</i>	[¹ ɛmili]	/ ¹ e.mi.li/	V.CV.CV
<i>Erick</i>	[¹ ɛriki]	/ ¹ ɛ.ri.ki/	V.CV.CV
<i>Evelyn</i>	[¹ ɛvɛli]	/ ¹ ɛ.vɛ.liN/	V.CV.CVC
<i>Franklin</i>	[¹ frɛkli]	/ ¹ fraN.kliN/	CCVC.CCVC
<i>Freddy</i>	[¹ frɛ.dʒɪ] ¹⁰⁴	/ ¹ frɛ.di/	CCV.CV

¹⁰²Conforme mencionado na seção 3, a despeito da controvérsia existente quanto à função consonantal ou vocálica da semivogal na sílaba do PB, optou-se, aqui, seguindo a argumentação de Câmara Jr. (2006 [1970], p. 54), por representar as semivogais dos ditongos decrescentes como vogais.

¹⁰³ Os ditongos crescentes no nível fonético estão representados como hiatos na forma de base, seguindo Bisol (1989).

¹⁰⁴ A transcrição está conforme Bollard (1993). No entanto, segundo Cagliari (2002) e Godoy, Gontow e Marcelino (2006), a pronúncia típica norte-americana para /t/ e /d/ nessa posição é [ɾ]. O assunto será tratado na seção de análise.

<i>Gerald</i>	[¹ ʒɛɾɑʊ̯dʒɪ]	/ ¹ ʒɛ.rɑw.di/	CV.CVV.CV
<i>Grace</i>	[¹ grɛɹ.sɪ]	/ ¹ grɛj.si/	CCVV.CV
<i>Ingrid</i>	[¹ ɪgrɪdʒɪ]	/ ¹ iN.gri.dʒi/	VC.CCV.CV
<i>Hellen</i>	[¹ ɛlɛ̃]	/ ¹ ɛ.leN/	V.CVC
<i>Herbert</i>	[¹ ɛbɛhtʃɪ]	/ ¹ ɛ.beR.ti/	V.CVC.CV
<i>Jackson</i>	[¹ ʒakisõ]	/ ¹ ʒa.ki.soN/	CV.CV.CVC
<i>James</i>	[¹ ʒẽmɪs]~[¹ ʒɛmɪs]	/ ¹ ʒa.miS~/ʒejmɪs/	CVV.CVC
<i>Jefferson</i>	[¹ ʒɛfɛhsõ]	/ ¹ ʒɛ.feR.soN/	CV.CVC.CVC
<i>Jennifer</i>	[¹ ʒɛnɪfɛh][¹ dʒɛnɪfɛh]	/ ¹ ʒɛ.ni.feR/ ¹⁰⁵	CV.CV.CVC
<i>Jessica</i>	[¹ ʒɛsɪka] ~ [¹ dʒɛsɪka]	/ ¹ ʒɛ.si.ka /	CV.CV.CV
<i>John</i>	[¹ dʒõ]	/ ¹ dʒõN/	CVC
<i>Johnathan</i>	[¹ ʒõnata]	/ ¹ ʒõ.na.taN/	CV.VC.CVC
<i>Jonas</i>	[¹ ʒõnas]	/ ¹ ʒõ.naS/	CV.CVC
<i>Jordan</i>	[¹ dʒõhdɛ̃]	/ ¹ ʒõR.daN/	CVC.CVC
<i>Joyce</i>	[¹ ʒõɹɪsi] ~ [¹ dʒõɹɪsi]	/ ¹ ʒõj.si/	CVV.CV
<i>Karen</i>	[¹ karɛ̃]	/ ¹ ka.reN/	CV.CVC
<i>Karl</i>	[¹ kaʊ̯]	/ ¹ kaw/	CVV
<i>Keith</i>	[¹ keɹtʃɪ]	/ ¹ kej.ti/	CVV.CV
<i>Kevin</i>	[¹ kevɪ̃]	/ ¹ kɛ.viN/	CV.CVC
<i>Margaret</i>	[mahga ¹ ɾɛtʃɪ]	/maR.ga. ¹ ɾɛ.tɪ/	CVC.CV.CV.CV
<i>Mary</i>	[¹ meɹɪ]	/mej.ri/	CVV.CV
<i>Maxwell</i>	[maksu ¹ ɛʊ̯]	/ma.ki.su. ¹ ɛw/	CV.CV.CV.VV
<i>Michael</i>	[¹ maɹkɛʊ̯]	/ ¹ maj.kɛw/	CVV.CVV
<i>Patrick</i>	[pa ¹ trɪkɪ]	/pa ¹ tri.ki/	CV.CCV.CV
<i>Phillip</i>	[fi ¹ lipɪ]	/fi. ¹ li.pɪ/	CV.CV.CV
<i>Ray</i>	[¹ heɹ]	/ ¹ hej/	CVV
<i>Richard</i>	[¹ hiʃahdʒɪ]	/ ¹ hi.ʃaR.di/	CV.CVC.CV
<i>Robert</i>	[¹ hɔbɛhtʃɪ]	/ ¹ hɔ.beR.ti/	CV.VCV.CV
<i>Robinson</i>	[¹ hɔbɪsõ]	/ ¹ hɔ.biN.soN/	CV.CVC.CVC
<i>Ronald</i>	[¹ hõnaʊ̯dʒɪ]	/ ¹ ho.naw.di/	CV.CVV.CV
<i>Ruth</i>	[¹ hutʃɪ]	/ ¹ hu.ti/	CV.CV
<i>Ryan</i>	[hi ¹ ɛ̃] ¹⁰⁶	/hi.aN/	CV.VC
<i>Sandy</i>	[¹ sɛ̃dʒɪ]	/ ¹ saN.di/	CVC.CV
<i>Sarah</i>	[¹ sara]	/sa.ra/	CV.CV
<i>Shirley</i>	[¹ ʃih.leɹ]	/ ¹ ʃiR.lej/	CVC.CVV

¹⁰⁵ Por ora, considera-se as realizações [ʒ] e [dʒ] como relativas a /ʒ/, no nível fonológico. Essa questão será discutida na seção 5.3.6.6.

¹⁰⁶ A pronúncia foi informada pela professora do aluno.

<i>Stanley</i>	[iʃ'tēleɹ]	/iS.'təN.lej/	VC.CVC.CVV
<i>Stephanie</i>	[iʃ'tefēni]	/iS.'tɛ.fa.ni/	VC.CV.CV.CV
<i>Steve</i>	[iʃ'tivi]	/iS.'ti.vi/	VC.CV.CV
<i>Tiffany</i>	[tʃi.fēni]	/'ti.fa.ni/	CV.CV.CV
<i>Taylor</i>	['teɪlo]	/'tej.loR/	CVV.CV
<i>Victor</i>	['vito]	/'vi.to/	CV.CV
<i>Wallace</i>	[w̥aləsi]	/'wa.lə.sɪ/	VV.CV.CV
<i>Walter</i>	[vawtɛ]	/'vaw.teR/	CVV.CVC
<i>Washington</i>	[w̥ɔʃitō] ~ ['w̥ɔʃito]	/'wɔ.ʃiN.toN/	VV.CVC.CVC
<i>Wellington</i>	[w̥ɛlitō] ~ ['w̥ɛlito]	/'we.liN.toN/	VV.CVC.CVC
<i>Wendel</i>	[w̥ɛdɛw]	/'weN.dɛw/	VVC.CVV.
<i>Wesley</i>	[w̥ɛzleɹ]	/'wɛS.lej/	VVC.CVV
<i>William</i>	[w̥iliɛ]	/wi.li.aN/	VV.CV.VC

Quadro 4.5 - Pronúncia dos prenomes em inglês realizada por falantes do PB

Para melhor visualização e análise comparativa entre as duas línguas, o quadro 4.6 abaixo retoma as transcrições fonológicas dos dados anteriores de forma paralela:

Antropônimos selecionados do corpus	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>Agatha</i>	/'æɡ.ə.θə/	VC.V.CV	/'a.ga.ta/	V.CV.CV
<i>Albert</i>	/'æɫ.bəɹt/	VC.CVCC	/'aw.bɛR.ti/	VV.CVC.CV
<i>Alan</i>	/'æɫ.ən/	VC.VC	/a.'laN/	V.CVC
<i>Alex</i>	/'æɫ.əks/	VC.VCC	/a.'lɛ.kiS/	V.CV.CVC
<i>Allison</i>	/'æɫ.ə.sən/	VC.V.CVC	/'a.li.soN/	V.CV.CVC
<i>Anderson</i>	/'æn.dəɹ.sən/	VC.CVC.CVC	/'aN.dɛR.soN/	VC.CVC.CVC
<i>Andrew</i>	/'æn.dɹu/	VC.CCV	/'aN.drew/	VC.CCVV
<i>Andrey</i>	/'æn.dɹi/	VC.CCV	/aN.'drej/	VC.CCVV
<i>Anne</i>	/'æn/	Vc	/'a.ni/	V.CV
<i>Arthur</i>	/'ɑɹ.θɹɹ/	VC.CVC	/aR.'tuR/	VC.CVC
<i>Bill</i>	/'bɪl/	Cvc	/biw/	CVV
<i>Brandon</i>	/'brɹæn.dən/	CCVC.CVC	/'braN.doN/	CCVC.CVC
<i>Brenda</i>	/'brɹɛn.də/	CCVC.CV	/'breN.da/	CCVC.CV
<i>Bryan</i>	/'brɹaj.ən/	CCVV.VC	/'braj.aN/	CCVV.VC
<i>Catherine</i>	/'kæθ.ə.ɹən/	CVC.V.CVC	/ka.tɛ.'ri.ni/	CV.CV.CV.CV

Charles	/tʃɑ.ɹlɪz/	CvCCVC	/'ʃɑR.liS/	CVC.CVC
Christian	/kɹɪs.tʃən/ /'kɹɪs.tʃiən/	CCVC.CVC CCVC.CVVC	/'kriS.ti.aN/	CCVC.CV.VC
Daisy ¹⁰⁷	/'deɪ.zi/	CVV.CV	/'deɪ.zi/	CVV.CV
David	/'deɪ.vəd/	CVV.CVC	/'deɪ.vi.di/	CVV.CV.CV
Diana	/daj.'æ.n. ə/	CVV.VC.V	/daj'.a.na /	CVV.V.CV
Edgar	/'ɛd.gəɹ/	VC.CVC	/e.di.'gaR /	V.CV.CV
Edson	/'ɛd.sən/	VC.CVC	/e.di.soN/	V.CV.CVC
Elizabeth	/i.liz.ə.bəθ/	V.CVC.V.CVC	/e.li.za'be.ti/	V.CV.CV.CV.CV
Emily	/'ɛm.ə.li/	VC.V.CV	/'e.mi.li/	V.CV.CV
Erick	/'ɛɹ.ɪk/	VC.VC	/'ɛ.ri.ki/	V.CV.CV
Evelyn	/'ɛv.ə.lən/	VC.V.CVC	/'ɛ.vɛ.liN/	V.CV.CVC
Franklin	/'fræŋ.klən/	CCVC.CCVC	/'fraN.kliN/	CCVC.CCVC
Freddy	/'frɛd.i/	CCVC.V	/'frɛ.di/	CCV.CV
Gerald	/'dʒɛɹ.əld/	CVC.VCC	/'ʒɛ.raʊ.di/	CV.CVV.CV
Grace	/'grɛɹs/	CcVVC	/'greɹ.si/	CCVV.CV
Ingrid	/'ɪŋg.gɹəd/	VCC.CCVC	/'iN.gri.di/	VC.CCV.CV
Hellen	/'hɛ.lən/	CV.CVC	/'ɛ.leN/	V.CVC
Herbert	/'hɛɹ.bɛɹt/	CVC.CVCC	/'ɛ.beR.ti/	VC.CV.CV
Jackson	/'dʒæk.sən/	CVC.CVC	/'ʒa.ki.soN/	CV.CV.CVC
James	/dʒeɪm(ə)z/	CVVCC ~ CVV.CVC	/'ʒa.miS/ ~ /'ʒej.miS/	CV.CVC ~ CVV.CVC
Jefferson	/'dʒɛf.əɹ.sən/	CVC.VC.CVC	/'ʒɛ.feR.soN/	CV.CVC.CVC
Jennifer	/'dʒɛn.ə.fɛɹ /	CVC.V.CVC	/'ʒɛ.ni.feR/	CV.CV.CVC
Jessica	/'dʒɛs.i.kə/	CVC.V.CV	/'ʒɛ.si.ka /	CV.CV.CV
John	/dʒɔn/	CVC	/'dʒoN/	CVC
Johnathan	/'ʒɔn.ə.θən/	CVC.V.CVC	/'ʒo.na.taN/	CV.CV.CVC
Jonas	/'dʒow.nəs/	CVV.CVC	/'ʒo.naS/	CV.CVC
Jordan	/'dʒɔɹd(ə)n/	CVCCC ~ CVC.CVC	/'ʒɔR.daN/	CVC.CVC
Joyce	/'dʒɔɹs/	CVVC	/'ʒɔɹ.si/	CVV.CV
Karen	/'kæɹ.ən/	CVC.VC	/'ka.reN/	CV.CVC
Karl	/'kaɹl/	CVCC	/'kaw/	CVV
Keith	/'kiθ/	CVC	/'kej.ti/	CVV.CV
Kevin	/'keɹ.ən/	CVC.VC	/'kɛ.viN/	CV.CVC
Margaret	/'mɑɹg(ə)ɹət/	CVC.CCVC ~ CVC.CV.CVC	/'mar.ga.'re.tɹ/	CVC.CV.CV.CV
Mary	/'mæɹ.i/ ~/'mɛ.ɹi/	CVC.V ~ CV.CV	/'mej.ri/	CVV.CV

¹⁰⁷ Único prenome cuja transcrição fonológica foi idêntica nas duas línguas.

<i>Maxwell</i>	/ˈmæk.swəl/	CVC.CCVC	/ma.ki.su.ˈɛw/	CV.CV.CV.VV
<i>Michael</i>	/ˈmaj.kəl/	CVV.CVC	/ˈmaj.kɛw/	CVV.CVV
<i>Patrick</i>	/ˈpæ.tɪk/	CV.CCVC	/paˈtri.ki/	CV.CCV.CV
<i>Phillip</i>	/ˈfɪl.əp/	CVC.VC	/fi.ˈli.pɪ/	CV.CV.CV
<i>Ray</i>	/ˌɹej/	CVV	/ˈhej/	CVV
<i>Richard</i>	/ˈrɪʃ.əɹd/	CVC.VCC	/ˈhi.ʃar.di/	CV.CVC.CV
<i>Robert</i>	/ˈrɒb.ət/	CVC.VCC	/ˈhɔ.bɛR.ti/	CV.CVC.CV
<i>Robinson</i>	/ˈrɒb.ən.sən/	CVC.VC.CVC	/ˈhɔ.biN.sɔN/	CV.CVC.CVC
<i>Ronald</i>	/ˈrɒn.əld/	CVC.VCC	/ˈho.naw.di/	CV.CVV.CV
<i>Ruth</i>	/ˌruθ/	CVC	/ˈhu.ti/	CV.CV
<i>Ryan</i>	/ˈraɪ.ən/	CVV.VC	/hi.aN/	CV.VC
<i>Sandy</i>	/ˈsændi/	CVC.CV	/ˈsaN.di/	CVC.CV
<i>Sarah</i>	/ˈsæ.ɹə/ - /ˈse.ɹə/	CV.CV	/sa.ra/	CV.CV
<i>Shirley</i>	/ˈʃɪ.ɹli/	CVC.CV	/ˈʃiR.lej/	CVC.CVV
<i>Stanley</i>	/ˈstæn.li/	CCVC.CV	/iS.ˈtaN.lej/	VC.CVC.CVV
<i>Stephanie</i>	/ˈstef.ə.ni/	CCVC.V.CV	/iS.ˈtɛ.fa.ni/	VC.CV.CV.CV
<i>Steve</i>	/ˈstiv/	CCVC	/iS.ˈti.vi/	VC.CV.CV
<i>Taylor</i>	/ˈtaɪ.ləɹ/	CVV.CVC	/ˈtej.loR/	CVV.CVC
<i>Tiffany</i>	/ˈtɪf.ə.ni/	CVC.V.CV	/ˈti.fa.ni/	CV.CV.CV
<i>Victor</i>	/ˈvɪk.təɹ/	CVC.CVC	/ˈvi.to/	CV.CV
<i>Wallace</i>	/ˈwɒl.əs/	CVC.VC	/ˈwa.la.sɪ/	VV.CV.CV
<i>Walter</i>	/ˈwɒl.təɹ/	CVC.CVC	/ˈvaw.tɛR/	CVV.CVC
<i>Washington</i>	/ˈwɒʃ.ɪŋ.tən/	CVC.VC.CVC	/ˈwɔ.ʃiN.toN/	VV.CVC.CVC
<i>Wellington</i>	/ˈwel.ɪŋ.tən/	CVC.VC.CVC	/ˈwe.liN.toN/	VV.CVC.CVC
<i>Wendel</i>	/ˈwen.dəl/	CVC.CVC	/ˈueN.dɛw/	VVC.CVV.
<i>Wesley</i>	/ˈwɛs.li/	CVC.CV	/ˈwɛS.lej/	VVC.CVV
<i>William</i>	/ˈwɪl.jəm/	CVC.CVC	/wi.li.aN/	VV.CV.VC

Quadro 4.6 - Contraste fonológico IA x PB

4.5. Considerações finais

Discorreu-se nesta seção sobre a metodologia adotada neste estudo, descrevendo-se o universo da pesquisa, as etapas realizadas para a constituição do *corpus*, bem como os instrumentos investigativos utilizados para a coleta de dados. Apresentaram-se transcrições fonéticas e fonológicas de antropônimos de grafia comum em IA e em PB, por entender que representam importantes fundamentações para a realização das análises que virão a seguir.

5 Análise dos dados

Em um primeiro momento, as análises estarão voltadas aos resultados obtidos com as entrevistas conduzidas com os sujeitos-alvo desta pesquisa, abrangendo motivações para a escolha do antropônimo no evento de nomear, bem como outros fatores de natureza subjetiva. Posteriormente, serão avaliadas questões de ordem ortográfica, morfológica e, sobretudo, fonético-fonológica, pontuando-se as adaptações realizadas.

5.1 Motivações para a escolha dos antropônimos focalizados

Ao tratar das motivações que levam os pais a optarem por um dado antropônimo para designar o filho, Obata (2002, p.5-10) faz referência a discursos que ao longo da história se firmaram como modelos, por terem adquirido consistência na sociedade com a prática da repetição. A autora aponta, primeiramente, a necessidade de se atentar para três exigências principais:

- Que o nome tenha um som agradável;
- Que tenha qualidades estéticas, ambientais de significado;
- Que expresse as tendências ou políticas dos pais.

Logo adiante, a pesquisadora elenca os motivos mais comuns que se fazem presentes por ocasião de um evento de designação:

- Motivos religiosos;
- Motivos familiares ou de amizade;
- Motivos políticos ou históricos;
- Modismo (incluindo a influência da mídia);
- Outros motivos: superstição, fantasia, gosto, etc.

Cunha (2006, p.73) aponta materialidades da língua inglesa como fator motivacional presente, por exemplo, no nome da atriz brasileira *Sharon Menezes*, e faz o seguinte relato:

Em entrevista à Rede Globo de televisão, a sua mãe evidenciou a discursividade que resultou na determinação do nome de sua filha: *Sharon Menezes*: escolheu *Sharon* porque era o nome de uma atriz norte-americana famosa (*Sharon Stone*), e *Menezes* porque era o nome de uma atriz brasileira famosa (*Glória Menezes*).

De semelhante modo, fatores motivacionais de ordens diversas foram responsáveis pelas escolhas dos antropônimos mapeados neste estudo.

Conforme mencionado na seção 4, a partir do questionário guia (cf. apêndice A), estudantes de graduação em Letras da UFMA realizaram as entrevistas, que ocorreram tanto nas escolas, como nas residências dos alunos, oportunidade em que puderam contar com a participação dos pais, especialmente das mães.

Embora esta não seja uma pesquisa de objetivos quantitativos, julga-se que o número de prenomes investigados nas entrevistas, 75, constitui-se em uma amostragem não exaustiva, porém representativa para os propósitos deste trabalho. Conforme visto na seção 4, o critério para a escolha dos 75 nomes que foram alvo de entrevista foi aleatório, baseado na disponibilidade dos portadores do nome e de seus familiares em se submeterem à entrevista. Talvez o ideal fosse entrevistar os donos de todos os nomes contidos no *corpus*; isso não foi possível, devido ao fato de nem todos eles se prontificarem a fornecer maiores informações à pesquisadora.

No tocante à motivação para escolha dos nomes, o resultado obtido encontra-se nos gráficos 5.1 e 5.2 a seguir:

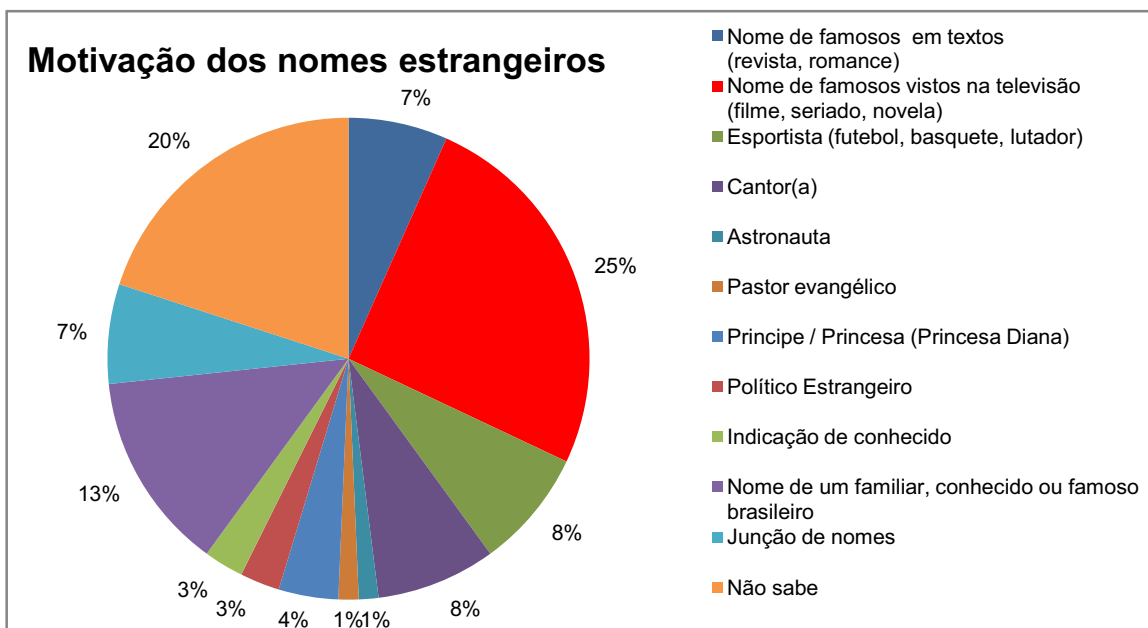


Gráfico 5.1 - Motivação para a escolha dos nomes estrangeiros - detalhamento.

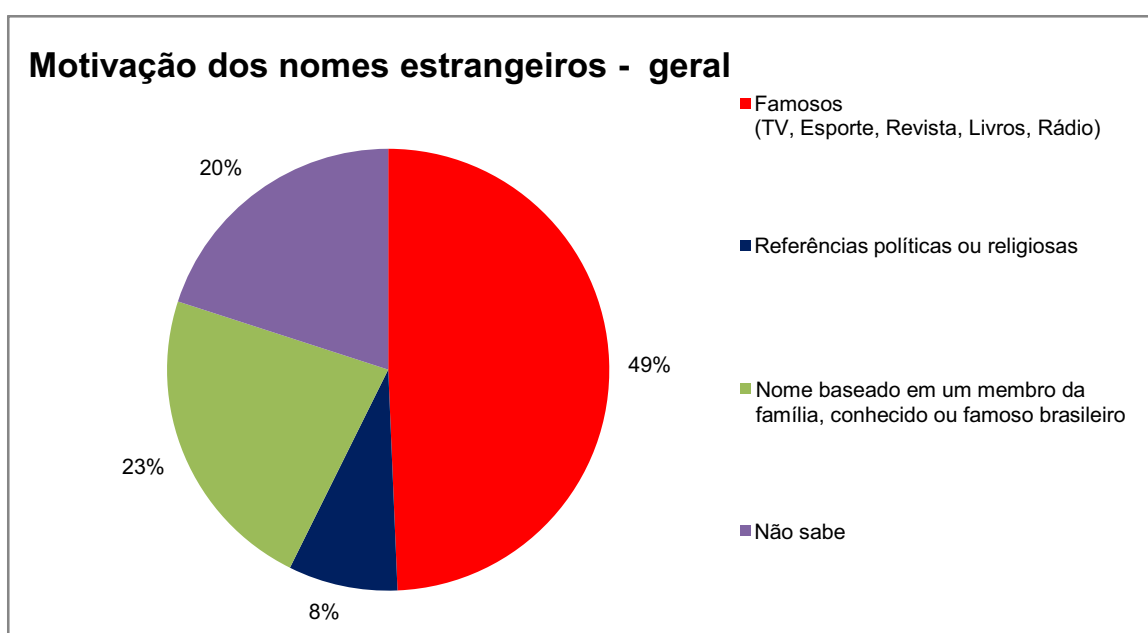


Gráfico 5.2 - Motivação para a escolha dos nomes estrangeiros - geral.

Observa-se nos gráficos acima que o maior percentual para a motivação do nome remete à figura de algum famoso, quer na esfera artística, quer esportiva, política ou religiosa, em torno do qual é construído um imaginário permeado por valores positivos ligados a uma perspectiva de vida bem sucedida. Verifica-se o grande poder de influência que a televisão exerce na construção de mecanismos

mediáticos que incutem no expectador o desejo de ser o outro, por meio de seus discursos e imagens que vendem modelos de fama, sucesso e felicidade.

Os números do gráfico 5.2 demonstram a preferência pelos prenomes estrangeiros, figurando com apenas 23% a opção por prenomes de famosos brasileiros, juntamente com prenomes de familiares.

Assim, conforme tratado nas seções iniciais deste trabalho, os dados confirmam, nos prenomes brasileiros, a presença do discurso do outro que remete a uma memória histórica, sobretudo relacionada a países de língua inglesa, conforme revelado nos excertos das seguintes falas:

Em homenagem à princesa Diana. Na época eu tava grávida, né? Aí a gente escolheu colocar o nome *Leidy Daiana* em comemoração a ela, em homenagem a ela. (mãe da aluna *Leidy Daiana*, da E-2)

Foi por causa da princesa Diana. Minha tia e minha mãe eram fãs da Lady Di. (*Lindaiana*, aluna da E3)

Minha mãe e minha prima [...] me deram esse nome em homenagem à atriz *Jennifer Lopez*. (*Jhennifer*, aluna da E4)

Meu pai se inspirou num cantor americano. (*Andrew Douglas*, aluno da E1)

Foi inspirado no 1º ministro britânico que foi um grande líder político da 2ª Guerra Mundial. (*Windston Christian*, aluno da E2)

Foi meu pai, que gosta muito de basquete. Foi por causa do jogador Michael Jordan. (*Wesley Jordan*, aluno da E5)

Foi inspirado no nome do *Mike Tyson*, lutador de boxe americano e campeão mundial. (*Thayson*, aluno da E5)

Foi a minha mãe que escolheu em um livro que falava da independência dos EUA. Ele foi um importante político para a independência dos Estados Unidos. (*Thomas Jefferson*, aluno da E2)

Minha avó gostava muito de um cantor americano com esse nome. (*Lionel Hudson*, aluno da E2).

Um fato que se revelou muito positivo foi o alto grau de satisfação dos usuários com seus nomes, conforme se verifica no gráfico abaixo.

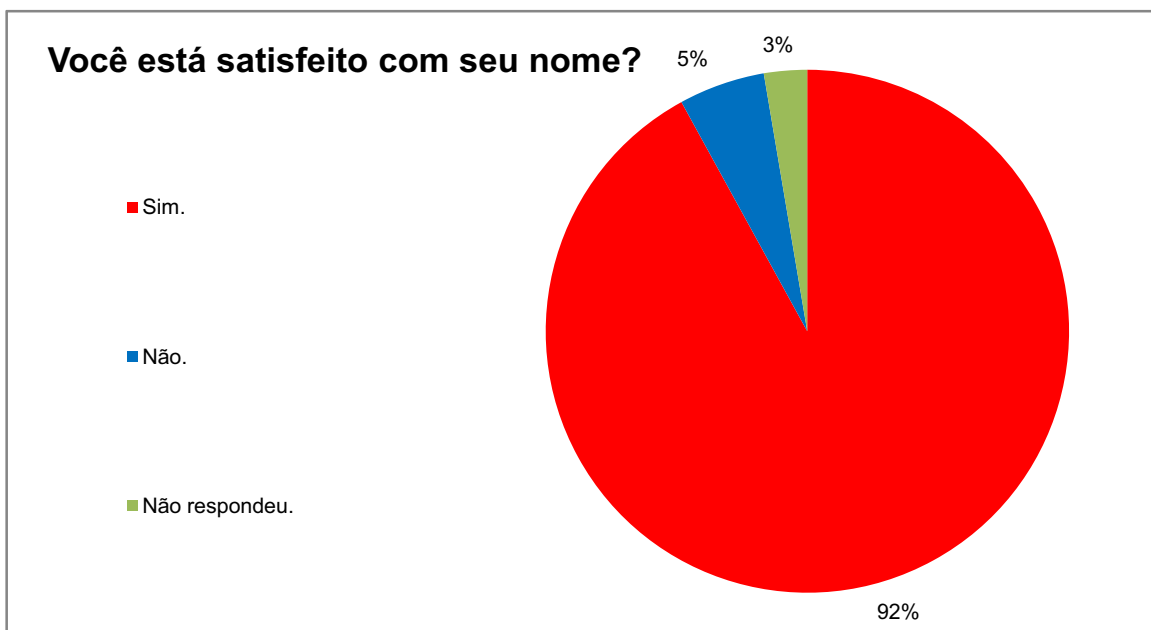


Gráfico 5.3 - Satisfação quanto ao próprio nome.

A grande maioria gosta do próprio nome, achando-o bonito, apesar de alguns acharem seus nomes incomuns e até mesmo esquisitos, conforme se observa nos seguintes excertos das falas:

Eu gosto desse nome, já acostumei. [...] Eu acho que parece um pouco estrangeiro, porque, às vezes, até eu também fico pensando: meu nome é um pouco esquisito, mas eu gosto. (*Manuelyson*, aluno da E5)

Sim, gosto muito porque ninguém tem um nome igual ao meu. (*Nelberth*, aluno da E1)

Estou muito satisfeito. Chama muito a atenção. [...] As gatinhas se amarram. (*Hiago Edwin*, aluno da E2)

Sim, acho meu nome especial e único. (*Francinerithon*, aluno da E5)

Eu adoro meu primeiro nome. O segundo é muito enfeitado, mas eu não tenho nenhum problema. (*Talyssa Hewellin*, aluna da E4)

Sim, porque ele é difícil de encontrar, então chama muito a atenção. (*Quennety Ravery*, aluno da E3)

Sim, pois gosto dele e me sinto feliz por isso. (*Eksâmya*, aluna da E5)

Sim, acho lindo o meu nome. (*Thifanny Mary*, aluna da escola E1)

Sim, porque ele é de origem estrangeira. (*Kevin Andreu*, aluno da E4)

Muito. Gosto muito do meu nome, apesar de poucos saberem falar. (*Kathlen Kelcyra*, aluna da E5)

Sim, porque é um nome diferente dos outros. (*Wisly Billy*, aluno da E3)

Um número elevado de informantes expressou admiração e preferência pelos nomes de origem inglesa¹⁰⁸, o que revela apreciação pela sonoridade, pela eufonia da língua, sendo este um importante aspecto sempre levado em consideração no ato de designação do nome.

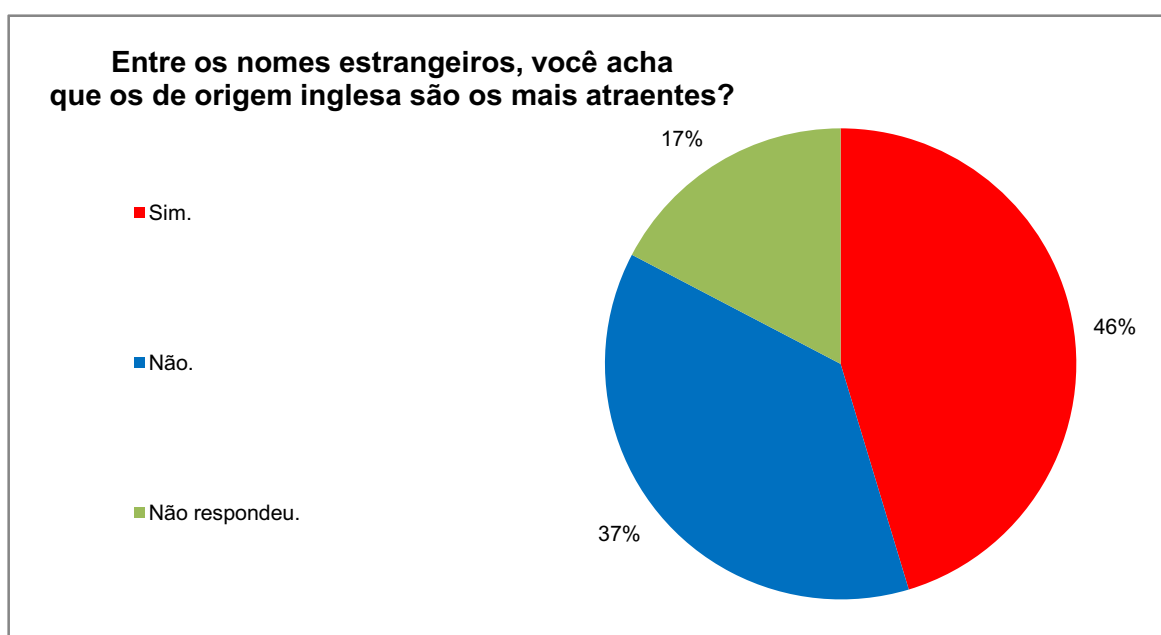


Gráfico 5.4 - Atração por nomes de origem inglesa.

No tocante à identidade fonológica dos antropônimos, foi perguntado aos informantes se já consideravam seu nome “brasileiro” ou se este ainda soava estrangeiro. A determinação do que é estrangeiro e do que é brasileiro, tanto em termos de som, como em termos ortográficos e de significado, parece uma questão bem equilibrada entre os informantes, com pequena vantagem para os brasileiros, como demonstrado no gráfico 5.5. Os usuários dos nomes de origem estrangeira selecionados para as entrevistas nem sempre têm clareza da “identidade” – nativa ou não - de seu nome, conforme mostra esse gráfico.

¹⁰⁸ Ratifica-se que não se trata da origem etimológica dos antropônimos, mas de sua origem, em termos de sua procedência via pronúncia em língua inglesa no léxico do PB.

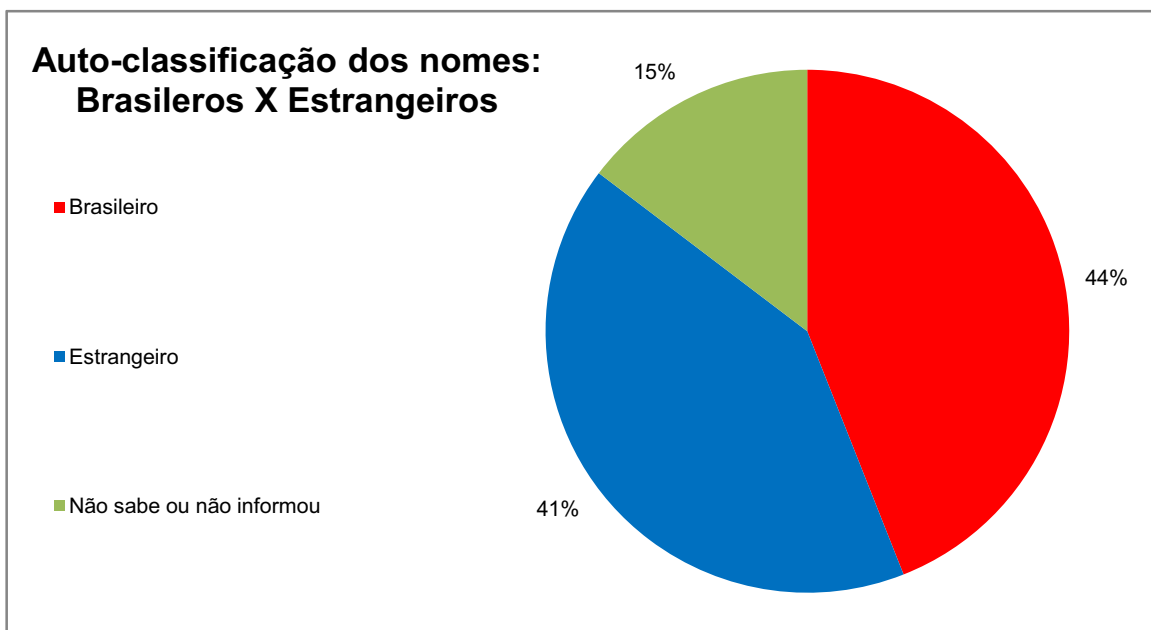


Gráfico 5.5 - Auto-classificação dos nomes: Brasileiros X estrangeiros.

Perguntados sobre as principais dificuldades de pronúncia encontradas por pessoas que desconhecem seus nomes em situações em que é preciso lê-los, os dados apresentados no gráfico 5.6, abaixo, expressam que a grande maioria dos informantes revelou enfrentar problemas de divergência de pronúncia por parte das pessoas. Alguns indicaram problemas tanto na pronúncia como na ortografia e um grupo menor, apontou apenas problemas de ortografia. Dessa forma, percebe-se que tanto a fala quanto a escrita que fogem ao padrão *default* do PB causam estranhamento aos seus falantes nativos.

Ressalta-se que, embora a pergunta feita aos entrevistados focalizasse apenas a pronúncia do seu nome, como as perguntas eram abertas, em muitas das respostas apareceram questões relativas à escrita. Dada a sua relevância, resolveu-se considerá-las no gráfico a seguir.

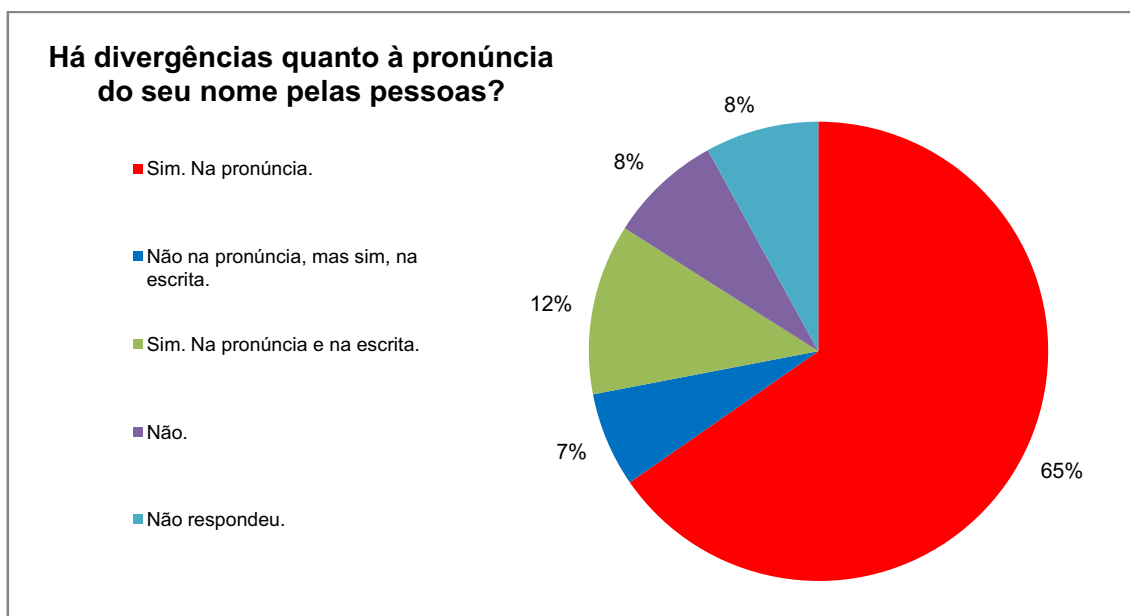


Gráfico 5.6 - Divergência de pronúncia dos nomes.

As variações de pronúncia se dão em função da divergência entre os sistemas sonoros do PB e do IA, conforme se comprova nos excertos das falas abaixo:

Acho que é “j” de Jordan. [...] muita gente fala Jordan com “j”, mas o meu é pronunciado com “d” na frente, como o do jogador. (*Wesley Jordan*, aluno da E5)

Eles não pronunciam o “n” do final. (*Brendon Herick*, aluno da escola E3)

Quanto à primeira sílaba, colocam o som mais forte na última sílaba. Costumam chamar de Thifanní. (*Thiffany Mary*, aluna da escola E1)

No fim, porque as pessoas colocam “i” sendo que o “d” é mudo. (*Alex Richard*, aluno da E5)

Há dificuldade porque eles trocam o “dai” por “di” por causa do português. (*Diana Linda*, aluna da E3)

Às vezes me chamam de *Mixaéu* e eu não gosto não. (*Michael William*, aluno da E3).

As pessoas chamam como elas lêem em português. Queria que chamassem “*James*” diferente, do jeito como a gente ouve no cinema, como *James Bond*. (*James Dean*, aluno E3)

Às vezes trocam letras, às vezes esquecem letras. *Kelvin*, *Keven*. Meu nome é *Kevin*. Dificilmente falam meu nome certo. (*Kevin*, aluno da E4)

Iskarlate, Escarlate... (*Scarllatt*, aluna da E5)

Wingler, Ingleron, Inglérson... (*Wingleron*, aluno da E5)

[...] no *Max*, que me chamam *Máquis*. Mas eu prefiro *Max*, assim, mais rápido para falar, sabe como é. Muitas pessoas me chamam de *Romeu* e não *Rómeo*. Aí tenho que ficar repetindo o correto e isso me chateia, às vezes. (*Max Romeo*, aluno da E2)

A não articulação do “n” final foi apontada como um problema de pronúncia recorrente entre os informantes cujos nomes apresentam sílaba final travada por consoante nasal. Além do exemplo acima, a ocorrência se deu ainda em *Johnathan*, *Francinerinton*, *Mayken*, *Karenn*, entre outros.

Os relatos acima revelam claramente o desejo do usuário em preservar marcas da pronúncia do inglês em seu nome, o que se pode entender como preferência pela pronúncia desta língua.

Por outro lado, situação inversa foi identificada com o informante *Michael Jackson*, cuja opção de pronúncia pela família foi a nativizada *Michel*, conforme se constata no seguinte registro:

[...] digo para as pessoas que me chamo *Michel*, quando vêem a forma escrita, *Michael*, acham que eu estou errado. Eu me apresento da forma como meus pais me chamam, já que eles me batizaram e abrigaram os nomes. (*Michael Jackson*, aluno da E1)

Alguns informantes anunciaram que muitas pessoas preferem fazer uso de hipocorísticos, como forma de evitar constrangimentos decorrentes de pronúncia indevida do nome. Desse modo, por exemplo, fazem opção por *Wally*, *Jey* e *Waster*, para os prenomes *Wallyson*, *Jeyelli* e *Wasteron*, respectivamente (cf. Apêndice B).

As questões de pronúncia condicionadas pela ortografia, bem como questões de ortografia influenciada pela pronúncia anglófona original, além do aparecimento de traços da ortografia inglesa como opção de marca gráfica em nomes vernáculos, serão abordados na próxima seção desta tese.

5.2 Questões ortográficas

Inicialmente apresenta-se um quadro contrastivo entre a forma do antropônimo em sua grafia original, isto é, da maneira como é utilizado na

antroponímia de países de língua inglesa e, paralelamente, sua forma adaptada aos padrões fonológicos da língua importadora, o PB.

Grafia utilizada na língua inglesa	Grafia motivada pelo português
<i>Bryan</i>	<i>Brayan</i>
<i>Brandon</i>	<i>Brendon</i>
<i>Caroline</i>	<i>Carolayne</i> <i>Karolaini</i> <i>Karolayne</i> <i>Karolainna</i> <i>Korolayni</i>
<i>Diana</i>	<i>Daiana</i> <i>Dayana</i> <i>Dayanna</i> <i>Daianny</i> <i>Daiane</i> <i>Dayane</i>
<i>David</i>	<i>Deivid</i>
<i>Derek</i>	<i>Dherique</i>
<i>Jennifer</i>	<i>Dheniffer</i>
<i>Jessica</i>	<i>Dhéssica</i>
<i>Jonas</i>	<i>Diônas</i>
<i>Jully</i>	<i>Diully</i>
<i>Gerson</i>	<i>Djerson</i>
<i>Emily</i>	<i>Êmily</i>
<i>Stanley</i>	<i>Estanley</i>
<i>Stephanie</i>	<i>Estéfany</i>
<i>Grace</i>	<i>Greicy</i>
<i>James</i>	<i>Jeymes</i>
<i>John Lennon</i>	<i>Johnleno</i>
<i>Johnathan</i>	<i>Jonata</i>
<i>Kelvin</i>	<i>Kelvini</i>
<i>Lady Diana</i>	<i>Leidy Dayana</i> <i>Leidedaina</i>
<i>Michael</i>	<i>Maicon</i> <i>Maycon</i> <i>Maykon</i> <i>Mayquel</i> <i>Mayken</i>
<i>Margaret</i>	<i>Margarete</i>
<i>Maxwell</i>	<i>Maxuel</i>
<i>Mike</i>	<i>Mayki</i>
<i>Mary</i>	<i>Mery</i>
<i>Hanna</i>	<i>Ranna</i>
<i>Harrison</i>	<i>Rarysson</i>
<i>Hudson</i>	<i>Rudson</i>
<i>Tayler</i>	<i>Teyler</i>

<i>Tyson</i>	<i>Thayson</i>
<i>Wellington</i>	<i>Uelliton</i>
<i>Wesley.</i>	<i>Uésley</i>
<i>Wellison</i>	<i>Wélyssu</i>
<i>William</i>	<i>Willame</i>

Quadro 5.1 - Nomes originais e suas formas ortográficas adaptadas ao PB, conforme ocorrência no *corpus*

Percebe-se, no quadro acima, que a ortografia do PB tomou como referência a pronúncia da língua inglesa, ou seja, a forma ortográfica em PB é proveniente de uma tentativa de representação do som do prenome, conforme realizado no idioma estrangeiro.

Desse modo, como se comprova acima, os ditongos do inglês [aɪ] e [eɪ], representados pelos grafemas <i>, <y> e <a> nessa língua, respectivamente, sofreram alteração na representação no PB, seguindo o modelo ortográfico dos ditongos correspondentes nesta língua, em uma tentativa de representar a pronúncia na língua de origem. Como se verifica no quadro 5.2, essas adaptações ocorreram em *Brayan, Carolayni, Daiana, Maycon, Greicy, Jeymes, Deivid*, entre outros.

No campo dos sons consonantais, percebe-se que a representação gráfica dos prenomes de origem inglesa no PB faz uso de *clusters* incomuns ao padrão da ortografia da língua nativa no intuito de “mimetizar” os sons da língua fonte, isto é, a forma ortográfica do PB, também neste caso, representa a realização fonética do inglês. Esse é o caso, por exemplo, da consoante africada /dʒ/, geralmente representada ortograficamente em inglês por <j> e <g>. Em contexto de PB, identifica-se o uso de agrupamentos como <dh> e <dj>, como forma de representação da consoante do inglês. Sobre acomodações linguísticas dessa natureza, Calaça (2010, p.31) assinala que

os nativos percebem o nome estrangeiro cada qual a sua maneira, pois não existindo a variante necessária em sua língua, buscam a que lhes pareça mais próxima, substituindo os fones estranhos pelos de seu idioma, o que ocasiona flutuações de ordem fonética por falta de unanimidade do que foi apreendido. [...] A variação ortográfica é bastante grande, pois os falantes buscam transmitir um som “diferente” através dos meios pré-existentes no português.

O quadro em foco registra construções do tipo *Dhéssica*, *Dheniffer* e *Djerson*. Entretanto, o uso de <h> ou <j> próximo de <d> não é observado nos casos de *Diônas* e *Diully*, isso porque o dialeto focalizado na pesquisa se caracteriza por ter uma pronúncia palatalizada das oclusivas /t/ e /d/ diante de /i/. No prenome *Diônas*, nota-se a opção pelo uso do acento circunflexo para garantir a pronúncia fechada da vogal média alta, aproximando-a da forma como é realizada na língua inglesa.

Ainda na tentativa de manutenção da pronúncia da língua-fonte, destacam-se os casos dos antropônimos iniciados por <w> + vogal, formando ditongo crescente, em uma sequência atípica no PB nesse ambiente. Como já abordado na seção 3, essa semivogal só ocorre em PB depois de consoante velar¹⁰⁹, como nas palavras *água*, *qualquer*, *Araraguaia* e semelhantes. Na listagem acima, observa-se o fenômeno nos prenomes ortograficamente adaptados *Uelliton* e *Uésley*. No entanto, igualmente as formas não adaptadas tentam obedecer à pronúncia da língua estrangeira, pois não houve registro de pronúncias do tipo *Vashington*, *Vallace*, *Vesley* ou *Vendel* (iniciadas por [v]), para os prenomes *Washington*, *Walace*, *Wesley*, *Wendel*, também integrantes do *corpus* desta pesquisa.

No que concerne aos antropônimos de grafias idênticas nas duas línguas em análise, verificou-se que muitas vezes a pronúncia dessas formas é regulada pelas regras de decifração da ortografia do PB, ou seja, pelas relações entre letras e sons nesta língua. O fato foi revelado em vários prenomes, como *Walter*, realizado como [v] na sílaba inicial, *Shirley*, *Wesley* e *Andrey*, com pronúncia ditongada na sílaba final, *Jefferson*, *Jackson* e *Gerald*, realizados como [ʒ] no início da sílaba, e *Charles*, pronunciado como [ʃ] na sílaba inicial.

Outra influência da ortografia do inglês, responsável por frequentes adaptações de pronúncia em contexto de PB, diz respeito às vogais realizadas em sílabas átonas, ou seja, de forma reduzida ([ə]). Dessa maneira, guiado pelo aspecto

¹⁰⁹ cf. Collischonn (2005a, p. 121).

gráfico, o falante brasileiro tende a pronunciar a vogal em sua forma plena¹¹⁰. No *corpus* o fato foi observado em praticamente todos os prenomes estrangeiros.

Por outro lado, a transferência de regras da ortografia do PB para a leitura dos antropônimos emprestados não explica todos os casos. Há exemplos de pronúncias não esperadas, de acordo com o padrão ortográfico do PB. Neste caso, essas pronúncias tentam reproduzir os sons originais na língua-fonte. Evidenciou-se o fato nos prenomes *Michael*, *Lionel*, *Diana*, *Jordan*, *Joyce*, cujos usuários emitiram pronúncia [aɪ] para o grafema <i> e /dʒ/ para o grafema <j>, como em contexto de língua inglesa. Apesar de tentarem conservar a pronúncia original para os grafemas <i> e <j>, os usuários dos prenomes em questão acabam por adaptar ao PB a pronúncia do grafema <l> final de *Michael* e *Lionel*, realizado foneticamente como uma semivogal posterior.

Há outras formas que, com relação à “transformação” da forma ortográfica em sons, também se localizam a meio do caminho entre os padrões do inglês e do PB. Isso se deu, por exemplo, em *Stefany* [ij'tɛfɛni], com pronúncia palatalizada e nasalizada, segundo o padrão do PB, embora a posição do acento não siga as regras de decifração da ortografia do PB, que exigiria o acento em “ní”. Igualmente, o antropônimo *James*, realizado como [ʒɛɪmɪs], com pronúncia fricativa inicial seguindo o PB, realiza-se, no entanto, com pronúncia fiel à vogal inglesa inicial.

A apreciação do falante brasileiro pela grafia estrangeira também foi percebida em nomes vernáculos cuja escrita é diferente da usual, apresentando grafemas duplicados, agrupamentos de consoante + <h> e predominância das letras <k,y,w>, conforme listado abaixo:

¹¹⁰ Este assunto será retomado na subseção de análises fonológicas.

<i>Andreya</i>	<i>Mariah</i>
<i>Anthonio</i>	<i>Markus</i>
<i>Cellya</i>	<i>Maryana</i>
<i>Christyna</i>	<i>Mauryccio</i>
<i>Dharah</i>	<i>Phelipe</i>
<i>Edwuardo</i>	<i>Regyna</i>
<i>Filippe</i>	<i>Rickardo</i>
<i>Helenna</i>	<i>Roggério/Rogeryo</i>
<i>Henriky</i>	<i>Saphyra</i>
<i>Jhullio</i>	<i>Sonnya</i>
<i>Kamylla</i>	<i>Stella</i>
<i>Karlla</i>	<i>Stevão</i>
<i>Karolyna</i>	<i>Thereza</i>
<i>Marcello</i>	<i>Ytalo</i>
<i>Maryo</i>	

Quadro 5.2 - Nomes vernáculos com grafia estrangeira

Sobre o assunto, Cagliari (2004, p.151) tece a seguinte consideração:

As letras K, W e Y só podem ser usadas em casos especiais como abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional. O sistema não considera o uso dessas letras na grafia de nomes próprios. No entanto, muitas pessoas preferem essas letras para dar aos nomes um traço distintivo.

Conforme observa o autor, o gosto pelo diferente, expresso na grafia dos prenomes brasileiros, se sobrepõe ao padrão do sistema ortográfico da língua.

Na listagem abaixo, também foram mapeados no *corpus* nomes criados a partir de combinações sonoras e/ou grafemáticas baseadas nos sons ou na escrita do inglês e que não constam na lista oficial de antropônimos adotados em países de língua inglesa, conforme Bollard (1993) e Webster's (2001):

<i>Akinayra</i>	<i>Milkshakeson</i>
<i>Alderthy</i>	<i>Nelberth</i>
<i>Aryellson</i>	<i>Railand</i>
<i>Auderson</i>	<i>Smaylla</i>
<i>Bradison</i>	<i>Thalison</i>
<i>Chryssy</i>	<i>Thalyelson</i>
<i>Cleberon</i>	<i>Thamylla</i>
<i>Eksâmya</i>	<i>Thaylon</i>
<i>Francinerinthon</i>	<i>Valterllyson</i>
<i>Gianiffer</i>	<i>Walbert</i>
<i>Gleicielly</i>	<i>Wallison~ Wallyson~ Walyson</i>
<i>Henderson</i>	<i>Wandersson</i>
<i>Jaclenilson</i>	<i>Warysson</i>
<i>Jadson</i>	<i>Wasterson</i>
<i>Jeyelli</i>	<i>Weidson</i>
<i>Jheilly</i>	<i>Werick</i>
<i>Jhemmily</i>	<i>Weslyane</i>
<i>Jhonnyeneh</i>	<i>Wilkenedy</i>
<i>Jhudson</i>	<i>Willyanwack</i>
<i>Joanlyson</i>	<i>Windston</i>
<i>Kessler</i>	<i>Wingleson</i>
<i>Kethellen</i>	<i>Wirley</i>
<i>Kéthne</i>	<i>Wiryston</i>
<i>Klinger</i>	<i>Wisly</i>
<i>Kyvia</i>	<i>Wygana</i>
<i>Layanna</i>	<i>Yrlla</i>
<i>Luanderson</i>	<i>Yuska</i>
<i>Manuelyson</i>	

Quadro 5.3 - Nomes criados a partir de combinações sonoras e/ou grafemáticas baseadas nos sons ou na escrita do inglês

5.3 Questões morfológicas

Segundo Tesch (2010, p.79), em qualquer área, o neologismo poderá representar um vasto acervo para uma sociedade em que seus falantes têm a liberdade de criar novas palavras. Na concepção da autora, assim como as pessoas criam gírias e expressões, muitas passageiras, outras mais duradouras, vários antropônimos se firmam, enquanto outros, não: “tudo vai depender da aceitação social, principalmente se o nome pertencer a uma pessoa que venha a se tornar conhecida, amada ou odiada”.

Concorda-se com a autora quando diz:

Se é possível extrair da linguagem de jornalistas, literatos, políticos etc. uma gama de neologismos que podem, inclusive, vir a fazer parte do léxico da língua, por que não poderíamos considerar a questão da criação de nomes próprios pela população, sem relevar a questão bom gosto, tão subjetiva, esperando que prevaleça o bom-senso?

Semelhantemente ao que acontece com os neologismos criados a partir de anglicismos¹¹¹, os nomes de pessoas também são constituídos a partir dos modelos existentes na língua estrangeira. Muitas vezes os prenomes adquirem características da grafia do PB, como é o caso de *Estéfany*. Porém, outras vezes, a grafia alienígena é mantida por vontade própria do nomeador, que deseja imprimir ao nome uma marca estrangeira, mesmo já modificado de sua forma original, como em *Phelipe*, que acaba por apresentar uma grafia que não pertence nem a uma língua nem a outra.

O quadro 5.4, a seguir, apresenta um rol de prenomes compostos por dois nomes de origem estrangeira ou criações originais do designador baseadas em um modelo estrangeiro.

Antropônimos constituídos por dois nomes estrangeiros¹¹²	
Albert Yarley	Johnthan Erik
Allan Richard	Kelvini Klismann
Bill Kendel	Kethellen Lourrany
Brayan Kley	Mary Kathillen
Bryan Robson	Max Wylliam
Carynne Nazareth	Michael William
Deyna Kelle	Ranna Karolayne
Diana Linda	Ray Pettersson
Emmilly Kellen	Sandy Ellen
Franklinn Brunno	Sarah Ketly
Giannifer Stella	Shirley Cristinne
Hemilly Ingrid	Stella Christine
Isabelly Crysthyny	Stev Henderson
James Dean	Suzu Dayane

¹¹¹ *Plugar, deletar, surfar, escanear, imprimir*, entre outros (cf. Alves, 2004).

¹¹² Optou-se pelo termo *estrangeiro*, não por se tratar necessariamente de um prenome estrangeiro existente, mas por apresentar padrão alienígena ao PB, com características da língua inglesa.

Hyan Victor	Waterloo Andrey
Jeymes Deiam	Wélyssu Rudson
John Albert	Werick Kemuel
John Allis	Windston Christian

Quadro 5.4 - Antropônimos constituídos por dois nomes estrangeiros

O quadro 5.5 abaixo contém prenomes compostos por hibridismo¹¹³, a exemplo do que acontece com os nomes comuns. Nesses casos, diferentemente do que ocorre com os vocábulos em geral, os prenomes estão graficamente separados, como em *John Alexandre*, *Jeniffer Vitória*, *Roberth Flávio*, *Chrystian Luiz*, *Ronald Antônio*, *Gerald André*, *Antônio Walet*, entre outros.

Antropônimos constituídos de nome estrangeiro + vernáculo¹¹⁴	
Andrey Gustavo	John Alexandre
Antônio Walet	Johnnatan Lucas
Bryan Venceslau	Jordan Augusto
Cássio Jhones	Karolainy Luana
Chrystian Luiz	Maycon Luiz
Dayanny Cristina	Roberth Flávio
Djerson José	Ronald Antônio
Gerald André	Ruth Lúcia
Ghardnéy César	Ryan Cláudio
Jeniffer Vitória	Wirley Fernando

Quadro 5.5 - Antropônimos constituídos de nome estrangeiro + vernáculo.

Neste estudo, entende-se que os nomes personativos estão inseridos na função discursiva que permeia a formação de palavras, uma vez que esta visa “expressar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo do que é comunicado” (SANDMANN,1997, p.27). Nesse caso, infere-se que o emissor possa ser compreendido como o designador no evento de nomear.

¹¹³ Trata-se de “vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes” (KEHDI, 2007, p.50).

¹¹⁴ O termo “vernáculo” aqui utilizado não se refere exatamente à etimologia do prenome, mas ao seu uso frequente, já adaptado pelos falantes brasileiros, constituindo-se como parte do quadro antropônimo do país.

Assim, concebe-se que os antropônimos possam ser explicados por razões estilísticas, com o propósito, muitas vezes, de causar estranhamento, chamar a atenção pela inovação, pelo inusitado.

Segundo Lapa (1975, p.92), a criação na língua “faz-se sobretudo por transformação do material já existente, ou sua utilização para outros fins expressivos”. De semelhante modo, no tocante aos antropônimos, como aludido anteriormente, cria-se o novo a partir do velho, fenômeno que pôde ser evidenciado em vários prenomes do *corpus* como em *Alderthy*, *Francinerinthon*, *Manuelyson*, *Milkshakeson*, *Valterllyson*, *Weslyany*, *Wingleson*, *Wasterson*, entre muitos outros. Algumas vezes, esta criação do novo a partir do velho pode se dar apenas no nível ortográfico, como nos exemplos: *Cellya*, *Fellype*, *Dhiully*, *Dhessica*, *Diônas*, entre outros.

Como lembra Cunha (2006, p.79), muitos nomes que apresentam marcas do inglês “não dialogam necessariamente com a memória discursiva da língua inglesa, mas dialogam simplesmente com a diferença, com o ar distintivo que podem ter no contexto brasileiro”.

Conforme abordado na seção 1 deste trabalho, os antropônimos podem ser constituídos por sufixação, composição, anagramas, acrossemia ou cruzamento vocabular (MONTEIRO, 1991; SANDMANN, 1997).

No *corpus* foram identificadas diversas ocorrências de prenomes constituídos por derivação sufixal, com notável preferência pelo sufixo *-son*, como em *Aryellsson*, *Joanlyson*, *Thalyelson*, *Luanderson*, etc. Também foram encontradas as terminações *-ton*, *-ely*, *-ley*, *-er*, como em *Windston*, *Francinerinthon*, *Gleicielly*, *Wirley*, *Yarley*, *Estanley*, *Kessler*, *Klinger*, respectivamente. Trata-se de supostos sufixos característicos da língua inglesa, sendo que a maioria corresponde a um padrão marcado, em termos acentuais, ao prenome, na medida que constituem uma sílaba pesada em posição átona final, distanciando-se do padrão canônico do PB.

Presume-se, ainda, que alguns casos podem ser interpretados como cruzamento vocabular, como nos exemplos: *Valterllyson* (*Valter* + *Ellyelson*?), *Wesliany* (*Wesley* + *Viviany*?), *Thalyelson* (*Thales* + *Nelson*?), *Aryellson* (*Ary* + *Nelson*?), *Jaclenilson* (*Jacqueline* + *Nilson*?), *Joanlyson* (*Joana* + *Wylson*?), *Lindaiana* (*Linda* + *Daiana*), *Wilkenedy* (*William* + *Kennedy*?), *Thamylla* (*Themes* +

Camylla?), *Talyssa*¹¹⁵ (*Talita + Melissa*). Supõe-se que, igualmente, os seguintes prenomes possam ser incluídos nessa categoria: *Francinerinthon*, (*Francisco + Wellington ?*), *Greicylene*, (*Grace + Marlene?*) *Luanderson*, (*Luana + Anderson?*).

Os casos de composição por justaposição, facultativamente ligados no nível gráfico foram: *Leidedaina*, *Leidy Dayana*, *Johnleno*, *Maryjoice*, *Greicykelli*, *Max Well*, *Mery Anny*, *Willianwack*¹¹⁶, entre outros.

Após essa breve análise a respeito da ortografia de antropônimos contemplados neste estudo, apresentam-se, a seguir, os processos fonológicos identificados entre os falantes do PB na articulação dos prenomes estrangeiros.

5.4 Adaptações fonético-fonológicas em prenomes de grafia idêntica em IA e em PB

Lembrando Cagliari (2002b, p.28), o sujeito falante, por desconhecer o funcionamento do sistema fonológico da língua estrangeira, tende “a julgar o que encontra em função do sistema fonológico de sua própria língua”. Godoy, Gontow e Marcelino (2006, p. 18) observam que, após uma determinada idade, o sistema de referência de sons de uma pessoa se torna completamente conectado à sua língua materna. Seria como se a língua materna funcionasse como uma espécie de filtro com relação a qualquer som estrangeiro. Assim, o falante não enfrentaria problemas diante de sons idênticos nas duas línguas. No entanto, havendo divergência de sons, o som não-existente em sua língua de origem é reinterpretado com base no sistema sonoro do seu conhecimento.

Em suas pesquisas sobre a interferência fonológica da língua materna na aquisição de uma língua estrangeira, Flege (1981, p. 443) faz a seguinte observação:

Language learners who perceive sounds in the target language to be phonologically identical to native language sounds (despite possible phonetic differences between the two languages) may base whatever phonetic learning that does occur during the acquisition process on an acoustic model provided by pairs of similar sounds in two languages, rather than on a single language-specific acoustic model as in first-language acquisition.

¹¹⁵ A informante explicou o processo de formação de seu nome em entrevista (cf. Apêndice B).

¹¹⁶ Inspirado no jornalista da TV Globo William Waack.

Colocando de forma simples, o que o autor explica é algo plenamente compreensível e esperado: os ouvidos do falante estrangeiro não são capazes de identificar como de fato se processam os sons da língua estrangeira, daí a transferência de hábitos fonológicos de uma língua para outra. Acredita-se que o grande número de fonemas vocálicos, para compensar o baixo número de sílabas dos vocábulos ingleses (quando comparados aos vocábulos do PB), seja um fator contribuinte para a dificuldade de percepção e produção do novo idioma.

Nesse sentido, fatores dessa natureza foram responsáveis pelo comportamento linguístico demonstrado por falantes do PB ao longo do processo investigativo desta pesquisa.

As adaptações de natureza fonológica sofridas na passagem de uma língua para outra serão demonstradas por meio de diagramas arbóreos dispostos de forma paralela, sendo o primeiro, à esquerda, relativo à língua de origem (o IA) e o segundo, à direita, referente à língua de chegada (o PB). A comparação entre as duas línguas visa facilitar o levantamento de ocorrências dos processos fonológicos observados.

Uma das acomodações mais recorrentes na pesquisa foi a inserção da vogal epentética [i] ao prenome, o que acarretou mudança na estrutura silábica do nome em sua forma original. Outros ajustes identificados foram: a nasalização de vogais que precedem consoantes nasais; a não velarização do // em posição de coda silábica, ou seja, a vocalização deste segmento; a palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/; a fricativização do “r” em posição de *onset*, bem como substituições no nível segmental, visando a articulação de sons (segmentos) oriundos do inglês que são inexistentes no PB. Verificaram-se, ainda, adaptações no domínio prosódico, como o deslocamento do acento para a direita, por influência da língua-alvo, cujo padrão *default* é o de palavras paroxítonas terminadas em sílaba leve e oxítonas terminadas em sílaba pesada (BISOL, 1992; MASSINI-CAGLIARI, 1999, 2005; COLLISCHONN, 2005b).

A seguir, passa-se a descrever os processos de adaptação fonológica mapeados no *corpus*.

5.4.1 Epêntese

Cagliari (1999a, p.129) apresenta a seguinte definição de epêntese: “o termo epêntese refere-se, de um modo geral, ao acréscimo de um segmento a uma palavra”. Explica o autor que essa inserção pode ocorrer no início ou no final de uma palavra, recebendo os nomes específicos de *prótese* e *paragoge*, respectivamente. Sobre este assunto, Massini-Cagliari (2000, p.11) afirma que

a paragoge é um processo fonológico que acrescenta uma vogal neutra /e/ após sílabas terminadas por codas consonantais, a fim de transformar essas sílabas em estruturas canônicas do tipo CVCV.

Na concepção dos autores que já trataram da epêntese, o fenômeno pode ser compreendido como um processo fonológico de regularização, visando à correção de sequências consonantais não permitidas na língua portuguesa. Por isso, concluem os linguistas, a principal finalidade da epêntese é desfazer uma estrutura de sílaba mal formada, que se distancia do padrão da língua portuguesa. Assim, “as consoantes que ocupavam a posição de coda, passam para posição de *onset*, dando um núcleo vocálico para uma sílaba que não o tem ou formando ditongo” (CAGLIARI, 1997, p.75).

Conforme abordado na seção 3 deste trabalho, o padrão silábico da língua inglesa admite até três consoantes na posição de *onset*, diferentemente do português, que, para esta posição, admite apenas duas, obedecendo à fonotática da língua, que impõe restrições de agrupamento. Desse modo, há combinações que são possíveis de realização no inglês, mas que não o são no PB, como é o caso da fricativa desvozedada [s] seguida de uma ou mais consoantes (*sp, st, str, spr*) em início de sílaba. Por essa razão, o falante do PB tem a propensão de acrescentar a vogal anterior alta [i] cada vez que se depara com *clusters* consonantais inexistentes em seu sistema fonológico. A esse respeito, Câmara Jr. (2006[1970], p.50) observa que “grupos consonantais que entram em vocábulos estrangeiros no português do Brasil logo se desfazem, com a intercalação de uma vogal, como *sinuca* (do inglês *snooker*), *sulipa* (do inglês *sleeper*)”.

No *corpus* deste trabalho identificou-se epêntese em suas duas formas de realização, quais sejam, prótese e paragoge. Os casos de prótese foram motivados

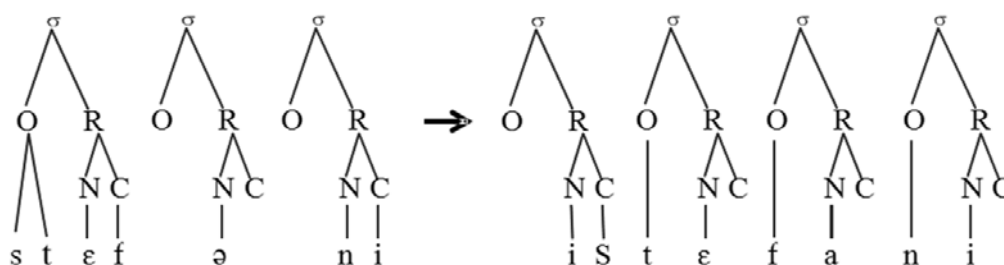
pelo não licenciamento de *onsets* compostos por uma sequência de sibilante + obstruente em PB. É o que se verifica nos exemplos a seguir.

(5.1)

Stephany¹¹⁷

IA

PB

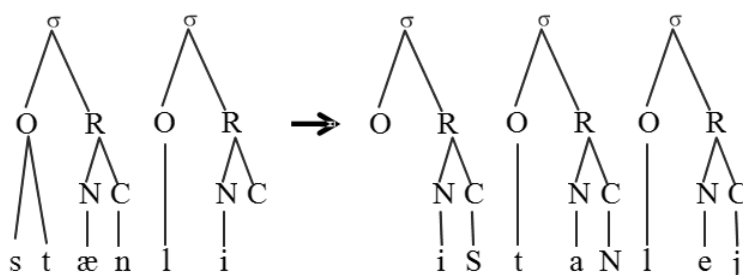


(5.2)

Stanley

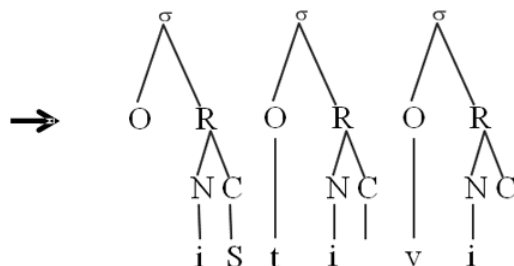
IA

PB



¹¹⁷ Conforme Bollard (1993, p. 768), /f/ ocupa a posição de coda da primeira sílaba. Contudo, o inglês se submete à Condição de *Onsets* máximos (Cf. Hogg; McCully, 1999 [1987]). Desta forma, o /f/ se localizaria no *onset* da segunda sílaba ou, no mínimo, seria ambissilábico, ocupando concomitantemente as posições de coda da primeira sílaba e de *onset* da segunda. Hogg e McCully (1999 [1987], p.53) conceituam ambissilabidade como a propriedade que têm algumas consoantes intervocálicas de poderem ser ligadas tanto à coda da primeira sílaba quanto ao *onset* da segunda sílaba, obedecendo, respectivamente, ao Princípio de Codas Máximas e ao princípio de *Onsets* Máximos.

(5.3)

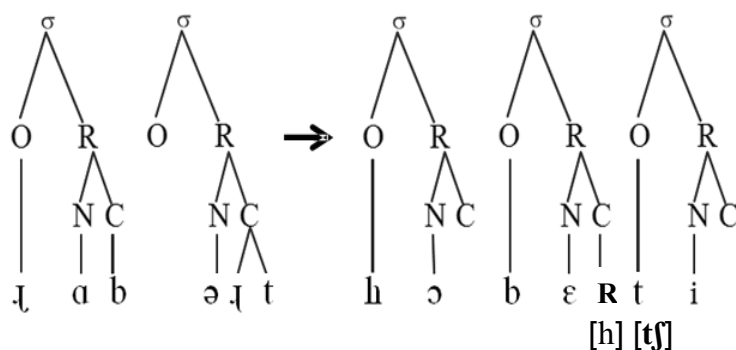
Steve**IA****PB**

Como demonstrado acima, da posição de *onset*, o <s> inicial passa a ocupar a posição de coda da nova sílaba criada no PB. Assim, nos três casos analisados, a epêntese resultou na ressilabação dos nomes originais em inglês, que passam a ter uma sílaba a mais (ou duas, no caso de *Steve*), quando pronunciados por falantes brasileiros. O fenômeno se deu nos exemplos acima citados, pela não ocorrência da sequência tautossilábica do tipo “st” em PB.

Os casos de paragoge, os mais recorrentes no *corpus*, foram encontrados em prenomes como *Robert*, *Ronald*, *David*, *Richard*, *Erick*, *Margaret*, *Phillipp*, entre outros. O fenômeno se deu em virtude do não licenciamento de oclusivas na posição de coda no PB, conforme discutido na Seção 3 deste estudo, ocasião em que também se tratou da restrição consonantal para essa posição silábica no português.¹¹⁸ Destacam-se as seguintes ocorrências:

¹¹⁸ Segundo Câmara Jr (2006[1970], p.58), só há possibilidade de travamento silábico no PB pelas consoantes líquidas e pelos arquifonemas /S/ e /N/.

(5.6)

Robert**IA****PB**

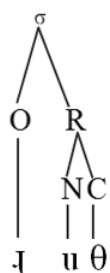
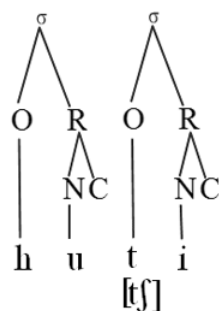
Evidencia-se em (5.4) e (5.5) que a oclusiva alveolar vozeada /d/, da posição de coda no IA passou para a posição de *onset* no PB, dando início a uma nova sílaba. Semelhante processo verificou-se em (5.6), no qual a oclusiva alveolar desvozeada /t/ passou a ocupar a posição de *onset* da nova sílaba no PB.

Verifica-se, ainda, que esse mecanismo desencadeou outro processo fonético-fonológico: o da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ diante de /i/, característica da variedade dialetal do PB adotada pelos informantes da pesquisa.

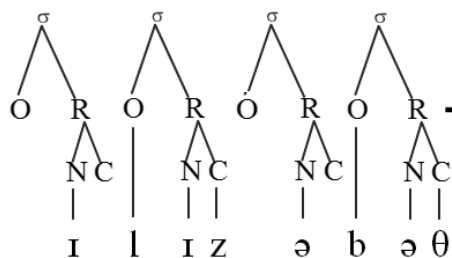
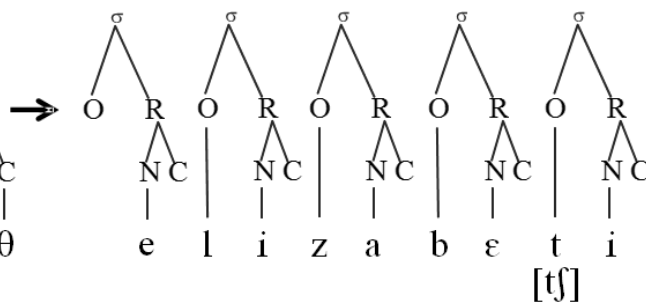
Também foi detectada no *corpus* a ocorrência de epêntese ocasionada por ajustes realizados por falantes do PB diante de som inexistente em sua língua materna. A adaptação se manifestou na produção do som final de *Ruth* e *Elizabeth*, representados graficamente por <th>. Trata-se do fonema consonantal /θ/, pertencente ao inventário fonológico da língua inglesa. Desse modo, por não fazer parte do padrão sonoro do PB, o fonema /θ/ foi realizado como [tʃ] seguido da vogal epentética [i]¹²⁰, gerando uma nova sílaba. O fato se deu porque o fonema inglês foi compreendido como uma obstruinte, não lhe sendo permitido ocupar posição de coda em PB. Por sua vez, a inserção de [i] depois de /t/ cria o contexto para a palatalização da consoante que se realiza foneticamente como [tʃ], o que pôde ser observado nos seguintes registros:

¹²⁰ A vogal epentética do PB é /e/, que pode se realizar foneticamente como [e], [ɛ] e [i] (LEE, 1993).

(5.7)

Ruth**IA****PB**

(5.8)

Elizabeth**IA****PB**

5.4.2 Palatalização

A palatalização é sempre um dos aspectos pontuados pelos pesquisadores sobre a variação dialetal na língua portuguesa. Trata-se de um recurso linguístico predominante entre os falantes da maioria das regiões brasileiras.

Sobre a temática, Silva (2007, p. 35) faz a seguinte descrição:

Palatização consiste no levantamento da língua em direção a parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior (mais para a frente da cavidade bucal) do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal.

Cagliari (2007, p.104) observa que “o tipo mais comum de som palatalizado (ou palatizado) é aquela consoante que é articulada com um estreitamento secundário dos articuladores ocorrendo na região palatal”. Complementa o foneticista:

Um segmento torna-se mais palatal ou mais semelhante a som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada (do tipo [tʲ]), ou africaticada (do tipo [tʃ]) ou um deslocamento articulatorio em direção ao lugar de articulação palatal (como uma velar anteriorizada [k]). (CAGLIARI 2002,p. 102-103)

Cagliari (2002b) e Silva (2007) afirmam que a palatização em dialetos do PB refere-se principalmente às oclusivas /t/ e /d/, que se realizam foneticamente como africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] quando diante da vogal anterior /i/.

Monaretto, Quednau e Hora. (2005, p.233) observam que, “como resultado de um processo assimilatório, as consoantes oclusivas dentais do português /t/ e /d/, sob influência da vogal [i] ou do glide [j], tornam-se palatizadas”.

Cagliari (2002, p. 103) ilustra o processo com os seguintes exemplos:

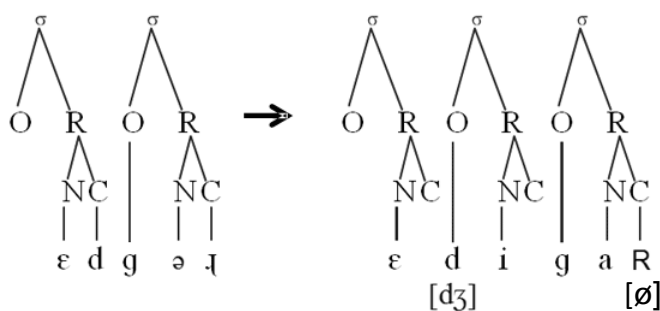
(5.9)

/tia/ → [tʃia]

/dia/ → [dʒia]

Diferentemente do PB, na língua inglesa os segmentos /t/ e /tʃ/ são fonemas distintos, como no par mínimo *top* [tʌp] e *chop* [tʃʌp]. De semelhante modo, os fonemas /d/ e /dʒ/ também se opõem fonologicamente nessa língua, como em *dog* [dɒg] e *jog* [dʒɒg], por exemplo.

(5.12)

Edgar**IA****PB**

É oportuno salientar que, além da palatalização das oclusivas alveolares, observou-se ainda um outro tipo de palatalização: a pronúncia palatalizada do segmento /s/ em posição de travamento silábico. A exemplo do que ocorre em alguns dialetos brasileiros (paraense, carioca, amazonense), os maranhenses também realizam o <s> pós-vocálico como [ʃ], uma fricativa alveopalatal, diante da oclusiva desvozeada /t/, e [ʒ] diante da oclusiva sonora /d/.¹²¹ Essa propriedade interferiu na pronúncia dos nomes estrangeiros da pesquisa, sendo revelada no exemplo (5.10) acima e também nos já apresentados antropônimos compostos por *onset* “st”, não licenciados em PB, demonstrados em (5.1), (5.2) e (5.3).

5.4.3 Nasalização

Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (2003, p. 122), os sons nasais são aqueles “produzidos com o bloqueio à corrente de ar na cavidade oral, com concomitante abaixamento do véu palatino, o que permite a saída da corrente de ar pelas narinas”. Com a mesma percepção, corrobora O’Connor (2006, p. 48): “*in all*

¹²¹ Segundo estudos de Silva (2007, p.53), as fricativas alveopalatais [ʃ] e [ʒ] ocorrem em limite de sílaba quando seguidos de uma das consoantes alveolares [t,d,n,l] em algumas regiões do Nordeste. É o que o corre com os falantes da região pesquisada, que pronunciam, por exemplo, [vaʃta], [aʒnu] e [deʒdɹ], as palavras *vasta*, *asno* e *desde*, respectivamente.

nasal consonants the soft palate is lowered and at the same time the mouth passage is blocked at some point, so that the air is pushed out of the nose”.

Silva (2007, p. 91) observa que, devido ao abaixamento do véu palatino, a configuração da cavidade bucal é modificada, o que conseqüentemente acarreta alteração na qualidade da vogal produzida.

Particularmente, a produção de vogais nasalizadas é uma peculiaridade linguística mais evidenciada nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, assertiva que defende Cavaliere (2005, p.86):

A nasalação atua como traço marcante nas variantes diatópicas do português brasileiro. As vogais pretônicas de *canela*, *janela* e *panela*, se anasaladas, denunciam uma pronúncia típica da região lingüística do Norte e Nordeste, ao passo que as orais refletem a pronúncia mais disseminada no Sudeste do país.

Observa-se que o teórico está considerando o que Câmara Jr. (2006[1970], p. 47) refere como uma pronúncia levemente nasal, podendo ou não ocorrer, sem implicar em mudança de significado, diferentemente da nasalidade que acontece em palavras que são fonologicamente distintivas, como em *sentá* e *setá*, por exemplo. Segundo o autor, neste caso a obrigatoriedade da nasalização da vogal é a mesma em todas as regiões do país.

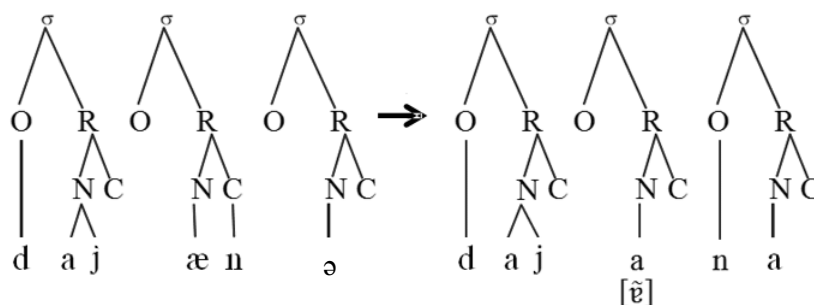
Em inglês as vogais são tipicamente orais, apresentando apenas raros casos de variedades que expressam marcas de nasalidade, somente no nível dialetal¹²², não comprometendo o significado.

Nessa mesma língua, os fonemas nasais /**m**, **n**, **ŋ**/ são plenamente articulados em posição de coda medial e final, diferentemente do PB, em que o segmento nasal não se realiza nesse contexto. No âmbito fonético a consoante nasal é excluída após espriar o traço nasal para a vogal antecedente.

Sobre a adaptação das nasais do inglês por falantes do português, O'Connor (2006, p.50) tece o seguinte comentário:

¹²² Variedades características das cidades de Los Angeles e Liverpool (OLIVEIRA; SILVA, 2009).

(5.16)

Diana**IA****PB**

A usuária do prenome em (5.16) informou em entrevista¹²³ que, apesar de ser essa a realização do seu nome, as pessoas frequentemente substituem o ditongo característico da sílaba inicial pela vogal alta anterior sempre que se deparam com a escrita, guiados pelo padrão ortográfico do PB.

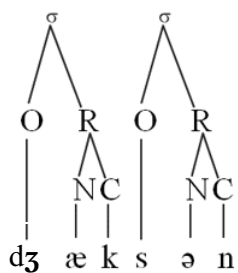
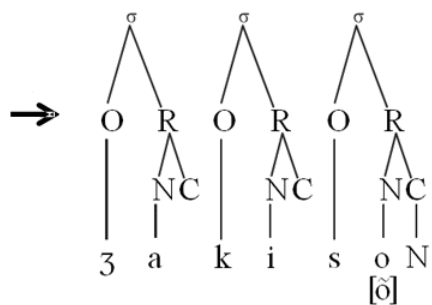
Ainda no domínio da nasalidade, verificou-se sua manifestação na pronúncia do sufixo *-son*, habitualmente empregado por brasileiros na formação de nomes masculinos. Em tempos remotos, o sufixo era originalmente utilizado por países de língua inglesa para denotar filiação. Assim, *Jackson* se referia ao “filho do Jack”, *Robinson* ao “filho do Robin”, *Johnson*, “filho do John”, e assim por diante.

No *corpus* da pesquisa foram coletados, entre outros exemplos, os seguintes prenomes: *Wallyson*, *Jadson*, *Edson*, *Jackson*, *Jobson*, *Jafferson*, *Dayvison*, *Glaysdon*, *Allison*, *Wellison*, *Jefferson*, etc.

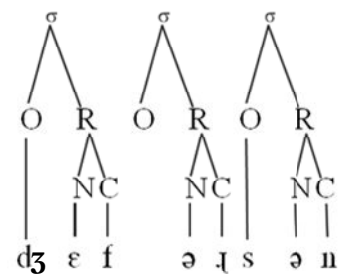
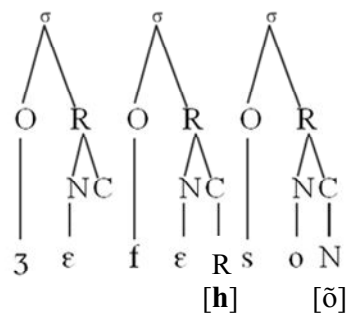
Em todas as construções com o sufixo *-son*, o segmento [o] foi articulado de modo nasalizado, conforme se verifica abaixo:

¹²³ Cf. Apêndice B.

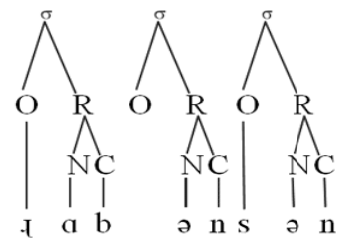
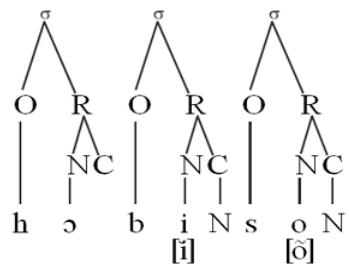
(5.17)

Jackson**IA****PB**

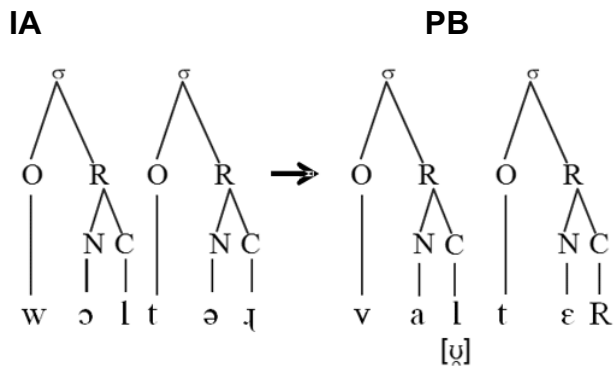
(5.18)

Jefferson**IA****PB**

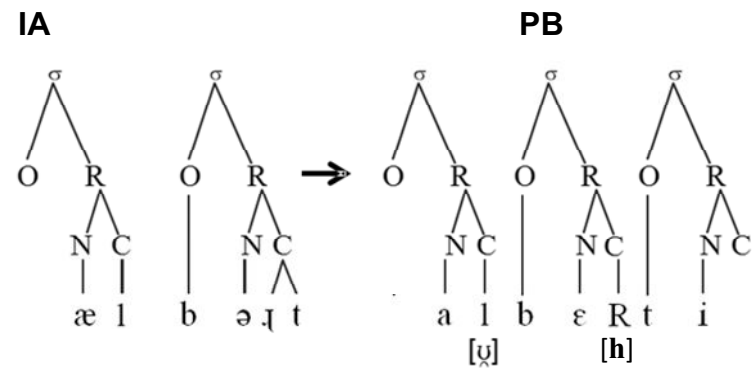
(5.19)

Robinson**IA****PB**

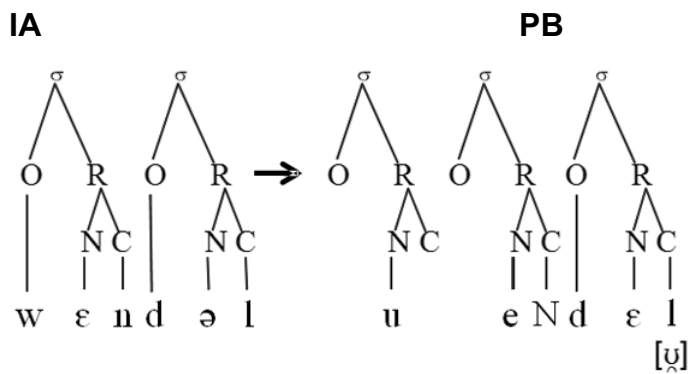
(5.22)

Walter

(5.23)

Albert

(5.24)

Wendel

Observam-se, ainda, nos exemplos (5.22) e (5.24) adaptações ocorridas com relação às consoantes iniciais do *onset* silábico. No primeiro exemplo, há uma permuta do segmento /w/ do IA por /v/ do PB, provavelmente por influência de estrangeirismos advindos de outras línguas que igualmente penetraram no léxico brasileiro, como por exemplo, o alemão, cuja pronúncia da consoante inicial /w/ dos prenomes *Walter* e *Wanda* é [v]. No que se refere ao exemplo (5.24) acima, percebe-se a não realização fonética da consoante /w/ em contexto de PB, apresentando a posição de *onset* vazia e a de núcleo preenchido com o segmento vocálico /u/. Ressalta-se que fenômeno idêntico foi verificado em outros antropônimos iniciados por /w/, como *Wallace*, *Wallyson*, *Wesley*, *Washington*, *Wellington*, entre outros.

5.4.5 Apagamento

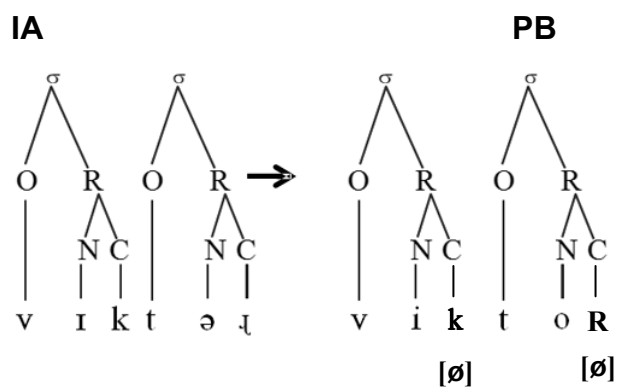
Conhecido também por queda, eliminação ou truncamento, Cagliari (2002b, p.101) explica que o processo se dá quando “há a supressão de um segmento da forma básica de um morfema”.

Na variedade do PB investigada, os informantes costumam não realizar o <r> final das palavras seguido de pausa. Nessa posição, o segmento só é articulado quando em contexto de fala contínua seguido de palavra iniciada por vogal.¹²⁶

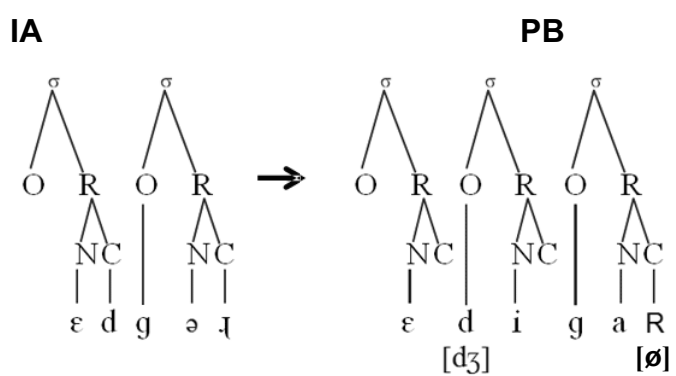
Diante de anglicismos, o fenômeno do apagamento é realizado com a mesma finalidade da epêntese, qual seja, a de resolver problemas de sílabas atípicas ao padrão fonológico da língua. Enquanto neste acrescenta-se um segmento, naquele elimina-se. Assim, esses processos fonológicos atuam no sentido de transformar uma sílaba marcada, CVC, em uma não marcada, CV, que é o padrão do PB. Alguns exemplos retirados do *corpus* são:

¹²⁶ Nesse ambiente o rótico é sempre produzido como tepe [r] e o processo é conhecido por juntura ou ‘liaison’. (CAGLIARI, 2007, p.120).

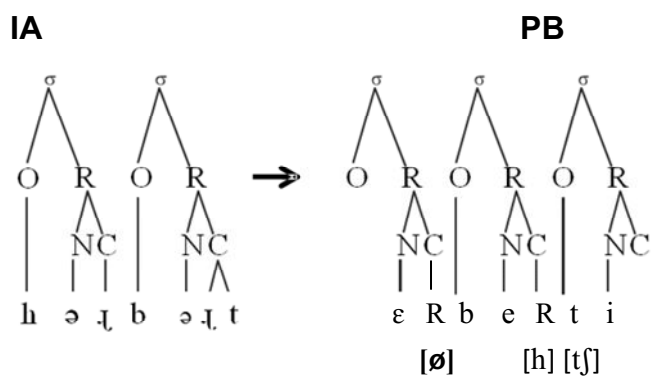
(5.25)

Victor

(5.26)

Edgar

(5.27)

Herbert

No exemplo (5.27) acima, nota-se em PB a não realização de dois segmentos produzidos em IA, quais sejam, /h/ em posição de *onset* e o rótico (retroflexo) em travamento da mesma sílaba. O ajuste é compreensível e esperado, uma vez que <h> é sempre zero fonético nesse contexto em PB e sílabas marcadas por róticos retroflexos na posição de coda não obedecem ao padrão fonético da variedade estudada.

5.4.6 Adaptações segmentais

As adaptações segmentais são estratégias utilizadas pelos sujeitos falantes sempre que se deparam com sons (segmentos) não existentes no sistema sonoro de sua língua materna. Desse modo, os falantes buscam em seu inventário fonológico os sons que mais se aproximam dos sons da língua estrangeira que almejam pronunciar.

Na pesquisa foram observadas as seguintes adaptações no nível segmental:

5.4.6.1 Substituição da aproximante retroflexa do IA por sons róticos do PB

Segundo O'Connor (2006, p.60), falantes de inglês como língua estrangeira são normalmente inclinados a substituir o som do rótico tipicamente inglês por um som que o grafema <r> representa em sua língua materna.

Roach (2002, p. 62) denomina esse som de *retroflexo* e revela que o modo como é articulado em inglês, sem o contato do ápice da língua na região palatal, difere das outras formas como esse segmento é realizado em outras línguas, em que geralmente há contato do articulador ativo com o passivo.

Conforme tratado na seção 3, a presença de semelhante som em PB ocorre apenas em algumas regiões do interior do país, sobretudo no sudeste.

Em PB o tepe se realiza nas combinações com as oclusivas e em posição intervocálica, como anteriormente mencionado. Dessa forma, o falante brasileiro, sem o conhecimento da realização da pronúncia em inglês, transfere para os anglicismos os hábitos incorporados e utilizados no mesmo contexto em língua materna. No *corpus* da pesquisa o ajuste foi reconhecido nos seguintes casos:

(5.28)

Christian

IA [ˈkɹɪstʃən]

PB [ˈkɾistʃiẽ]

(5.29)

Bryan

IA [ˈbɹaɪən]

PB [ˈbraiẽ]

(5.30)

Erick

IA [ˈɛɹɪk]

PB [ˈɛɾikɪ]

Com relação aos exemplos (5.28), (5.29) e (5.30) acima, a retroflexa é substituída pelo tepe por influência dos contextos em que ocorre em PB, quais sejam, entre vogais ou como segunda consoante do *onset* complexo. Trata-se principalmente de uma restrição fonotática, não de dificuldade de realização do segmento.

Do ponto de vista fonético, o rótico americano¹²⁷ sempre se realiza como uma retroflexa, quer em posição inicial quer em posição final de sílaba (LADEFOGED, 2006, p.92). Como abordado anteriormente, nesta posição há possibilidade de realização de semelhante som em alguns dialetos brasileiros, todavia sua manifestação jamais se verifica em posição inicial de sílaba. Nesse ambiente, ocorre geralmente [h] ou [x], ambas fricativas desvozeadas. Tal molde linguístico motivou

¹²⁷ Segundo Ladefoged (2006, p.91-92) “the vowel [ɜ] can be said to be r-colored. It involves an additional feature called rhotacization [...]. Rhotacized vowels are often called retroflex vowels”. O autor explica que [ɜ], que representa a vogal colorida pelo som de [ɹ], é um som de vogal tônica comum em IA, encontrado em palavras como *sir*, *heard*, *bird*, *fur*, por exemplo.

os informantes brasileiros a emitirem pronúncia fricativizada para o rótico do IA. Na pesquisa foram mapeados os seguinte exemplos:

(5.31)

Robert

IA [ˈɹɑbət]

PB [ˈhɔbɛhtʃɪ]

(5.32)

Ronald

IA [ˈɹɑnld]

PB [ˈhõnaʊdʒɪ]

(5.33)

Ruth

IA [ˈɹuθ]

PB [ˈhutʃɪ]

5.4.6.2 – Substituição de [ɑ] por [ɔ]

O grau de dificuldade na produção das vogais da língua inglesa constituiu um dos principais fatores de adaptação segmental realizada pelos informantes desta pesquisa.

Devido à não existência da vogal posterior baixa /ɑ/ no quadro de vogais do PB como um som distintivo, bem como por influência da ortografia, conforme discutido na subseção anterior, os falantes fizeram a substituição desse som por /ɔ/. O fenômeno foi observado nos seguintes antropônimos:

(5.34)

Robinson

IA [ˈɹɒbənsən]

PB [ˈhɔbĩsõ]

(5.35)

Robert

IA [ˈɹɒbət]

PB [ˈhɔbɛhtʃɪ]

5.4.6.3 Substituição de /æ/ por /a/

Identificou-se a troca do fonema pela não ocorrência do segmento /æ/ no sistema vocálico da língua portuguesa. Este é um som intermediário entre [a] e [ɛ], como expressa o próprio símbolo fonético, sendo comumente encontrado em palavras na língua inglesa.

Na pesquisa a substituição do segmento foi verificada em:

(5.36)

Allan

IA [ˈælən]

PB [aˈlɛ]

(5.37)

Jackson

IA [ˈdʒæksən]

PB [ˈʒakisõ]

5.4.6.4 – Substituição da vogal neutra /ə/ do IA por vogais existentes no PB¹²⁸

Conforme abordado na seção 3 desta tese, a redução do som das vogais átonas é uma característica que marca significativamente a língua inglesa, sobretudo o falar norte-americano. Retomando Godoy, Gontow e Marcelino (2006), o popularmente conhecido por *schwa* (/ə/) é o som mais frequente da língua inglesa, uma vez que quase todas as sílabas não acentuadas são articuladas dessa forma.

Nesta pesquisa, detectou-se a ocorrência de /ə/, com base nas transcrições dos dicionários adotados, na pronúncia original de praticamente todos os antropônimos estrangeiros investigados. O fonema se realizou em todas as sílabas postônicas, como no sufixo *-son*, por exemplo. Para esse sufixo, encontrou-se também o som vocálico /ʌ/, em uma versão britânica, conforme um dos dicionários de apoio utilizados.¹²⁹

No *corpus* da pesquisa a vogal neutra foi substituída por vogais típicas do PB, conforme se demonstra nos seguintes exemplos:

(5.38) Substituição de [ə] por [a]

Sarah

IA [ˈsæ.ɹə]

PB [ˈsara]

(5.39) Substituição de [ə] por [ɛ]

Jefferson

IA [ˈdʒɛfə.ɹsən]

PB [ˈʒɛfɛhsõ]

¹²⁸ Conforme abordado na subseção 5.2, as formas ortográficas das vogais realizadas como [ə] no IA certamente influenciaram a substituição realizada em PB.

¹²⁹ Cf. Oxford Advanced Learner's Dictionary (HORNBY, 2005).

(5.40) **Substituição de [ə] por [ē]***Hellen*

IA ['hɛlən]

PB ['ɛlē]

(5.41) **Substituição de [ə] por [i]***David*

IA ['dɛɪvəd]

PB ['deɪvidʒɪ]

(5.42) **Substituição de [ə] por [ō]***Robinson*

IA [ɹɑbənsən]

PB [hɔbĩsō]

(5.43) **Substituição de [ə] por [u]***Arthur*

IA ['ɑɹθəɹ]

PB [ah'tu]

5.4.6.5 Substituição de /θ/ por [t] e /ð/ por [tʃ]

Por não pertencerem ao sistema fonológico do PB, os sons linguodentais do inglês [θ] e [ð], representados ortograficamente pelo dígrafo <th> nesse idioma, geram adaptações de pronúncia por parte dos falantes estrangeiros. Em PB, com frequência esses segmentos são substituídos por /s, t, f/ e /z, d, v/, respectivamente. Os dois segmentos são homorgânicos e só diferem entre si pela sonoridade, sendo

/ð/ vozeado e /θ/, desvozeado. Entretanto, existem sutis diferenças entre a pronúncia britânica e a americana. O linguista inglês Roach (2002, p.50) faz a seguinte observação:

The dental fricatives are sometimes described as if the tongue were placed between the teeth, and, it is common for teachers to make their students to do this when trying to teach them to make this sound. In fact, however, the tongue is normally placed behind the teeth [...] with the tip touching the inside of the lower teeth and the blade touching the inside of the upper teeth.

Por outro lado, a exemplo de outros pesquisadores americanos, Dale e Poms (1994, p. 59) afirmam que esses sons são linguodentais e explicam que: “*the tip of your tongue [...] must protrude between your teeth to say [θ] and [ð]*”.

De uma forma ou de outra, a produção desses sons representa uma das maiores dificuldades de pronúncia para o falante brasileiro não nativo de inglês, que ainda tem de lidar com exceções à regra, como em *Thomas, Thames, Thailand* e *discotheque*, vocábulos em que o <th> representa [t] (GODOY; GONTOW; MARCELINO, 2006, p.54).

O problema da não correspondência entre pronúncia e escrita na língua inglesa remete ao estudo de Motter (2001). A autora aborda a complexidade da categorização funcional das letras no processo de aprendizagem de inglês por brasileiros e faz a seguinte observação:

A correlação entre ortografia e pronúncia no inglês é notoriamente irregular.[...] o aprendiz brasileiro terá que interpretar a ortografia e escolher o som adequado para a leitura, porém, não estando familiarizado com a língua alvo, certamente cometerá erros de pronúncia. (MOTTER 2001, p. 84)

Tal dificuldade de pronúncia foi identificada nos sujeitos informantes da pesquisa que substituíram [θ] por [t], por ser este compreendido como o segmento do PB mais próximo da fricativa linguodental em inglês. Abaixo apresentam-se exemplos ocorrentes no *corpus* :

(5.44)

Agatha

IA ['ægəθə]

PB ['agata]

(5.45)

Arthur

IA ['ɑːθə]

PB [ah'tu]

Nos exemplos (5.46) e (5.47) a seguir, verifica-se a troca da fricativa linguodental do inglês /θ/ pela africada desvozeada do PB [tʃ] acrescida da vogal epentética [i], ambiente favorável para emissão palatalizada da oclusiva na variedade investigada.

(5.46)

Ruth

IA [ɹuθ]

PB [hutʃɪ]

(5.47)

Elizabeth

IA: [ɪlɪzəbəθ]

PB [ɛlizabetʃɪ]

5.4.6.6 Substituição de /dʒ/ por /ʒ/ e /tʃ/ por /ʃ/

Essa simplificação de segmentos acontece com bastante regularidade entre os falantes brasileiros na pronúncia de anglicismos iniciados por “j”, “g” e “ch” na escrita do inglês.

O artigo publicado por Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003) discorre sobre a troca dos segmentos africados alveopalatares do inglês para fricativos alveopalatares do português, como parte do processo de incorporação de anglicismos ao léxico da língua receptora ao longo de suas diferentes fases de adaptação. O quadro abaixo apresenta esquema elaborado pelos autores:

Sons do inglês	Adaptação					
	Primeira fase		Segunda fase		Terceira fase	
dʒ	→	dʒ	→	dʒ/ʒ	→	ʒ
tʃ	→	tʃ	→	tʃ/ʃ	→	ʃ

Quadro 5.6 - Adaptações de [dʒ] por [ʒ] e [tʃ] por [ʃ] (FREITAS; RAMILO; SOALHEIRO, 2003 p.8)

Neste trabalho o fenômeno foi observado nas pronúncias dos seguintes prenomes:

(5.48)

James

IA [ˈdʒeɪmz]

PB [ʒeɪmz] ~ [ˈʒẽmis]

(5.49)

Jackson

IA [ˈdʒæksən]

PB [ˈʒakisõ]

(5.50)

Jefferson

IA [ˈdʒɛfəɹsən]

PB [ˈʒɛfɛhsõ]

Com relação à substituição da africada do IA /tʃ/ pela fricativa do PB /ʃ/, os seguintes exemplos foram identificados no *corpus*:

(5.51)

Charles

IA [ˈtʃɑːlz]

PB [ˈʃahlis]

(5.52)

Richard

IA [ˈɹɪtʃəɹd]

PB [ˈhiʃahdʒɪ]

5.4.6.7 Deslocamento do acento

Em função das diferenças nos padrões acentuais do PB e do IA, como discutido na seção 3, os falantes brasileiros tendem a adaptar a posição do acento

na língua estrangeira ao *default* acentual da língua materna, qual seja, o de palavras paroxítonas terminadas em sílaba leve ou oxítonas terminadas em sílaba pesada (BISOL, 1992; MASSINI-CAGLIARI, 1999; COLLISCHONN, 2005b). Tal ajuste é verificado na pronúncia de palavras como *'hardware*, *'megabyte*, *'e-mail*, *'socialite*¹³⁰, habitualmente pronunciadas em contexto de PB como *hard'dware*, *mega'byte*, *e-'mail*, *socia'lite*, respectivamente.

Em se tratando de nomes próprios de pessoas, contudo, o processo não se dá de forma regular. No *corpus* da pesquisa a maioria dos antropônimos originalmente estrangeiros preservou a posição de proeminência do acento, conforme dados das entrevistas, assim como informações obtidas com os docentes das escolas examinadas. Apenas os prenomes expostos no quadro (5.7) abaixo sofreram alteração na posição do acento por interferência da língua materna:

Realização do acento em IA	Realização do acento em PB
'Allan	A'llan
'Alex	A'lex
'Andrey	An'drey
'Catherine	Cathe'rine
'Arthur	Ar'thur
'Edgar	Ed'gar
E'lizabeth	Eliza'beth
'Margaret	Marga'ret
'Maxwell	Max'well
'Orlean	Orle'an
'Patrick	Pa'trick
'Phillipp	Phi'llipp
'Thomas	Tho'mas

Quadro 5.7 - Exemplos de antropônimos que seguiram o padrão acentual do PB

O quadro (5.8) a seguir exhibe alguns exemplos ocorrentes no *corpus* cujo padrão acentual da língua estrangeira foi mantido na língua receptora:

¹³⁰cf Assis (2007, p. 157).

Antropônimo (IA)	Manutenção da posição do acento em PB
'Albert	'Albert
'Ingrid	'Ingrid
'Jackson	'Jackson
'Jefferson	'Jefferson
'Jennifer	'Jhennifer
'Jessica	'Jessica
'Johnathan	'Johnathan
'Jordan	'Jordan
'Richard	'Richard
'Robert	'Robert
'Ronald	'Ronald
'Stephany	'Stephany
'Thifanny	'Thifanny
'Washington	'Washington
'Wellington	'Wellington

Quadro 5.8 - Exemplos de antropônimos que preservaram o padrão acentual da língua-fonte.

Sobre a fidelidade à manutenção do acento na língua estrangeira, Massini-Cagliari (2009b, p.13) faz a seguinte reflexão:

Com relação aos nomes próprios importados do inglês, a acentuação em posição não-padrão é muito mais comum do que a acentuação *default*, sendo muito comuns nomes proparoxítonos: *Washington*, *Anderson*, *Vagner/Wagner* (em que ocorre uma vogal epentética após a oclusiva velar).

A linguista esclarece que esses casos correspondem a um padrão acentual raro, considerado excepcional em ambiente de PB, qual seja, proparoxítonas finalizadas em sílabas travadas, porém com possibilidade de ocorrência, como em *fórceps* e *ínterim*, por exemplo. Segundo a fonóloga, há exemplos de padrões acentuais raros que já se encontram lexicalizados em PB, como os vocábulos paroxítonos finalizados com sílaba travada por /R/, o que se verifica, por exemplo, em *açúcar* e *revólver* (MASSINI-CAGLIARI, 1999).

O padrão acentual esperado para a pronúncia de *Richard, Robert, Jefferson*, e *Jennifer*, por exemplo, em contexto de PB, seria o de proeminência na última sílaba, que por se tratar de uma sílaba pesada, deveria chamar para si o acento.

Ressalta-se que a fidelidade ao padrão acentual importado também se estendeu aos nomes criados com base nos modelos estrangeiros, conforme se observa em *Quennety, Ueberson, Joanlyson, Warysson, Luanderson*, entre outros.

5.5 Considerações finais

Nesta seção foram apresentadas análises de diferentes naturezas que constituem este estudo. Avaliaram-se questões de ordem subjetiva, no tocante à relação do sujeito-falante com seu próprio nome, pontuando-se as motivações pela escolha do antropônimo estrangeiro pelo nomeador, a satisfação do indivíduo com o prenome que lhe foi designado, sua atitude frente à língua inglesa, bem como a revelação de problemas de pronúncia e escrita enfrentados por pessoas que os cercam.

Também, e particularmente, foram enfocados aspectos de cunho linguístico, pontuando-se questões de ordem ortográfica, morfológica e fonético-fonológica relacionadas aos prenomes estrangeiros no processo de transição entre a língua de partida e a língua de chegada.

Verificou-se que muitas vezes as pronúncias desses antropônimos são reguladas pela decifração da ortografia do PB, mas que também há casos em que isso não ocorre, uma vez que o falante faz opção pela manutenção da pronúncia estrangeira.

Dada a divergência dos sistemas fonológicos entre as duas línguas, alguns processos foram identificados como ajustes necessários para a realização dos prenomes por parte dos falantes brasileiros.

A partir do que foi observado, pode-se afirmar que, apesar da evidência de preservação de aspectos prosódicos e segmentais característicos da língua inglesa em vários prenomes, muitos sofrem adaptações fonológicas, quer de forma plena, quer de forma parcial, o que lhes confere um *status* fonológico de formas, em algum sentido, “nativizadas”, mesmo que apresentem, assumidamente ou não, características que ainda remetam à língua de origem.

É interessante assinalar que, diferentemente dos anglicismos relativos a nomes comuns, cuja pronúncia em contexto de PB obedece aos padrões fonológicos da língua, os nomes próprios de pessoas muitas vezes contrariam as expectativas, pois estão imbuídos de subjetividade, ficando, portanto, a critério do usuário conferir ao seu nome uma pronúncia plenamente nativizada ou mais próxima da língua estrangeira.

Conclusão

A pesquisa realizada abordou a designação de pessoas como um objeto possível de ser enquadrado tanto pela perspectiva da estrutura da língua como pela perspectiva sócio-histórica.

A articulação de eixos linguísticos diferenciados, o estrutural e o discursivo, forneceu uma visão ampla dos múltiplos aspectos que permeiam a adoção, por indivíduos brasileiros, de antropônimos advindos da língua inglesa.

Como visto na seção inicial deste estudo, o evento da nomeação remonta às épocas mais remotas da história da humanidade, indicando que desde o início das civilizações a designação dos seres humanos funciona como marca identificadora da pessoa no meio social.

Observou-se que o poderio econômico, social e principalmente cultural ostentado pelos países de língua inglesa, sobretudo os Estados Unidos, exerce grande influência e domínio sobre os demais países do mundo. Nesse contexto, a sociedade brasileira recebe continuamente uma avalanche de anglicismos que circulam no léxico da língua, alguns se integrando, outros apenas passageiros, usados como modismo de uma época. Destacou-se a relevância dos estrangeirismos como fonte de enriquecimento e renovação do léxico da língua, revelando que a identidade brasileira é formada não apenas pela base principal da herança latina, mas por um *mix* de culturas adquiridas ao longo de sua história, desde os legados dos povos indígenas e africanos, até os anglicismos que, pela força de seu prestígio, penetram cada vez mais na sociedade contemporânea. Dessa forma, comprovou-se que as marcas da língua inglesa estão presentes em diversas áreas do conhecimento humano, viabilizadas, principalmente, pelos meios de comunicação em massa, com destaque para a televisão e, mais recentemente, para a *internet*.

Revelou-se que os anglicismos também penetraram na antroponímia do povo brasileiro e, de modo particular, da comunidade de falantes da cidade de São Luís do MA, confirmando, assim, teorias anteriores que argumentam a favor dos estrangeirismos como fonte de ampliação do léxico das línguas naturais (CARVALHO, 1989; FARACO, 2001b; ALVES, 2004b; FIORIN, 2007b; MASSINI-CAGLIARI, 2009a,b). Nesse sentido, o estudo possibilitou demonstrar que os

prenomes tomados por empréstimo configuraram-se como fonte para formação de novos prenomes, muitos dos quais passam a integrar o léxico antroponímico do PB.

O perfil da população pesquisada, alunos do ensino fundamental de cinco escolas da rede pública, situadas em bairros da periferia da grande São Luís, ratificou resultados de outras investigações (CUNHA, 2006; MEXIAS-SIMON, 2003; FREITAS, 2008; TESCH, 2010) que apontaram ser esse o contexto de maior ocorrência de nomes estrangeiros, principalmente os derivados do inglês.

Dados estatísticos adquiridos ao longo da pesquisa vêm corroborar com estudo anterior (CUNHA, 2006) que revela que um terço da população de baixa renda no país possui nomes marcados por estrangeirismos, mais notadamente, por anglicismos. Dos aproximadamente mil nomes presentes nas listas de frequência das escolas contempladas, 323 apresentam traços de grafia da língua inglesa, ou seja, 32,3% - resultado este condizente com a pesquisa de Cunha (2006) acima referenciada.

Os exemplos trazidos para análise evidenciaram, por meio da fala dos indivíduos designados, que a motivação para adoção dos antropônimos reside não apenas na influência positiva da mídia, mas também de parentes e conhecidos, em menores proporções. Conforme o esperado, foi possível constatar admiração pela língua inglesa entre a grande maioria dos abordados, que a consideram uma língua bonita (eufônica) e sofisticada. Dado o estranhamento fonético e ortográfico que muitos prenomes podem causar, ao contrário do que se poderia esperar, a satisfação do usuário com o seu próprio nome foi praticamente unânime entre os entrevistados.

A temática examinada envolveu questões de identidade e questões de interinfluência entre as línguas, pois o uso de antropônimos estrangeiros tem implicações para além das fronteiras de uma mera nomeação. Ao nomear um filho com um nome estrangeiro, os pais empregam um significado maior ao nome escolhido, que abrange, além dos sentidos que esse nome pode assumir, os valores advindos de sua origem e de seus sons. Acreditam, alguns deles, que, por meio de um nome estrangeiro, seu filho se tornará uma pessoa menos comum. Como lembra Mexias-Simon (2003), por valorizar o que vem de fora, o povo brasileiro expressa o desejo de ser diferente através de prenomes originais, alguns bastante exóticos, escolhidos para a designação de seus rebentos.

Ao lado de questões de ordem existencial e/ou de influência linguística, por assim dizer, o uso de antropônimos estrangeiros por brasileiros esbarra em uma questão de ordem estritamente linguística: nome inglês, falado e ouvido por brasileiros, muitos dos quais não detêm um conhecimento da língua estrangeira. Assim, pode-se afirmar que há um jogo de dois sistemas linguísticos paralelos.

Estudar os antropônimos estrangeiros, sobretudo os que apresentam marcas da língua inglesa, numa perspectiva fonético-fonológica, é, então, buscar entender como os dois sistemas linguísticos convivem, de forma que não se venha a esquecer que se está diante de um nome estrangeiro, ao mesmo tempo em que não se pode negar marcas do português nessas palavras.

Se, por um lado, identifica-se facilmente que os antropônimos em foco constituem-se construções que não são genuinamente portuguesas, por outro, eles apresentam características que são típicas do sistema fonológico do PB. Essas características são resultados das adaptações fonético-fonológicas pelas quais os prenomes passam. Assim, esses antropônimos são construções estrangeiras com certas adaptações ao PB: apresentam marcas do inglês bem como marcas do português, quer de ordem fonético-fonológicas, quer de ordem ortográficas.

Esta tese confirma resultados alcançados em análises anteriores (FREITAS; NEIVA, 2006; ASSIS, 2007) de que as primeiras adaptações que ocorrem em anglicismos, quando realizados por falantes de PB, residem no nível fonético-fonológico, sendo influenciadas, principalmente, pelas distinções existentes entre os inventários fonético-fonológicos das duas línguas. Por outro lado, também foi visto que o processo de nativização não se dá por completo em alguns casos por opção do próprio usuário, que deseja preservar, de alguma forma, a pronúncia da língua estrangeira.

Em consonância com estudos prévios (BOLELA, 2002; CUNHA, 2006; ASSIS, 2007), os resultados do trabalho pontuaram casos em que a ortografia funcionou como fator motivacional das adaptações fonético-fonológicas produzidas pelos indivíduos brasileiros. Essas acomodações se deram tanto no campo das consoantes como no campo das vogais. Com relação às últimas, os ajustes foram bastante recorrentes, principalmente em função da emissão do *schwa* [ə] na pronúncia original do inglês em quase todos os prenomes mapeados. Tal fato revelou que a pronúncia desses nomes em contexto de PB foi regulada pelas regras

de decifração da ortografia da língua. O fenômeno foi observado em todos os antropônimos compostos pelo sufixo *-son* [sən], como, por exemplo, em *Anderson* [ẽdẽhsõ], *Allison* [ˈalisõ], *Jackson* [ˈzakisõ], *Jefferson* [ˈʒefẽhsõ] etc. Igualmente por razões ortográficas, outras vogais do PB foram articuladas de forma plena, com relação à sua correspondente em inglês, de forma reduzida.

No processo de construção de novos prenomes “estrangeiros”, evidenciou-se a preferência pelo sufixo *-son*, pelo uso das letras *k*, *y*, *w* e de consoantes em distribuição gráfica não realizada em PB, como *sh*, *sch*, *st*, *sp*, *ll*, *pp*, *nn*, peculiares à língua inglesa. Para o sujeito designador do nome estrangeiro, quanto maior a presença dessas letras na composição do nome, melhor e mais atraente ele se torna. Tal ocorrência, segundo Cunha (2006, p.179), poderá ser justificada em função da existência de materialidades no nome próprio que consentem o desvio de uma língua para outra, representando materialidades registradoras de diferenças no que se referem às normas de identidade do português.

O estudo possibilitou constatar um comportamento diferenciado para a pronúncia dos anglicismos no campo da antroponímia. Ao contrário dos nomes comuns, cuja pronúncia normalmente segue os princípios fonéticos e fonológicos da língua receptora, os nomes de pessoas estão impregnados de valores subjetivos dos próprios designadores, o que remete à afirmação de Massini-Cagliari (2009a, p.1) quando diz:

Em contraste com os nomes comuns, antropônimos (prenomes próprios) de origem estrangeira nem sempre se “enquadram” bem nos parâmetros da fonologia do PB. Muitas vezes, os falantes carregam para o PB traços da pronúncia original do nome, trazendo para o sistema desta língua características que não lhe são comuns.

A autora explica que é principalmente em termos prosódicos que a presença da língua estrangeira se torna evidente na língua acolhedora: “o caráter “estranho”, “alienígena” atribuído aos falantes de PB a esses nomes reside principalmente no padrão prosódico excepcional que assumem” (MASSINI-CAGLIARI, 2009b, p.13-14).

Os dados aqui obtidos confirmam a teoria formulada pela autora, uma vez que foram identificados fenômenos como a ocorrência de sílabas em posição átona cuja estrutura não é comum nesta posição (*Bradison*, *Klinger*, *Limberg*), assim como

padrão de acentuação atípico em PB (*Wéllington, Ghárdney, Wásterson*). Observou-se que no âmbito da acentuação a posição não-padrão é muito mais comum do que o padrão esperado em PB, prevalecendo a pronúncia proparoxítona para a maioria dos prenomes estrangeiros analisados. A preferência pela acentuação esdrúxula também foi comprovada nos prenomes criados pelos falantes brasileiros (*Kethellen, Luanderson, Manuelyson, Cleberson*), que, dessa forma, denotam o desejo de carregarem traços anglófonos sem seus nomes.

Os dados mostram, portanto, que a posição tônica da sílaba é geralmente preservada, sendo as posições átonas as que sofrem maiores adaptações. Assim, as mudanças ocorrem mais no nível silábico do que no nível acentual.

Na esteira dessas reflexões, assume-se que o estudo da pronúncia de antropônimos de origem estrangeira utilizados no Brasil poderá contribuir significativamente “para a determinação da identidade fonológica do PB, por constituir-se em um caso em que os limites entre o que é e o que não é português são explorados pelos seus próprios falantes nativos” (MASSINI-CAGLIARI, 2009a, p.1).

Acredita-se, ainda, que o presente estudo permite estruturar importantes contribuições para novas pesquisas que se proponham a investigar os nomes próprios de pessoas e suas implicações sob a ótica de diferentes áreas da Língua.

Referências

ABREU, A.S. **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. Não vai pegar. In: **Carta na Escola**. São Paulo, n. 23, p. 46-47, 2008.

ALLETON, V. El nombre propio en China entre escritura y oralidad. In: CHRISTIN, A. (Org.). **El poder del nombre propio: su escritura y significado a través de la historia en diferentes culturas**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001. p. 71-79.

ALVES, I. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico do português. In: **Alfa**. São Paulo, v.28, p. 119-126, 1984.

_____. **Neologismo: criação lexical**. Ática: São Paulo, 2004a.

_____. ;ARAUJO, M.; BACCIN, P.G.; MARONEZE, B.O.; ZANION M.C. Estrangeirismos no português brasileiro: do mito à realidade. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n.33, p. 116-123, 2004b. Disponível em: <http://gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-grupos/estrangeirismo_portugues.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2010.

ANDRADE, J. **O étimo dos nomes**. São Paulo: Thirê, 1994.

ASSIS, A. **Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do inglês por falantes de Português Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara, 2007.

AZEVEDO, M. **A Contrastive Phonology of Portuguese and English**. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1981.

BAGNO, M. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, C. (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno das línguas**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 49-83.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Questões de Literatura e de Estética**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e José Pereira Júnior e outros. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BARBOSA, M. **Léxico, produção e criatividade**. São Paulo: Plêiade, 2004.

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005. p. 171-206.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECCHETTI, C.; BIZOT, F. Uma escritura codificada de los nombres de Buda. In: CHRISTIN, A. (Org.). **El poder del nombre propio: su escritura y significado a través de la historia en diferentes culturas**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001. p. 179-190.

BÍBLIA SAGRADA. Ed. revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil: São Paulo, 1988.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. In: **Delta**, São Paulo, v.5, n.2, p.185-224, 1989.

_____. O acento e o pé métrico binário. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 22, p. 69-80, 1992.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J.A. (Ed.) **The handbook of phonological theory**. Cambridge MA, Oxford: UK. Blackwell, 1995, p.206-244.

BOLELA, M. **Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara, 2002.

BOLLARD, J. **Pronouncing Dictionary of Proper Names**. Michigan: Omnigraphics, 1993.

BORBA, F. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. São Paulo: Nacional EDUSP, 1971.

BRITO, A. **Nomes próprios: semântica e ontologia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

BRUM, E. A agonia de Zé da Silva: os registros dos cartórios revelam que, nas grandes cidades, um terço dos brasileiros de famílias pobres tem nome estrangeiro. In: **Época**, São Paulo, n. 117, ano III, p. 74-76, 2000.

CAGLIARI, L.C. **Fonologia do português: análise pela Geometria de Traços**. Campinas: Edição do autor, 1997.

_____. **Fonologia do português: Análise pela Geometria de Traços (Parte II)**. Campinas: Edição do autor, 1999a.

- _____. **O acento em Português**. Campinas: Edição do autor, 1999b.
- _____. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1999c.
- _____. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- _____. **Aspectos teóricos e linguísticos da ortografia**. São Paulo: UNICAMP, 2004. [ms. livro inédito]
- _____. O que é preciso saber ler. In: MASSINI-CAGLIARI, G; CAGLIARI, L.C. **Diante das Letras**. Campinas: Mercado das Letras, 2005. p.131-159.
- _____. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CALAÇA, I. Nomes próprios estrangeiros no português brasileiro. In: **Jornal A Página**, v. 108, ano 10, p. 31. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=108&doc=8627&mid=2>>. Acesso em: 01 nov. 2010.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CAMARA JR., J.M. **Dicionário de filologia e gramática**: referente à língua portuguesa. São Paulo: Lozon, 1968.
- _____. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1969.
- _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editorial, 1979 [1975].
- _____. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 1983 [1977].
- _____. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2002 [1973].
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006 [1970].
- _____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. São Paulo: Vozes, 2008 [1953].
- _____. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes. 2010 [1969].
- CAMPOS, J. **Os enigmas do nome**: na interface lógica, semântica e pragmática. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1986.

CARROL, L. **As aventuras de Alice no país das maravilhas, através do espelho e o que Alice encontrou lá e outros textos**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. 3e. São Paulo: Summus, 1980.

CARVALHO, N. **Empréstimo lingüístico**. São Paulo: Ática, 2009.

CASSIRER, E. **A linguagem e o mito**. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Zchnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1972].

CASTRO, I. O linguista e a fixação da norma. In: **Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2002. p.1-10. Disponível em: <<http://www.apl.org.pt/conteudos/docs/lvoCastroConf.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2010.

CAVALIERE, R. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CELCE-MURCIA, M. ; BRINTON, D.; GOODWIN, J. **Teaching pronunciation : a reference for teachers of English to speakers of other languages**. New York : Cambridge University Press, 1996.

CHOMSKY, N. ; HALLE, M. **The sound pattern of English**. Cambridge: MIT Press, 1991 [1968].

CHRISTIN, A. Presentación. In: CHRISTIN, A. (Org.). **El poder del nombre propio: su escritura y significado a través de la historia en diferentes culturas**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001. p. 13-21.

COLISCHONN, G. A sílaba em português. In : BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005a. p. 101-133.

_____. O acento em português. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005b. p. 135-169.

CORACINI, M. **Identidade e Discurso**. Campinas: Argos, 2003.

CORREIA, M.; LEMOS, L. **Inovação Lexical em Português**. Lisboa: Colibri, 2005.

CROUZET, M. **História Geral das Civilizações: Roma e seu Império**. Tradução de Pedro Moacyr Campos. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **English as a Global Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

CUNHA, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1982.

CUNHA, L. **O processo discursivo de designação de pessoas: a determinação histórico-social do nome**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

DALE, P. W.; POMS, L. **English Pronunciation for International Students**. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.

DICK, M. Os nomes como marcadores ideológicos. In: **Acta Semiótica et Lingüística** - SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística). São Paulo, v. 7, p. 97-122, 1998.

DRUCKER, J. **The Alphabetic Labyrinth: the letters in history and imagination**. London: Thames & Hudson, 1995.

DUBOIS, J.; GIACOMO, M; MARCELLESI, C; MARCELLESI, J.B; MEVEL, J.P. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Cutrix, 1973.

FARACO, C. (Org). **Guerras em torno da língua – questões de política linguística. Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola 2001a. p. 37-47.

_____. Apresentação. **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola 2001b. p. 9-14.

_____. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, A. **Dicionário Novo Aurélio do Sec. XXI: Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo : Nova Fronteira, 1999.

_____. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo Informática, 2004.

FIORIN, J. A dinâmica dos sobrenomes. In: **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 20, Ano II, 2007a. p.36-37.

_____. Sobre Marias, Julianas e Pedros. As razões pelas quais escolhemos os nomes de nossos filhos são mais profundas do que se imagina. In: **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, v. 20, 2007b. Disponível em: < <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11298> >. Acesso em: 13 nov. 2009.

FLEGE, J. The Phonological Basis of Foreign Accent: A Hypothesis. **Tesol Quarterly**, New York, v.15, 1981. p. 443-455.

FRANÇA, R. Do nome civil das pessoas naturais. In: **Revista dos Tribunais**. São Paulo, 1975. p.30.

FREITAS, A. **Estrangeirimos de língua inglesa: o caso dos antropônimos.** Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

_____; NEIVA, A. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. In: **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, São Paulo, ano 4, n. 7, p.1-27, 2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/> Acesso em: 22 jul. 2010.

_____; RAMILO, M.; SOALHEIRO, E. Processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In: **Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.** Lisboa, p.1-13, 2003. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-redip-estrangeirismos.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2008.

_____; SANTOS, A. **Contar (histórias de) sílabas:** descrição e implicações para o ensino do português como língua materna. In: **Cadernos de língua portuguesa 2.** Lisboa: Colibri, 2001. p.15-55.

GARCEZ, P.; ZILLES, A. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. (Org). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua.** São Paulo: Parábola, 2001. p. 15-36.

GODOY, S.; GONTOW, C.; MARCELINO, M. **English pronunciation for Brazilians: the sounds of American English.** São Paulo: Disal, 2006.

GOLDSMITH, J. **Autosegmental and metrical phonology.** Oxford: Basil & Blackwell, 1990.

GREIMAS, A. **Sobre o sentido:** ensaios semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz César et al., Petrópolis: Vozes, 1975. p. 126-143.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento.** Campinas: Pontes, 2005.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

HALLE, M.; VERGNAUD, J. **An essay on stress.** Cambridge: MIT Press, 1987.

HAUGEN, E. **The Norwegian Language in America.** Bloomington: University of Indiana Press, 1969.

HAYES, B. **Metrical stress theory: principles and case studies.** Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOGG, R.; McCULLY, C. **Metrical Phonology: a coursebook.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999. [1987]

HORNBY, A. **Oxford Advanced Learner's Dictionary.** Oxford: Oxford University Press, 2005

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. CD-ROM.

JAKOBSON, R. **Fonema e Fonologia**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

JONES, W.E.; LAVER J. **Phonetics in Linguistics: a book of readings**. London: Longman, 1973.

KAGER, R. **A metrical theory of stress and desestressing in English and Dutch**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

KAHN, D. **Syllable-based generalizations in English Phonology**. 1976. Tese (Phd). Cambridge: MIT, 1976.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 2007.

LADEFOGED, P. **A course in phonetics**. California: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers, 2006.

LADO, R. **Introdução à Linguística Aplicada**. Petrópolis: Vozes, 1971.

LAPA, M. **Estilística da Língua Portuguesa**. 8ª ed. Coimbra: Coimbra Editora Ltda, 1975.

LEE, S. Epêntese no Português. In: **Estudos Linguísticos XXII - Anais de Seminários do GEL**. Ribeirão Preto, vol II, 1993. p. 847-854.

_____. O acento primário no português: uma análise unificada na teoria da otimalidade. In: ARAÚJO, G. (Org.) **O acento em português**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 121-143.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. In: **Linguistic Inquiry**. Cambridge: MIT Press, 1977. p. 249-336.

LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

MACHADO, A. **Recado do nome**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MARCON, M. **Estrangeirismos em malhação: ameaça linguística ou variação lexical no português teen**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

MARTINS, J. **Presságios: o livro dos nomes**. São Paulo: Alegro Editora, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e Ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores:** três momentos da história do acento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

_____. Epêntese e Paragoge: processos fonológicos distintos. In: **Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico**, Florianópolis, 2000.[CD ROM]

_____. Que tal falar Português? O bóí flertava com a mademoiselle no hall. In: **Almanaque Brasil de Cultura Popular**, São Paulo, p.18-21, 2001. Disponível em: <<http://www.almanaquebrasil.com.br/papo-cabeca/que-tal-falar-portugues>> Acesso em: 10 out. 2010.

_____; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à inguística:** domínios e fronteiras. 3e. São Paulo: Cortez, 2003. vol. 1, p. 105-146.

_____. **Language policy in Brazil: Monolingualism and linguistic prejudice. Language. Policy 3.** Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004. p. 3-23.

_____. O que é uma letra? Reflexões a respeito de aspectos gráficos e funcionais. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; GAGLIARI, L.C. **Diante das Letras.** Campinas: Mercado das Letras, 2005a. p. 33-39.

_____. “Erros” de ortografia na alfabetização: escrita fonética ou reflexões sobre o próprio sistema de escrita? In: MASSINI-CAGLIARI, G.; GAGLIARI, L.C. **Diante das Letras.** Campinas: Mercado das Letras, 2005b. p.121-128.

_____. One language among many, many languages in one: monolingualism, linguistic prejudice and language policy in Brazil. In: **Revista da ANPOLL**, Niterói, v. 20, 2006. p. 63-84.

_____. Das cadências do passado: o acento em português arcaico visto pela teoria da otimalidade. In: ARAÚJO , G. (Org). **O acento em português.** São Paulo: Parábola, 2007. p. 85-120.

_____. Nomes próprios de origem estrangeira: adaptação e identidade fonológica. **Comunicação apresentada no 57º Seminário do GEL.** Ribeirão Preto: UNAERP, 2009a.

_____. Discutindo questões de identidade a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil. In: MARÇALO, J. et al. **II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa.** Évora: Universidade de Évora, p.1-18, 2009b. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg32/13.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2010.

MATEUS, M.H; ANDRADE, A; VIANA, M; VILLALVA, A. **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português.** Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MATEUS, M. H.; d'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MERCER, K. Welcome to the jungle: identity and diversity in post-modern politics. In: RUTHERFORD, J. (Org.). **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990. p.43-71.

MERRIAM-WEBSTER. Common English Given Names. In: **WEBSTER's New Dictionary of the English language**. New York: The Popular Group, 2001.p. 619-627.

MEXIAS-SIMON, M. Os nomes próprios: seus mitos e ritos. In: **Anais do VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 2003, Rio de Janeiro, p1-4. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno06-17.html>>. Acesso em: 18 set.2008.

_____; OLIVEIRA, A. **O nome do homem e reflexões em torno dos nomes próprios**.1e. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação Editora, 2004.

MIRANDA, P. Tratado de Direito Privado, parte geral. Tomo I. In: São Paulo: **Revista dos Tribunais**,1983. p. 237-246.

MONARETO, V.; QUEDNAU, L.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.207-239.

MONTEIRO, J. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 1991.

_____.Prefácio. In: MEXIAS-SIMON, M.L;OLIVEIRA, A. **O nome do homem**. Reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação Editora, 2004. p.09-12.

MORI, A. Fonologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003 [2001]. p. 147-179.

MOTTER, R. **A pronúncia do professor de inglês nas escolas públicas: implicações em seu desempenho na sala de aula**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara, 2001.

NEEDLEMAN, M. Sounds and letters disagree. In: MASCHERPE, M. **Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português**. (Tese de Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1967.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

OBATA, R. **O livro dos nomes**. São Paulo: Nobel, 2002.

O'CONNOR, J. **Better English Pronunciation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

OLIVER, N. **Todos os nomes do mundo: origem, significado e variantes de mais 600 nomes próprios**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

OLIVEIRA, J.; SILVA T. **Aprendizado de língua estrangeira: o caso da nasalização de vogais**, 2009. Disponível em: <www.cori.unicamp.br/jornadas/completos/UFMG/ND1010.doc> Acesso em: 12 abr.2009.

ORLANDI, E. Análise do discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p.13-31.

PEREIRA, C. **Instituições de Direito Civil**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

PIKE, K. **Phonemics: a technique for reducing languages to writing**. Michigan: University of Michigan Press, 1976.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, S. A questão dos estrangeirismos. FARACO, C. (Org.). **Estrangeirismos: Guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 164-172.

PRATOR Jr., C.; ROBINETT, B. **A manual of American English pronunciation**. New York: Harcourt Brace & Co, 1985.

PRETI, D. **Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino**. São Paulo: Cortez, 2003.

PRINCE, A. Relating to the grid. **Linguistic inquiry**. Cambridge: Cambridge University Press 1983. p.19-100.

_____.; SMOLENSKY, P. **Optimality theory: constraint interaction in generative grammar**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1993.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma Linguística crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REBELO, A. Projeto de lei nº 1676 de 1999. In: FARACO, C. (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 177-185.

REIS, O. Hipocorísticos brasileiros e portugueses. In: **Miscelânea de Estudos em Honra de Manuel Said Ali**. Rio de Janeiro: 1938, p. 95. Disponível em: <http://buratto.org/gens/gn_nomes_sobrenomes.html> Acesso em: 10 jan. 2010.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROACH, P. **English Phonetics and Phonology: a practical course**. Cambridge: Cambridge University Press. 2002

ROBBINS, K. Global times: what in the world is going on?. DU GAY, P. (Org.) **Production of culture/Cultures of production**. London: Sage, 1997.p.1-47.

ROCHA, L. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SAAD, M. Adição do patronímico do companheiro. **Revista do Direito Civil**. ano 10, nº 38, São Paulo, 1986. p. 29-31.

SALUM, I. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995. p.XIII-XXII.

SANDMANN, A. **Morfologia lexical: formação de palavras, ampliação do léxico, produtividade lexical**. São Paulo: Contexto, 1997.

SANTOS, J. Introdução. **PLATÃO. Crátilo**. Tradução de M.J. Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p. 9-42.

SCHMITZ, J. O projeto de lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, C. (Org.) **Estrangeirismos: guerra em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 85-124.

_____. Vou estar defendendo o uso do gerúndio. In: **Revista Superinteressante**. Edição 211, Março de 2005. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2005/conteudo_373137.shtml> Acesso em: 19 out. 2010

SCHÜTZ, R. **English and portuguese word stress: acentuação tônica de palavras**. 2005. . Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-stres.html>> Acesso em: 08 nov.2010.

SELKIRK, E. **On prosodic structure and its relations to syntatic structure**. Bloomington: IULC, 1980.

_____. The syllable. In: HULST; SMITH (Orgs.) **The structure of phonological representation**. Dordredct: Forris,1982. p. 337-383

_____. **Phonology and Syntax: The relation between sound and Structure**. Cambridge: First MIT Press paperback edition, 1986.

SHAKESPEARE, W. *Romeo and Juliet*. Edited by J.A.Bryant Jr. New York: Signet Books, 1964. p. 50-51

SILVA, C.; REGINA, S. **Estrangeirismo**. Intérprete Carlos Silva. Mato Grosso, 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7suPAaEJmdY>>. Acesso em: 5 Jun.2009.

SILVA, T. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 2007.

SOARES, H. Globalização - sobre a desterritorialização. *Jornal A Razão*, 27 jun.1997, Santa Maria Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/index.gdesterrito.html>> Acesso em: 10 set. 2009.

STEINBERG, M. **Inglês Norte-americano: Pronúncia e Morfologia**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

TESCH, R. **A criação de nomes próprios no Brasil** (o neologismo na antroponímia). Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TOLEDO, R. Uma paixão dos brasileiros. **Veja**, São Paulo, 2007. p. 110.

TRASK, R. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCONCELOS, J. **Antroponímia Portuguesa**. Tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes o apelidos usados por nós desde a Idade Média até hoje. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VENOSA, S. **Direito Civil, parte geral**. São Paulo: Atlas,1993.

WETZELS, W. Mid vowel neutralization in brazilian portuguese. **Cadernos de Estudos linguísticos**, Campinas, n.23, 19-55, jul./dez. 1992.

ZILLES, A. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, C. (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 143-160.

Apêndice A – Questionário

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO –
CAMPUS ARARAQUARA - DOUTORADO EM LINGUÍSTICA E LÍNGUA
PORTUGUESA - DINTER: UNESP/UFMA/CEFET
PESQUISA: *ANTROPÔNIMOS DE ORIGEM INGLESA: ADAPTAÇÕES ORTOGRÁFICAS
E FONÉTICO - FONOLÓGICAS REALIZADAS POR FALANTES DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO DE SÃO LUIS – MA*
SUZANA MARIA LUCAS SANTOS DE SOUZA
ORIENTADORA: PROFA. DRA. GLADIS –MASSINI CAGLIARI

Questionário guia das entrevistas

- 1 - Você sabe o que motivou seus pais a lhe atribuir esse nome?
- 2 - Você está satisfeito com seu nome?
- 3 - Ter um nome diferente, de origem estrangeira, pode ser algo positivo ou negativo em algumas situações?
- 4 - Entre os nomes estrangeiros, você acha que os de origem inglesa são os mais atraentes?
- 5 - Na sua visão, seu nome ainda soa estrangeiro ou já parece mais brasileiro? Justifique.
- 6 - Há divergências quanto à pronúncia do seu nome pelas pessoas? Dê exemplo.
- 7 - Qual a maior dificuldade de pronúncia encontrada?

Apêndice B – Entrevistas com informantes em PB (CD-ROM)

Anexo - The International Phonetic Alphabet (IPA)

(PULMONIC)	Bilabial	Labioden	Dental	Alveolar	Postalv	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngl	Glottal
Plosive	p b		t d			ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	ɱ	ɱ	n			ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ		r						ʀ		
Tap or Flap			ɾ			ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lat. Fricative			ɬ ɮ								
Approximant		ʋ	ɹ			ɻ	j	ɰ			
Lat. Approx.			ɺ			ɻ	ʎ	ʟ			

(NON-PULMONIC)			OTHER SYMBOLS	
Clicks	Voiced implosives	Ejectives	ɱ	Voiceless labial-velar fric.
◌̘ Bilabial	ɓ Bilabial	◌̘ as in:	ɰ	Voiced labial-velar approx.
Dental	ɗ Dnt/alvlr	◌̘ Bilabial	ɥ	Voiced labial-palatal approx.
! (Post) alvlr	ʄ Palatal	◌̘ Dnt/alvlr	ħ	Voiceless epiglottal fricative
‡ Palatoalvlr	ɠ Velar	◌̘ Velar	ʕ	Voiced epiglottal fricative
Alvlr lateral	ʛ Uvular	◌̘ Alveolar fricative	ʔ	Epiglottal plosive
			ɕ ʑ	Alveolo-palatal fricatives
			ɺ	Alveolar lateral flap
			ɥ	Simultaneous ʃ and x
			Affricates and double articulation can be represented by 2 symbols joined by a tie bar if necessary.	
			◌̘ or ◌̙	◌̘ ◌̙

CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Clicks	Voiced implosives	Ejectives
◌̘ Bilabial	ɓ Bilabial	◌̘ Examples:
Dental	ɗ Dental/alveolar	p' Bilabial
! (Post)alveolar	ʄ Palatal	t' Dental/alveolar
‡ Palatoalveolar	ɠ Velar	k' Velar
Alveolar lateral	ʛ Uvular	s' Alveolar fricative

OTHER SYMBOLS

ɱ Voiceless labial-velar fricative **ʧ ʒ** Alveolo-palatal fricatives

ɰ Voiced labial-velar approximant **ɺ** Alveolar lateral flap

ɥ Voiced labial-palatal approximant **ɧ** Simultaneous **ʃ** and **x**

ħ Voiceless epiglottal fricative

ʕ Voiced epiglottal fricative

ʡ Epiglottal plosive

Affricates and double articulations can be represented by two symbols joined by a tie bar if necessary.

k̟p̟ ts

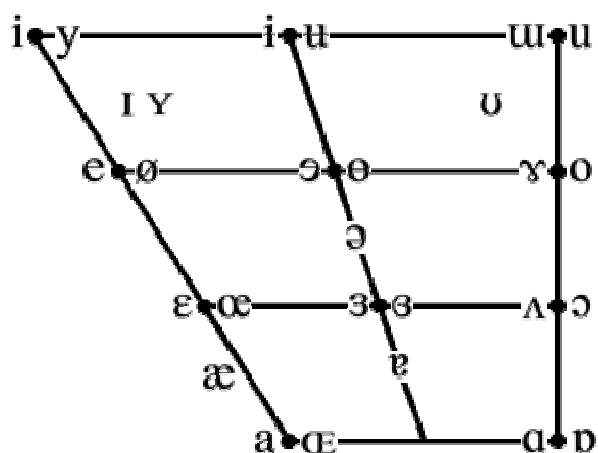
DIACRITICS

Diacritics may be placed above a symbol with a descender, e.g. **ŋ̥**

◌ [◌] Voiceless	ŋ̥ d̥	◌ [◌] Breathy voiced	b̤ a̤	◌ [◌] Dental	t̪ d̪
◌ [◌] Voiced	ŋ̣ ṭ	◌ [◌] Creaky voiced	b̰ a̰	◌ [◌] Apical	t̺ d̺
h Aspirated	t^h d^h	◌ [◌] Linguolabial	t̟ d̟	◌ [◌] Laminal	t̠ d̠
◌ [◌] More rounded	ɔ̞	w Labialized	t^w d^w	◌ [◌] Nasalized	ẽ
◌ [◌] Less rounded	ɔ̜	j Palatalized	t^j d^j	n Nasal release	dⁿ
◌ [◌] Advanced	u̟	ɤ Velarized	t^ɤ d^ɤ	l Lateral release	d^l
◌ [◌] Retracted	e̠	ʕ Pharyngealized	t^ʕ d^ʕ	ˀ No audible release	d^ˀ
◌ [◌] Centralized	ë	◌ [◌] Velarized or Pharyngealized	ɫ		
x Mid-centralized	ẽ	◌ [◌] Raised	ɛ̥ (ɹ̥ =voiced alveolar fricative)		
◌ [◌] Syllabic	ŋ̩	◌ [◌] Lowered	ɛ̜ (β̜ =lowered bilabial approximant)		
◌ [◌] Non-syllabic	ɛ̥	◌ [◌] Advanced Tongue Root	ɛ̟		
◌ [◌] Rhoticity	ɚ̥ ḁ	◌ [◌] Retracted Tongue Root	ɛ̠		

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a rounded vowel.

VOWELS



SUPRASEGMENTALS

ˈ	Primary stress	
ˌ	Secondary stress	
		ˌfəʊnəˈtɪʃən
ː	Long	eː
ˑ	Half-long	eˑ
◌̥	Extra-short	ɛ̥
	Minor (foot) group	
	Major (intonation) group	
ˑ	Syllable break	ˑi.ækt
◌̣	Linking (absence of a break)	

TONES AND WORD ACCENTS

	LEVEL	CONTOUR
ɛ̥ or ˈ	Extra high	ɛ̥ or ˈ Rising
é	High	ê Falling
ē	Mid	é High rising
è	Low	è Low rising
ě	Extra low	ě Rising-falling
↓	Downstep	↗ Global rise
↑	Upstep	↘ Global fall